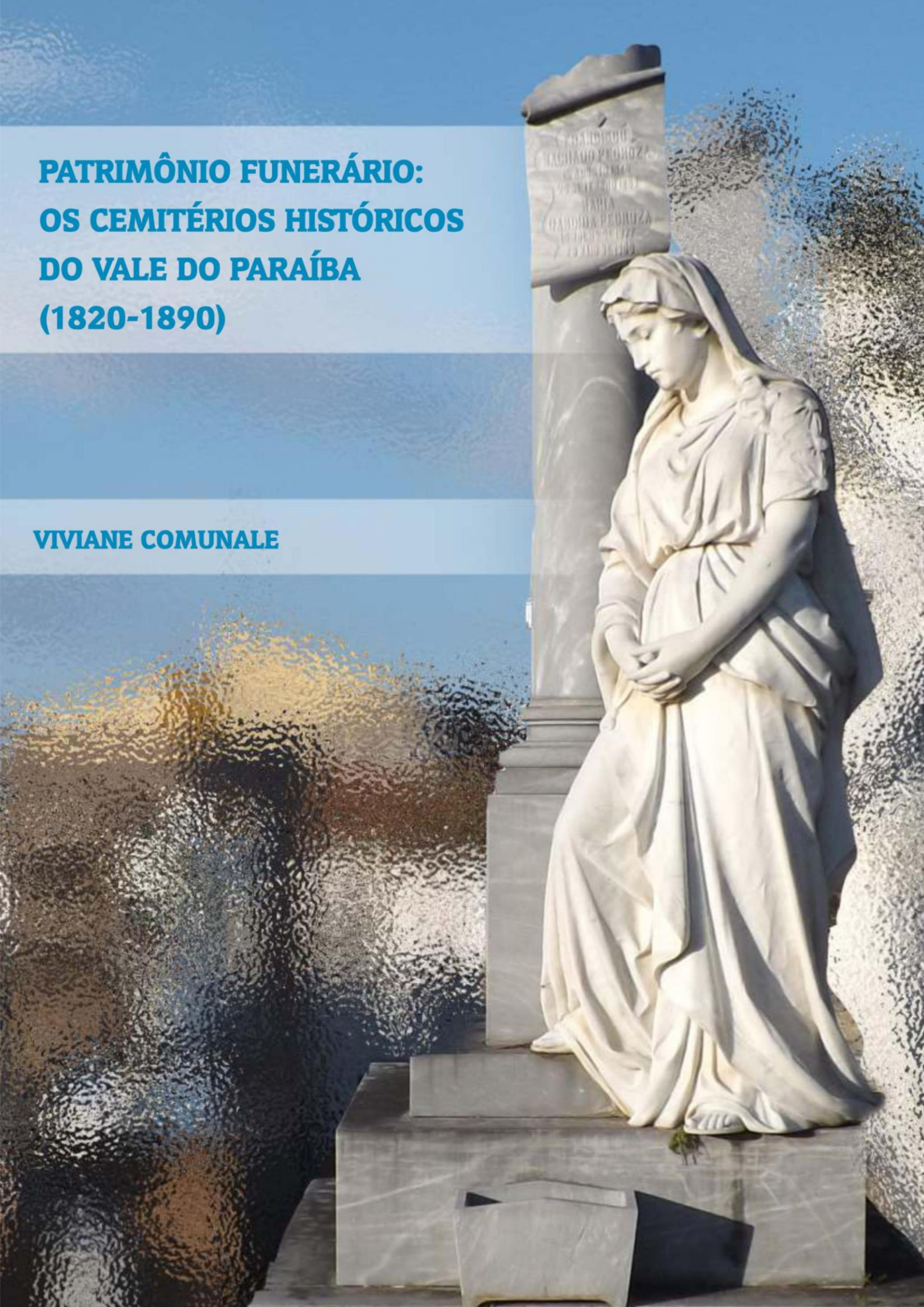
# PATRIMÔNIO FUNERÁRIO: OS CEMITÉRIOS HISTÓRICOS DO VALE DO PARAÍBA (1820-1890)

VIVIANE COMUNALE



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

INSTITUTO DE ARTES

VIVIANE COMUNALE

# PATRIMÔNIO FUNERÁRIO: OS CEMITÉRIOS HISTÓRICOS DO VALE DO PARAÍBA (1820-1890)

SÃO PAULO

2020

Viviane Comunale

# Patrimônio Funerário:

## Os Cemitérios Históricos do Vale do Paraíba

## (1820-1890)

*Tese para obtenção do título de Doutora em Artes apresentada ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".*

*Área de Concentração: Artes Visuais.*

*Orientador: Prof. Dr. Percival Tirapeli.*

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

E-mail da autora: vcomunale@uol.com.br

C741p

Comunale, Viviane
Patrimônio Funerário: : Os cemitérios do históricos do Vale do Paraíba (1820-1890) / Viviane Comunale. -- São Paulo, 2020
389 p. : il., fotos

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Artes, São Paulo
Orientador: Prof. Dr. Percival Tirapeli

1. Arte Tumular - Vale do Paraíba. 2. Monumentos funerários. 3. Esculturas. 4. Patrimônio cultural. 5. Patrimônio funerário. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Artes, São Paulo. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

VIVIANE COMUNALE

**PATRIMÔNIO FUNERÁRIO: OS CEMITÉRIOS HISTÓRICOS DO VALE DO PARAÍBA**

**1820-1890**

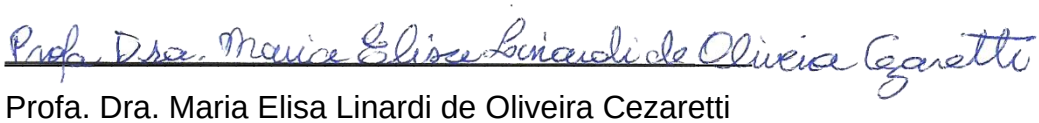
Tese para obtenção do título de Doutora em Artes apresentada ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, com a Área de concentração em Artes Visuais, pela seguinte banca examinadora:

Aprovada em:



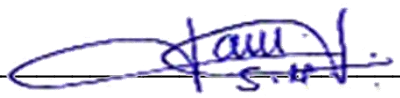
Prof. Dr. Percival Tirapeli

Professor voluntário - Instituto de Artes - UNESP - Orientador



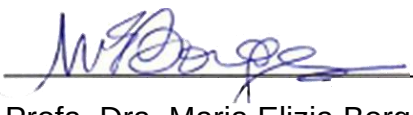
Profa. Dra. Maria Elisa Linardi de Oliveira Cezaretti

Pesquisadora Independente



Profa. Dra. Danielle Manoel dos Santos Pereira

Departamento de Comunicação e Design / Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação - ESAMC



Profa. Dra. Maria Elizia Borges

Faculdade de História - Universidade Federal de Goiás - UFG



Profa. Dra. Elisiana Trilha Castro

Pesquisadora Independente

*Dedico esta tese a minha mãe, pelo apoio incondicional nos momentos mais difíceis.*

*Ao meu saudoso pai, que teria muito orgulho em me chamar de “Doutora”.*

## AGRADECIMENTOS

Foi uma longa jornada até a conclusão desta etapa, vivenciei de perto a temática da morte, estudando os cemitérios do Vale do Paraíba e lidando com a perda de meu pai de forma inesperada.

No momento em que pensei em desistir, as professoras do Instituto de Artes da UNESP - Universidade Estadual Paulista, Claudia Fazzolari e Luiza Helena da Silva Christov, estavam lá, e me incentivaram a continuar neste árduo caminho de pesquisa.

Aos queridos professores Eduardo Rezende, Harry Rodrigues Bellomo e Maria Elizia Borges, que pela paixão à pesquisa em arte cemiterial fundaram a ABEC (Associação Brasileira Estudos Cemiteriais), onde conheci os mais generosos parceiros de pesquisa: Claudia Rodrigues, Clarissa Grassi, Elisiana Trilha Castro, Luiza Neitzke, Marcelina Almeida, Mariana Muaze, Paulo Renato, Samuel Vaz e Zana Garcet, gratidão por me ajudarem nesta caminhada.

À querida Elaine Bastianello (*in memoriam*), que me ajudou em inúmeras leituras sobre o tema.

À Michelle Ferreira Maia pela leitura crítica e pelos inúmeros conselhos sobre o caminho a seguir.

Aos meus novos companheiros de pesquisa Diego Ferreira Ramos Machado, Fábio das Neves Donadio e Helen Helena de Almeida.

Às minhas amigas Danielle Manoel dos Santos Pereira, Erika K. Carlutto, Lucília Rezende de Andrade e Valéria Corassa, pelo carinho e pelo apoio nos momentos mais difíceis.

Aos funcionários do Instituto de Artes: Ângela Maria Camargo, Clarissa Garcia Eleutério, Fabiana Colares, Fabio Akio Maeda, Gedalva R. Santana, Neusa de Souza Padeiro, Rodrigo Gutierrez Leão e Sebastiana Freschi, obrigada pela ajuda e pela paciência durante este trajeto.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Percival Tirapeli, por acreditar na minha pesquisa cemiterial e pela sua valiosa orientação ao longo do processo, tornando esta tese possível.

Aos funcionários dos arquivos, bibliotecas, cemitérios, instituições e museus pelo profissionalismo com que me atenderam, possibilitando o acesso às informações.

- Biblioteca Pública Municipal Emília Müller em Silveiras.
- Museu Frei Galvão em Guaratinguetá.
- Sra. Aparecida Uchoas - Instituto de Estudos Valeparaibano em Lorena.
- Sra. Claudia Ribeiro - Museu Major Novaes em Cruzeiro.
- Sr. Davi Araujo - Cemitério Municipal de Queluz.
- Sra. Helenice Aparecida Dias Bueno - Arquivo Histórico Municipal Washington Luiz.
- Sr. Jair Mongeli Junior - Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.
- Sr. Joaquim Leonardo Vallim - Secretaria da Cultura e do Turismo em Bananal.
- Sr. Luiz Antonio Carreira - Secretaria da Cultura e do Turismo em Bananal.
- Sra. Rosangela Malerba Colombi - Biblioteca Municipal Sérvulo Gonçalves em Lorena.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, viabilizando minhas investigações pelo estado de São Paulo.

*“Que o teu trabalho seja perfeito para que, mesmo depois da tua morte, ele permaneça”.*

*Leonardo Da Vinci*

COMUNALE, Viviane. Patrimônio Funerário: Os cemitérios históricos do Vale do Paraíba 1820-1890. Tese (Doutorado). Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2020.

## RESUMO

Na região do Vale do Paraíba, em meados do século XIX, o crescimento das elites cafeeiras impulsionou o desenvolvimento urbanístico e a construção de uma arquitetura que representasse a riqueza dessas famílias. Para atender às demandas, artífices italianos e suas marmorarias, localizados na cidade de São Paulo e em Resende, propuseram trazer da Europa o que de mais belo poderia ser feito. Não tardou para essa mão de obra especializada chegar aos cemitérios locais, criando a arte tumular paulista. A presente pesquisa tem por objetivo inventariar a parte histórica dos cemitérios do Vale do Paraíba a partir dos túmulos de maior relevância do século XIX, por meio da análise descritiva dessas construções e dos artífices em atividade no período.

Palavras-chave: Arte tumular. Escultura. Patrimônio. Século XIX e XX. Vale do Paraíba.

COMUNALE, Viviane. Funerary Heritage: The historic cemeteries of Vale do Paraiba 1820-1890. Thesis (Doctorate). Institute of Arts, São Paulo State University “Julio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2020.

## ABSTRACT

In the region of Vale do Paraíba, in the middle of the 19th century, the growth of coffee elites boosted urban development and the construction of an architecture that represented the wealth of these families. To meet the demands, Italian craftsmen and their marble shops, located in the city of São Paulo and in Resende, proposed to bring from Europe the most beautiful things that could be done. It did not take long for this specialized workforce to reach local cemeteries, creating São Paulo's tomb art. This research aims to inventory the historical part of the cemeteries of Vale do Paraíba, from the most relevant tombs of the 19th century, through the descriptive analysis of these constructions, and of the artisans in activity in the period.

Keywords: Tomb art. Sculpture Heritage. 19th and 20th century. Paraíba Valley.

## LISTA DE FIGURAS


Capa - Alegoria da Saudade - Cemitério Municipal de Lorena - SP ..... Capa
Figura 1 - A cidade dos mortos e dos vivos - Cemitério Municipal de Piquete, SP ..... 31
Figura 2 - Mapa com as trilhas na região do Vale do Paraíba - Bananal ..... 33
Figura 3 - Trilha do Ouro - Caminho da Mambucaba ..... 34
Figura 4 - Estação de trem em Cachoeira Paulista ..... 39
Figura 5 - Anúncio no jornal Echo Bananalense - 1882 ..... 40
Figura 6 - Estação de trem Cachoeira Paulista abandonada ..... 41
Figura 7 - Chafariz em ferro (1879) - Bananal, SP ..... 42
Figura 8 - Mapa dos municípios do Vale do Paraíba - Bananal ..... 43
Figura 9 - Luciano José de Almeida, com a comenda da Ordem de Cristo. Coleção Particular – Família Almeida Valim ..... 47
Figura 10 - Antigo solar do Comendador Luciano Almeida. Foto de Antonio José Teixeira Guerra e Tibor Jablonsky, 1958 ..... 48
Figura 11 - Casa da Fazenda Três Barras (Bananal-SP), reformada na segunda metade do século XIX, fotografada na primeira década do século XX. Arquivo Particular. Família Porto/Moitinho, s/i. ..... 50
Figura 12 - Domiciana de Almeida Vallim no ano de seu casamento com o Comendador Vallim. Coleção particular. Família Almeida/Vallim. ..... 52
Figura 13 - Tenente José Ferreira Gonçalves, o Ferreirinha dono na Fazenda Marreco. No detalhe, a assinatura de Villaronga. ..... 55
Figura 14 - Detalhes da fachada do Solar Aguiar Vallim ..... 56
Figura 15 - Planta de localização do Solar Aguiar Vallim e o do Comendador Luciano Almeida ..... 56
Figura 16 - Salão de baile no Solar Aguiar Vallim. No detalhe pinturas do catalão Villaronga ..... 57
Figura 17 - D. Domiciana Nogueira ..... 59
Figura 18 - Esquema do centro da cidade de Bananal ..... 60
Figura 19 - Alegoria da Fé- Cemitério Santa Casa de Misericórdia de Bananal, SP ..... 63
Figura 20 - Mapa dos municípios do Vale do Paraíba - Arapeí ..... 64
Figura 21 - Capela de Santo Antônio de Pádua - Arapeí ..... 65
Figura 22 - Fachada da Fazenda Loanda ..... 65
Figura 23 - Túmulo sem identificação - Cemitério dos Escravos em São José do Barreiro, SP ..... 66

Figura 24 - Mapa dos municípios do Vale do Paraíba - São José do Barreiro ..... 67
Figura 25 - Teatro São José - São José do Barreiro ..... 68
Figura 26 - Fazenda Pau d'Alho, São José do Barreiro, SP. Fotografia Germano Graeser. ..... 69
Figura 27 - Casa da morada na Fazenda Barra ..... 72
Figura 28 - Vista panorâmica da Fazenda Catadupa ..... 74
Figura 29 - Alegoria do Anjo- Igreja Matriz Sant´Anna em Areias, SP ..... 75
Figura 30 - Mapa dos municípios do Vale do Paraíba - Areias ..... 76
Figura 31 - Igreja Matriz Sant´Anna - Areias ..... 77
Figura 32 - Terraço da Fazenda Vargem Grande - Areias ..... 78
Figura 33 - Casa Grande - Fazenda Vargem Grande ..... 79
Figura 34 - Fachada do Hotel Santana - Areias ..... 79
Figura 35 - Túmulo de D. Maria São Bento de Abreu - Capela do Cemitério Municipal em Silveiras, SP ..... 83
Figura 36 - Mapa dos municípios do Vale do Paraíba - Silveiras ..... 84
Figura 37 - Casa Paroquial - Silveiras ..... 85
Figura 38 - Paróquia São José em Queluz, SP ..... 90
Figura 39 - Mapa dos municípios do Vale do Paraíba - Queluz ..... 91
Figura 40 - Igreja Matriz São José de Queluz ..... 92
Figura 41 - Ponto do Rio Salto - Queluz ..... 94
Figura 42 - Ponte do Rio do Salto hoje ..... 95
Figura 43 - Palacete Veneziano (1919) em Lorena ..... 96
Figura 44 - Mapa dos municípios do Vale do Paraíba - Lorena ..... 97
Figura 45 - Placa de agradecimento na Igreja Matriz da Piedade ..... 98
Figura 46 - Joaquim José Moreira Lima ..... 99
Figura 47 - Solar da Família Moreira Lima ..... 99
Figura 48 - Conde Moreira Lima ..... 100
Figura 49 - Barão de Castro e Lima ..... 101
Figura 50 - Barão da Bocaina ..... 103
Figura 51 - Planta da Capela Nosso Senhor dos Passos em Guaratinguetá ..... 104
Figura 52 - Mapa dos municípios do Vale do Paraíba - Guaratinguetá ..... 105
Figura 53 - Francisco de Assis e Oliveira Borges ..... 108
Figura 54 - Amélia Augusta Cazal - Viscondessa de Guaratinguetá ..... 109
Figura 55 - Maria Augusta Oliveira Borges ..... 109
Figura 56 - Ilustração residência Visconde de Guaratinguetá ..... 110

Figura 57 - Rodrigues Alves ..... 111
Figura 58 - Alegoria no Cemitério da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, Vassouras - RJ ..... 113
Figura 59 - Registro da Concessão do Túmulo de Olivia Guedes Penteado, Cemitério da Consolação, São Paulo ..... 130
Figura 60 - O sepultamento, “Mise au Tombeau”. Victor Brecheret, 1923. Granito. Cemitério da Consolação, São Paulo ..... 132
Figura 61 - Túmulo sem identificação - Cemitério do Bom Jesus - Bananal ..... 141
Figura 62 - Túmulos horizontais - Cemitério Municipal - Queluz ..... 142
Figura 63 - Túmulo externo - Cemitério de Alambary - Arapeí ..... 142
Figura 64 - Túmulo do Barão de Jacareí - Cemitério Municipal - Jacareí ..... 143
Figura 65 - Jazigo Capela - Cemitério Municipal - Lorena ..... 144
Figura 66 - Parte interna de uma capela - Cemitério do Brás - São Paulo ..... 144
Figura 67 - Jazigo Monumento do Comendador Rodrigues Alves - Cemitério dos Passos - Guaratinguetá ..... 145
Figura 68 - Mausoléu Giulio Starace, Cemitério da Consolação - São Paulo ..... 145
Figura 69 - Monumento à Campos Sales, Cemitério da Consolação, São Paulo ..... 146
Figura 70 - Ossário - Cemitério Santa Casa - Bananal ..... 146
Figura 71 - Cenotáfio dedicado ao Comandante João Ribeiro de Barros, no Cemitério Municipal Ana Rosa de Paula, Jaú ..... 146
Figura 72 - Catacumba do Mausoléu da Família Matarazzo, Cemitério da Consolação, São Paulo ..... 147
Figura 73 - Bernt Notke: Surmatants (Totentanz), mural na Igreja de São Nicolau, Tallin final do século XV (hoje no Museu de Arte da Estônia) ..... 148
Figura 74 - Anjo orante - Cemitério Santa Casa de Misericórdia de Bananal ..... 149
Figura 75 - Alegoria do Anjo do juízo final, em detalhe as tochas invertidas – Cemitério Municipal Jacareí ..... 150
Figura 76 - Alegoria da Esperança - Cemitério Municipal de Jacareí ..... 151
Figura 77 - Leão guardião - Cemitério Senhor dos Passos em Guaratinguetá ..... 153
Figura 78 - Cruz com guirlanda- Cemitério Municipal de Lorena ..... 154
Figura 79 - Detalhe das coroas inseridas nas cabeceiras dos túmulos – Cemitério Santa Casa de Misericórdia de Bananal ..... 156
Figura 80 - Ampulheta com asas - Cemitério Senhor dos Passos de Guaratinguetá ..... 157
Figura 81 - Detalhes do túmulo no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Bananal .....

Figura 82 - Túmulo no Cemitério Municipal de Jacareí ..... 160
Figura 83 - Detalhe do túmulo no Cemitério da Consolação em São Paulo ..... 161
Figura 84 - Ornamento Cruz Celta – Cemitério da Consolação em São Paulo ..... 162
Figura 85 - Ornamento festão – Cemitério da Consolação em São Paulo ..... 164
Figura 86 - Ornamento flor de papoula – Cemitério Municipal de Jaú ..... 164
Figura 87 - Ornamento grifo – Cemitério da Consolação em São Paulo ..... 165
Figura 88 - Ornamento roseta – Cemitério da Consolação em São Paulo ..... 167
Figura 89 - Anúncio da marmoraria central - Almanack São Paulo, 1888 ..... 168
Figura 90 - Anúncio da Família Cresta - Jornal do Commercio 01.jan.1895 ..... 170
Figura 91 - Anúncio da Marmoraria Tavolaro - Jornal L´Echo du Bresil 07. abr. 1895..... 171
Figura 92 - Mausoléu da Família Gonçalves Martins..... 175
Figura 93 - Túmulo da Família Oliveira Garcez no Cemitério Municipal de Queluz. No detalhe a assinatura do artista na lateral ..... 176
Túmulo sem identificação no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Bananal. No detalhe a assinatura do artista na lateral ..... 176
Figura 94 - Anúncio da marmoraria Pascoal Isoldi e Xisto Pellini ..... 177
Figura 95 - Túmulo em Queluz, Xisto Pellini 1918 ..... 178
Figura 96 - Placa de identificação com a assinatura do artista - Cemitério Senhor dos Passos - Guaratinguetá..... 179
Figura 97 - Anúncios na Gazeta de Notícias e na Folha Ilustrada ..... 180
Figura 98 - Assinatura Pedro Galli – Cemitério Municipal de Queluz ..... 181
Figura 99 - Anúncio da Marmoraria - Jornal do Commercio 01. mar. 1881..... 181
Figura 100 - Anúncio em Juiz de Fora - Pharol 29.set.1883 ..... 182
Figura 101 - Alegoria da Saudade - Cemitério Municipal de Lorena..... 183
Figura 102 - Estado de conservação dos documentos em Cruzeiro - Museu Major Um ato de justificação entre José dos Santos Brito e José dos Santos Breves ..... 187
Figura 103 - Estado de conservação dos documentos em Cruzeiro - Museu Major Um ato de justificação entre José dos Santos Brito e José dos Santos Breves ..... 188
Figura 104 - Sala no solar do Vallim que abrigou a documentação que retornou de Cruzeiro - Imagem cedida por José Luiz de Moraes para a dissertação de Cibelle Monteiro Silva (2013) ..... 190

Figura 105 - Estado de conservação do livro de óbito do Cemitério de Alambary – Solar do Vallim - Bananal ..... 191
Figura 106 - D. Maria Joaquina Almeida, 1875 - James Stewart ..... 192
Figura 107 - Prensa abandonada no Solar do Vallim ..... 192
Figura 108 - Lista dos cemitérios da Freguesia de Bananal ..... 195
Figura 109 - Imagem da área pesquisada - Cemitério do Bom Jesus ..... 196
Figura 110 - Imagem da área pesquisada - Cemitério da Santa Casa ..... 203
Figura 111 - Imagem da área pesquisada - Cemitério Alambary ..... 223
Figura 112 - Vista da área pesquisada - Cemitério dos Escravos ..... 233
Figura 113 - Imagem da área pesquisada - Cemitério Municipal de Areias ..... 250
Figura 114 - Imagem da área pesquisada - Cemitério Municipal de Silveiras ..... 268
Figura 115 - Imagem da área pesquisada - Cemitério Municipal de Queluz ..... 281
Figura 116 - Imagem da área pesquisada - Cemitério Municipal de Lorena ..... 299
Figura 117 - Imagem da área pesquisada - Cemitério Senhor dos Passos - Guaratinguetá ..... 316
Figura 118 - Igreja de São Joaquim (1875) - Fazenda da Grama - Rio Claro/RJ ..... 384
Figura 119 - Parte externa da igreja de São Joaquim da Grama ..... 385
Figura 120 - Entrada do Panteão inglês Real del Monte. Mineral del Monte, Hidalgo, MX ..... 386
Figura 121 - Vista do campo santo, Mineral del Monte, Hidalgo, MX ..... 386
Figura 122 - Caveiras decoradas na entrada com as flores *cempasúchil*. Panteão Municipal de São Bartolo - Pachuca, Hidalgo, MX ..... 387
Figura 123 - Entrada do Panteão Municipal de São Bartolo - Pachuca, Hidalgo, MX 387
Figura 124 - Altares dedicados aos mortos na Praça da Independência. Pachuca, Hidalgo, MX ..... 388
Figura 125 - Altares dedicados aos mortos. Universidade Autônoma do Estado de Hidalgo, Pachuca, Hidalgo, MX ..... 388
Contracapa - Alegoria do Anjo - Cemitério Municipal de Lorena - SP ..... Contracapa

**SUMÁRIO**

**INTRODUÇÃO ..... 20**

**1. A INFLUÊNCIA DOS BARÕES DO CAFÉ NA CONSTRUÇÃO DO VALE DO PARAÍBA ..... 32**

**1.1 O DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO DO VALE DO PARAÍBA ..... 33**

**1.2 BANANAL ..... 43**

1.2.1 A Elite Bananalense ..... 46

**1.3 ARAPEÍ ..... 64**

**1.4 SÃO JOSÉ DO BARREIRO ..... 67**

1.4.1 Outras Fazendas Na Região ..... 71

**1.5 AREIAS ..... 76**

1.5.1 A Revolução Liberal de 1842 e a Relação com o Vale do Paraíba ..... 80

**1.6 SILVEIRAS ..... 84**

1.6.1 As Primeiras Famílias Instaladas na Região ..... 86

**1.7 QUELUZ ..... 91**

1.7.1 Queluz e a Revolução de 1932 ..... 93

**1.8 LORENA ..... 97**

1.8.1 Os Título Nobiliárquicos de Lorena ..... 99

**1.9 GUARATINGUETÁ ..... 105**

1.9.1 A Formação da Elite de Guaratinguetá ..... 107

**2. A ARTE TUMULAR NA REGIÃO DO VALE DO PARAÍBA ..... 114**

**2.1 A MORTE E SUA MANIFESTAÇÃO PELO MUNDO ..... 115**

**2.2 A ARTE TUMULAR COMO PATRIMÔNIO CULTURAL E MATERIAL .....125**

**2.3 UMA PROPOSTA PARA FICHA DE INVENTÁRIO .....132**

2.3.1 Metodologia .....134

2.3.2 Modelo da ficha de Inventário .....136

**2.4 OS TIPOS TUMULARES NOS CEMITÉRIOS DO VALE HISTÓRICO DO PARAÍBA .....140**

**2.5 AS ALEGORIAS CEMITERIAIS .....147**

**2.6 OS ORNAMENTOS NA ARQUITETURA TUMULAR.....159**

**2.7 DA EUROPA PARA O VALE DO PARAÍBA .....167**

**2.8 OS ARTÍFICES EM ATIVIDADE NO VALE DO PARAÍBA .....173**

2.8.1 Pascoal Isoldi.....173

2.8.2 Xisto Pellini .....178

2.8.3 João Vicente da Costa.....179

2.8.4 Outros artífices com trabalhos na região .....180

**3. O PATRIMÔNIO CULTURAL E FUNERÁRIO DO VALE HISTÓRICO .....184**

**3.1 OS CEMITÉRIOS COMO FONTES DE PESQUISA .....185**

**3.2 BANANAL.....195**

3.2.1 Cemitério Bom Jesus.....196

3.2.2 Cemitério Santa Casa de Misericórdia de Bananal .....203

**3.3 ARAPEÍ.....223**

**3.4 SÃO JOSÉ DO BARREIRO.....233**

**3.5 AREIAS.....250**

**3.7 QUELUZ.....281**

**3.8 LORENA .....299**

**3.9 GUARATINGUETÁ ..... 316**

**CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 333**

**REFERENCIAL ..... 338**

**REFERENCIAL DE FIGURAS NÃO PERTENCENTES À AUTORA ..... 352**

**ANEXO A - RED IBEROAMERICANA DE VALORACIÓN Y GESTIÓN DE CEMENTERIOS PATRIMONIALES ..... 359**

**ANEXO B - REVISTA VEJA ..... 366**

**ANEXO C - GAZETA DO TATUAPÉ ..... 370**

**ANEXO D - JORNAL CRUZEIRO DO SUL ..... 372**

**ANEXO E - PROVIMENTO CSM Nº556/97 ..... 376**

**APÊNDICE A - IGREJA DE SÃO JOAQUIM - FAZENDA DA GRAMA - RIO CLARO/RJ ..... 384**

**APÊNDICE B - CEMITÉRIOS NO ESTADO DE HIDALGO, MÉXICO ..... 386**

**APÊNDICE C - AS FESTIVIDADES DOS DIAS DOS MORTOS ..... 388**

## INTRODUÇÃO

Lembro-me que, em minha infância, com aproximadamente quatro ou cinco anos, acompanhava minha família a uma *Via Sacra* dentro do Cemitério do Brás, também conhecido como Quarta Parada, na zona leste da cidade de São Paulo. Primeiro visitava meus bisavós maternos, Sr. Joseph Paschoal e a Dona Joanna Massaro, na época os seus restos mortais[1] encontravam-se no ossário instalado junto ao muro que dá para a Rua Tobias Barreto, em seguida era a vez do meu avô Mario Pinto Ferreira, que segue sepultado em um jazigo capela da Família Pinto Ferreira. A cada parada, uma breve limpeza no local, escovação para retirada da poeira acumulada, limpeza nas flores de plástico e nos santinhos de devoção - São José e Joana D´Arc - que ornamentavam esses espaços e, por fim, um pano úmido para retirar qualquer impureza que tenha restado, seguido de uma prece e o acender de velas para as almas dos que ali se encontravam.

Desde cedo, assim como minha mãe, aprendi a respeitar e cultuar a memória dos meus entes queridos valorizando a nossa tradição familiar, por isso, era comum fazer visitas em datas comemorativas (Finados, Dia das Mãe, Dia dos Pais e o aniversário do falecido(a)), uma forma de manter viva a sua existência entre nós. Com o passar do tempo outras pessoas queridas se foram, como meus tios e meu pai, e essa visita cemiterial se tornou mais longa.

Lembro-me de encontrar o cemitério cheio durante essas datas. O pesquisador Philippe Ariès cita “[...] o período do luto era cheio de visitas: da família ao cemitério [...] Depois, pouco a pouco, a vida retornava ao seu curso normal e já não restavam senão visitas espaçadas ao cemitério” (2014, p. 755). Mas, no final do século XX e começo do século XXI, percebemos que o assunto morte perdeu a sua importância dentro desta sociedade, deixamos de compreender que a finitude é um ritual de passagem e que esse espaço, além de um lugar de dor e sofrimento, é também um lugar de memória.

A sociedade moderna, por exemplo, trata o luto de modo “muito mais silenciado, introspectivo e individualizado, chorar e expressar a dor de enlutado entre

[1] Em 2016, transferimos os restos mortais para o cemitério particular Primaveras II na cidade de Guarulhos, onde hoje mantemos um jazigo familiar.

familiares e amigos pode caracterizar-se como uma situação 'indecorosa'" (TOMASI, 2016, p. 22). Essa nova forma de ver a morte, individualizada, se reflete no público que hoje encontramos nos cemitérios nessas mesmas datas comemorativas. A cada dia esses espaços encontram-se mais vazios[2], sem manutenção[3] e sem o cuidado com o jazigo da família.

Uma realidade bem diferente, por exemplo, da encontrada no México. Tive a oportunidade de ir ao país em novembro de 2018, durante o feriado de Finados, para apresentar uma comunicação no evento *Imágenes de la Muerte*[4], na cidade de Pachuca de Soto no estado de Hidalgo[5].

Aproveitei para visitar dois cemitérios na região. Um deles foi o Panteão inglês Real del Monte (1834), localizado no município de Mineral del Monte, localizado a 17 quilômetros da cidade de Pachuca. Esse campo santo é o repouso final dos mineradores ingleses vindos da região da Cornualha[6] que trabalharam na exploração das minas de prata e ouro na cidade. A arquitetura é fiel à utilizada na Cornualha, o espaço conta com 755 túmulos, sendo que em 372 não constam informações em suas lápides, os túmulos foram erguidos virados para nordeste, em direção à Inglaterra. O outro foi o Panteão Municipal São Bartolo (1902), localizado em Pachuca de Soto, apresenta uma arquitetura eclética[7] e conta com 42 mil túmulos espalhados por 3.400 metros quadrados. Dada a especificidade, as imagens foram incluídas no Apêndice.

[2] Nossa sociedade não valoriza seus cemitérios, visto que grande parte dos frequentadores destes espaços são pessoas mais velhas que procuram manter a sua tradição familiar. Por outro lado, existem iniciativas de valorização desse patrimônio cultural e material, que podem ser vistas nos cemitérios do Bonfim (Belo Horizonte, MG) e São Francisco de Paula (Curitiba, PR), ambos mantêm em seus calendários visitas guiadas que vêm atraindo um novo público para esses espaços.
[3] Os cemitérios disponibilizam mão de obra para esse serviço, cabe à família fazer o acerto do valor e o período de limpeza.
[4] Apresentação da comunicação: "O retrato de uma saudade: o olhar dos escultores nos cemitérios de São Paulo" no VIII *Congreso Internacional Imágenes de la Muerte*.
[5] Cidade localizada a 90 quilômetros da capital Cidade do México.
[6] Região inglesa famosa pela mineração durante o século XIX.
[7] Tendência na arquitetura e das artes decorativas para misturar estilos históricos diversos com o propósito de combinar as virtudes de diferentes fontes ou de ampliar o conteúdo alusivo, particularmente durante a segunda metade do século XIX, na Europa e nos Estados Unidos. Cf. CHING, p.146.

Enquanto o primeiro cemitério é um lugar mais tradicional, com diversos túmulos sem identificação ou manutenção, o segundo certamente mostra como a população mexicana encara a morte: como uma festa em celebração ao morto.

O país celebra o *Dia de los Muertos* entre os dias 30 de outubro a 2 de novembro, os cemitérios têm seus túmulos decorados com as flores encontradas somente no México: a flor de *cempasúchil*. Reza a tradição que a flor na cor branca representa o céu, e a flor amarela - a mais utilizada - serve como guia para as almas atravessarem para o mundo dos vivos

Nas praças, nos supermercados, nos hotéis e nas universidades são montados os altares dos mortos. É importante salientar que em cada região do país existem diversos modelos: temos altares[8] em três níveis, representando o Céu, a Terra e o Submundo; ou em sete níveis, representando os pecados capitais. Independentemente do modelo escolhido, ele serve para a devoção da memória daqueles que nos deixaram.

No Brasil, a nossa realidade é outra. Os cemitérios não ocupam essa posição de destaque em nossa sociedade. Em diversos cemitérios a população deixa de frequentar esses espaços devido à violência, e o poder público, por sua vez, deixa de investir em segurança e policiamento, o que acaba afastando cada vez mais o munícipe dos cemitérios.

Os números de furtos dentro dos cemitérios do estado de São Paulo crescem anualmente. No anexo estão disponíveis três reportagens: uma da Revista Veja sobre o crescimento do número de furtos no Cemitério da Consolação, localizado no centro da capital; outra do jornal Gazeta do Tatuapé, sobre o estado de conservação, limpeza e furtos do Cemitério do Brás, localizado na Zona Leste da capital; e, por último, uma

[8] São confeccionados em fileiras sobrepostas que devem ser forradas com tecidos na cor preta e branca e com o famoso papel picado – papel de seda – com motivos representando o Dia dos Mortos. Sobre os níveis se depositam as oferendas: comida preferida do morto, bebida, cigarro, charutos e sobremesa. Além de velas que ajudam a purificar o espírito, um copo de água que permite que o espírito mate sua sede no retorno ao mundo dos mortos, um prato de sal para evitar que o morto seja corrompido pelas tentações terrenas e os objetos pessoais do morto. Em geral o altar é dedicado a vários membros da família ou amigos próximos.

reportagem do Jornal Cruzeiro do Sul sobre os furtos dentro do Cemitério da Saudade na cidade de Cruzeiro no Vale do Paraíba.

O foco desses ladrões é a subtração do bronze, material que foi amplamente utilizado no século passado para a confecção de esculturas, portões, placas de identificação familiar e vasos. A cada ano os furtos tornam-se mais frequentes, quanto mais vazio, mais fácil para praticar o delito.

Com a iminência da destruição desse patrimônio funerário, optei por pesquisar os artistas italianos que contribuíram para a formação desta arte tumular na cidade de São Paulo no século XIX, uma lacuna percebida durante a pesquisa para a dissertação do mestrado[9], sobre o artista ítalo-brasileiro Alfredo Oliani (1906-1988). Durante os meses de pesquisa nos cemitérios da capital, acompanhei a degradação dos túmulos datados do século XIX, em sua maioria abandonados e sem um concessionário[10] responsável pela manutenção do jazigo.

Com a falta de espaço para os enterramentos, os administradores dos cemitérios pedem a desocupação do terreno concedido, um processo que leva em torno de dois anos, afinal é necessário buscar um descendente que assuma a concessão ou autorize a exumação. Na cidade de São Paulo, o Serviço Funerário do Município determina que não encontrando ninguém, solicita-se a retirada dos restos mortais, que ficarão em um saco lacrado e identificado, caso algum parente apareça para reclamá-los. Em seguida, será feita a desmontagem do túmulo para que o espaço seja repassado a outro concessionário.

Durante a gestão do prefeito Fernando Haddad, em 2015, uma ação conjunta entre o Serviço Funerário do Município de São Paulo (SFMSP) e a Fundação São Paulo (FUNDASP), mantenedora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), proporcionou a criação de um projeto de extensão universitária que

[9] Essa dissertação de mestrado, *A Redescoberta da arte de Alfredo Oliani: Sacra e Tumular*, foi elaborada para o curso no Instituto de Artes/UNESP e defendida no ano de 2015 sob a orientação do Prof. Dr. Percival Tirapeli. O objetivo da pesquisa foi trazer à luz da história o trabalho desse artista.

[10] Concessionário é aquele que obtém uma concessão da prefeitura para a utilização do terreno destinado ao enterramento e à construção do jazigo familiar. Durante o século XIX e meados do século XX, era comum uma concessão ser perpétua. Hoje esse prazo de concessão está entre três e cinco anos, após a data, a família faz a exumação e transfere os restos mortais para um ossário ou os destina à cremação.

integraria os cursos de Administração, Arte, História, Crítica e Curadoria, Ciências Sociais, Conservação e Restauro, Direito, Jogos Digitais e Psicologia ao trabalho executado pelo Serviço Funerário. Portanto, poder público e academia se unindo para cuidar de um patrimônio da cidade.

Durante o andamento do Projeto Memória & Vida (2015-2016), nosso grupo de estudos GEAAC - Grupo de Estudos de Arte e Arquitetura Cemiteriais - tinha por objetivo identificar e levantar os exemplares tumulares mais importantes dentro do Cemitério da Consolação.

Acabamos por acompanhar o levantamento desses túmulos abandonados, alguns já aguardavam prazo legal para a sua desmontagem, na sua maioria túmulo datados do século XIX, executados em mármore com alegorias e ornamentos característicos desse período.

Frente a esse acontecimento, percebi a importância de estudar e inventariar esses monumentos funerários, já que isso é "[...] destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada: a morte". (LE GOFF, 1990 p. 462).

Durante a pesquisa nos cemitérios do Vale do Paraíba[11], percebi a importância de estudar esses monumentos, alguns abandonados, mas importantes por serem dedicados a figuras que ajudaram a desenvolver a economia e a política na região durante o período da Monarquia Brasileira.

A princípio, esta tese foi nomeada como "Patrimônio Funerário: O trabalho dos artistas italianos nos cemitérios de São Paulo (1850-1950)", porém, ao longo da pesquisa, fui percebendo que existiam algumas dissertações e teses que seguiam esta mesma linha da pesquisa.

Dissertações como "Imagens femininas em memória à vida: a escultura nos cemitérios da Consolação, Araçá e São Paulo, 1900-1950" (2000), da pesquisadora Ana Maria Abrão Khoury Rahme e "A obra escultórica de Galileu Emendabili: uma contribuição para o meio artístico paulistano" (2000), de Silvana Brunelli Zimmermann,

[11] A região do Vale do Paraíba é cortada pelo Rio Paraíba do Sul, ficando ao norte do estado de São Paulo, faz divisa com os estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro.

abordam a construção iconográfica executada por artistas italianos na cidade de São Paulo.

Outras dissertações como “Cemitério da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Catedral de São Paulo: um projeto da elite católica na velha república” (1999), de Wlandir Vieira do Nascimento, “Visita ao museu de pedra: arte no Cemitério da Saudade de Campinas/SP” (2008), de Halima Alves de Lima, e “Da dramatização ao silêncio social: as dimensões culturais da morte em Ribeirão Preto” (2000), de Amir Abdala, abordam a construção desse espaço, não só como um cemitério, mas também como um museu a céu aberto por conta da quantidade de obras escultóricas ornamentando os jazigos nesses cemitérios.

As pesquisas de Mirtes Timpanaro, “A morte como memória. Imigrantes nos cemitérios da Consolação e do Brás (dissertação)” (2006) e de Josefina Eloina Ribeiro, “Escultores italianos e a sua contribuição à arte tumular paulistana (tese)” (2006) foram dedicadas a identificar e inventariar os túmulos edificados pelas marmorarias e artistas italianos na cidade de São Paulo.

Portanto, essa pesquisa não seria relevante, pois outros pesquisadores já haviam estudado o tema e se permanecesse com esse objeto certamente minha tese seria uma compilação das pesquisas realizadas.

Empenhada em estudar os túmulos do século XIX, determinei um novo recorte e um novo período. O título foi alterado para “Patrimônio Funerário: Os cemitérios históricos do Vale Paraíba 1820 -1890”. Note-se que sobre esta região temos dois livros que abordam sobre os cemitérios locais: “Até o encontro na imortalidade: Tempo e Morte nos cemitérios do Vale do Paraíba”, do pesquisador José Carlos Sebe Bom Meihy, e “A morte como fonte patrimonial: Cemitério dos Escravos em São José do Barreiro”, da pesquisadora Ludmila Pena Fuzzi, resultado do seu trabalho de conclusão de curso.

Não foram identificadas teses ou dissertações sobre este tema na região do Vale do Paraíba, a decadência da região após o fim do ciclo cafeeiro (1800-1880), a ausência das políticas públicas para a preservação de seu patrimônio histórico e a

falta de cuidado com a documentação histórica sobre esse período afastaram os pesquisadores dessa região.

Então, como contribuir para o resgate desse patrimônio material e cultural?

Elaborar um inventário para pedir um processo de tombamento auxiliaria nesta preservação?

Quais são as alegorias mais encontradas nestes cemitérios?

Portanto, penso que esta tese deve contribuir para a ampliação dos estudos cemiteriais na região, por meio do levantamento de documentos históricos presentes nos municípios que compreendem Vale do Paraíba histórico[12]: Bananal, Arapeí, Areias, São José do Barreiro, Silveiras, Queluz, Lorena e Guaratinguetá. Além da identificação dos artífices italianos e portugueses que trabalhavam como marmoristas nessa região, o inventário da parte histórica desses campos santos e a descrição iconográfica dos túmulos selecionados.

O inventário utilizado contempla duas situações: primeiro, uma ficha sobre o cemitério estudado, com a inserção de imagens sobre ele e indicações de localidade, estado de conservação, condições de uso e a sua administração; segundo, uma ficha individual de cada túmulo, com imagens, identificação dos sepultados, do estado de conservação, tipos tumulares, materiais construtivos, ornamentos e alegorias utilizados.

Portanto, a utilização desse inventário e de uma descrição iconográfica das obras selecionadas nesses cemitérios justifica esta pesquisa e caracteriza ineditismo, tendo em vista que não existem registros de inventários nessas necrópoles, abrindo possibilidades para um mapeamento dos outros cemitérios da região.

A metodologia aplicada a esta tese foi composta pelo levantamento de documentação sobre o período, pesquisa de campo nas cidades do Vale do Paraíba entre o período de 2018 /2019 e o registro fotográfico dos túmulos para compor o inventário sobre a parte histórica desses cemitérios.

[12] Conhecido também como o fundo do vale, é composto pelas cidades que se desenvolveram durante dos séculos XVIII e XIX em torno da produção do café.

A pesquisa foi dividida em cinco etapas. Na primeira etapa, foi feito um levantamento da documentação sobre o período cafeeiro em São Paulo e na região do Vale do Paraíba, no Arquivo Histórico Municipal Washington Luiz e no Arquivo Público do Estado de São Paulo. Sobre os cemitérios da região do Vale, foi feito um levantamento no Arquivo da Cúria Metropolitana Dom Duarte e Silva, localizado na cidade de São Paulo.

Na segunda fase, levantei a localização da documentação necessária nos arquivos históricos das cidades do Vale, com base nessa informação foi possível planejar a pesquisa de campo.

Na terceira fase, visitei a cidade de Guaratinguetá, uma das mais importantes na região, principalmente pelo seu acervo documental presente no Museu Frei Galvão. A documentação disponível foi fotografada, bem como o Cemitério Senhor dos Passos, onde foram identificados túmulos históricos.

A quarta fase foi um pouco mais longa, durante 10 dias realizei a pesquisa de campo nas cidades históricas de Bananal, Arapeí, São José do Barreiro, Areias, Silveiras e Queluz. A proposta era levantar e fotografar a documentação disponível em cada cidade, bem como a realização do registro fotográfico dos túmulos históricos em cada cemitério.

Na última fase, visitei a cidade de Lorena, buscando levantar documentações relevantes no Instituto Estudos do Valeparaíbano e na Biblioteca Municipal Sérvulo Gonçalves, além do registro fotográfico no cemitério da cidade. Na cidade de Cruzeiro, visitei o Museu Major Novaes, que abriga boa parte da documentação sobrevivente do Vale do Paraíba.

O próximo passo foi utilizar o método proposto pela pesquisadora Elisiana Trilha Castro em seu livro “*In Frieden*: Inventário dos cemitérios de imigrantes alemães em São Martinho” (2014), que consiste em fotografar cada túmulo, de forma detalhada, a fim de montar um banco de imagens das unidades a serem inventariadas, além de utilizar os parâmetros propostos para a elaboração da ficha de inventário.

Outros autores serviram como referencial teórico desta pesquisa, utilizei autores como Maria Amália Salgado Loureiro (1919-2003), que fez um panorama

sobre os ritos e sepultamentos desde a antiguidade até os tempos atuais em seu livro “Origem histórica dos cemitérios” (1977).

O livro do historiador Philippe Ariès (1914-1984), “O homem diante da morte” (2010), e seu estudo aprofundado sobre a relação do homem com a morte no ocidente, e o “Nascimento dos cemitérios: Lugares sagrados dos mortos no Ocidente medieval” (2015), de Michel Lauwers (1963), ambos auxiliaram na relação da religião com a morte e a importância da construção de um túmulo.

Sobre as alegorias e ornamentos utilizados em espaços cemiteriais, utilizei os livros “A alegoria do patrimônio” (2006), de Françoise Choay (1925); Cesare Ripa (1555-1622), com “*Iconologia overo Descrittione dell´Imagini universali”* (1593); “As Almas do purgatório” (2010), do francês Michel Vovelle (1933-2018); e o artigo da pesquisadora Tânia Lima Andrade, “Dos morcegos e caveiras a cruzes e livros: a apresentação da Morte nos cemitérios cariocas do século XIX”.

Acerca da arte tumular brasileira, utilizei a obra de um dos pioneiros nesse estudo no Brasil, o pesquisador Clarival Prado Valladares (1918 -1983), que elaborou uma minuciosa análise iconográfica e tipológica de todos os cemitérios do Brasil em seu livro “Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros” (1972), uma referência obrigatória para quem pesquisa o tema. Outro autor utilizado foi o professor Harry Rodrigues Bellomo, que desenvolveu, junto com o grupo de pesquisa em Porto Alegre, uma pesquisa sobre os monumentos funerários no estado, no livro organizado por ele “Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia (2008), identificando as alegorias e ornamentos utilizados nos cemitérios”, formando fontes materiais que servem para estudar e preservar a história local.

Para pautar a construção das cidades do Vale do Paraíba, utilizamos os livros de Carlos Eugênio Marcondes de Moura, “Visconde de Guaratinguetá: Um titular do café no Vale do Paraíba”; Agostinho de Freitas Ramos, “A pequena história de Bananal”; e o trabalho de Consuelo Maria Freire Guimarães, que mantêm um site dedicado ao genealogista, filatelista e historiador Itamar Bopp.

A autora Maria Elizia Borges contribui para esta tese com a edição ampliada e revisada de seu livro “Arte Funerária no Brasil (1890-1930): o ofício dos marmoristas

em Ribeirão Preto" (2017). Baseada em sua tese de doutorado, a pesquisa aborda o surgimento das primeiras marmorarias em Ribeirão Preto, fruto da imigração italiana para a cidade. Elas influenciaram a produção da arquitetura local, que atendia aos interesses dos Barões do Café, e influenciaram também a produção de uma rica arte tumular.

Se faz necessário salientar que a utilização dessa bibliografia está amplamente ligada à minha relação com a ABEC[13] (Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais) e com os diversos pesquisadores que como eu estudam a temática da morte.

A estrutura da pesquisa foi dividida em três capítulos. No **primeiro**, intitulado **A influência dos Barões do Café na construção do Vale do Paraíba,** temos uma narrativa sobre as cidades históricas de Bananal, Arapeí, Areias, São José do Barreiro, Silveiras, Queluz, Lorena e Guaratinguetá, abordando a chegada de um novo ciclo econômico, voltado ao cultivo do café e à construção de uma economia que sustentará o Segundo Reinado no Brasil. Quando foi possível, identificamos as famílias responsáveis pelo desenvolvimento em cada cidade da região, por meio de documentos e relatos históricos.

O **segundo capítulo**, intitulado **A arte tumular na região do Vale do Paraíba**, inicia-se com um panorama da arte tumular pelo mundo até sua chegada no Brasil, seguido pela relação entre o patrimônio cultural e material e a arte tumular por meio do estudo de caso do Projeto Memória & Vida, já citado anteriormente, e da Carta Internacional de Morelia, uma carta firmada pela Red Iberoamericana de Valoración y Gestión de Cementerios Patrimoniales[14] em 2005, que aborda as ações para a preservação desse tipo de patrimônio, junto com a proposta para a utilização de uma ficha de inventário e, por fim, os tipos tumulares, alegorias e ornamentos encontrados na região do vale histórico.

[13] A ABEC foi fundada em 19 de novembro de 2004, em São Paulo, durante o 1º Encontro sobre os Cemitérios Brasileiros, ocorrido na Universidade de São Paulo (USP), organizado pelos professores Dra. Maria Elizia Borges, Me. Eduardo Coelho Morgado Rezende e o historiador Harry Bellomo. Faço parte da entidade desde 2010.

[14] Uma associação que reúne pesquisadores latino-americanos que estudam sobre a temática da morte.

O **terceiro capítulo**, intitulado **O Patrimônio Cultural e Funerário do Vale Histórico**, traz os cemitérios como fontes de pesquisa com a utilização das fichas de inventário dos cemitérios das cidades do Vale do Paraíba histórico, identifica os problemas enfrentados por cidades como Bananal, Arapeí, Areias e São José do Barreiro, que tiveram sua documentação histórica extraviada ao longo dos anos, enquanto a cidade de Silveiras foi arrasada em dois momentos distintos: na Revolução Liberal de 1842[15] e na Revolta Constitucionalista de 1932[16], que destruíram toda a documentação existente desde seu período de fundação. Além dos problemas encontrados nos arquivos da região, como no Museu Major Novaes em Cruzeiro, Museu Frei Galvão em Guaratinguetá, Diocese de Lorena, O Instituto de Estudos do Vale (IEV) em Lorena, onde foram encontradas fontes documentais para o embasamento da tese.

O **Anexo A** traz na íntegra a Carta Internacional de Morelia, uma carta patrimonial escrita pela Red Iberoamericana de Valorização e Gestão de Cemitérios Patrimoniais. Nos **Anexos B, C e D** inseri reportagens sobre os furtos em cemitérios no estado de São Paulo. Por fim, o **Anexo E** traz o Provimento de 1997, que regulamenta a destruição física de autos de processos arquivados há mais de cinco anos e desencadeou a busca dos documentos para salvaguarda no Museu Major Novaes, na cidade de Cruzeiro, em São Paulo.

O **Apêndice A** inclui imagens sobre da Igreja de São Joaquim, Fazenda da Grama (1875), pertencente aos Breves, uma das famílias mais importantes na região do Vale do Paraíba fluminense. No **Apêndice B,** temos imagens sobre os cemitérios no estado de Hidalgo, no México: Panteão Inglês Real de Monte, na cidade de Mineral del Monte e o Panteão Municipal São Bartolo, em Pachuca de Soto. No **Apêndice C** temos as festividades dos Dia dos Mortos na cidade de Pachuca e na Universidade Autônoma do estado de Hidalgo.

Espero que esta tese possa motivar outros pesquisadores a incluir a região do Vale do Paraíba em suas pesquisas cemiteriais. Há ainda muito a se pesquisar.

[15] Movimento insurgente ocorrido em 1842, que provocou a briga entre políticos liberais e conservadores em São Paulo.
[16] Revolução encabeçada pelos paulistas em prol de uma nova Constituição para o Brasil.

Figura 1 - A cidade dos mortos e dos vivos - Cemitério Municipal de Piquete, SP



# Capítulo 1

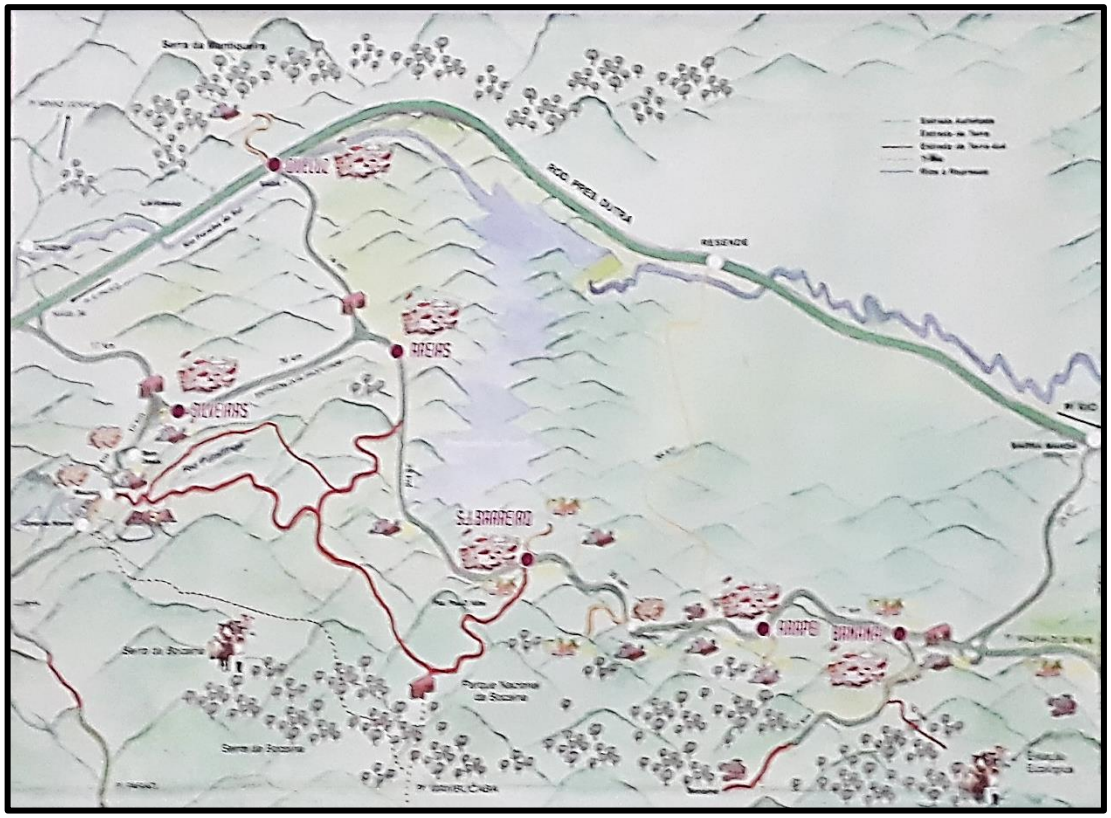
## A Influência dos Barões do Café na Construção do Vale do Paraíba

## 1.1 O DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO DO VALE DO PARAÍBA

*Neste solo que é solo de São Paulo,*
*cravo este marco de lavrado ipê;*
*na outra margem é o Rio de Janeiro,*
*aquém do Piraí tudo é Lorena. [...]*

*Lua de ontem*
*Péricles Eugênio da Silva Ramos*

Figura 2 - Mapa com as trilhas na região do Vale do Paraíba - Bananal

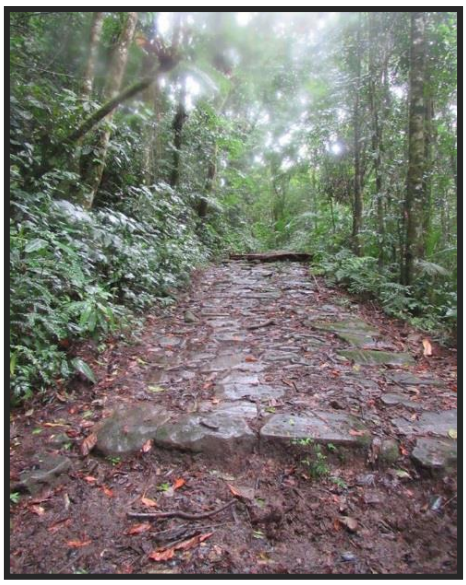



> Já nos primeiros anos do século XVIII são percebidas as primeiras “travessias” de caminhantes indo e vindo para Paraty, vindos das “minas gerais” ...iniciava-se o extraordinário ciclo do ouro, fazendo antever que os arraiais do Bom Jesus e dos Macacos já formavam suas características de ativos “pouso para tropeiros”. (SÁ, 2014, p. 17).

A abertura desta trilha pela Serra Mar coube aos índios da etnia Guaianá, esse caminho foi o responsável pelo escoamento de minérios e transporte de alimentos

entre as regiões de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Esse caminho ficou conhecido como a Trilha do Ouro.

Figura 3 - Trilha do Ouro - Caminho da Mambucaba



[...] um caminho de pedra feito pelos escravos em meio à floresta, faz parte dos caminhos daqueles que, em meados do séc. XVIII desviavam das rotas oficiais e se arriscavam pela mata para evitar a entrega de parte de seu ouro como pagamento de impostos à Coroa Portuguesa. O percurso que liga São José do Barreiro até Angra dos Reis, inicia no alto dos campos da Serra da Bocaina, na entrada do Parque Nacional da Bocaina e segue por meio da Mata Atlântica preservada das Serras da Bocaina e do Mar, até o bairro de Mambucaba, em Angra dos Reis. (FERNANDES, 2018).

Fonte: Ecovaletur, 2018

Com a descoberta de ouro na região que hoje conhecemos como Cuiabá, pelo bandeirante paulista Pascoal Moreira Cabral (1654-1730), houve a necessidade de abrir um novo caminho para o transporte desse material. Como essa região pertencia a São Paulo, “O governador dos paulistas - Rodrigo César de Meneses - abre caminho que vai de Lorena até a Fazenda Santa Cruz no Rio de Janeiro” (SÁ, 2014, p. 28), fazendo com que essa região fosse povoada em grande parte por esses trabalhadores, responsáveis pela manutenção do caminho[17], vindos de Taubaté, Pindamonhangaba e Guaratinguetá.

Em 1727, o café chega ao Brasil, quando o governador do Maranhão, o português João da Maia da Gama (?-1731), incumbe o militar luso-brasileiro Francisco de Melo Palheta (1670-?) de contrabandear sementes de café vindas da Guiana. O local escolhido foi o Pará. Em 30 anos, o cultivo do café espalha-se pelo território

[17] Como pagamento, essas pessoas recebiam sesmarias para ocupar e ficavam isentos do serviço obrigatório militar.

nacional e chega à capital da colônia: Rio de Janeiro. Misturando-se com os outros cultivos da região.

> A primeira fase de ocupação do Vale do Paraíba, não só o paulista como o fluminense, caracterizou-se por um povoamento esparso e baseado em lavouras de subsistência, com fraca comercialização do excedente e relativamente pouco escravista. (FARIA, 1995, p. 68).

O historiador Carlos Eugênio Marcondes de Moura (1976, p. 20) conta que, em 1799, a região do vale contava com 155 engenhos e uma produção "16.458 arrobas" de açúcar, esse não era o principal centro de produção, mas tinha um dos engenhos mais importantes, o Conceição, localizado em Guaratinguetá.

Mas foi o café o produto com maior desenvolvimento nessa região, que "compreende os municípios Arapeí, Areias, Bananal, Queluz, São José do Barreiro e Silveiras, também chamada turisticamente de Vale Histórico Paulista". (PERRONI, 2015, p. 16).

Com amplas terras e clima favorável, as fazendas se instalaram e se organizaram utilizando o sistema de *plantation*[18]. A proximidade com o porto da capital, Rio de Janeiro, favoreceu o escoamento da produção de café pelo seu porto.

O historiador Boris Fausto aponta que "apesar da inexistência de estudos globais sobre a origem social dos fazendeiros do Vale do Paraíba, alguns trabalhos indicam que os primeiros proprietários de fazendas de café não tinham ascendentes muito privilegiados." (2007, p. 186). Ao que parece, pequenos comerciantes e militares de baixa patente tornaram-se proprietários dessas terras, o que não impediu de existirem conflitos pela posse desses territórios, aqueles que dispunham de mais recursos saíam vencedores, prevalecendo a lei do mais forte.

> O presidente da Assembleia Provincial do Rio de Janeiro, em seu relatório de 1840, afirmava claramente que assumir a posse de uma área e conservá-la dependia da força. Um proprietário ou posseiro que não dispusesse desses recursos se via obrigado a ceder a terra ou vendê-la a quem pudesse se manter nela pelas armas. (FAUSTO, 2007, p. 187).

[18] Amplamente utilizado durante o período colonial, esse sistema de exploração previa a utilização de grandes latifúndios e a produção de monocultura, utilizando a mão de obra escrava e destinando toda sua produção para exportação.

Com a produção intensa nessa região, se fazia necessário desenvolver formas para escoar esses produtos. O meio mais utilizado foi o transporte em tropas de burros, que percorriam os caminhos sinuosos entre o Vale do Paraíba e a cidade do Rio de Janeiro. Esses tropeiros aproveitavam muito bem essas viagens, acabavam por comprar produtos na capital que poderiam ser vendidos nas fazendas do vale, como ferramentas e mantimentos.

Artífices oriundos de outras cidades, chegam para contribuir no desenvolvimento da região, “resultando num enorme centro de serviços” (SÁ, 2014, p. 18). Salientamos que, no início da produção de café no Vale do Paraíba, a cidade de Silveiras era responsável pela distribuição de grãos e alimentos para as famílias da região.

O pesquisador Marco José Carrilho cita em seu artigo:

> Uma das áreas pioneiras de desenvolvimento da cultura de café teve origem no chamado Caminho Novo da Piedade, ligação terrestre aberta no século XVIII entre as províncias de São Paulo e do Rio de Janeiro. Iniciada a partir de Lorena, essa estrada passa por Silveiras, Areias, São José do Barreiro e Bananal, prosseguindo por Rio Claro, São João Marcos e Itaguaí na direção do Rio de Janeiro. Esta região, conhecida como o "fundo do vale" assistiu, durante o século XIX, um vertiginoso processo de desenvolvimento, dando origem à formação de alguns dos mais ricos estabelecimentos de café daquele período. (CARRILHO, 2006, p. 60).

A historiadora Emília Viotti Costa (1928-2017) conclui em seu livro, “Da Senzala a Colônia (2010, p. 62), que em quarenta anos todas as plantações de subsistência foram substituídas pelos cafezais, e os produtos de consumo chegavam à região pelo Caminho Novo vindos de Minas Gerais. Os cafezais se expandiram no Rio de Janeiro, na região da cidade de Vassouras, bem como na região da Zona da Mata mineira.

Então, podemos afirmar que a economia cafeeira proporcionava diversas atividades comerciais que favoreceram o desenvolvimento econômico da região sudeste do Brasil. “Em função do café, aparelharam-se portos, criaram-se empregos e novos mecanismo de Fonte:, revolucionaram-se os transportes” (FAUSTO, 2007, p. 190), assim os esforços desses fazendeiros foram compensados com a distribuição de títulos de nobreza.

Por volta de 1850, a economia cafeeira do Vale do Paraíba chegou ao auge. Vassouras, considerada a capital do café, e Cantagalo destacavam-se na área fluminense do vale. Areia e Bananal constituíam os maiores centros da área paulista. Na Zona da Mata mineira, várias cidades, como Muriaé, Leopoldina, Juiz de Fora, Cataguazes e Carangola, vinculavam-se à produção cafeeira, ocupando a velha zona de passagem entre a região de Minas e a província do Rio de Janeiro. (FAUSTO, 2007, p. 199).

A expansão da cultura cafeeira, no século XIX, também contribuiu para o aumento no número de cativos no Brasil. Ao investir na compra de um escravo, o fazendeiro determina que tipo de trabalho ele desenvolverá em sua propriedade. Aqueles destinados aos trabalhos na Casa Grande terão um tratamento diferenciado dos escravos utilizados como mão de obra no campo de cultivo. “O escravo era, além de tudo, mercadoria: mercadoria que, no caso de necessidade, podia ser vendida ou alugada, possuindo, assim, um duplo valor: valia o que produzia e valia como mercadoria” (COSTA, 2010, p. 70). Sem esquecer que ter a posse de escravos proporcionava aos fazendeiros uma posição de destaque nessa sociedade.

O que nos leva a refletir que a economia desta região não era sustentada apenas pela cultura cafeeira, mas também pelo comércio de escravos. Afinal, “a riqueza do senhor era medida pelo número de pés de café que possuía em sua fazenda e pelo número de escravos” (COSTA, 2010, p. 74). Uma elite pertencente à “[...] base econômica do Império, (e) encontrava correspondência direta na trajetória política dos futuros comendadores[19], que não por acaso, coincidia com a própria constituição do Estado Imperial brasileiro [...]”. (PESSOA, 2018, p. 47).

Uma dessas famílias, os Breves[20], que iniciaram sua expansão territorial com o patriarca José de Souza Breves (1748-1845) na região de Piraí, no estado do Rio de Janeiro. De sua união com a açoriana D. Maria Pimenta Lobo Frasão de Almeida (1768-1843), vieram seis filhos, todos foram casados entre parentes próximos visando a permanência e o aumento de sua fortuna. Seus filhos José Joaquim de Sousa

[19] No século XIX era uma condecoração honorífica de ordem militar, política ou eclesiástica dada alguém que poderia ajudar a engrandecer a sociedade.
[20] No anexo encontram-se fotos da igreja erguida em 1875 na Fazenda da Grama pelo Comendador Joaquim José de Souza Breves.

Breves (1795-1879) e Joaquim José de Sousa Breves (1804-1889) “foram os principais responsáveis pela construção da fortuna dos Breves nos oitocentos” (PESSOA, 2018, p. 30), ambos fazendo parte diretamente do governo imperial.

As relações da elite cafeeira com D. Pedro I acabam se desgastando, a manutenção da escravidão no país parece estar ameaçada “em função do Tratado de 1826 com a Grã-Bretanha que previa o fim do tráfico[21] de africanos para o Império” (PESSOA, 2018, p. 49), mas esse tratado não conseguiu inibir a chegada de cativos. Em 1850, com a promulgação da Lei Eusébio de Queiroz[22], os cafeicultores precisam buscar novas alternativas para manter o fluxo de escravos na região do Vale do Paraíba e assim assegurar a prosperidade da região.

Portanto, pesquisar a região do Vale do Paraíba nos proporciona o entendimento de como essas cidades se desenvolveram ao longo do ciclo cafeeiro, “[...] embora não seja uma unanimidade entre os historiadores seria razoável dividir o ciclo em três períodos distintos” (LIMA, 2008, p. 17): o início do cultivo entre os anos de 1800 a 1840, a ascensão do café entre 1840 a 1875 e o declínio da produção a partir de 1900.

Esta pesquisa, tem como recorte histórico os anos de 1820 a 1890, um período próspero que contribuiu para a construção das belíssimas fazendas e para a urbanização e desenvolvimento das vilas, “através das construções de solares, igrejas e edificações oficiais da vida civil que constituíram o respaldo urbano da vida rica, produtiva e elegante que as famílias dos barões levavam na zona rural” (PERRONI, 2015, p. 29). Nosso foco será na construção das necrópoles da região, que atenderam uma organização semelhante à do mundo dos vivos.

> Se essa sociedade do café trouxe consigo a nobilitação de alguns fazendeiros, seus túmulos se revestiam de suntuosidade possível aos barões, viscondes ou capitães. O mármore branco simbolizava uma espécie de eternização do poder. Poder definido inclusive pela aproximação das capelas centrais, pontos de referências do ordenamento do espaço. (MEIHY, 1983, p. 9).

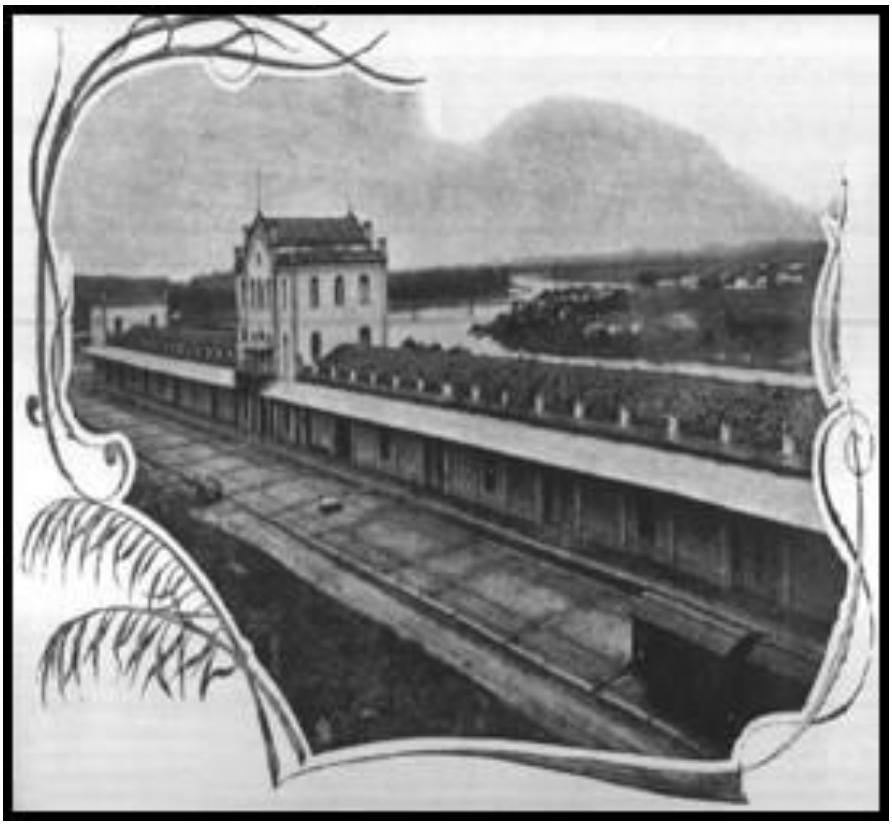
[21] A lei Bill Alberdeen foi aprovada pelo parlamento inglês, o ato permitia que a marinha inglesa tratasse os navios negreiros como navios piratas, com direito à sua apreensão e julgamento dos envolvidos pelos tribunais ingleses. Ver. FAUSTO, 2007, p.195.
[22] Lei assinada em 1850 que previa o fim do tráfico negreiro no Atlântico. Ver. FAUSTO, 2007, p.195.

O reflexo dessa sociedade pode ser visto nos enterramentos da elite e dos seus escravos. Afinal, estes só poderiam ser enterrados nos cemitérios com a permissão do seu senhor, caso contrário eram destinados a encontrar o seu repouso final em áreas afastadas da cidade ou em cemitérios dentro das próprias fazendas.

Esses anos de expansão cemiterial “datam do final do século passado, a fase branca, de mármore (nos campos dos ricos) [...] é marcada por um estilo muito próximo dos cemitérios italianos” (MEIHY, 1983, p. 11). A chegada do mármore à região deve-se à construção da linha férrea, que integrava a capital do Rio de Janeiro às cidades do Vale do Paraíba.

Em meados de 1855, inicia-se a construção da Estrada de Ferro D. Pedro II, que solucionaria em parte o problema do transporte do café no Vale para o Rio de Janeiro. “Com a inauguração da estrada União e Indústria, em 1861, ligando Rio de Janeiro e Juiz de Fora, e graças às ramificações empreendidas, tornou-se fácil o escoamento da região”. (COSTA, 2010, p. 66).

Figura 4 - Estação de trem em Cachoeira Paulista



Fonte: CHRISTOFFER R., 1908, apud Estações Ferroviárias, 2019

Em 1869 começa a construção da ferrovia, saindo da região do Brás em direção à Penha. Oito anos depois, os trilhos se encontram na cidade de Cachoeira em São Paulo (fig. 4 e 6). “A inauguração oficial [...] se deu em 8 de julho de 1877, com festas. As cidades da linha se desenvolveram, e as que eram prósperas e ficaram fora dela viraram as ‘Cidades Mortas’”. (GIESBRECHT, 2001).

Durante o período cafeeiro, algumas prosperaram e outras perderam importância ou desapareceram, sobretudo aquelas existentes nos caminhos de passagem das tropas de mulas, substituídas pela instalação das primeiras ferrovias, e aquelas que abrigavam os portos que recebiam as mencionadas tropas. (LIMA, 2008, p.21).

Enquanto isso, em Bananal, os cafeicultores se reuniram para a construção do ramal bananalense para atender ao mercado local, conforme o anúncio (fig. 5) do jornal Echo Bananalense (1882). A ideia era inserir a cidade no desenvolvimento econômico que o Estado de São Paulo estava experimentando.

Figura 5 - Anúncio no jornal Echo Bananalense - 1882



E. F. RAMAL BANANALENSE

De ordem da directoria effectiva da COMPANHIA RAMAL BANANALENSE, convido os accionistas da mesma Empreza a fazerem a primeira entrada de 10 % do valor de suas acções, (vinte mil reis por acção) até o dia 25 de Junho do corrente anno, podendo a respectiva importancia ser entregue na Corte, ao sr. Jose Leite de Figueiredo, rua do Visconde de Inhaúma n. 52 ou nesta cidade a Luciano José de Almeida Valim.

Bananal, 12 de Maio de 1882.

O director secretario

JOÃO ALVARES RUBIÃO JUNIOR.

Fonte: Biblioteca Nacional, 2020.

Toma-se como exemplo a visão de GIESBRECHT (2001), cidades que não eram prósperas, mas instalaram o ramal férreo, acabaram por se desenvolver economicamente nos anos seguintes, e as cidades que eram prósperas e ficaram de

fora viraram as "Cidades Mortas", o que acabou contribuindo com a decadência da economia do Vale do Paraíba e da região fluminense.

Essa decadência vem do empobrecimento das terras da região, “a utilização de técnicas inadequadas [...] destacou-se o plantio do café em linha reta de cima para baixo e não em curvas de nível” (LIMA, p. 35), prejudicando o enraizamento da planta e empobrecendo o solo, logo as terras tornaram-se improdutivas e desvalorizadas, levando muitos fazendeiros à bancarrota. Enquanto nas regiões fluminense e paulista diversas fazendas e casarões foram desaparecendo, a região do Oeste Paulista iniciou sua ascensão no cultivo cafeeiro.

Figura 6 - Estação de trem Cachoeira Paulista abandonada



A seguir, analisaremos como estas cidades localizadas no Vale do Paraíba - Bananal, Areias, São João do Barreiro, Silveiras, Queluz, Lorena e Guaratinguetá - se organizaram e se urbanizaram utilizando os recursos proporcionados pela produção de café e a estratificação de uma sociedade patriarcal[23] que impôs sua influência na arquitetura e na arte tumular local.

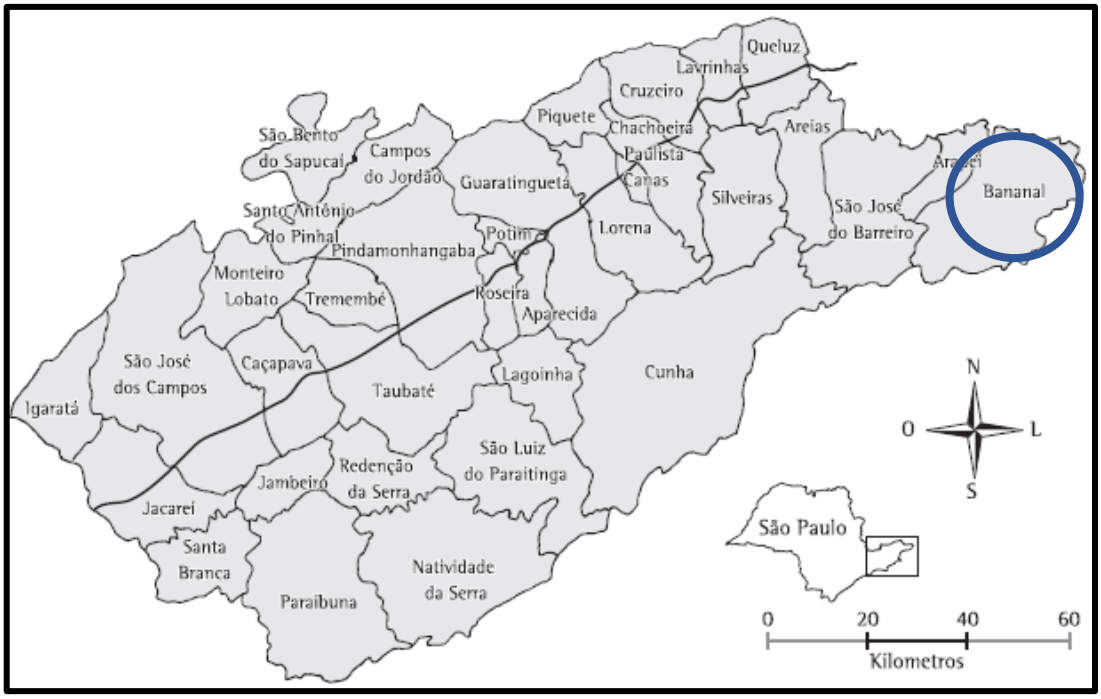
[23] Termo utilizado para determinar o poder do homem (pai) no controle da família e da política.

Figura 7 - Chafariz em ferro (1879) - Bananal, SP



## 1.2 BANANAL

Figura 8 - Mapa dos municípios do Vale do Paraíba - Bananal




Fonte: MUKAI; ALVES;NASCIMENTO, 2009

Região localizada no nordeste do estado de São Paulo, essa freguesia surgiu com a construção da Capela ao Senhor Bom Jesus do Livramento. Esse terreno era ocupado por índios da etnia Puri e fora transformado em sesmaria e doado ao Capitão-Mor de Guaratinguetá Manoel da Silva Reis (1745-1796). O objetivo era incentivar os moradores locais a auxiliarem na abertura de um Caminho Novo da Piedade ligando as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo sem passar pela região de Paraty.

E foi assim que João Barbosa de Camargo e sua esposa Maria Ribeiro de Jesus receberam, em 1780, uma sesmaria no Rio Bananal - onde hoje se localiza a cidade. “Em 1783 [...] erigiram na sua sesmaria uma capela, dedicada ao Senhor Bom Jesus do Livramento, e, por escritura de 10 de fevereiro de 1785, doaram meia légua, em quadra, para o patrimônio religioso” (FARIA, 1995, p. 68). No entorno da capela fundou-se o povoado de Bananal.

Hoje, de acordo com o último censo do IBGE, Bananal conta com 10.223 habitantes, tendo uma densidade demográfica de 16,58 hab/km². Uma realidade bem

diferente da vivida no século XIX, quando chegou a ter, em 1886, 17.654 habitantes (FARIA, 1995, p. 65). Tombada pelo Patrimônio Histórico (CONDEPHAAT), é uma estância turística, histórica e ecológica, que proporciona ao visitante uma breve viagem no tempo.

Foi com o café que a riqueza chegou à região, proporcionando o surgimento de um patrimônio edificado, segundo Schnoor (1995, p. 41):

> A influência do neoclássico na arquitetura brasileira oitocentista é fruto da missão francesa, ainda no período joanino, formalizada em 1826 na Imperial Academia de Belas Artes. Desde então, irá influir no estilo das moradias urbanas e nos prédios oficiais da Corte. Sua influência nas províncias é posterior e se concentra na segunda metade do século XIX. Trará para as sedes da fazenda um apuro nas formas e no seu acabamento. [...]

A mão de obra especializada em arte colonial terá que se adequar para construir os edifícios neoclássicos.

Antes da cultura cafeeira, os fazendeiros cultivavam produtos para atender uma demanda interna, o que chamamos de agricultura de subsistência. A partir de 1830, esse tipo de cultura foi sendo substituído pela cultura cafeeira.

> No Rio de Janeiro, a cultura cafeeira que, inicialmente, se praticou nos arredores da cidade, se expandira pela zona de Vassouras, Valença, Paraíba do Sul, São João Marcos e Resende. Só mais tarde, por volta de 1840, atingiu a zonal oriental, que logo se tornará uma das maiores produtoras, tendo Cantagalo como um dos centros principais. (COSTA, 2010, p. 66).

Segundo Faria:

> De 1835 em diante, inicia-se o período de maior riqueza da área. Em 1836, Bananal era o segundo produtor de café da Província de São Paulo, responsável por 11,02% (64.822 arrobas) da produção (o primeiro foi Areias, com 102.797 arrobas). Em 1854, já se havia tornado o primeiro com a colheita de 554.600 arrobas. O segundo colocado, Taubaté, produziu 354.730. Consolidou-se a riqueza e seus titulares buscavam outras formas de demonstrá-la. (FARIA, 1995, p. 70).

Para que esses números fossem alcançados, seria necessária uma vasta mão de obra para atender os prazos fixados pelos compradores. Conforme já citamos, a região do Vale do Paraíba era uma das mais rentáveis para o Império, significando o aumento exponencial de escravos em nossa província.

Com a implantação da lei Eusébio de Queirós (1850), trazer mão de obra escrava da África para o Brasil em “embarcações brasileiras ou estrangeiras encontradas em qualquer parte seriam apreendidas, responsabilizavam-se criminalmente todas as pessoas envolvidas, desde o proprietário da embarcação até o receptador de escravos” (ABREU,1995, p.169). A intensidade desse comércio se acentuou, levando a um aumento nos preços dos escravizados, o que, por sua vez, tornou a prática cada vez mais lucrativa.

Apesar da patrulha dos navios ingleses na costa brasileira, havia a possibilidade de continuar o tráfico, portanto, “traficantes estrangeiros foram expulsos do país e as autoridades reforçaram a fiscalização” (COSTA, 2010, p. 287), mas os desembarques continuaram a acontecer:

> Em 11 de dezembro de 1852, o Diário do Rio de Janeiro fazia menção a um boato de contrabando que corria pela corte, envolvendo o desembarque de africanos no litoral sul da província do Rio de Janeiro. Na mesma noite da chegada, os africanos teriam sido conduzidos “serra acima” em direção aos ricos vales do café, sem que ninguém da redondeza tivesse percebido”. (ABREU, 1995, p.167).

Temos alguns relatos na região do Vale do Ribeira no sul do estado de São Paulo:

> Em janeiro de 1853, ocorreram vários boatos sobre o desembarque clandestino ocorrido na zona do Ribeira. Ao que parece, organizara-se em Santos uma sociedade com grandes capitais para enviar navios à África. Em janeiro de 1853, esses navios, já de volta, haviam feito desembarcar em Iguape mais de dois mil africanos. Conduzidos pelas matas cerradas que acompanhavam o Ribeira de Iguape tinham atravessado a região do Juquiá [...]. (COSTA, 2010, p. 22).

Essa atividade era um enorme risco aos envolvidos, mas acima de tudo um negócio muito lucrativo. Um desses relatos remete ao caso Bracuhy, em que influentes fazendeiros da região do Vale do Paraíba - fluminense e paulista - continuavam a compactuar com o tráfico negreiro. Nesse caso, uma denúncia colocou o Comendador Joaquim José de Souza Breves como receptador dos escravos em suas terras na Fazenda Santa Rita[24], próximo ao rio Bracuhy, e dois fazendeiros

[24] Nos anexos, imagens de uma igreja construída pela família na Fazenda Grama em Rio Claro, Rio de Janeiro. Pelos detalhes podemos perceber a influência da família na região. Vide anexo a.

ilustres, “o Major Nogueira e Luciano e tal, moradores perto da vila de Bananal” (ABREU, 1995, p.167) que de acordo com relatos foram buscar esses cativos.

Outros fazendeiros proeminentes também foram denunciados ao Governo Imperial:

> Em 12 de fevereiro de 1853, em Resende, era denunciado o fazendeiro Francisco Ramos de Paula, acusado de ter comprado no município de Bananal 20 africanos boçais. No mesmo mês, no dia 19, eram indiciados, em Bananal, Manuel de Aguiar Vallim, por crime de importação de africanos livres, o Major Antonio José Nogueira, o Comendador Luciano de Almeida, sogro de Vallim e Pedro Ramos Nogueira, por terem comprado os ditos africanos como escravos, seguramente sabendo que eram livres, como declararam os marinheiros do navio negreiro. Na mesma época, o poderoso Joaquim José de Souza Breves era levado ao júri na cidade de Angra dos Reis. (ABREU, 1995, p.176).

Com provas contundentes contra os fazendeiros e uma tentativa de julgá-lo na capital da corte, todos acabaram inocentados. “[...] os principais envolvidos no escândalo não conseguiram obter os tão cobiçados títulos de nobreza [...]” (ABREU, 1995, p.194). A partir dessas informações, podemos corroborar com a afirmação de que “enriquecer muito pela própria atividade agrária, no mundo escravista era praticamente impossível”. (FARIA, 1995, p. 72).

Apesar da “inocência” dos acusados, tentaremos explicar como essas famílias fizeram fortuna na cidade de Bananal.

### 1.2.1 A Elite Bananalense

#### Família Almeida

> [...] pequenos agricultores, que também haviam se estabelecido na mesma região do Caminho Novo da Piedade, entre as últimas décadas do século XVIII e início do XIX, sendo reconhecidos como os primeiros povoadores de Bananal. Ali se tornaram proprietários de consideráveis porções de terras, obtidas oficialmente pelo sistema de doação de sesmarias. (ALMEIDA, 2014).

Foi o caso do agricultor Luiz José de Almeida (1761-1806) e de sua esposa Ana Maria da Conceição (1780-?), que iniciaram uma agricultura de subsistência e a criação de animais na região, enquanto o casal de portugueses Antonio José Sampaio

(1760-1850) e sua esposa Ana Joaquina Toledo (1758-1844) primeiro se fixaram na Vila de Cunha e depois seguiram para o Caminho Novo da Piedade.

Figura 9 - Luciano José de Almeida, com a comenda da Ordem de Cristo. Coleção Particular – Família Almeida Valim



Ambas as famílias decidiram pelo enlace entre seus filhos Luciano José de Almeida (fig.9) (1797 - 1854) e Maria Joaquina Toledo Sampaio (1803-1882) em 1825. Logo o casal prosperaria seguindo as atividades da Família Almeida, o que lhe possibilitaria a aquisição de novas terras, destinadas ao plantio de café, ampliando também a compra de mão de obra escrava.

Fonte: Labhoi, 2020

Segundo (SCHNOOR, 1995, p. 41), no inventário do fazendeiro Luciano José de Almeida podemos perceber o seu enriquecimento entre os anos de 1817 a 1854. Aos 21 anos ele contava com 12 escravos e 40 alqueires de terra para a produção do seu café. Em 1854, quando vem a falecer, contava com oito fazendas (Boa Vista, Bocaina, Cachoeira, Campo Alegre, Capitão-Mor, Córrego Fundo, Jararaca e São Bento), cada uma destinada a um tipo de produção, do cultivo de café à criação de gado. Ao todo 816 cativos pertenciam a ele, cabeças de gado e arrobas de café colhido.

A fazenda Boa Vista, fundada em 1780, era a que mais se destacava na produção de café. Durante a Revolução Liberal “em 1842, Luciano José de Almeida hospedou o Duque de Caxias, o comandante das tropas da Corte, destacadas para o combate dos rebeldes liberais de Silveiras” (SALEM, 2010). Pelo seu empenho em ajudar o Império, foi agraciado com a Comenda de Cristo.

Schnoor nos conta:

> A fazenda do século XVIII, passa por uma reforma, um sinal de novos tempos, o esboço de uma casa de vivenda, assobradada, envidraçada e coberta de telhas. Dentro dela [...] muitos copos de servir champagne, licores e vinhos. No rol de bens móveis, já aparecem com

> destaque bens de representação social [...] com joias, talheres e baixelas de prata. O mobiliário, entretanto, não traz diferenças de vulto face à rusticidade colonial: camas, marquesas, cômodas, cadeiras, caixões, para mantimentos, destacando-se um aparelho de louça chinesa, um aparelho de chá, óculos de alcance e um sinete de prata, com cabo de marfim [...]. (SCHNOOR, 1995, p. 40).

A demonstração de poder desses fazendeiros não estava presente somente na quantidade de fazendas adquiridas, cafezais produtivos e mão de obra escrava, mas na capacidade de manter uma casa grande, confortável e com bens luxuosos, localizada dentro de uma das suas fazendas e destinada à moradia da família e manter um solar (fig. 10) na área urbana com o mesmo requinte encontrado na casa grande para receber a sociedade local.

Um exemplo é o solar construído em 1847, “a edificação em U tem treze portas que abrem para a sacada, em seu interior há um pátio, onde eram realizadas as manobras da carruagem” (SALEM, 2010). O solar foi construído em estilo neoclássico, considerado, desde a vinda da missão francesa para o Brasil, como um estilo inovador que contribuiria para a modernização das grandes cidades que desejavam seguir os passos das capitais europeias.

Figura 10 - Antigo solar do Comendador Luciano Almeida. Foto de Antonio José Teixeira Guerra e Tibor Jablonsky, 1958



Fonte: Solar Aguiar Vallim, 2020

De acordo com Salem, o casarão foi vendido em 1930, quando um inglês chamado Robert Passing comprou o local e o transformou em um hotel. Durante a

visita a Bananal, o Hotel Brasil encontrava-se fechado, impossibilitando a visita ao local.

Todos os filhos da Família Almeida fizeram casamentos arranjados e entre parentes, buscando sempre a ampliação da fortuna familiar. Com a morte do Comendador Almeida, esperava-se que a viúva, D. Maria Joaquina, fizesse um novo matrimônio. Afinal, no século XIX a mulher tem um papel importante na administração da casa e no cuidado com os filhos, portanto, ao ficar viúva, se abriam duas possibilidades: encontrar um novo marido que ficaria responsável por cuidar de seu bem estar e gerenciar o seu patrimônio ou não se comprometer com um novo matrimônio, conquistando a sua independência social e financeira. D. Maria Joaquina escolheu a segunda opção.

Segundo Almeida (2014):

> Não é exagero deixar-se impressionar pelo fato de que, mesmo sem saber ler ou escrever, Maria Joaquina tenha sabido administrar com inteligência, e competência ímpar, os bens deixados pelo marido. A memória regional transmitida pela oralidade afirma que foi somente depois de casada e do crescimento dos filhos, que Maria Joaquina tomou contato com noções elementares de educação, particularmente porque os filhos tiveram preceptores e professores de primeiras letras especialmente contratados pelo marido. Segundo essa tradição, a certa altura da vida ela passou a tomar lições de línguas e outras ciências, e chegou a criar uma linguagem própria de comunicação com símbolos diferenciados com base em caracteres latinos, que até os dias atuais não foi possível explicar como foi elaborado ou transmitido, por inexistir fonte documental nesse sentido.

Ao longo de sua vida, foi muito generosa, ajudou a manter a Santa Casa de Misericórdia da cidade, ajudava os necessitados, era uma grande administradora e em pouco tempo mostrou suas habilidades à frente dos negócios, da fortuna deixada “coube a Maria Joaquina a metade destes bens, aproximadamente 1252 contos de réis, que ao longo dos anos, ela fez praticamente duplicar” (REZZUTTI, 2018, p. 188) o patrimônio deixado em testamento pelo Comendador Luciano de Almeida.

Tamanha generosidade, lhe rendeu o título de “Matriarca de Bananal”, ela encontra-se sepultada no cemitério da Santa Casa de Bananal, do qual trataremos mais adiante.

Outras famílias importantes da cidade acabaram por construiu suas residências ao longo da praça Nossa Senhora do Livramento e do Largo do Rosário.

## Família Aguiar Vallim

A história desta família, em Bananal, começa com a vinda do açoriano José de Aguiar Toledo (1737-1837) ao Brasil no século XVIII para fazer fortuna na mineração nas cidades de São João Del Rey e Sabará. Conheceu sua esposa Maria Ribeiro de Aguiar Vallim (1772-1855) em São Tomé das Letras. Assim como muitas famílias, acabaram migrando para se instalar nas proximidades do Caminho Novo da Piedade, fundou a Fazenda São Francisco da Formiga próximo ao Rio Bananal com a proposta de cultivar anil e trigo.

Com o objetivo de ampliar as terras para o cultivo de café, em 1833, José de Aguiar Toledo adquiriu aquela que seria sua principal fazenda de produção: O Resgate. Pertencia ao Coronel Ignácio Gabriel Monteiro de Barros (1798 -1850), que a recebeu em forma de dote pelo seu casamento com Alda Romana de Oliveira Arruda (1793-1899), terras que faziam parte da sesmaria da Fazenda Três Barras (fig. 11).

Figura 11 - Casa da Fazenda Três Barras (Bananal-SP), reformada na segunda metade do século XIX, fotografada na primeira década do século XX. Arquivo Particular. Família Porto/Moitinho, s/i.



Fonte: Labhoi, 2020

Essas propriedades seguiam o mesmo padrão das fazendas no Sul de Minas, portanto, seria necessário executar benfeitorias para que o café passasse a ser cultivado e beneficiado no local, além de servir como morada do cafeicultor.

De acordo com a pesquisadora Sheila Faria:

> Segundo dados dos mapeamentos populacionais de 1817, 1818 e 1822, José de Aguiar Toledo teria, nestes anos, 17,18 e 20 escravos, respectivamente, com produções de milho, feijão, arroz e toucinho, tendo chegado a exportar em, 1822, 1000 arrobas de café. Não poderia, portanto, ser considerado um homem rico. Em 1825, já aparece com 41 escravos, em 1829, com 82 e, por fim, em 1836, com 101, tendo exportado neste último ano 12.000 arrobas de café. No ano de seu falecimento, entretanto, em 1838, seu inventário registra a propriedade de 285 escravos, duas fazendas (Resgate e Pinheiro) e a produção de 321.500 pés de café só na Fazenda Resgate. (FARIA, 1995, p. 73).

Da união entre José Aguiar e Maria Ribeiro vieram oito filhos e, como já citado anteriormente, famílias proeminentes tinham casamentos arranjados entre parentes ou com membros importantes da região, sempre em busca da ampliação da fortuna. “Quando faleceu, em 1838, deixou para a viúva a Fazenda Pinheiro. O Resgate foi partilhado entre os filhos.” (SCHNOOR, 1995, p. 35).

O filho mais interessado em seguir os passos de seu pai era o jovem Manoel de Aguiar Vallim (1806-1878). “[...] Em 1830, com 24 anos, solteiro, aparece como chefe de domicílio com somente 3 escravos, tendo exportado 40 arrobas de café e 10 toucinho para o Rio de Janeiro [...]” (FARIA, 1995, p. 75). Relatos apontam que ele ainda em vida recebeu uma boa quantia de seu pai para tocar seus negócios. Em pouco tempo, a fazenda Resgate, que havia sido dividida entre os seus irmãos, foi comprada por ele.

Buscando ampliar sua fortuna, Manoel de Aguiar Vallim casou-se com Domiciana Maria de Almeida (fig. 12) (1826-1907), filha primogênita de outro grande cafeicultor da região, Luciano José de Almeida. Essa aliança permitiu que as famílias tivessem as maiores fortunas da região do vale do café, construindo o “poder do clã Almeida-Vallim, de Bananal” (CASTRO, 1995, p. 23).

Figura 12 - Domiciana de Almeida Vallim no ano de seu casamento com o Comendador Vallim. Coleção particular. Família Almeida/Vallim.



Fonte: Labhoi, 2020

De acordo com o site da Fazenda Resgate (História da Fazenda Resgate), por volta de 1855, Manoel Vallim decidiu fazer uma reforma na antiga casa grande, que seguia os padrões de construções do século XVIII, estilo senhorial português com porão alto e apenas um pavimento, feita com pedra e taipa[25]. A nova construção receberia um segundo pavimento feito com adobe[26] e sua fachada seria executada em estilo neoclássico e com uma escada em cantaria.

Quando estive em visita à cidade, tentei em duas oportunidades diferentes visitar a propriedade, mas quando a família está na fazenda, não há visitas monitoradas.

Tomo a liberdade de usar o registro do pesquisador Eduardo Schnoor sobre a arquitetura encontrada na fazenda:

> [...] Se a frente o estilo neoclássico se impõe, fazendo sobressair o casarão, os fundos estão pousados ao rés-do chã[27], em uma planta com formato de U com três mansardas[28]: duas laterais e uma voltada

[25] Mistura rígida de barro, areia ou outro agregado e água socada e seca dentro de formas e utilizada como material de construção. Ver CHING, 1999 p. 49.
[26] Tijolo seco ao sol feito de argila e palha. Ver CHING, 1999 p. 49.
[27] Pavimento da casa no nível da rua.
[28] Telhado que apresenta uma parte inferior mais íngreme e a parte superior tem menos altura, facilitando a ventilação na parte interior. Ver. CHING, 1999 p. 250.

> para o pátio interno [...] também encontrado na Boa Vista. (SCHNOOR, 1995, p. 42).

A decoração do espaço está destinada a ostentar a riqueza da família. Schnoor (1995, p. 45) aponta que a mobília utilizada era feita em madeira nobre como mogno e jacarandá. Por exemplo, a sala de entrada e o escritório mantêm um mobiliário que dialoga com a função do espaço, era o lugar em que o Comendador recebia suas visitas para tratar de negócios. Na sala de entrada, um sofá, quatro cadeiras de braço, doze ditas simples, uma mesa e um aparador; no escritório, duas escrivaninhas em mogno e jacarandá.

Na sala de visita, “que era o centro da residência, era o local de receber e de ostentar a riqueza” (SCHNOOR, 1995, p. 45), pinturas decorativas com “produtos agrícolas da fazenda: em posição principal o café; secundando-o a cana, o milho, o feijão, e a mandioca ” (SCHNOOR, 1995, p. 49). Essas pinturas, foram atribuídas ao pintor catalão José Maria Villaronga y Panella (1819-1894), que também fez as pinturas na Igreja Matriz da cidade.

Magalhães (2018) nos conta:

> O primeiro trabalho de Villaronga no Brasil foi executado em 1850, quando ele contava com 31 anos, na capela mor da Matriz da então Sacra Família do Tinguá (atual distrito de Engenheiro Paulo de Frontin/RJ). Fez uma gravura de “Adoração dos Pastores de Belém” em um grande painel de 2,47 por 4 metros. Não demorou muito e Villaronga já se encontrava no rico Vale do Rio Preto, onde realizou alguns trabalhos nas imponentes casas sedes que passaram a ser edificadas às margens do rio Preto, como a pintura em “trompe l’oeil”[29] na Fazenda São Felipe, de propriedade do Barão de Santa Fé, em Três Ilhas, no município de Belmiro Braga/MG, e o enorme painel (retratando uma vista panorâmica da Baía de Guanabara tendo, ao fundo, o Corcovado e o Pão de Açúcar) sobre toda a extensão de uma parede da sala de jantar da majestosa Fazenda Paraizo, de propriedade do Visconde do Rio Preto, na então freguesia de Santa Tereza (atual Rio das Flores), no município de Valença.

O pintor circulou pela cidade de São Paulo. A pesquisadora Danielle Manoel dos Santos Pereira (2017, p. 305) aponta que, em janeiro de 1876, José Maria

[29] Recurso técnico-artístico empregado com a finalidade de criar uma ilusão de ótica, como indica o sentido francês da expressão: tromper, "enganar", l'oeil, "o olho". Seja pelo emprego de detalhes realistas, seja pelo uso da perspectiva e/ou do claro-escuro, a imagem representada com o auxílio do trompe l'oeil cria no observador a ilusão de que ele está diante de um objeto real em três dimensões e não de uma representação bidimensional. Ver. Enciclopédia ITAUCULTURAL.

Villaronga, representando a Firma *Mal Sculadi Faria Ariosa Villaronga*, apresentou um orçamento de pintura e douração para a igreja da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, de São Paulo.

Esteve em plena atividade em Campinas e região. De acordo com Barrantes, “José Maria Villaronga foi artista ativo na cidade, gozou da apreciação popular, fez trabalhos de arquitetura como o conserto da ponte para Mogi-Mirim. Era pintor e algumas pinturas suas foram encontradas em fazendas e no Rio de Janeiro.” (2012, p. 514).

As pinturas executadas dentro das fazendas e nos solares foram atribuídas ao pintor sem existir nenhum documento comprobatório ou assinatura nas obras. Sabemos que em Bananal existe apenas uma obra assinada pelo artista, foi o quadro encomendado em 1871 para retratar o Tenente José Ferreira Gonçalves (1778-1858), (fig. 13) o fundador da Santa Casa de Misericórdia de Bananal.

A pesquisadora Regina Tirello reforça a importância destas pinturas:

> Os conjuntos de pinturas murais das fazendas e residências cafeeiras do Vale do Paraíba paulista de meados do século XIX, apesar das precárias condições de conservação atuais e/ou das repinturas artísticas inspiradas, que tanto as têm alterado ao longo destes anos, ainda testemunham a importância dos pintores muralistas na opulenta sociedade configurada pelo primeiro ciclo do café. As pequenas cidades emergentes dessa região aspiravam à sofisticação da Corte, e as decorações parietais, talvez mais que a arquitetura, prestaram-se plenamente ao intento de ostentação daqueles senhores recém enriquecidos. Contava-se com artistas de boa orientação acadêmica atuantes por ali que, muito hábeis [...] esculpiram arquitraves, colunas e cornijas com tintas, recurso decorativo que conferia elegância e ares. (TIRELLO, 2005, p. 283).

Figura 13 - Tenente José Ferreira Gonçalves, o Ferreirinha dono na Fazenda Marreco. No detalhe, a assinatura de Villaronga.




Na cidade, Manoel Vallim ergueu seu solar a menos de 100 metros da residência de seu sogro, o Comendador Luciano Almeida. “[...] O Palacete do comendador Vallim (fig. 14) teria sido construído nos anos de 1850 a 1860, e para a época já se mostrava retrógrado.” (TIRAPELI, 2014, p. 183). A pesquisadora Regina Tirello (2000, p. 85) ressalta que a pintura ambiental presente nestas moradias, representam o poder dos cafeicultores e uma forma de cultura para esta região.

Figura 14 - Detalhes da fachada do Solar Aguiar Vallim



Esses solares, que tinham por função promover a relação entre famílias na cidade, promoviam também a ostentação de sua condição financeira, afinal “os salões ficarão na parte principal da casa, com sacadas se abrindo sobre a rua. Das sacadas, o espetáculo da riqueza [...]” (SCHNOOR, 1995, p. 40) , edifícios que apresentavam um “caráter privado, lutando contra o espaço social. Na parte posterior, nos fundos, por detrás das paredes da privacidade, os muros e quintais se interligavam, [...]” (TIRAPELI, 2014, p. 182), em uma tentativa de reproduzir o espaço da casa grande. Portanto, esses solares também seguiam a mesma organização dos mobiliários utilizados na casa grande.

Figura 15 - Planta de localização do Solar Aguiar Vallim e o do Comendador Luciano Almeida



Figura 16 - Salão de baile no Solar Aguiar Vallim. No detalhe pinturas do catalão Villaronga



As pinturas encontradas no salão de baile do Solar Aguiar Vallim (fig. 16) foram atribuídas ao pintor Villaronga, mas a pesquisadora Regina Trindade Tirello (2000 p. 93) aponta que, em um trabalho de prospecção realizado no início dos anos de 1981, descobriu-se abaixo dos painéis floridos pintados pelo catalão, figuras grotescas pintadas com tinta azul em fundo branco.

Ainda se discute se Villaronga foi o único pintor a circular por essa região do Vale do Paraíba durante esse período. Será que pintores locais teriam a chance de trabalhar para essa elite?

Comprovado por Tirello (2005, p. 33), outros artistas executavam pinturas semelhantes à do Villaronga, em um estudo sobre as pinturas parentais da Fazenda Rialto, destruídas em uma reforma em 1996, a pesquisadora aponta que foram

identificadas, por meio de análises, “diferenças significativas entre o modo de aplicação e o uso dos materiais artísticos” neste caso, três pintores diferentes executaram o trabalho na Rialto.

É importante levantarmos essa questão sobre a ausência de documentos comprobatórios para atestarmos a autoria de obras artísticas executadas na região do vale. Mais adiante, abordaremos sobre a construção dos cemitérios locais, bem como seus túmulos. Ficarão evidentes os desafios que o pesquisador encontra para atribuir a construção a uma determinada marmoraria ou a um determinado artista.

## Família Ramos Nogueira

Outra família presente na história bananalense que ao longo dos anos, por meio de arranjos matrimoniais, se enraizaram nessa sociedade. Segundo o historiador Breno Moreno (2012, p. 22), não existem informações sobre o período ou a circunstância que levam José Ramos Nogueira (1787-1856) a mudar-se para Bananal. Mas sabemos que ele contraiu núpcias com a jovem D. Domiciana de Almeida (1799-1837) (fig. 17), filha do fazendeiro Luiz José de Almeida (1761-1806), irmã de Luciano José de Almeida (1797-1854), meia irmã de Antonio José Nogueira (1793-1864), ambos construíram grande fortuna com da produção do café.

A importância econômica que a região do Vale do Paraíba - fluminense e paulista - e a região do Sul de Minas exerciam no império, fica evidente quando em 1821 “receberam as comitivas de Paulo Barbosa Silva e Pedro Dias Paes Leme[30] [...] deixaram a corte em busca de apoio à permanência do príncipe regente” (PESSOA, 2018, p. 48).

Em 1822, “José Ramos Nogueira havia se tornado um destacado senhor de escravos na região, o que lhe permitiu a patente de ‘Soldado da Guarda de Honra Imperial’ de D. Pedro I” (MORENO, 2012, p. 24), assim como “Joaquim Breves foi integrado a comitiva [...] rumo a São Paulo” (PESSOA, 2018, p. 47). Ambos oriundos de famílias importantes na região, cafeicultores e escravocratas.

[30] Paulo Barbosa da Silva (1790-1868 e Pedro Dias Paes Leme (1786-1849) Capitães do imperial Corpo de Engenheiros.

Figura 17 - D. Domiciana Nogueira



Fonte: Geni, 2018

Da união com D. Domiciana Almeida, o casal teve 11 filhos, dos quais a sua filha Theodora (1818-1829) foi a única que faleceu, os outros fizeram casamentos arranjados com membros de outras famílias importantes.

Breno Moreno ainda cita:

> Dentre os herdeiros, o mais ilustre deles foi, sem dúvida, Pedro Ramos Nogueira, futuro Barão de Joatinga, que se tornaria um dos maiores cafeicultores da região de Bananal, na segunda metade do século XIX. Pedro Ramos casou-se com a sua prima, Plácida Maria de Almeida, filha do Comendador Luciano José de Almeida e Maria Joaquina de Toledo Sampaio. José Ramos Fragoso, também filho do Sargento-Mor, se casou igualmente com uma prima, Placidina Nogueira da Silva, filha de outro potentado de Bananal, o Comendador Antônio José Nogueira. Todavia, o enlace matrimonial deu-se a contragosto de José Ramos Nogueira, pois o cunhado era seu inimigo político, chefe do Partido Liberal de Bananal. (2012, p. 32).

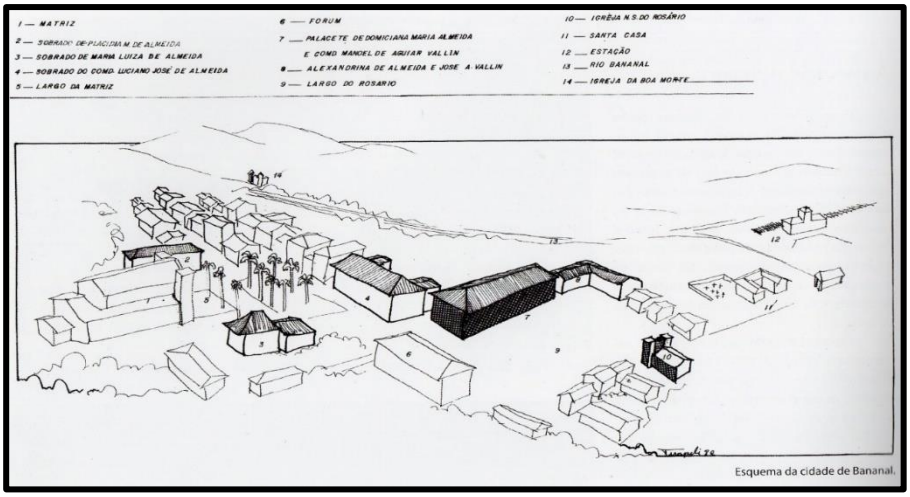
O jovem Pedro Ramos Nogueira estudou no Colégio D. Pedro II, tentou a carreira como médico, mas desistiu do curso. Sempre se interessou pela política. “Liberal por princípio e temperamento foi político de destaque em Bananal, membro ativo do Partido Conservador a partir de 1861, depois de ter defendido, por algum tempo, os ideais liberais” (VALLIM, 1985, p. 63).

Fazendeiro influente, se instalou com a esposa na Fazenda Loanda. A pesquisadora Clarissa Gagliardi (2011, p. 44) nos conta que esse terreno era proveniente do desmembramento da sesmaria que originou a Fazenda Boa Vista, doada a Manoel Antonio de Sá Carvalho (1773 - s/i) durante a exploração do Caminho Novo. A fazenda foi repassada tempos depois a Antonio Rodrigues Pinto (s/i) que casou sua filha Ana Maria Rodrigues (1763-1814) com seu meio irmão Luiz José de Almeida, pai do Comendador Luciano José de Almeida.

Sob a administração de Pedro Ramos Nogueira, a Fazenda Loanda, ao lado da Fazenda Boa Vista e da Fazenda Resgate, tornou-se uma das maiores produtoras de café na região.

Informações na página oficial da Fazenda Loanda apontam que a casa grande passou por uma reforma em 1850, para adequá-la aos padrões neoclássicos que invadiam a arquitetura da cidade. Sobre o solar localizado na área urbana faltam informações, pois, ao contrário do Solar de Aguiar Vallim e de seu sogro Luciano de Almeida, que apresentam diversos problemas em sua manutenção, porém continuam de pé. O Solar de D. Plácida (Placidina) de Almeida, não teve a mesma sorte, foi reformado e substituído por uma nova estrutura que abriga quatro pequenas lojas.

Figura 18 - Esquema do centro da cidade de Bananal




Fonte: TIRAPELI, 2014

## Títulos Nobiliárquicos

A influência dessas famílias no plano político, social e econômico, proporciou o recebimento de “benefícios do poder central e sua vaidade foi afagada com a concessão de títulos de nobreza” (FAUSTO, 2007, p. 290), afinal o apoio financeiro ao império vinha da região do Vale do Paraíba.

Portanto, para receber o seu título de nobreza não bastava ser influente, mas era necessário ter uma conduta exemplar que justificasse o recebimento da honraria.

Voltemos ao ano de 1853, nesse período, o Brasil já havia colocado em prática a Lei Eusébio de Queirós (1850), após o último “[...] desembarque, no final de 1852, o Governo Imperial brasileiro tomou providências, [...] expediram-se ordens para o aumento de cruzadores na costa ao norte e ao sul e para reforço dos destacamentos em terra” (ABREU,1995, p.168). Finalmente o Brasil cedia à pressão externa dos ingleses que incentivavam o país a decretar o fim da escravidão.

> [...] Depois de anos de imensa importação de escravos, o mercado brasileiro se encontrava abastecido, no final de 1840. Fazendeiros fluminenses tinham hipotecado suas propriedades para grandes traficantes, como objetivos de obter recursos destinados à compra de escravo. (FAUSTO, 2007, p.196).

Mesmo com a lei em vigor, o tráfico continuava para abastecer os cafeicultores da região fluminense e paulista, de acordo com denúncias “feitas pelo delegado de polícia de Angra (dos Reis), em carta de 22 de dezembro, Sr. José Idelfonso de Sousa Ramos” (ABREU,1995, p.167), escravos continuavam a chegar pelo porto de Bracuhy.

A apreensão dos escravos aconteceu na Fazenda do Resgate, pertencente a Vallim. Além dele, foram acusados de compra de cativos seu sogro Luciano de Almeida, seu cunhado Pedro Ramos Nogueira e o Comendador Joaquim de Sousa Breves. Todos foram levados a julgamento e, apesar das provas dos seus crimes, acabaram inocentados. Mas podemos dizer que a punição foi a negativa do Governo Imperial à compra dos títulos de nobreza de Manoel Aguiar Vallim e Luciano de Almeida.

Ainda de acordo com Abreu (1995), Vallim foi precipitado, fez uma doação ao Hospício Pedro II esperando em troca um título como agradecimento, o que não aconteceu.

Anos depois, os filhos do Comendador Vallim foram recompensados pelo Governo Imperial: Manoel Aguiar Vallim (1861-1925) recebeu o título de Barão de Aguiar Vallim em 1884 e Luciano José de Almeida Vallim (1855-1912) recebeu o título de Barão de Almeida Vallim em 1888.

Enquanto Laurindo José de Almeida (1836-1917), filho do Comendador Luciano de Almeida, solicitou seu título em Portugal ao Rei D. Luiz I, tornando-se Visconde de São Laurindo.

Outro que também conseguiu seu título foi Pedro Ramos Nogueira, genro do Comendador Almeida, recebeu o título de Barão da Joatinga em 1877, o proprietário de uma ilha próxima a Angra dos Reis chamada de Joatinga.

Faria (2005) descreve que o grande desafio era transmitir para as futuras gerações o sucesso de seus negócios, algo difícil, mas que acabou por proporcionar à geração seguinte dos Vallim - Almeida - Ramos Nogueira, títulos de nobreza e cargos no governo imperial, mas sem nunca conseguir fazer fortuna igual a de seus pais.

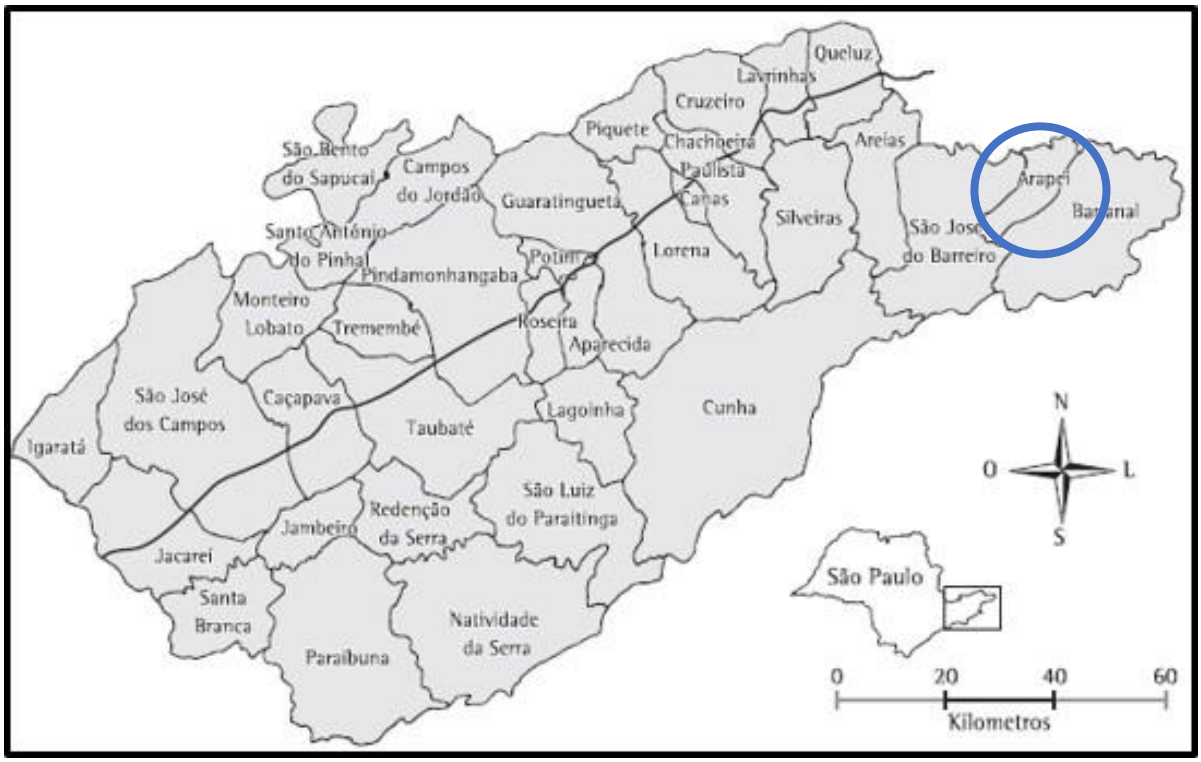
Portanto, as fortunas de Bananal, construídas durante o século XIX, vinham do cultivo do café e do comércio de escravos contrabandeados, inclusive durante a sua proibição. Logo, essa riqueza ostentada em vida seria transportada para o repouso final nos cemitérios da região.

Figura 19 - Alegoria da Fé- Cemitério Santa Casa de Misericórdia de Bananal, SP



## 1.3 ARAPEÍ

Figura 20 - Mapa dos municípios do Vale do Paraíba - Arapeí




Fonte: MUKAI; ALVES;NASCIMENTO, 2009

Com a divisão da 9º sesmaria pelo Capitão Manoel da Silva Reis, tivemos o povoamento em duas áreas, conforme citado anteriormente, o povoado de Bananal e Alambary.

No século XVIII, fazendas como as de Antônio Afonso de Carvalho, na região conhecida como Capitão-mor, e Antônio Gomes, próximo ao Formoso, se expandiram para além do território de Bananal. O povoado abriu um cemitério na região do Alambary e uma capela (fig. 21) dedicada a Santo Antônio de Pádua, que pertencente à Diocese de Lorena.

O povoado de Bananal, conforme já citamos, foi importante para o desenvolvimento do ciclo cafeeiro na região, mas com a decadência da cultura do ouro verde[31], o povoado passou a trabalhar com a pecuária leiteira.

[31] Diversos historiadores utilizam esse termo ao se referir à produção de café no Brasil.

Com a proclamação da República (IBGE, 2017), foi fundado o distrito de Alambary, que seria subordinado ao município de Bananal, em 1892 o distrito foi incorporado ao território bananalense. O termo Arapeí surgiu somente em 1944, quando volta a ser um distrito pertencente a Bananal, sua emancipação por completo aconteceu em 1991.

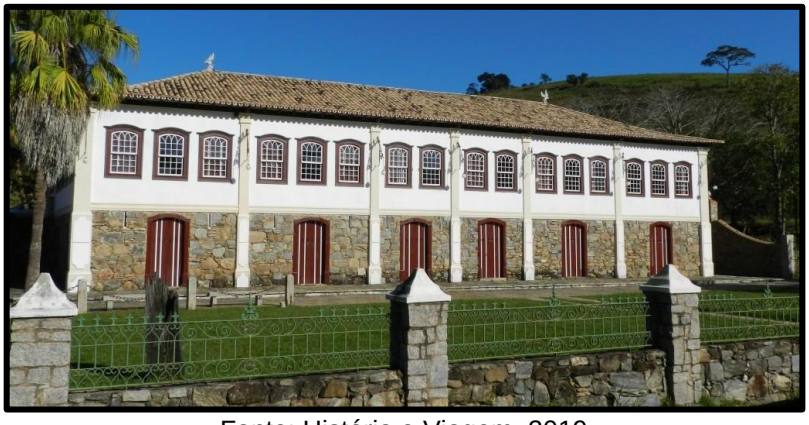
Figura 21 - Capela de Santo Antônio de Pádua - Arapeí



Fonte: Chão Caipira, 2020

Uma das fazendas mais importantes na região, é a Loanda, já citada anteriormente ao abordarmos sobre a Família Ramos Nogueira. A fazenda foi uma das maiores produtoras de café na região.

Figura 22 - Fachada da Fazenda Loanda



Fonte: História e Viagem, 2019

Hoje, a fazenda abre os portões regularmente para visitas monitoradas aos interessados em conhecer a rotina de uma fazenda cafeeira na região do Vale do Paraíba.

Figura 23 - Túmulo sem identificação -
Cemitério dos Escravos em São José do Barreiro, SP



## 1.4 SÃO JOSÉ DO BARREIRO

Figura 24 - Mapa dos municípios do Vale do Paraíba - São José do Barreiro

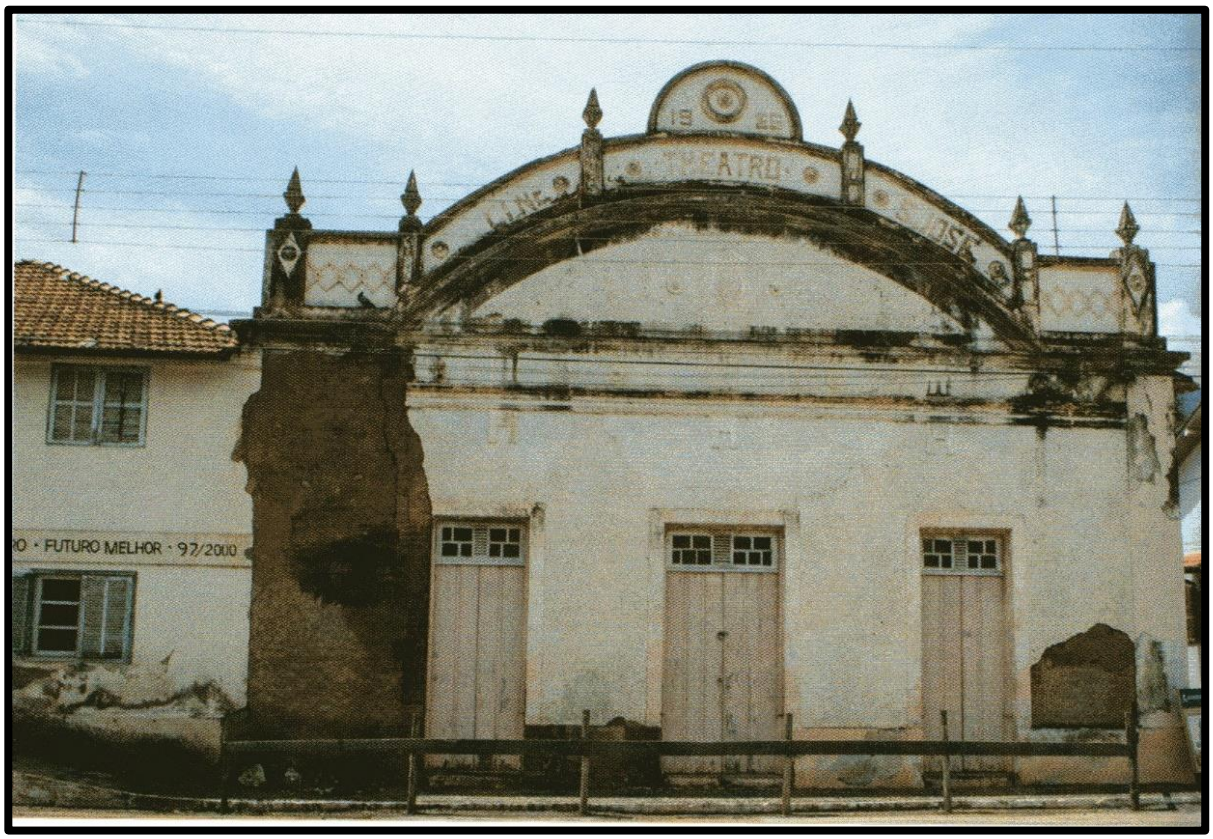



Fonte: MUKAI; ALVES;NASCIMENTO, 2009

> Pelo Porto de Mambucaba e pelo rio do mesmo nome, a partir do século XVII subiram os primeiros colonizadores fundando povoações. Também de Minas Gerais, em direção do mesmo Porto desciam a Serra da Bocaina e acabaram por se fixar ao longo do caminho. (PREFEITURA SÃO JOSÉ DO BARREIRO, 2017).

De acordo com o Almanak anual (LAEMMERT ,1918), o local onde hoje se encontra a cidade de São José do Barreiro começou a ser povoado quando o Sargento-mor João Ferreira de Souza (1772-1857) e o Alferes José Gomes dos Santos (1804-?) edificaram uma capela, em 1820, na região onde os tropeiros pousavam, no chamado Caminho Novo da Piedade.

Figura 25 - Teatro São José - São José do Barreiro




Fonte: TIRAPELI, 2014

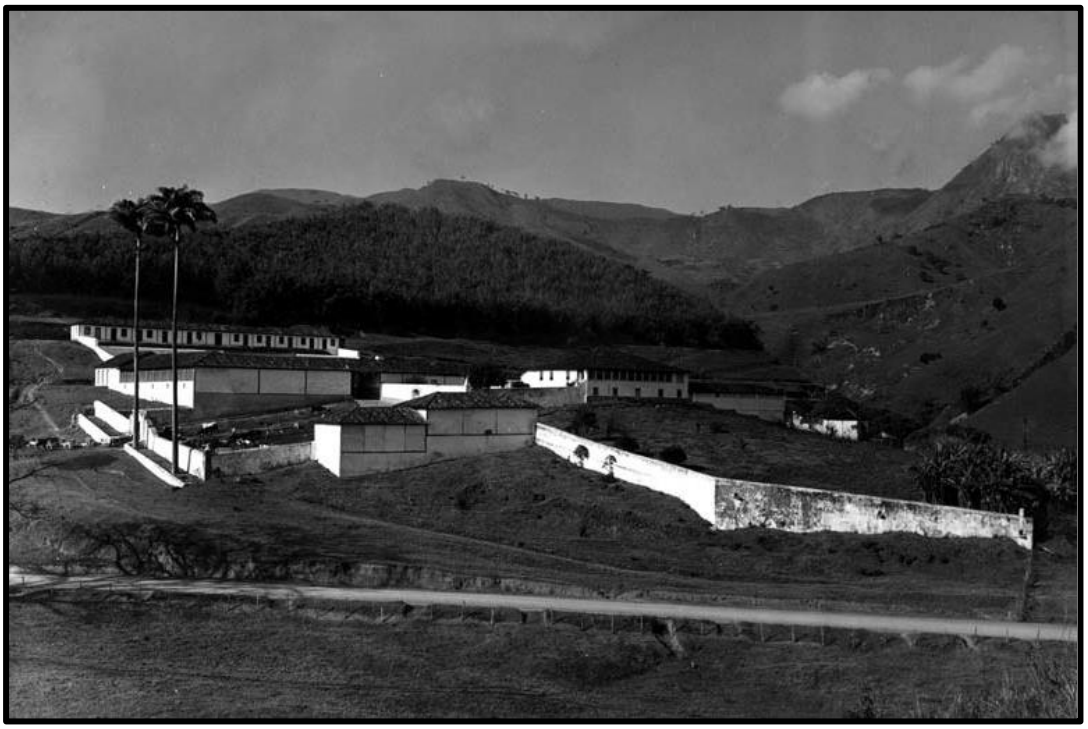
As terras foram destinadas, segundo o pesquisador Saia (1975), ao Sargento-Mor João Ferreira através da sesmaria, uma parte acabou destinada à abertura da fazenda Pau D´Alho e a outra à Fazenda Barreiro, que ficou com a sua irmã, Anacleta Joaquina de Souza (1790-1874) e seu esposo Capitão Fortunato Pereira Leite (1782-1874). Ambas as fazendas foram as maiores produtoras agrárias da região.

> De 1814 a 1818 a situação do café se firmou e a região alcançou uma população de 7.255 habitantes, dobrando a produção de açúcar e de café. Em 1817, Areias passa à vila, [...] com uma produção global de 7.415 arrobas de açúcar e 7.921 arrobas de café. Em 1817 [...] (Areias, Varginha, Barreiro, Feio e Formoso), em 6 bairros, com 568 escravos, 40 agricultores produzem café (1.313 arrobas). [...] na Fazenda Pau D'Alho produz, milho, arroz e 50 barris de aguardente [...]. (SAIA, 1975, p. 593).

O coronel proprietário da Fazenda Pau D´Alho (fig. 26), em 1818, preocupava-se com a produção de agricultura de subsistência que serviria para abastecer a região, enquanto outras fazendas dedicavam-se à produção de açúcar e café.

Como uma das mais prósperas da região, Carrilho (2006 p. 73), nos conta que esta fazenda apresenta um modelo diferente das construídas até então, a edificação é feita em patamares delimitando bem os espaços do pomar, da senzala, do terreiro e a da casa da morada.

Figura 26 - Fazenda Pau d'Alho, São José do Barreiro, SP. Fotografia Germano Graeser.



Fonte: Acervo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

> Diferente, [...] era a senzala da Pau d' Alho, construída em linha reta com diversas portas e janelas e situada numa parte elevada do terreno, tendo o telhado da mesma ficado mais alto que o da própria casa sede. O normal era a construção de senzalas em um plano inferior, com uma porta e sem janelas ou nos porões das referidas casas-sede. (CARLOS, 2016).

Entre os anos de 1818 a 1822, as fazendas conviviam com a produção de açúcar e café, a partir de algumas "amostragens tomadas nos anos de 1825, 1828, 1829, 1835 e 1836 denunciam um notável aumento na produção de café" (SAIA, 1975, p. 596), portanto seria uma questão de tempo, até essas fazendas passarem a investir apenas na produção cafeeira, inclusive a Pau d´Alho.

> [...] Mas já em 1822, João Ferreira de Souza era proprietário de 66 escravos e colheria 400 arrobas de café. É neste contexto que após a passagem de Saint-Hilaire, em abril de 1822, o príncipe D. Pedro

> enceta a viagem a capital paulista que culminaria com o episódio do Ipiranga. Partindo do Rio de Janeiro no dia 14 de agosto de 1822, acompanhado de uma pequena comitiva, D. Pedro chega à Fazenda Pau d' Alho no dia 17, sendo recebido para o jantar pelo proprietário João Ferreira de Souza. No dia seguinte o mesmo João Ferreira e o filho Francisco Ferreira de Souza integram-se a comitiva de honra do futuro imperador na sua jornada até São Paulo. Dessa forma, a Fazenda Pau d' Alho, através de seu dono está relacionada aos acontecimentos políticos e econômicos que propiciaram a emancipação política do Brasil de Portugal. (CARLOS, 2016).

O professor Eddy Carlos continua seu relato sobre a Fazenda Pau d´Alho destacando que, apesar de sua importância econômica e política para a região, ela não ostentava essa riqueza em sua decoração, ao contrário das fazendas em Bananal que apresentavam a sua riqueza no mobiliário, nas pinturas parentais e nos utensílios utilizados.

Em 1833, os proprietários da Fazenda Pau D´Alho fizeram uma doação de "terras para formação do patrimônio" (PREFEITURA SÃO JOSÉ DO BARREIRO, 2017) que conhecemos hoje, a atual igreja Matriz, dedicada a São José e ao povoado de Barreiros, que foi consolidado como freguesia em 1842 e a "Vila criada por Lei Provincial nº 6, de 9 de março de 1859. Desmembrada do Município de Areias ou do Município de Queluz. Cidade por Lei Provincial nº 35, de 10 de março de 1885" (PREFEITURA SÃO JOSÉ DO BARREIRO, 2017).

Após a morte de José Ferreira, a fazenda foi deixada para a sua neta Maria Rosa de Souza e Melo (1853-1882) e seu esposo Comendador Zebedeu Antônio Ayrosa (1815-?). A prosperidade na produção de café fez com que o casal adquirisse mais bens para a casa de morada.

De acordo com Saia:

> Em 1860, Zebedeu Antônio Ayrosa remaneja o arranjo doméstico e manda comprar, no Rio de Janeiro, na firma "Barbosa Castro & Cia/ Armazéns de Moveis Nacionais e Estrangeiros, mobília de mogno, cadeiras americanas de todas as qualidades, rotins de colchões", na rua da Alfândega nª 80, 82 e 85 [...]. (SAIA, 1975, p. 618).

A influência da família Ayrosa pode ser constatada com a escolha do filho do Comendador Zebedeu ao cargo de delegado da freguesia, o Capitão João Antonio Ayrosa (c.1870-1950).

A decadência na produção de café na região, no final do século XIX, afetou profundamente o estilo de vida dos cafeicultores, proporcionando uma mudança significativa na forma de administrar essas fazendas, como foi o caso da Fazenda Pau d´Alho.

Foi esse “tempo de grandes problemas, de grandes conquistas, e de grandes acontecimentos. A estrada de ferro, a abolição da escravatura, a República. A produção da Fazenda Pau D'Alho não andava bem [...].” (SAIA, 1975, p. 620).

A Fazenda Pau d´Alho “em 1968, começa a ser restaurada, quando foi adquirida pela União, através do extinto Instituto Brasileiro do Café” (PATRIMÔNIO). Em 1982, através do processo 22049/82, o edifício foi tombado pelo CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico) e é aberta para visitação mediante agendamento.

### 1.4.1 Outras Fazendas Na Região

#### Fazenda Barra

Vindos de Minas Gerais para trabalhar com a produção de café, o Tenente Francisco Álvares de Magalhães (1795-1851) e sua esposa Porcina Luiza Magalhães (1795-?) pais de Antônio (1820-?), Joaquim (1822-1872), Maria Clementina (1827-1863), João (1804-1858), José (1827-1869) e Leonor (1827-1865), chegaram ao Vale do Paraíba com dois de seus filhos, Roque (1831-1865) e Francisco (1832-1890).

O propósito era construir uma fazenda, mas em 1851 Francisco Álvares veio a falecer, então a missão coube aos seus filhos e à sua viúva que colocaram o plano em prática. Entre os anos de 1851 a 1859 foi construída a Fazenda da Barra, instalada ao lado da Serra da Bocaina.

Sobre as instalações da Fazenda da Barra (fig. 27) os atuais proprietários nos contam:

> [...] uma floresta exuberante (Mata Atlântica - milhões de anos de evolução), com árvores de até 40 metros de altura e água em abundância. Havia também muitas pedras brutas que foram trabalhadas para a construção dos muros de arrimo, fundações e

> colunas das moradias, assim como as edificações de serviço. Os três terreiros de café eram totalmente pavimentados com massa de cal e pedras. O escoamento da água era feito por galerias subterrâneas de pedra. As paredes em volta do porão da frente e as que cercam o jardim interno são feitas totalmente de pedra, com cerca de 60 cm de espessura. As demais paredes dos porões são de adobe, com 20 cm de espessura, e emboçadas com massa de cal. [...] Na estrutura da casa, além das pedras, foram usadas toras de madeira nobre, lavradas muitas vezes à mão e com encaixes perfeitos. As telhas foram feitas manualmente pelos escravos, que usavam fôrmas rústicas as quais, segundo a lenda, seriam as próprias coxas, daí a expressão: "feito nas coxas". O pé direito alto, o grande número de janelas e a presença do jardim interno revelam a preocupação com a iluminação da casa. A presença de vidros do lado externo significava que o proprietário era poderoso, já que o vidro era uma novidade cara, igualmente pode se falar dos adornos do telhado conhecidos na época como eira e beira, daí outra expressão famosa: "sem eira nem beira". (MATTOS, 2013).

Figura 27 - Casa da morada na Fazenda Barra



Fonte: EcoViagem, 2019

Além da estrutura da fazenda, os Álvares Magalhães precisavam formar alianças com outras famílias para ampliar sua influência na freguesia. A solução veio quando o fazendeiro José Celidônio Gomes dos Reis (1803-1862), proprietário da fazenda Formoso aceitou casar suas filhas Maria do Carmo (1840-1866) e Mariana Celidônia (1811-1847) com Roque e Francisco, respectivamente.

Para Mattos (2013), “durante quarenta anos se produziu uma quantidade considerável de café na região, que fez a riqueza de muitas famílias”. Mas, em 1890,

a fazenda entrou em decadência junto com o café, quatro anos depois D. Mariana faleceu. Os herdeiros venderam a fazenda para o Visconde de Laurindo, o herdeiro José de Almeida (1836-1917), filho do Comendador Luciano José de Almeida, de Bananal, o qual já citamos nesta tese.

A fazenda fica em mãos da Família Almeida até 1923 “quando foi levada a leilão e arrematada por Salvador Felício dos Santos, bisavô da atual proprietária” (MATTOS, 2013).

## Fazenda Formoso

A fazenda pertencente a José Celidônio Gomes dos Reis (1803-1862) e à esposa Catarina de Jesus Moreira dos Reis (1835-1893), estava localizada no Caminho da Piedade.

De acordo com Zaluar (2012), em sua visita à região, a Fazenda Formoso tinha um engendrado esquema para o beneficiamento do seu café, trazendo mais agilidade no processo, inclusive com um moinho. “Mas em 1828, a fazenda em 1828 estava produzindo 1.800 arrobas de café, uma quantidade muito abaixo das outras fazendas da região”. (SAIA, 1975 p. 599).

Saia (1975 p. 607) destaca que no inventário da fazenda ainda existia o dormitório para os pretos, tulha[32] para o arroz, um paiol, um galinheiro, uma casa de sobrado e uma casa de morada.

No terreiro da fazenda, pensando na preservação da herança indígena na região, o local também abrigava um moinho para o fubá e panelas e utensílios utilizados por indígenas na produção da sua alimentação.

A Fazenda Formoso não existe mais, em seu lugar, no século XX, foi construído um clube pelo Presidente da República Washington Luiz (1869-1957) e seus 199 sócios, dando origem ao Club dos 200. Inaugurado em 1928, hoje é aberto para qualquer pessoa que queira se hospedar em Formoso, bairro pertencente a São José do Barreiro.

[32] Armazém.

## Fazenda Catadupa

Pertencente ao Capitão Roque Álvares Magalhães (1831-1865), a fazenda (fig. 28) recebeu esse nome por causa de uma dupla cachoeira que aí forma o rio Formoso, fica em parte encostada na fralda da serra da Bocaina, por onde se alastram os seus verdejantes cafezais [...].” (MATTOS, 2013).

Figura 28 - Vista panorâmica da Fazenda Catadupa



Fonte: Sistema Informatizado de Monitoria de RPPN, 2020

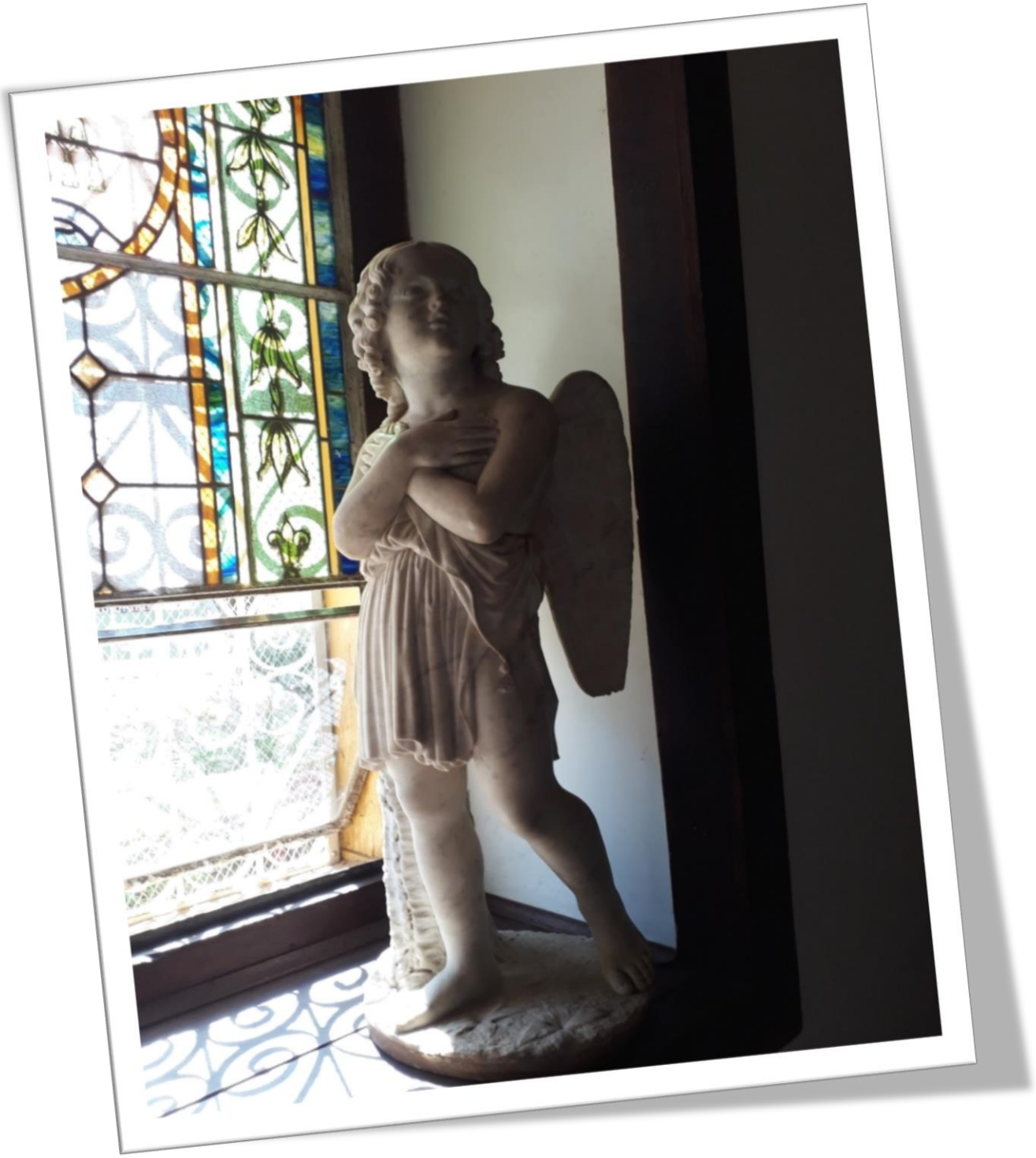
Tanto na Fazenda da Barra quanto na Catadupa, as técnicas utilizadas para o plantio de café acabaram proporcionando o esgotamento do solo e, consequentemente, uma queda na produção.

Enquanto isso, o Oeste Paulista trabalhava com maquinários para auxiliar no beneficiamento do café, “a adoção de máquinas exigia, entretanto, grande investimento de capitais, o que estava acima da capacidade econômica de uma área em via de esgotamento como muitas das regiões do Vale do Paraíba” (COSTA, 2010, p. 226).

Hoje a Fazenda Catadupa é um centro de estudo e pesquisa beneficiado pelo Programa de Incentivo às RPPNs da Mata Atlântica, uma parceria entre a Fundação SOS Mata Atlântica, *The Nature Conservancy* e a Conservação Internacional, a Fazenda Catadupa foi certificada como Reserva Particular do Patrimônio Natural pelo órgão credenciador federal ICMbio[33]. O objetivo é associar práticas conservacionistas e educação ambiental para restabelecer a natureza na região.

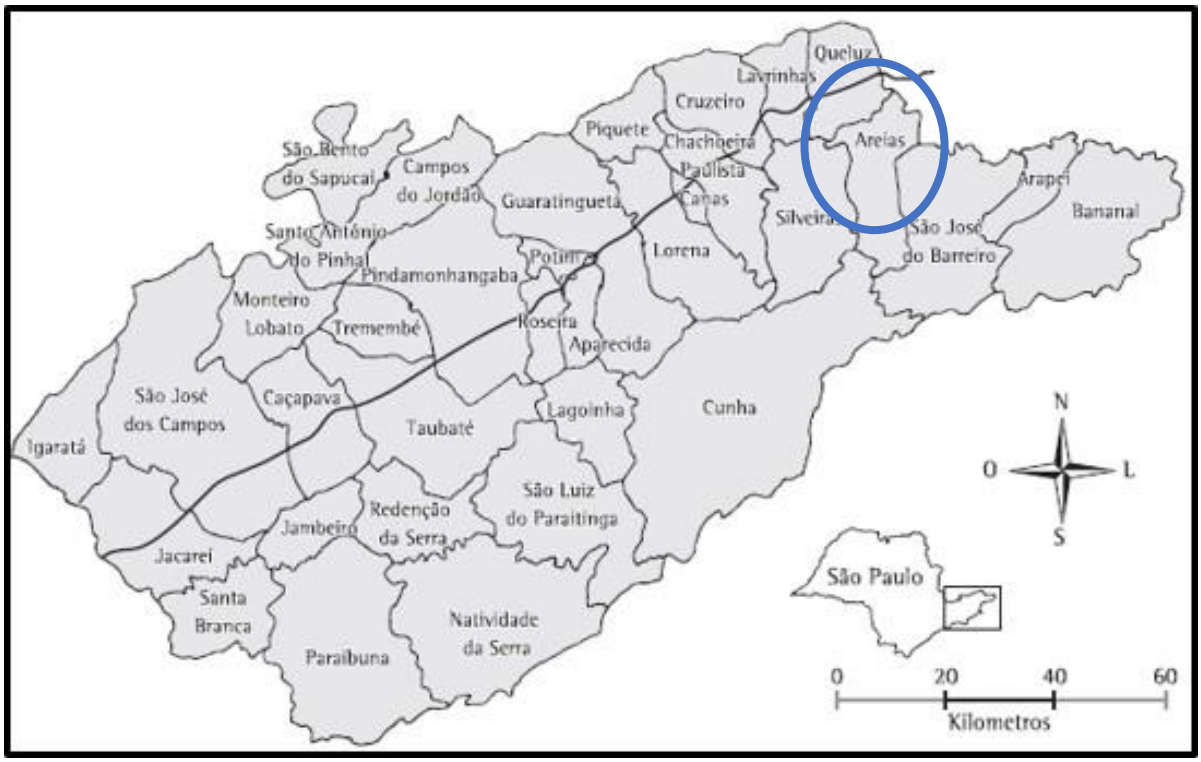
[33] O Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade é uma autarquia em regime especial. Criado dia 28 de agosto de 2007, o ICMBio é vinculado ao Ministério do Meio Ambiente e integra o Sistema Nacional do Meio Ambiente (Sisnama). Cabe ao Instituto executar as ações do Sistema Nacional de Unidades de Conservação, podendo propor, implantar, gerir, proteger, fiscalizar e monitorar as UCs instituídas pela União. Cf. https://www.icmbio.gov.br/portal/oinstituto.

Figura 29 - Alegoria do Anjo- Igreja Matriz Sant´Anna em Areias, SP



## 1.5 AREIAS

Figura 30 - Mapa dos municípios do Vale do Paraíba - Areias




Fonte: MUKAI; ALVES;NASCIMENTO, 2009

> Surgiu como Santana da Paraíba Nova, em 1770. Em 28 de dezembro de 1816, passou à categoria de vila de São Miguel das Areias e à de cidade em 24 de março de 1857. Trata-se da única localidade paulista elevada a município por Dom João VI, adulando por tabela Dom Miguel, filho de Sua Majestade. Por fim, ficou só como Areias. (BIBLIOTECA VIRTUAL, 2019).

Antes da mudança de nome, a cidade de Santana da Paraíba Nova recebeu, em 1801, o título de Distrito de Paz[34]. O local já era conhecido desde o século XVIII como passagem para os tropeiros que saíam de Minas Gerais e São Paulo em direção à cidade de Paraty.

A santa de devoção da cidade sempre foi Sant'Anna, apesar do Rei D. João VI tê-la substituído pelo padroeiro São Miguel. A construção da igreja (fig. 31) começou em 1792, "[...] o término só aconteceu em 1874. Abriga imagens de Sant'Ana,

[34] Distrito de Paz tem o mesmo significado que uma cidade com administração regional.

padroeira da cidade e de São Miguel, feitas em madeira. Foi considerada uma igreja grandiosa para época na região [...].” (PATRIMÔNIO BELGA NO BRASIL, 2011).

Figura 31 - Igreja Matriz Sant´Anna - Areias



Fonte: TIRAPELI, 2014

O sino instalado na igreja servia para anunciar acontecimentos importantes, foi uma doação do Major Manoel da Silva Leme (1794-1876) em 1863, o [...] suntuoso sino importado da Bélgica de um metro e meio de altura, de bronze, estanho, ferro, cobre e ouro que pesa 1.100 kg. (PATRIMÔNIO BELGA NO BRASIL, 2011). O próprio site aponta que, na década de 1970, o sino apresentava rachaduras e em vez de restaurar a peça, ele foi novamente fundido em uma oficina na cidade de Uberaba em Minas Gerais.

Antes do apogeu da cidade de Bananal, a cidade foi grande produtora e exportadora de café na região. De acordo com dados disponibilizados pela prefeitura, no início da produção do café, Areias chegou a produzir 100 mil arrobas do produto, esse ciclo econômico foi de 1830 a 1910.

> Em 1857 foi alçada a Comarca que sediou no prédio erguido no ano de 1833 para abrigar a Câmara de Vereadores e Cadeia, local onde o escritor Monteiro Lobato exerceu o cargo de Promotor Público do ano de 1907 a 1911. O casario colonial da cidade revela sua pujança no século XIX, sendo de grande destaque a antiga Casa da Câmara e Cadeia e atual Casa da Cultura [...] o Hotel Solar Imperial que foi erguido em 1798 pelo Capitão-mor Gabriel Serafim da Silva e em agosto de 1822 serviu de pouso para Dom Pedro I durante a viagem na qual proclamaria a Independência do Brasil e as belas fazendas históricas. (IBGE, 2017).

Conforme o levantamento do pesquisador Moura (1976 p. 129), no 1º Cartório de Queluz continham os maços de população do século XIX, nesta relação é possível identificar os proprietários e suas respectivas fazendas. O Capitão-Mor Gabriel Serafim da Silva, por exemplo, está listado como proprietário da Fazenda Quilombo e da Fazenda Vargem Grande (fig. 32 e 33), construída em 1837, é a única em atividade.

Figura 32 - Terraço da Fazenda Vargem Grande - Areias



Fonte: Fazenda Vargem Grande, 2019

Figura 33 - Casa Grande - Fazenda Vargem Grande



Fonte: Fazenda Vargem Grande, 2019

O Capitão-Mor também foi responsável, em 1798, por erguer o seu solar na cidade. Construído em três pavimentos, serviu como pouso para o Príncipe Regente D. Pedro I e seus acompanhantes durante a fatídica viagem na qual se proclamaria a Independência do Brasil em 1822. “[...] foi palco de uma das últimas festas da monarquia organizada pela Princesa Isabel para comemorar a abolição da escravatura” (PREFEITURA DE AREIAS, 2019) em 1888. Hoje, o solar é conhecido como o Hotel Imperial de Areias ou Hotel Santana (fig. 34).

Figura 34 - Fachada do Hotel Santana - Areias



Fonte: Caminhos da Corte, 2019

### 1.5.1 A Revolução Liberal de 1842 e a Relação com o Vale do Paraíba

O Período Regencial Brasileiro (1831-1840) foi marcado por diversas revoltas[35], afinal o trono estava vago e os regentes não demonstravam controle sobre o território brasileiro. Logo a insatisfação da elite, dos militares e do povo proporcionaram o surgimento desses movimentos populares.

Entre os anos de 1831 a 1840, o Brasil teve quatro regências: Trina Provisória (1831), Trina Permanente (1831-1835), Una de Feijó (1835-1837), Una Araujo Lima (1837-1840) e, junto com elas, grupos políticos que buscavam seu lugar ao sol, como os liberais exaltados que buscavam uma maior autonomia das províncias, os liberais moderados a favor da monarquia, da posse do jovem Príncipe Pedro, mas, a favor da limitação dos poderes reais e os restauradores que defendiam a volta de D. Pedro I ao trono brasileiro.

Foi durante a Regência Trina Permanente que foi criado o Código de Processo Criminal (1832), dando amplos poderes para o Juiz de Paz administrar de forma política e judicial as cidades pelo Brasil. Dois anos depois, foi assinado o Ato Adicional (1834) “porque fez adições e alterações a Constituição de 1824, determinou que o poder Moderador não poderia ser exercido durante a Regência” (FAUSTO, 2007 p. 163). Foram criadas as Assembleias Provinciais que deveriam se organizar quanto às despesas e aos impostos a serem cobrados.

> Uma das atribuições mais importantes dadas as Assembleias Provinciais, foi a de nomear e demitir funcionários públicos. Desse modo, colocava-se nas mãos dos políticos regionais uma arma significativa, tanto para obter votos em troca de favores como para perseguir inimigos. (FAUSTO, 2007 p. 163).

Mesmo com esses ajustes, o Brasil passava por um forte período de instabilidade política, surgem agora dois novos protagonistas: o Partido Conservador

[35] Revolta dos Malês (1835), instaurada em Salvador buscava a libertação e a tomada do poder pelos escravos. Cabanagem (1835-1840), índios, negros e cabanos se uniram no interior do Pará em busca de melhores condições de vida para estes moradores. Sabinada (1837), iniciada na Bahia, era encabeçada pela elite local, militares e comerciantes que buscavam melhores condições de vida na província. Balaiada (1838-1841), começou no Maranhão e foi liderada por artesãos, escravos e quilombolas que buscavam o fim da exploração da mão de obra pela elite e melhores condições de vida. Revolta Farroupilha (1835-1845), os produtores de charque da região do Rio Grande do Sul buscavam valorização do seu produto frente ao charque uruguaio e uma maior autonomia administrativa.

e o Liberal[36]. Nas eleições de 1837, para escolha de um novo regente, foi eleito o conservador Pedro de Araujo Lima. A sua eleição significava um retrocesso no país, "[...] à centralização política e ao esforço da autoridade. Uma das principais leis nesse sentido consistiu em uma *interpretação* do Ato Adicional (18345)" (FAUSTO, 2007 p. 171), retirando boa parte da autonomia dos estados, dentre elas a admissão e demissão dos funcionários públicos.

Na visão dos liberais, o melhor seria antecipar a coroação do Príncipe Pedro para tentar acalmar os ânimos no país. Com dificuldades em administrar os problemas, os conservadores apoiaram a ideia conhecida como o Golpe da Maioridade[37].

Com a ascensão do Príncipe Pedro, os conservadores continuaram com o retrocesso e, em 1841, houve uma reformulação no Código de Processo Criminal e a função do juiz de paz foi substituída pela nomeação de delegados e subdelegados em cada município do país.

De acordo com Carlotti (2015 p. 148), Bernardo Pereira de Vasconcellos (1795-1841) apresenta ao Senado do Império o primeiro projeto de reforma do código na seção de 17 de junho de 1839, mas o projeto somente começa a ser publicamente discutido após o recebimento de pareceres de comissões do Senado, na sessão de 10 de junho de 1840. O questionamento é sobre a atuação dos Juízes de Paz, que vêm atuando muito mais como defensores dos partidos políticos em vez de atuarem como autoridades nas cidades.

> O projeto previa que as competências que eram antes dos juízes de paz seriam, a partir de então, exercidas por delegados e chefes de polícia indicados pelo poder central. A discussão sobre as competências desses juízes se torna uma discussão sobre a administração da Justiça. (CARLOTTI, 2015 p.150).

[36] Os Conservadores eram divididos entre parte dos liberais moderados e restauradores, também ficaram conhecidos com a alcunha de regressistas. Os Liberais eram divididos entre parte dos Liberais moderados e os exaltados, eram os progressistas.
[37] O príncipe Pedro teve sua maioridade antecipada, sendo coroado aos quatorze anos.

Com o projeto aprovado, uma onda de insatisfação tomou conta principalmente em duas províncias, Minas Gerais, representada pelo liberal Teófilo Otoni (1807-1869) e São Paulo, pelo Padre Feijó (1784-1843) e Campos Vergueiro (1778-1859).

No Vale do Paraíba, a primeira cidade a se rebelar pelas ações conservadoras foi Lorena, em 30 de maio de 1842, todas as cidades do chamado Vale Histórico foram "[...] incorporadas ao avanço rebelde, interrompendo a comunicação entre a 1º Comarca e a Corte [...]" (HÖRNER, 2010 p.161), uma forma dos liberais manterem seu domínio político nessas cidades.

Para o governo era importante manter as cidades mais prósperas do Império sobre controle, para isso instituiu que "[...] desde o dia 18 de junho os municípios de Cunha, Bananal, Areias, Queluz, Silveiras, Lorena e Guaratinguetá anteriormente pertencentes a São Paulo, faziam parte da província fluminense [...]." (HÖRNER, 2010 p. 265).

A região presenciou essa revolução de perto. Areias foi descrita como "[...] aquela vila em que mais se combateu após Silveiras" (ALMEIDA, 1944, p.138). Seus moradores aguerridos lutaram para manter os ideais liberais na região, de acordo com Horner (2010 p. 175), a cidade foi invadida em 24 de junho pelas tropas legalistas lideradas pelo Coronel Pedro de Moraes, deixando do lado rebelde cinquenta mortes, infelizmente a cidade não conseguiu resistir à investida.

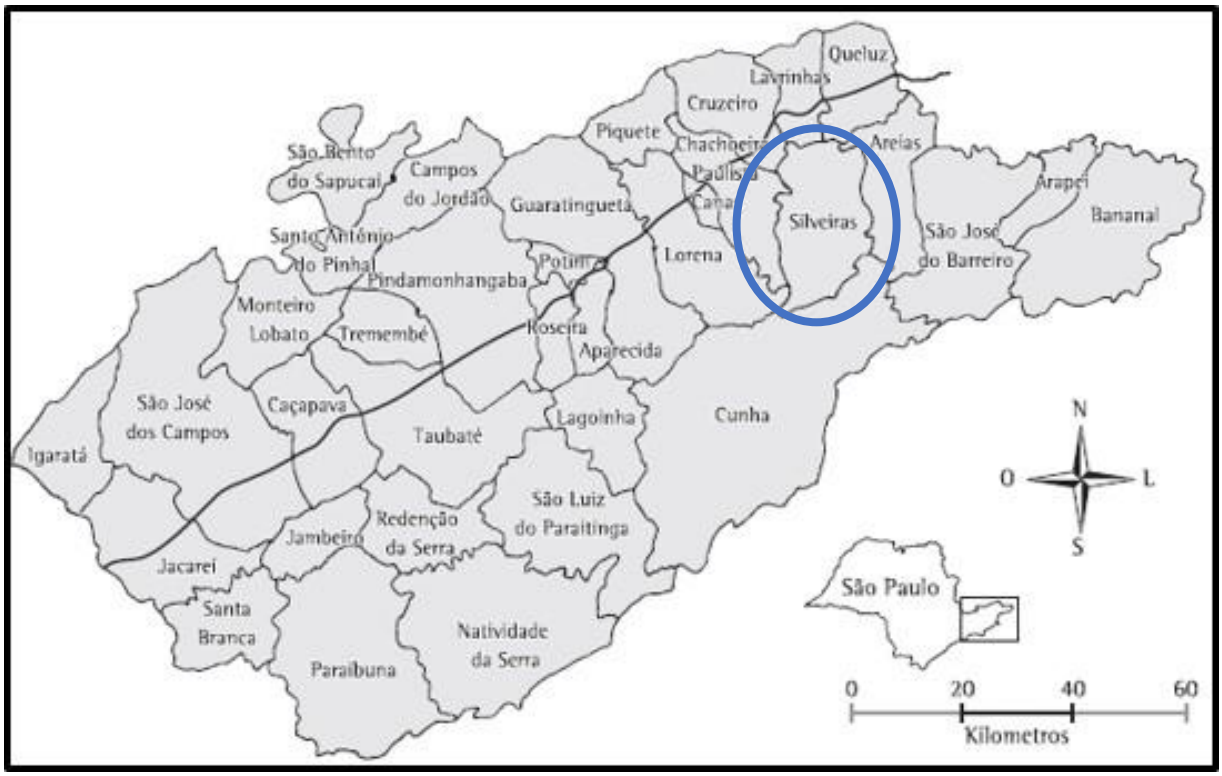
Durante as pesquisas, notou-se que a documentação do período é escassa, acredite, a prefeitura da cidade não soube informar a data de criação do seu cemitério. Alguns documentos como os testamentos e investigação de crimes por defloramento, posse de terras entre outros seguem sobre a salvaguarda do Museu Major Novaes, mas, o que terá acontecido aos demais documentos?

Figura 35 - Túmulo de D. Maria São Bento de Abreu -
Capela do Cemitério Municipal em Silveiras, SP



## 1.6 SILVEIRAS

Figura 36 - Mapa dos municípios do Vale do Paraíba - Silveiras




Fonte: MUKAI; ALVES;NASCIMENTO, 2009

O município de Silveiras está localizado entre os rios Paraíba e Paraitinga, seu povoamento teve início quando o local se tornou “pouso para tropeiros à beira da Estrada da Corte, conhecido como Pouso do Ventura” (IBGE, 2017), administrado pelo casal Ventura José de Abreu e Marta Rodrigues de Miranda.

Nós já vimos que esta região pertencia a Guaratinguetá, com o incentivo para abrir o Caminho Novo entre São Paulo e Rio de Janeiro, aqueles que se aventurassem nesse novo trajeto seriam recompensados com sesmarias, “cabendo aos sesmeiros a constante obrigação de preservar o caminho [...] ficavam isentos da prestação do serviço militar [...] anistias condicionais - concedidas a condenados que se comprometessem a habitar ao longo do caminho”. (SÁ, 2014, p. 28).

Lembrando que a cidade de Silveiras tornou-se um centro de serviços e o celeiro regional do Vale do Paraíba. Como o “direito sobre a terra adivinha da fixação, Portugal garantia a gleba para quem a fizesse produzir” (SÁ, 2014, p. 29), portanto, era imperativo fazer com que esse território fosse produtivo.

Mas a cidade ganhou notoridade pela sua participação na Revolução Liberal[38] de 1842 e sua forte resistência contra os soldados leais ao Império, liderados pelo Barão de Caxias, Luis Alves de Lima e Silva (1801-1880).

Silveiras resistiu bravamente aos ataque das tropas, mas ao final, se rendeu e como punição a cidade foi saqueada e queimada - o que explica mais ausência de documentos do período - e 56 chefes de famílias foram executados para servir como exemplo. Essa informação consta em fontes bibliográficas da cidade e da revolta e os moradores do local fazem questão de contar essa história.

Esse sobrado (fig. 37) já foi a Casa Paroquial da cidade e foi testemunha ocular da Revolução de 1842. Foi nele que o capitão e subdelegado da cidade, Manoel José da Silveira (1794-1842), ligado ao Partido Conservador, foi assassinado por Anacleto Ferreira Pinto (1782-1857)[39]. “Este assassinato rendeu ao Tenente Anacleto não só por cabeça de rebelião como também por crime comum assim como a outros dez indivíduos de Silveiras (HÖRNER, 2010 p. 161)”.

Figura 37 - Casa Paroquial - Silveiras




Fonte: MAIA, 1988

[38] A imprensa teve grande destaque nesse período servindo enquanto porta voz dos debates políticos. [...] Através dela podemos observar quais foram as principais questões que se desenrolaram no período, estas culminaram no conflito armado, conhecido como Revolução Liberal de 1842, ocorridas nas províncias de São Paulo e Minas Gerais. Cf. SILVA, Roberta Félix da. Revoltas liberais no início do Segundo Reinado: Francisco de Salles Torres Homem imprensa e política.

[39] Tenente Anacleto Ferreira Pinto invadiu Silveiras com 400 homens, o subdelegado Capitão Manoel José da Silveira tentou resistir ao ataque rebelde e se refugiou em seu sobrado. Apesar de ter negociado sua rendição, o Tenente Anacleto assassinou o subdelegado e o seu corpo foi arrastado pela cidade. Cf. HÖRNER, 2010 p.161

> A 13 de junho a coluna legalista de Cel. Manoel Antonio da Silva travou combate com 500 homens do Tenente Anacleto Ferreira Pinto na cidade de Silveiras, ficando 8 mortos da tropa do coronel e entre 40 e 50 do lado rebelde. (HÖRNER, 2010 p. 175).

Com o fim do conflito, os soldados da linha de frente e da guarda nacional foram autorizados a saquear e destruir a cidade de Silveiras. Fato esse confirmado pela funcionária Rose na Biblioteca Municipal da cidade, ela nos contou que essa ação resultou na destruição de documentos nos cartórios e na igreja matriz da cidade.

Para o professor Eddy Carlos (2014), essa instabilidade política, atrapalhou o desenvolvimento do local, a Freguesia dos Silveiras foi elevada à condição de Vila pela Lei Provincial nº 12, datada de 28 de fevereiro de 1842, mas ela só conseguiu receber esse título em 1844.

> A cidade de Silveiras, surgiu em decorrência de uma política administrativa centralizadora do final do século XVIII. Ela previu reunir as populações dispersas pelos campos em núcleos urbanos, melhor localizados, facilitando o controle da administração pública. Daí a razão de bairros mais antigos como o do Paiol, Bocaina, Itagaçaba, Estiva, terem sido preteridos por um novo núcleo, mais espaçoso, capaz de ser um centro administrativo de vasta área geográfica: o Rancho do Silveiras. (TOLEDO, 1988 p. 116).

Conforme veremos a seguir, acredita-se que a cidade fora planejada, “[...] como praticamente todas as vilas do período, apresentavam ruas de aspecto uniforme, com residências construídas sobre o alinhamento das vias públicas e paredes laterais sobre os limites dos terrenos [...]”. (SÁ, 2014, p.63). Lembrando uma “arquitetura portuguesa”.

### 1.6.1 As Primeiras Famílias Instaladas na Região

#### Família Mota

O curitibano Manoel Rodrigues da Mota (1731-?) era um explorador, veio de Guaratinguetá para a região do vale em busca de terras e um local para se assentar. Reivindicou a colina dos macacos para a criação de gado e depois para a produção de trigo. O Rancho das Pitas, como ficou conhecido, demonstrou que era um local produtivo e assim teve a sesmaria assinada pelo Rei D. José de Portugal e Algarves

em 1765, porém o documento só chegou às mãos proprietário do rancho oito anos depois.

> A sesmaria dos Macacos era de Manoel Rodrigues da Mota, paranaense de nascimento, era viúvo quando se casou com Rosa Maria do Amaral. Esta senhora casou-se duas vezes: a primeira com Manoel Rodrigues da Mota, a segunda com Antonio Ferreira Pinto. Do segundo matrimônio teve, além de outros, um filho que se chamou Anacleto Ferreira Pinto - um dos chefes da Revolução Liberal de 1842. (COLINA DOS MACACOS, 2010).

Sobre a filiação do Tenente Anacleto Ferreira Pinto com Manoel Rodrigues da Mota, não foi possível a sua confirmação. Existem outras fontes que apontam que ele nasceu no Rio de Janeiro, em 1792.

O que não devemos esquecer é que, no entorno desses ranchos, acabaram se formando os povoados, portanto a Colina dos Macacos é considerado o primeiro povoado da região. Hoje o bairro da Colina faz parte do município de Silveiras.

## Família Ferreira Pinto

Conforme alguns documentos apontam, Anacleto Ferreira Pinto (1782-1857), migrou para a cidade de Silveiras para montar uma fazenda para a produção de café, em 1842 era o juiz de paz na cidade, quando se envolveu com a política local.

A pesquisadora Olga de Sá, (2014, p. 20) aponta que o tenente Anacleto Ferreira Pinto nasceu em 1792, na cidade do Rio de Janeiro e além de fazendeiro foi um dos líderes da Revolução Liberal de 1842, conseguindo formar um exército de 600 homens armados para lutar contra o exército do governo. Comandou a última resistência em defesa de Silveiras, quando o então Barão de Caxias atacou a cidade.

> A revolução deixou marcas profundas na vida local. Não se pode falar em Silveira sem tocar nesse episódio. A população ficou aterrorizada, profundamente abalada com as mortes, a repressão e os saques [...]. Em 14-03-1844 veio a anistia aos revoltosos a 07-09-1844 realizou-se a primeira eleição em Silveiras para os membros da Câmara Municipal. O resultado das eleições apresentou como mais votado Anacleto Ferreira Pinto com 248 votos entre os sete eleitos quatro dos quais eram reconhecidamente liberais. (TOLEDO, 1988, p.114).

Em 1846, o Tenente Anacleto e outros revoltosos foram perdoados e condecorados com a Comenda da Ordem Cavaleiro da Ordem de Cristo.

## Família Silveiras Guimarães

A história dessa família começa com Antonio da Silva Guimarães (?- 1746), que partiu em 1726 para a região, mas faleceu antes de tomar posse das terras que havia recebido como parte de seu trabalho na abertura do Caminho Novo da Piedade. “Maria Mota Rego (viúva) também se colocou por esse caminho com os filhos, genros e noras. [...] Antes de iniciar a caminhada, enviou filhos mais velhos para que escolhessem o melhor lugar dentro da sesmaria que lhe caberia [...].” (SÁ, 2014, p. 29).

De acordo com Costa (2014), Maria Mota (1716-?) era filha do Tenente-Coronel Balthazar do Rego Barbosa (1690-1767) e de Bernarda Rodrigues do Prado (1695-1767), descendentes do bandeirante Diogo Barbosa do Rego e do fidalgo Dom João do Prado (1510-1597).

> Acredita-se que Silveiras tenha sido projetada por um engenheiro que se hospedara no Rancho de Maria Mota: as praças e algumas ruas apresentam as mesmas medidas. Família agruparam-se, formando um arraial, o que viabilizou um centro habitacional de comércio. (SÁ, 2014, p. 31).

O Rancho dos Silveiras Guimarães, protegido pelas montanhas e em uma posição privilegiada, ajudou o rancho a se tornar o centro da região e posteriormente a cidade de Silveiras.

## Família Buenos da Cunha

Os Buenos da Cunha chegaram à região hoje conhecida como Itagaçaba, “consta que era maior e bem mais arrumado do que o [rancho] dos Silveiras, tanto que em 1791 ele é citado na Carta Imperial” (SÁ, 2014, p.20), mas ele não se desenvolveu como o rancho dos Silveiras.

Hoje, essa região, transformada em um bairro, pertente à cidade de Cruzeiro, distante aproximadamente 23 quilômetros do centro de Silveiras.

## Família Bittencourt

Vieram para a região no mesmo período que os Silveiras Guimarães. Ângelo José Bittencourt (1721-?) era filho de Maria Mota, a matriarca da família dos Silveiras Guimarães, com o seu segundo esposo, Manoel José Bittencourt (1701-?). “Ele era um dos soldados da Companhia de Pindamonhangaba que ganharam dispensa das fileiras com o objetivo de sacrificar-se na loucura de lutar contra a floresta que impedia a abertura do Caminho Novo.” (SÁ, 2014, p. 20).

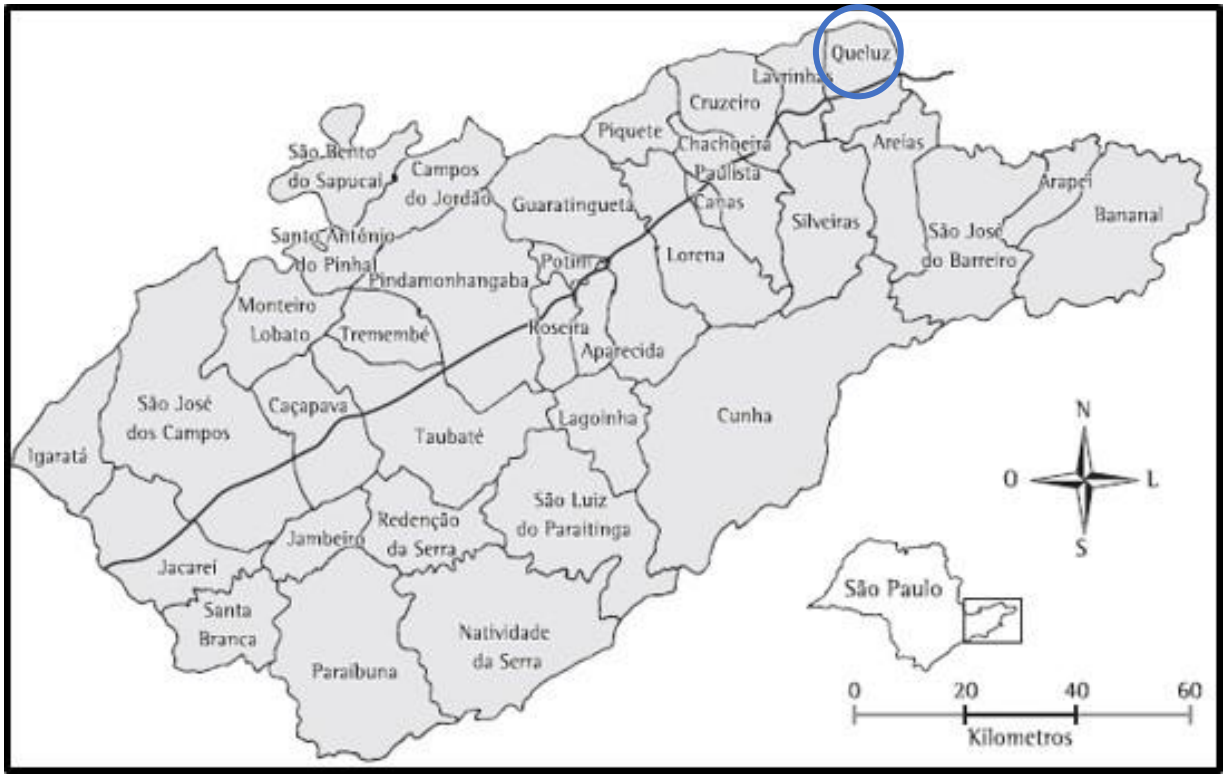
Assim como Estevam da Silva, companheiro de armas de Bittencourt, deixou a Companhia de Pindamonhangaba para se aventurar na ocupação da dessa região.

Figura 38 - Paróquia São José em Queluz, SP



## 1.7 QUELUZ

Figura 39 - Mapa dos municípios do Vale do Paraíba - Queluz




Fonte: MUKAI; ALVES;NASCIMENTO, 2009

Batizada com o nome de Aldeia de São João Batista de Queluz (IBGE, 2017), em 1801, para homenagear o local de nascimento D. João VI e de D. Pedro I, o local originalmente abrigava a aldeia de índios Puris. O então governador da capitania de São Paulo (1792-1802), Capitão-General Antonio Manuel de Melo e Castro Mendonça (1760-1812), determinou que o Capitão-Mor da Vila de Lorena, Domingos Gonçalves Leal, conquistasse os Puris.

> O aludido capitão lorenense para esse fim embrenhou-se pelo sertão e aprisionou sete puri que foram enviados ao Governador de São Paulo [...]. Fez, em seguida, nova entrada aprisionando dez indígenas que foram transportados para a outra margem do Paraíba [...]. Entre os prisioneiros da gente de Lorena encontrava-se um velho sagaz de nome Vuti que foi logo apelidado [...] de Mongo. (REIS, 1965, p.130).

De acordo com Ribeiro (2009), o padre Francisco das Chagas Lima (1757-?), Mongo traria os outros índios se houvesse a promessa de não os machucar. E foi de fato o que aconteceu, os índios foram assentados nas “terras de Antonio José de Carvalho, latifúndio que se iniciava na margem esquerda do (rio) Paraíba [...] destinadas por Carta de Sesmaria [...] para lavoura indígena e [...] patrimônio para a Igreja de São João de Queluz” (REIS, 1965, p.132).

Figura 40 - Igreja Matriz São José de Queluz



De acordo com Reis (1965, p. 133), o antigo proprietário recebeu uma indenização pela perda de suas terras, o governador da província concedeu uma Carta de Sesmaria para ser utilizada em qualquer distrito da Vila de Lorena.

Para os índios foi concedida uma Carta de Sesmaria para fundar uma aldeia capaz de abrigar 86 indivíduos da mesma etnia. A administração ficou com Januário Nunes da Silva, responsável pela urbanização do local enquanto o Pe. Francisco Chagas ficou responsável pela catequização dos gentios[40] e pela construção da sua capela (fig. 40).

[40] Aquele que não professa a fé cristã.

A aldeia foi fundada em 12 de dezembro de 1801, tornando-se freguesia de Lorena em 02 de março do ano seguinte, sendo conhecida como São João Batista de Queluz. Em 1816, com o desmembramento de terra em Lorena, a cidade passa a ser freguesia da cidade de Areias, conseguindo sua emancipação em 4 de março de 1842.

A cidade de Queluz também se dedicou à produção de café, como as outras cidades da região. Uma das fazendas mais prósperas, a Restauração, “foi construída em pleno ciclo do café” (MAIA,1988 p. 36) pelo Coronel Teodoro Carlos da Silva (?-1865).

A pesquisadora Leila Vilela Alegrio (2014), aponta que não é possível precisar o início da vida de Teodoro e o estabelecimento da fazenda da Restauração na cidade de Queluz, em seu testamento e inventário *post-mortem* constam poucas informações, mas sabemos que além de proprietário da Fazenda Restauração ele possuía alguns bens em Minas Gerais.

Ainda de acordo com artigo para a Revista do Café (ALEGRIO, 2014), a propriedade tinha uma área de 216 alqueires de terras, 130 mil pés de café e 78 escravos, como ele não era casado e não deixou filhos, os herdeiros foram seus irmãos. A partir desse ponto fica difícil identificar quantas famílias passaram pela fazenda.

### 1.7.1 Queluz e a Revolução de 1932

Após a vitória da Revolução de 1930[41], “o governo provisório tratava de se firmar, em meio às incertezas. A crise mundial trazia como consequência uma produção agrícola sem mercado, a ruína de fazendeiro, o desemprego nas cidades”. (FAUSTO, 2007, p. 332). Getúlio Vargas tentava controlar as elites rurais.

Em São Paulo, a oligarquia cafeeira buscava ter seu espaço dentro do governo provisório, mas o governo federal preferiu ignorar os anseios dessa elite. O governo acabou “nomeando [como] interventor o tenente João Alberto. Por essa época cresceu

[41] Getúlio Vargas (1882-1954) impediu a posse do presidente eleito, o paulista Julio Prestes (1882-1946). A revolução propunha uma reformulação no sistema político do Brasil, que permitiria que todos os estados fossem representados pelo governo, não só a oligarquia do Café com Leite.

o preconceito contra os nordestinos [...] o próprio João Alberto era pernambucano [...].” (FAUSTO, 2007, p. 342). As pressões fizeram com que o interventor pedisse demissão, até 1932 três interventores tentaram administrar São Paulo[42], mas sem sucesso.

A revolução teve o seu início no dia 9 de julho, após a morte de quatro jovens manifestantes, Martins, Miragaia, Drausio e Camargo, que foram alvejados com tiros vindos da sede de um jornal tenentista na cidade de São Paulo.

> Apesar do desiquilíbrio de forças, a luta durou quase três meses. O ataque sobre o território paulista foi lançado a partir do sul do estado, da fronteira com Minas Gerais e do Vale do Paraíba [...]. Os mineiros ocuparam Jundiaí e Itu e, no Vale do Paraíba, as tropas federais ganharam terra, entre marchas e contramarchas. (FAUSTO, 2007, p. 350).

Queluz foi o palco da resistência, os soldados constitucionalistas, buscando defender o território paulista, explodiram a ponte do Salto, região fronteiriça com os estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Figura 41 - Ponto do Rio Salto - Queluz




Fonte: Biblioteca Municipal de Queluz

[42] Várias tentativas ocorreram para apaziguar a situação em São Paulo, inclusive com a escolha do interventor paulista Pedro de Toledo. O fato é que a elite paulistana queria ter vantagens dentro deste novo governo, como acontecia durante a República do Café com Leite.

Figura 42 - Ponte do Rio do Salto hoje



Fonte: Desenterrando a História, 2019

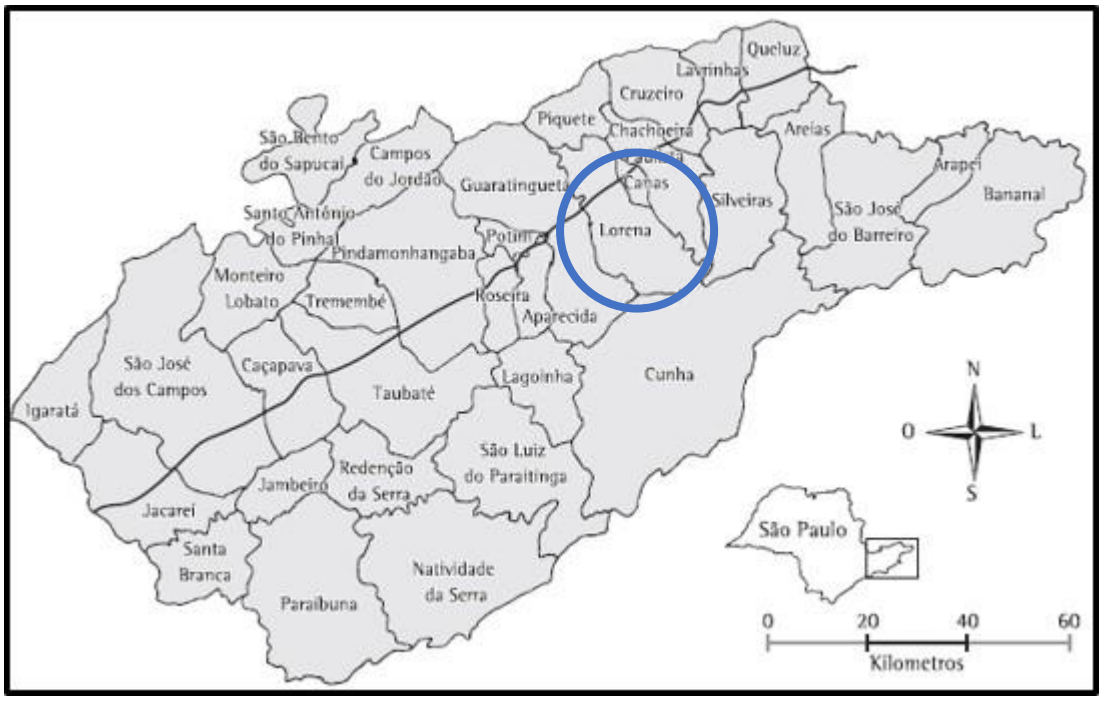
Eduardo Fabiano (2010) nos conta que a região tinha uma localização privilegiada, no local também existia uma estação ferroviária de embarque, chamada “Parada de Engenheiro Bianor”. Mas, na década de 1960 foi construída a Usina Hidrelétrica do Funil em Resende, o que levou os habitantes do local a migrarem para Queluz ou para Resende. Em períodos de estiagem a ponte fica visível, bem como o antigo vilarejo.

Figura 43 - Palacete Veneziano (1919) em Lorena



## 1.8 LORENA

Figura 44 - Mapa dos municípios do Vale do Paraíba - Lorena




Fonte: MUKAI; ALVES;NASCIMENTO, 2009

> A fixação dos primeiros povoadores ocorreu em função da travessia do rio Paraíba pelos bandeirantes e viajantes que demandavam a Minas Gerais, onde foi instalado um primitivo Porto, denominado Guaypacaré[43]. Os documentos mais antigos indicam que a povoação surgiu no fim do século XVII, provavelmente em 1695, junto ao Porto, com as roças de Bento Rodrigues Caldeira, João de Almeida e Pedro da Costa Colaço. (IBGE, 2017).

O local acabou se estabelecendo como centro de abastecimento para a região das Minas Gerais “a dinâmica comercial [...] (com) o Vale do Paraíba já estava estabelecido por intermédio do comércio para abastecimento, transporte de mercadorias e ouro” (FAGUNDES, 2010), portanto, a colonização desta região também foi através das sesmarias.

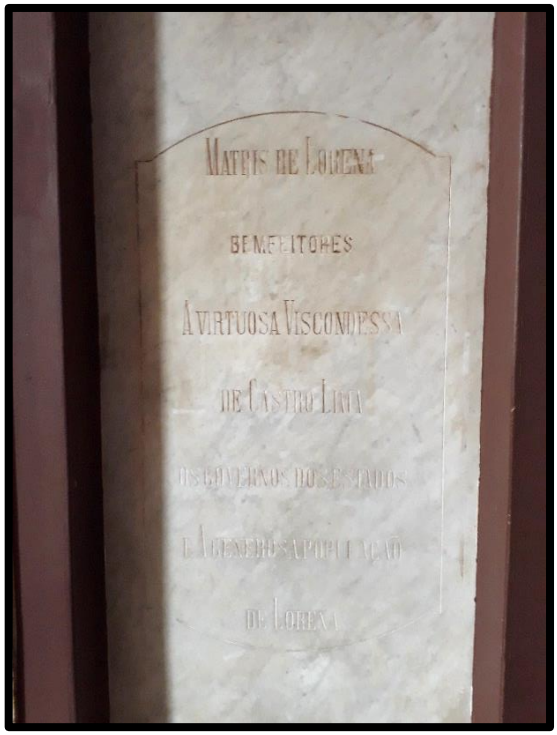
Conhecida como Sertão de Guaratinguetá, a cidade recebeu o nome de Lorena, em homenagem ao administrador da Capitania de São Paulo (1788-1797), General Bernardo José de Lorena (1756-1818), que elevou a freguesia em Vila “em 14 de novembro de 1788, [...] nesta data também foi levantado o pelourinho e eleita a

[43] Palavra de origem indígena que significa “braço de lagoa torta.

primeira Câmara de Vereadores. A Vila foi elevada oficialmente a Cidade de Lorena pela Lei Provincial de 24 de abril de 1856” (PREFEITURA DE LORENA, 2016).

Alguns relatos coletados pela Rosangela Malerba, responsável pela Biblioteca Municipal Sérvulo Gonçalves, apontam que Pedro da Costa Colaço trouxe consigo da região das Minas Gerais uma imagem da Nossa Senhora da Piedade, a imagem passou a ser a santa de devoção do povoado. “Em 1705 estes roceiros construíram, por meio de doações, a Capela de Nossa Senhora da Piedade [...]” (IBGE, 2017), o local tornou-se ponto de parada dos viajantes que pediam proteção à santa.

Figura 45 - Placa de agradecimento na Igreja Matriz da Piedade



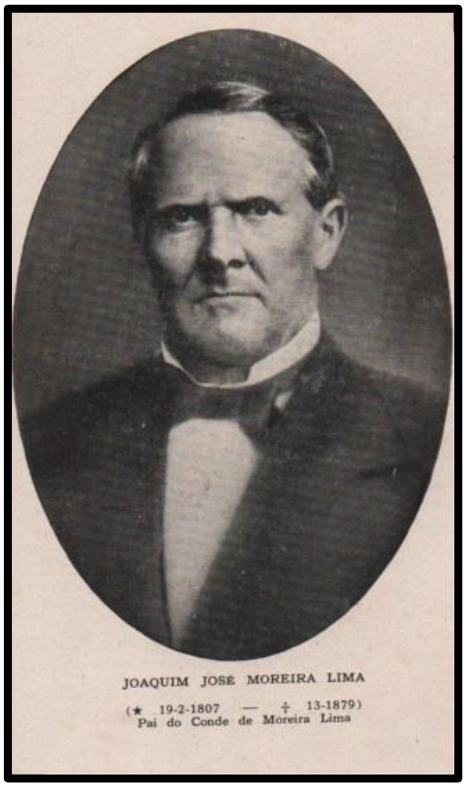

No segundo quartel do século XIX, a capela passa por uma reforma, o intuito é a sua transformação em Matriz. Sabe-se que a elite local e a população contribuíram para a obra, mas a sua maior benfeitora foi a Viscondessa de Castro e Lima − Carlota Leopoldina Castro e Lima (1808-1882). A obra foi encomendada ao engenheiro Ramos de Azevedo (1851-1928), a ideia era começar as obras após a visita de D. Pedro II à cidade (1886). A Igreja Matriz foi oficialmente inaugurada em 1890.

A cidade de Lorena foi uma das cidades mais prósperas, na visão de Zaluar (1975, p. 3), quando você adentra a cidade enxerga as ruas alinhadas, soberbos e elegantes prédios, abundantes lojas e um centro bem movimentado. A “aristocracia, (era) representada pelo Conde de Moreira Lima, Barão de Bocaina, Viscondessa de Castro Lima e Barão de Santa Eulália, entre outros [...] (IBGE, 2017). Todos com títulos nobiliárquicos oferecidos pela coroa brasileira, conheçamos um pouco mais destas famílias.

### 1.8.1 Os Título Nobiliárquicos de Lorena

## Família Moreira Lima

Figura 46 - Joaquim José Moreira Lima




Instalam-se na vila, no primeiro quartel do século XIX, o comerciante Joaquim José Moreira Lima (1807-1879) − filho dos portugueses Matheus Dias de Oliveira e Ana Moreira - e sua esposa Carlota Leopoldina Castro e Lima − filha do Capitão de Ordenança em São Luiz do Paraitinga Manoel Pereira Castro e Anna Maria Domingues Salgueiro (1753-?) −, juntos tiveram onze filhos.

Com a sua morte em 1879, o Imperador D. Pedro II concedeu, em 16 de agosto de 1879, em “reconhecimento aos seus elevados dotes de coração e bondade” (RODRIGUES, 1940, p. 57), o título de 1º Visconde de Castro e Lima.

Fonte: Geni, 2019

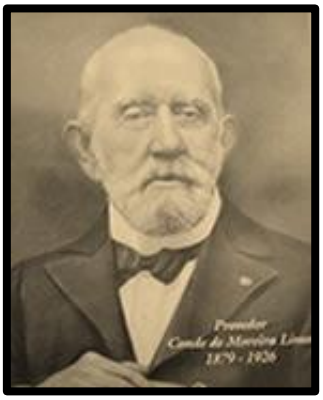
Figura 47 - Solar da Família Moreira Lima



A construção do solar (fig.47) teve início em 1852, o historiador lorenense José Geraldo Evangelista (1963, p. 431) aponta que ela foi a construção mais rica e mais sólida, não só de Lorena, mas de todo o Vale do Paraíba. Sua construção determinou um realinhamento da rua para que o solar fosse erguido, isso atrasou o término das obras em dois anos.

Hilda Marucco (2018) conta-nos que o solar ficou em posse da família até a morte do Conde Moreira Lima, quando o imóvel foi doado à Santa Casa de Misericórdia de Lorena. A construção assobradada e em estilo eclético foi construída em taipa de pilão e traz acabamentos utilizados em construções coloniais. Seu tombamento foi finalizado em 1975 pelo CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Arqueológico, Artístico e Turismo) do Estado de São Paulo.

Figura 48 - Conde Moreira Lima




Filho de Joaquim José Moreira Lima e Carlota Leopoldina Castro e Lima, Joaquim José Moreira Lima (1842-1926) casou-se com sua sobrinha, a jovem Risoleta de Castro Lima (1861-1885), filha de seu irmão Antonio Moreira.

Em Bananal, os casamentos consanguíneos eram inevitáveis, principalmente se a família procurava manter o seu patrimônio sem interferência externa.

Fonte: Geni, 2019

Grande parte da elite cafeeira do Vale do Paraíba cedeu filhos para servirem na Guarda de Honra, e Joaquim Moreira Lima não foi exceção. Ele foi Alferes e Secretário do Batalhão da Guarda Nacional, sendo promovido a Major Ajudante de Ordens pelos bons serviços prestados.

Em 1867, foi um dos fundadores da Santa Casa de Misericórdia de Lorena, “[...] dedicou-se às obras da Santa Casa, até falecer, quando então a instituição passou a ser administrada pelas Irmãs Salesianas de Lorena. (SANTA CASA, 2017).

Além de produtor de café, foi um dos fundadores do Engenho Central[44]. Junto com seu cunhado José Vicente de Azevedo, incentivava a criação de núcleos agrícolas na região. “Para Lorena, foi um grande benemérito, talvez o maior de seu tempo, amparando e auxiliando todas as obras e iniciativas de caridade, instrução e educação na sua terra natal” (RODRIGUES, 1940, p. 71).

Pelo seu trabalho prestado à sociedade, D. Pedro II o agraciou em 1883 com o título de Barão de Moreira Lima e no ano seguinte elevou seu título para Conde de Moreira Lima.

## Família Castro Lima

Figura 49 - Barão de Castro e Lima




Outro membro da Família Moreira Lima, Antonio Moreira Castro e Lima (1828-1896), era o pai de Risoleta Castro e Lima. Ela foi esposa de seu tio, irmão de seu pai, o Conde de Moreira Lima.

De acordo com Gama Rodrigues (1940, p. 61), Antonio Moreira foi Tenente Chefe do Estado maior e depois Comandante Superior da Guarda Nacional de Lorena. Ligado ao Partido Liberal, foi vereador pela cidade e vice-presidente da província de São Paulo quando do afastamento do General Couto Magalhães.

Fonte: Geni, 2019

Casou-se com Leduína Gomes da Conceição Leitão (1841-1878), filha do Alferes João da Costa Gomes Leitão (1808-1879) e Dinah Maria Conceição

[44] Beneficiamento de cana de açúcar plantada na antiga Fazenda Canas, que foi desapropriada e doada para os primeiros imigrantes italiano a chegarem na região em 1887. Os imigrantes assinavam um contrato por cada lote de terra doada (na época o valor destes lotes girava em torno de 400.000 mil réis cada um), sendo estipulado um prazo de quatro anos para que a dívida fosse quitada. Com o integral cumprimento do contrato e seu término, os imigrantes adquiriam o direito de plantarem o que quisessem. Cf. IBGE, 2017.

(1772/1842-?), fazendeiro importante na região de Jacareí e seu sócio na implantação da Estrada de Ferro São Paulo - Rio de Janeiro, que tinha por objetivo ligar a linha São Paulo Railway até o entroncamento da Estrada D. Pedro II na região de Cachoeira Paulista.

## Família Azevedo

Outra família importante em Lorena foi a do Comendador José Vicente de Azevedo (1799-1844). Franceschini (1996, p. 23) nos conta que o Comendador também fez parte da Guarda de Honra do Imperador, foi nomeado Oficial da Ordem do Hábito de Cristo[45] e depois recebeu o título de Cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa[46]. Esteve na comitiva de D. Pedro I em sua viagem a São Paulo.

Contraiu núpcias com a jovem Maria Pereira da Guia (1798-1864), "[...]adquiriu posição social de relevo pela atividade não só no comércio e na lavoura, como ainda na política. Foi escolhido Juiz de Paz Municipal e Delegado Suplente de Lorena" (FRANCESCHINI, 1996 p. 26).

Esteve à frente do Partido Conservador de Lorena durante a Revolução Liberal (1842), abandona sua casa com a família para se refugiar na casa de seu sogro, o Capitão-mor Manuel Pereira de Castro (1777-1846).

> A mesma fazenda, cujo dono é também pai do Padre Manoel Teotônio de Castro (1803-1872), o chefe liberal, chegam diariamente emissários deste para diversos fins. São eles que trazem notícias de morticínios em Silveiras e de um ataque nas proximidades de Areias, e fazem circular fatos e boatos, "tudo o que se inventa contra legalistas". (FRANCESCHINI, 1996 p. 27).

Infelizmente, o Comendador José Vicente de Azevedo vem a falecer, supostamente envenenado em 1844.

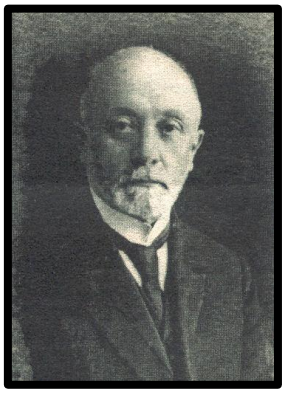
Seu filho, também chamado de José Vicente de Azevedo (1834-1869), segue os passos do pai na política e na carreira militar, recebendo em 1868 a patente de

[45] Uma ordem honorífica, originada em Portugal, a proposta era fazer a manutenção da religião católica. Durante o governo D. Pedro II, a ordem perdeu seu caráter religioso para ficar ligado à questão dos negócios com o Império.
[46] A ordem era para militares, civis e estrangeiros que prestam a fidelidade à pessoa do Imperador e por serviços prestados ao Estado.

coronel. Para fortalecer os laços, casou-se com Angelina Moreira de Castro e Lima (1835-1911), filha do comerciante Joaquim José Moreira Lima. Logo o coronel vai se destacar também no comércio da capital federal.

Em 1869 o Coronel foi assassinado no caminho para a sua fazenda por “segundo então se afirma, sicários a mando de adversários políticos.” (FRANCESCHINI, 1996 p. 32).

Figura 50 - Barão da Bocaina



Fonte: Geni, 2019

O legado da família continuará com Francisco de Paula Vicente de Azevedo (1856-1938), um grande incentivador do comércio e, como já mencionado, a favor da criação dos núcleos agrícolas. “Foi um dos fundadores do Engenho Central de Lorena, sendo agraciado pelo Imperador Dom Pedro II com a Comenda da Imperial Ordem da Rosa [...] com o título de Barão da Bocaina”. (CORNETTI, 2011).

> Quando na presidência da Câmara Municipal de Lorena, dotou a cidade com uma linha de bondes, plantou as palmeiras imperiais, construiu o cemitério municipal e uma ponte de ferro sobre o ribeirão Tabuão. [...] Em 1912, organizou a Companhia "Águas Minerais Santa Rosa", em Campos Novos de Cunha. Em 1918, solicitou ao Governo Federal a reconstrução da estrada Lorena-Mambucaba. Batalhou pela construção de uma Usina Siderúrgica no Vale do Paraíba e pela eletrificação da Estrada de Ferro Central do Brasil [...].
> (CORNETTI, 2011).

A influência do Barão de Bocaina avança pelo século XX, ele é listado como um dos provedores da Santa Casa de Misericórdia em Lorena, além de ter expandido seus negócios na cidade de São Paulo.

"Foi o Barão da Bocaina sem dúvida o mais progressista dos conservadores e o mais populista dos nossos aristocratas..."[47]

[47] Cf. http://www.preservasp.org.br/forum/index.php?topic=213.0;wap2

Figura 51 - Planta da Capela Nosso Senhor dos Passos em Guaratinguetá




Fonte: Museu Frei Galvão

## 1.9 GUARATINGUETÁ

Figura 52 - Mapa dos municípios do Vale do Paraíba - Guaratinguetá




Fonte: MUKAI; ALVES;NASCIMENTO, 2009

> Voltada até as três últimas décadas do século XVIII para uma economia de mera subsistência, a Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá aderiu, a partir de 1776, a uma economia de exploração, baseada na lavoura canavieira, monocultura, e que alterou por completo as condições da região. A cana introduziu em cena, o senhor de engenho, apoiado na posse da terra, na importância da produção, no acúmulo de bens, no número de escravos e na família extensa. Surgiram as grandes propriedades, quando não o latifúndio, intensificou-se o comércio e, mais do que tudo, criou-se um acúmulo de capitais e uma infraestrutura que estão na raiz da riqueza gerada mais tarde pela economia do café. (MOURA, 1976, p. 19).

A vila começou sua história pelas mãos do bandeirante Jacques Félix (1570-1658), que explorou a região do Vale do Paraíba durante o século XVII, a pedido do "Capitão-mor Francisco da Rocha, então governador da Capitania de Itanhaém (1635 -1638), de desbravar o sertão, com o intuito de demarcar as terras da capitania de São Vicente [...]" (TAUBATÉ, 2010), pertencente à neta de Martim Afonso de Sousa (1490-1564), a Condessa de Vimieiro Dona Mariana de Souza e Guerra (1570-1645).

O bandeirante se fixou na região com a sua família e seus escravos indígenas buscando povoar e abrir novos caminhos em direção à Serra da Mantiqueira[48], uma região com forte presença dos indígenas da etnia Puri, ali foram fundados dois povoamentos importantes: Santo Antonio de Guaratinguetá (1630) e São Francisco das Chagas de Taubaté (1639).

Falemos de Guaratinguetá, que foi elevada à condição de vila em 1651, tornando-se um ponto de comércio importante para a região, graças à produção de açúcar e de outros produtos de subsistência que atendiam a demanda local.

De acordo com Moura (1976 p. 25), o café chega em Guaratinguetá em meados de 1806, oriundo do Rio de Janeiro. Sua cultura foi implantada pelos portugueses Luis Ribeiro Guimarães e Manuel Teixeira Guimarães, senhores de engenho que buscam a diversificação de seus negócios. Em quatro anos, a cultura do café trouxe prosperidade à região.

Tomemos como exemplo a Fazenda Engenho d' Água, erguida no século XVIII às margens do ribeirão de São Gonçalo, a 4 km do centro da cidade. "Seu primeiro proprietário foi Mathias da Silveira, filho do padre Antônio da Silveira. Falecido em 1776, Mathias era português da Ilha do Funchal. O engenho vivia então do plantio da cana e da produção de aguardente (MAIA, 2012). Já no século XIX, sob o comando do Capitão-mor Manoel José de Mello, o engenho é convertido em fazenda de café, "em 1825 [...] exportou para o Rio de Janeiro nada menos que 12.000 arrobas de café o que equivale a 72,45% da produção total da vila [...]." (MOURA, 1976 p. 26).

Assim como Bananal, a cidade sofreu pela falta de estrutura para o escoamento da produção, "o fazendeiro de café teve de valer-se por muitos e muitos anos, das sofríveis estradas que demandavam o litoral (MOURA, 1976 p.100)", as mulas carregadas de sacas de café desciam a Serra do Mar em direção aos portos da região.[49]

[48] Em 1646, novamente, Jacques Félix foi encarregado de penetrar o sertão em busca de riquezas, transpôs a Serra da Mantiqueira pela garganta do Embaú e atingindo o planalto do rio Verde. cf. IBGE
[49] Documentos apontam que os portos em São Sebastião, Ubatuba, Parati e Angra dos Reis, serviam para levar os produtos a capital federal.

A prosperidade econômica da Fazenda Engenho d' Água estimulou outras famílias que se dedicavam ao plantio da cana a migrarem para a cultura do café, logo o monopólio da Família Mello foi superado e uma nova elite surgiu em Guaratinguetá, desta vez formada pelos cafeicultores locais.

O pesquisador José Luiz Pasin (1972) aponta que este prestígio da região do Vale do Paraíba proporcionou a presença do Príncipe Regente Pedro em várias cidades ao longo do Caminho dos Tropeiros entre os meses de agosto e setembro de 1822.

Em Guaratinguetá, a comitiva do Príncipe Regente foi recebida e hospedada pelo Capitão-mor das ordenanças Manuel José de Mello em sua casa.

### 1.9.1 A Formação da Elite de Guaratinguetá

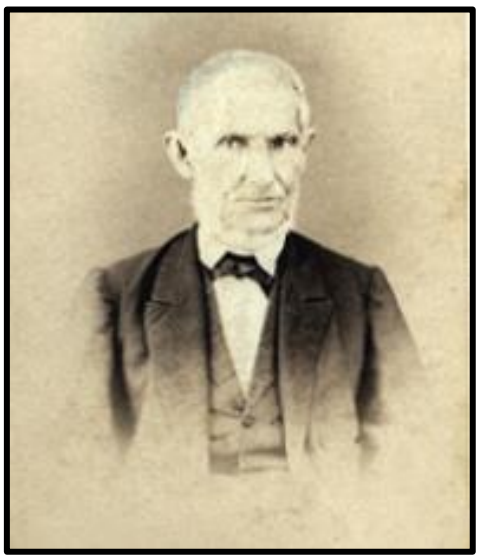
## Família Assis Borges

Várias famílias enriqueceram na região, mas, daremos destaque à Família Oliveira Borges, representada pelo fazendeiro Francisco Assis e Oliveira Borges (1806-1879), o único Barão e Visconde de Guaratinguetá.

A história de sua família começa em Setúbal, Portugal, com Antonio Monteiro (1728-1795), um barbeiro que veio para o Brasil em busca de melhores condições de vida. Por aqui, conheceu e casou-se com Mônica da Silva Passos (1731-1796), descendente da Família Leme que serviu ao Rei D. João III em Portugal. Tiveram onze filhos, entre eles Ignácio Joaquim Monteiro (1766-1841).

De acordo com a pesquisadora Danielle Manoel Santos Pereira "[...] ele era irmão terceiro franciscano desde 1791, quando ainda era solteiro e foi registrado como oficial de pintor, ou seja, não era considerado mestre pintor pelos franciscanos [...] (2017 p. 268). Essa relação com a irmandade, conforme cita Moura (1976 p.12), o permitia exercer e viver da pintura. Casou-se com Anna Joaquina do Amor Divino (1778-1855), tiveram uma grande prole, entre eles Francisco Assis e Oliveira Borges (fig.53).

Figura 53 - Francisco de Assis e Oliveira Borges



Fonte: MOURA, 1976

Para ajudar seus familiares, vendia produtos produzidos pela família, no centro da vila. Aprendeu com o pai o ofício de pintor e foi por meio dele que conheceu sua primeira esposa, Ana Silvéria Umbelina do Espírito Santo (1808-1854), “nascida em Lorena, [...] filha do Capitão Francisco Gomes Sandim (1758- 1825) e de Silvéria Inocêncio de Gusmão (entre 1739 a 1799 -1845) e viúva do comerciante João Lopes Salgado Guimarães (1795-1825) (ALMEIDA, 2010).

A jovem morava em Lorena e enviuvou cedo. Conta Moura que ela recebeu uma indicação para contratar o serviço de Francisco, para “reparos das paredes da capelinha de seu sítio (1976 p. 38)”, a convivência com o pintor acabou por aproximá-los e em 1826 acabaram por se casar.

Do enlace, além dos catorze filhos, Francisco Assis recebeu o dote de D. Ana Silvéria com duas escravas, parte do valor da chácara de seu sogro e algumas propriedades em Lorena, entre elas a loja do comerciante João Lopes Salgado Guimarães. E assim a família Assis Borges começa a construir seu patrimônio na região Vale do Paraíba.

Em 1846 “por ocasião da primeira visita dos imperadores a São Paulo [...] Assis Borges figurou entre aqueles guaratinguetaenses que receberam distinção honorífica, sendo agraciado com a comenda da Ordem da Rosa no grau de cavaleiro” (MOURA, 1976 p. 44) pelo empenho em ajudar na pacificação após a Revolução Liberal de 1842.

O título nobiliárquico de baronato foi concedido em 1854 a Assis Borges, sendo conhecido agora como Barão de Guaratinguetá e Visconde de Guaratinguetá em 1871.

Francisco Assis se envolveu após a sua viuvez com Maria das Dores Cristina dos Santos (1826-1882), também viúva de Delfino Serafim dos Santos Triunfo (?-1856). Deste relacionamento nasceram Anacleta Cristina Dos Santos (1836-?)

considerada filha ilegítima, Maria Francisca de Assis (1857-?), Maria da Gloria de Oliveira (1859-?) reconhecidas pela Visconde de Guaratinguetá em 1859.

Figura 54 - Amélia Augusta Cazal - Viscondessa de Guaratinguetá



Em 1858, ele casou-se com Amélia Augusta Cazal (1830-1896) (fig. 54), filha do Capitão-mor Raphael José Cazal (1829-1867) e Marguerite Penel (1816-1871), juntos tiveram sete filhos, dentre eles a jovem Maria Augusta de Oliveira. Foi a única Viscondessa de Guaratinguetá.

Fonte: MOURA, 1976

.

Assim como vimos anteriormente, em todas as cidades do Vale do Paraíba, os casamentos da família serão baseados em acordos comerciais, buscando a ampliação de sua fortuna e o aumento do prestígio na corte. Um dos casos é o da jovem Maria Augusta de Oliveira Borges (1864-1891) e o de Francisco Antonio Dutra Rodrigues (1844-1888).

O pesquisador Diego Amaro Almeida (2017) nos conta que Maria Augusta (fig.55) foi obrigada pela família a se casar aos quatorze anos com Francisco Antonio Dutra Rodrigues, um brilhante advogado que exerceu cargos importantes como Conselheiro do Império e Presidente do banco de Fonte: Real.



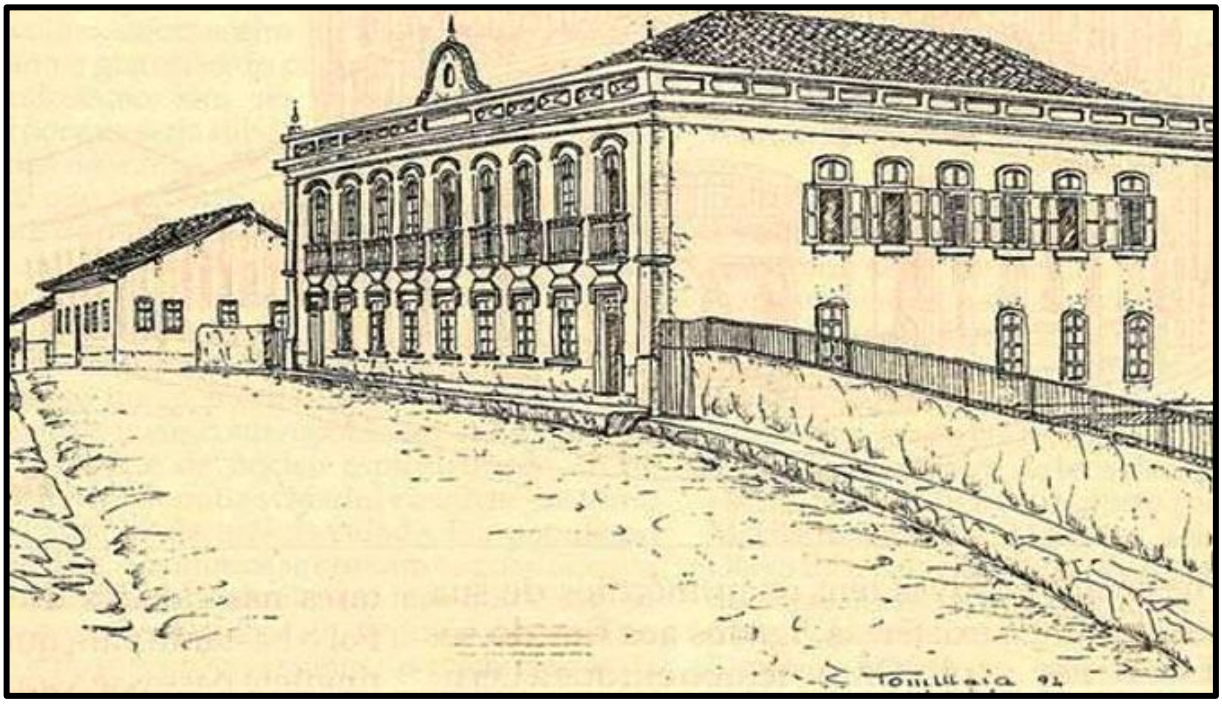
Figura 55 -Maria Augusta Oliveira Borges

Em 1884 saiu de casa “levando as joias, para nunca mais voltar [...] Possivelmente desejava somente uma vida própria, feliz e alegre, diferente das limitações femininas impostas pela família e pelo marido” (ALMEIDA, 2010). Viveu um tempo em Paris e ao retornar para o Brasil se instalou na Capital Federal, onde era assídua frequentadora dos bailes da alta sociedade.

Fonte: MOURA, 1976

Em 1886 conseguiu a anulação de seu casamento, retornando para a França. Pouco se sabe sobre a sua morte, a jovem foi embalsamada para ser transladada para o Brasil. Em seu caixão vieram joias e o atestado de óbito, mas durante o trajeto seu caixão foi violado e as joias e o atestado se perderam.

Figura 56 - Ilustração residência Visconde de Guaratinguetá



Fonte: MAIA apud Portal Terra dos Passarinhos, 2015

Ao chegar em Guaratinguetá, o corpo de Maria Augusta ficou na redoma em uma alcova[50] da residência da Viscondessa de Guaratinguetá até que seu jazigo capela ficasse pronto no Cemitério dos Passos.

## Família Rodrigues Alves

O português Domingos Rodrigues Alves (1818-?) chegou em Guaratinguetá em 1832 para se dedicar ao plantio do café. Casou-se com a filha de um comerciante local, Antônio de Paula e Silva (1787-1854), a jovem Isabel Perpétua de Marins (1818-?). Sua outra irmã casou-se com José Martiniano de Oliveira Borges (1827-1870), filho do Visconde de Guaratinguetá.

[50] Podemos entender como um pequeno quarto para dormir sem janelas ou portas para o exterior.

Figura 57 - Rodrigues Alves



Deste enlace nasceu Francisco de Paula Rodrigues Alves (1848-1919) (fig. 57.), que no futuro viria a ser Presidente durante a República Oligárquica no Brasil. Sua carreira política foi intensa, “deputado provincial pelo partido Conservador (1872), Juiz Municipal e 1º substituto do Juiz de Direito de Guaratinguetá (1873), [...] deputado geral (1885), Presidente da Província de São Paulo por carta imperial 8/11/1887”. (MOURA, 1976, p. 144).

Fonte: Domínio Público

Em 1875, em um casamento arranjado, Rodrigues Alves casou-se com sua prima irmã Ana Guilhermina de Oliveira Borges (1855-1891), neta do Visconde de Guaratinguetá.

A figura de Rodrigues Alves, concentrou o apoio dos cafeicultores, o que favoreceu a sua ascensão política no cenário nacional, como aponta Boris Fausto (2017, p. 271):

> [...] São Paulo saiu na frente nos primeiros anos da República. Sem fazer muito barulho, os paulistas alcançaram seus objetivos na Constituinte, com o apoio dos mineiros, e prepararam o caminho para as presidências civis. Entre 1894-1902, foram eleitos seguidamente três presidentes paulistas - Prudente de Moraes, Campos Sales e Rodrigues Alves.

Ele foi eleito em dois momentos: sucedendo Campos Sales nos anos entre 1902 a 1906 e em 1918, quando faleceu antes de tomar posse.

## Outras Famílias

Outra família importante na região foi iniciada por Antonio dos Santos Silva (1762-1842), que se instala na região como Senhor de Engenho no início do século XIX, e casou-se com Margarida Pereira Rangel (1753-1815). Devido ao seu prestígio na sociedade, “foi tenente, capitão e sargento-mor da Vila de Guaratinguetá-SP, onde também foi vereador, presidente da Câmara e Juiz Ordinário por duas vezes” (BARBOSA, 2014)

Eles foram os pais de Anacleta Policena dos Santos (1802-1878), que se casou com o Capitão Francisco da Silva Barros (1802-1837). Desse casamento nasceu Maria da Dores dos Santos, que se tornou concubina de Francisco de Assis quando este estava com o título de Barão de Guaratinguetá.

Enquanto a linhagem de Galvão de França inicia-se com o Capitão João (1802-1860), que vem de uma família de senhores de engenho na região de Potim. Essa família se faz representada nos dias de hoje conforme Barbosa (2010) nos conta:

> Teresa Galvão de França, nascida em 1833 e falecida em 1895. Casada com João Batista Rangel, nascido em 1825, filho do ajudante Francisco das Chagas Guimarães e de Ana Pereira Fialho (ou Rangel). Deste casal descende o Dr. João Batista Rangel de Camargo [...] deputado, conseguiu a emancipação política de Aparecida, concretizando o sonho de seu bisavô e de todos os aparecidenses. Sua filha, professora, historiadora e pesquisadora Teresa Regina de Camargo Maia, casada com José Carlos Ferreira Maia, Promotor Público e Artista, realizam importante trabalho de preservação da memória de Guaratinguetá e região com o Museu Frei Galvão. Ambos já publicaram mais de 50 livros

E por fim, a família Rego Rangel chegou à região no segundo quartel do século XVII, o Alferes Máximo do Rego Rangel (1778-?) ocupa a região que hoje conhecemos como Aparecida, para a produção de café na região do Vale do Paraíba.

Figura 58 - Alegoria no Cemitério da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, Vassouras - RJ



Fonte: Acervo pessoal de Percival Tirapeli, 2007

# Capítulo 2

## A Arte Tumular na Região do Vale do Paraíba

## 2.1 A MORTE E SUA MANIFESTAÇÃO PELO MUNDO

*Memento mori...*

As civilizações egípcia, romana e grega, conviveram com o dilema vida-morte, “antes de conceber e adorar um Ente Supremo, ele adorou os mortos” (LOUREIRO, 1977, p. 12). Entender esse fenômeno da morte era um desafio: “quando não podia ser prevenida, deixava aparecer como uma necessidade temível, mas era esperada e aceita de boa ou má vontade” (ARIÈS, 2014, p. 12). O culto aos mortos passou a ser determinante naquelas sociedades.

Diferente dos primeiros sepultamentos que temos notícia, durante o período do Paleolítico, na Pré-História. Os membros da aldeia que pereciam eram encerrados em cavernas ou grutas para evitar a profanação do corpo pelos animais ou pela ação do tempo e junto ao morto eram depositados os seus objetos do cotidiano.[51]

Por sua vez, o “povo do sambaqui”[52], que habitava as regiões costeiras do Brasil, construiu seus próprios abrigos para descanso final, espaços separados para abrigar os vivos e os mortos. Um desses exemplares foi encontrado na Ilha do Cardoso, em Cananeia, no litoral sul de São Paulo, nele havia conchas e fragmentos de ossos que poderiam pertencer a animais ou a seres humanos, mas devido ao seu estado de conservação a identificação se torna impossível. De acordo com o pesquisador Flávio Calippo (*apud* QUINTO, 2017) esse sambaqui teria mais de 8 mil anos.

Na antiguidade, a sociedade egípcia aparece como aquela que mais cultuou seus mortos, mas os povos da Pré-História já demonstravam essa preocupação, porém nem todos esses monumentos funerários atravessaram o tempo como as famosas pirâmides de Gizé.

Esses povos tiveram preocupação não só com os monumentos funerários, mas também com os ritos de passagem aos quais o morto era submetido. O ritual do *post-*

[51] Estes objetos do cotidiano vão desde artefatos de cerâmica (vasos e pratos), ornamentos (colares e adornos com dentes de animais) até armas (lanças e machados de pedra).
[52] Construções feitas com uma mistura de conchas, ossos, pedras e areia.

*mortem* também pode ser simbólico, o próprio Eliade (2010, p. 154) cita povos da antiguidade cujo ritual de passagem dos adolescentes para a vida adulta consistia em colocá-los em buracos cavados, cobri-los com folhagem ou fazer uso de um pó branco para que se assemelhassem aos espíritos. Ao fim de várias provações, o jovem renascia para o povo como um adulto.

O reconhecimento real da morte se dará pelas cerimônias funerárias e pela arte que fora desenvolvida para servir como monumento à memória daquele que se foi. Para os egípcios, todo "homem possui um dúplice, a quem denominavam de Ká" (LOUREIRO, 1977, p. 13), quando a pessoa morria, seu dúplice continuava a viver, por isso nos túmulos egípcios eram colocados todos os pertences do morto, para que ele pudesse usufruir deles na vida além.

Para os etruscos, era preciso aproximar a religiosidade, o cotidiano e a morte, por isso o túmulo era "uma verdadeira casa dos mortos e, assim, realizada pelo modelo da casa dos vivos" (STACCIOLI, 1978, p. 8).

No caso dos gregos e dos romanos, ambos adotaram sepultamentos acompanhados por rituais solenes, afinal "a família não podia abandonar as almas de seus antepassados, devendo continuar sempre a tratar de seu túmulo e a levar as refeições fúnebres" (LOUREIRO, 1977, p. 21), pois acreditavam que assim almas estariam protegidas pelas divindades. A princípio, pagãos e cristãos encontram seu descanso no mesmo lugar.

Com o avanço do cristianismo em Roma, os corpos passaram a serem sepultados envoltos em tecido de linho e depositados em nichos na parede, criando-se as catacumbas. "Como cada geração cavava novas galerias, formou-se gradativamente uma cidade subterrânea" (LOUREIRO, 1977, p. 26), espalhando-se por todo o território italiano. Além do repouso final, as catacumbas também serviram de abrigo para os cristãos perseguidos durante o século III d.C.

O francês Philippe Ariès, em seu livro "A história da morte no Ocidente" (1977, p. 22), nos lembra que pela "Lei romana das doze tábuas" era proibido fazer os enterramentos dentro das cidades, eles deveriam ser em locais afastados ou nas margens das estradas, delimitando o espaço dos vivos e dos mortos.

Assim surgiram os cemitérios, palavra originária “do grego *Koumetèrion*, de *Kion*, eu durmo, e do latim *coemeterium*, designava, a princípio, o lugar onde se dormia, quarto, dormitório ou pórtico para peregrinos” (LOUREIRO, 1977, p. 28).Para os cristãos, esse local era uma forma de deixar os mortos descansarem e aguardarem a sua ressurreição ao final dos tempos, pois, segundo Cabrol e Leclercq, aquele que não tem uma sepultura, não ressuscitará (CABROL e LECLERCQ, 1907 *apud* ARIÈS, 1977, p. 42).

Na Idade Média, a palavra cemitério remetia a um espaço funerário, para designar “uma tumba individual mais do que uma necrópole comunitária” (LAUWERS, 2015 p.146, grifo nosso). O pesquisador Michel Lauwers nos conta que a primeira vez que este termo foi citado na Idade Média está registrada nos livros pontificais[53], que determinam o cemitério como um “circuito ou o átrio que circundava os lugares de culto e acolhia o corpo dos fiéis defuntos” (2015, p. 146). Com o tempo, a palavra assume outro significado, cemitério é o lugar para o enterro coletivo. A exceção era praticada aos suicidas, que não poderiam ser enterrados neste mesmo espaço.

Enquanto isso, o pesquisador francês Michel Vovelle (2010-2018) apontou que na França do século XI foi erguido um espaço cemiterial com uma área bem definida, com “altas colunas circulares, por vezes hexagonais, cegas até a lanterna que as cobre e onde arde a luz” (VOVELLE, 2010, p. 40). O espaço sombrio do cemitério agora era iluminado e velado pela Igreja.

Por volta do século XIII, a construção do cemitério ficou atrelada à construção de uma igreja, logo essa união representará a sociedade cristã, “os fiéis nasciam aí, se desenvolviam aí e se encontravam enterrados aí, para renascer para a vida eterna” (LAWERS, 2015, p. 150).

A crença dessa sociedade era manter os túmulos intactos para que os mortos renascessem no dia do julgamento, o medo de profanação faz com que os sepultamentos de pessoas comuns ocorram próximo daqueles chamados de mártires “os únicos entre os santos (isto é, os crentes) de cujo lugar imediato do Paraíso se estava certo, velariam os corpos e repeliriam os profanadores”

[53] Livro com indicações necessárias para às celebrações litúrgicas entre elas a consagração do cemitério.

(ARIÈS, 1977, p. 43), os chamados *ad sanctos*[54] seriam protegidos e protegeriam o campo-santo até último dia.

Os sepultamentos eram distintos entre as classes sociais: aos menos favorecidos restava o descanso em fossas coletivas, pátios dentro das igrejas, paredes ou o átrio. Os abastados como, por exemplo, os burgueses, eram alocados próximo aos altares laterais, capelas ou no altar-mor.

No Cemitério dos Inocentes[55], no centro de Paris, por exemplo, os sepultamentos ocorriam no chão, em valas comunitárias e, sobre elas, lápides amontoavam-se umas às outras. O morto era tratado com descaso e seu repouso final ficava próximo ao mundo dos vivos.

A proibição pelo Concílio de Braga[56], em 563 d.C., não fazia mais sentido, os enterros agora estavam dentro do espaço eclesiástico. Cemitério e igreja tornam-se o centro da cidade, permitindo a integração entre o mundo dos vivos e dos mortos, mesmo com "as leis municipais e a decência religiosa, (os cemitérios) frequentemente serviam de pastagem de animais, feiras, bailes, jogos, atalhos, depósito de lixo, sanitário público, namoros clandestinos e morada de mendigos" (REIS, 1991, p. 73), além de ponto de peregrinação aos túmulos dos mártires.

Tomemos como exemplo a França do século XI: o Papa Urbano II, ao passar pelo campo próximo à cidade de Tarascon, ordenou que "aí se edificasse uma igreja, tendo [...]abençoado o lugar com suas próprias mãos e erigido uma cruz" (LAUWERS, 2015, p. 164). O local tornou-se sagrado e pronto para receber os corpos dos peregrinos que ali passavam.

No Brasil, documentos atestam que o primeiro enterro dentro de uma igreja aconteceu no final do século XVI, na Igreja Nossa Senhora da Graça, em

[54] Tradução do latim: aos santos.
[55] Localizado no bairro *Les Halles*, foi aberto no século V e fechado em 1780, após ter servido como morada para milhares de franceses.
[56] Aconteceu na cidade de Braga, em Portugal e, também, excomungou quem seguia as filosofias gnósticas Maniqueísta e Priscilianismo.

Salvador, o túmulo pertenceu a Catarina Alves Paraguaçu (1503-1583)[57]. “Desde então, as demais igrejas, em todo o território nacional, pertencentes às Ordens Religiosas [...] passaram a receber os corpos dos fiéis defuntos.” (LOUREIRO, 1977, p. 35).

Além dos sepultamentos, os ritos funerários tornam-se importantes, principalmente para determinar a passagem para o outro mundo. Tomemos como exemplo a cidade de Paris: “Em 1625, 345 irmandades cuidavam com desvelo dos funerais e das missas pelas almas dos associados” (REIS, 1991, p. 74), os abastados desejavam um funeral grandioso e que este pudesse redimir seus pecados na sua vida terrena.

Essa prática das Irmandades também foi utilizada no Brasil durante o século XIX, quando a Igreja convenceu seus fiéis de que para se ter uma “boa morte” era necessário se preparar em vida para o resgate de sua alma.

A pesquisadora Claudia Rodrigues (2014, p. 268) levantou os testamentos do século XVIII e XIX e constatou a preocupação “com a salvação da alma”. Esses documentos, além de demonstrar como o morto gostaria de ter conduzido seu funeral, eram também uma forma de “prestação de contas de sua vida, procurando demonstrar que ela teria sido conduzida, pelo menos em seus últimos momentos, na direção do catolicismo”.

Existem referências nesses testamentos sobre a quantidade de vela que será acesa durante o velório ou durante o período de luto, a quantidade de badaladas dos sinos para anunciar a morte do defunto, quantas missas serão rezadas, quantos padres acompanharão o cortejo entre outros. Tudo em nome da “boa morte” e da sua entrada no paraíso.

Enquanto estamos agindo como os franceses do século XVII, a França do século XVIII experimenta uma nova ideologia: o Iluminismo, prática que questionava

[57] O grande amor do português Diogo Alvares (1475-1557) também conhecido como Caramuru, resgatado pelos tupinambás de um naufrágio a uma nau portuguesa na entrada da Baía de Todos os Santos, foi adotado pela tribo, onde se casou com a filha do chefe Taparica a jovem Paraguaçu. A jovem converteu-se ao cristianismo e se casou com Diego na França, em 1524, na Catedral de Saint Malo na França. Católica fervorosa, ao voltar o Brasil constrói a capela onde hoje está a Igreja Nossa Senhora da Graça em Salvador.

o teocentrismo e propunha a volta do antropocentrismo, no qual o homem é o protagonista da sua história, utilizando a razão e o conhecimento como armas para a iluminação de seu pensamento. A sociedade agora será laica. Os enterros serão mais simples e o homem deixa de se preocupar com os seus ritos funerários, que serão cada vez mais individualizados. A morte agora é um tabu para esta sociedade, Phillipe Ariès (1977) a chama de “morte selvagem”. Não vamos mais “preparar os moribundos para a morte”, vamos “ensinar os vivos a meditar sobre ela.”

Por meio dessa nova mentalidade, a morte não está mais atrelada a uma questão religiosa e sim a uma questão médica e ao progresso das cidades. O surgimento da teoria dos miasmas, matéria orgânica em decomposição que infectava o ar que se respirava, descoberta no século XVIII, a origem do “mau cheiro da decomposição cadavérica, substituía o odorato piedoso da fase barroca.” (REIS, 1991, p. 76).

Portanto, os corpos não poderiam mais ser sepultados dentro das igrejas e chegava o momento da criação de um cemitério extramuros, longe da cidade e com ventos propícios para levar esses gases para longe dos vivos.

Com esses ideais higienistas se espalhando pela Europa, a Inglaterra anglicana e calvinista continuou a enterrar dentro de igrejas membros da burguesia e da nobreza local, os quais “permaneceram ocupando seus adros, os *church-yards*, sinal de resistência ao distanciamento entre vivos e mortos” (REIS, 1991, p. 79). Enquanto isso, na França, a desativação do Cemitério dos Inocentes e a criação do *Pére-Lachaise* mostra que esta sociedade estava disposta a reformular o conceito de cemitério, era o fim[58] das covas comuns e o início da cova individual.

Além dessa mudança, percebemos que “o esquadrinhamento que se estruturou nas cidades do século XIX também se fará presente nos novos cemitérios que serão implantados distantes dos conglomerados urbanos” (BASTIANELLO, 2016, p. 34), com circulação de ar e alamedas largas para evitar o amontoamento de cadáveres. Essa política higienistas se espalhou pela Europa.

[58] As covas comuns voltam a ser utilizadas durante a 1º Grande Guerra Mundial em toda Europa (1914-1918). Na 2º Grande Guerra Mundial (1939-1945), as covas comuns são utilizadas na Alemanha e no Leste Europeu para enterrar as vítimas dos campos de concentração.

A pesquisadora Maria Elizia Borges (2004) cita, em seu artigo “Arte Funerária no Brasil”, que em Portugal, no final do século XVIII, D. Maria I enviou uma recomendação ao bispo da cidade do Rio de Janeiro de que os cemitérios brasileiros fossem construídos separados das igrejas, como já era feito na Europa. Porém, os enterramentos tanto em Portugal quanto no Brasil continuaram dentro das igrejas até meados do século XIX.

Sob a iminência de uma invasão francesa em terras lusitanas, a Família Real e a nobreza fugiram para a sua colônia mais próspera, o Brasil, com livros, manuscritos, joias, obras de arte, pratarias e seus costumes, logo, a política higienista se instalaria por aqui, junto com a ideia de monumentos dedicados aos mortos.

Bastianello (2016, p. 37) cita que, em 1812, D. João VI dedica ao seu genro D. Pedro Carlos um jazigo monumental, na Capela da Conceição na Igreja São Francisco da Penitência, no Rio de Janeiro, um exemplo da arte funerária no Brasil. Afinal, esses novos espaços para os sepultamentos irão refletir a estrutura social do mundo dos vivos para organizar o mundo dos mortos.

Em 1835, o governo português decretou uma lei proibindo os enterramentos nas igrejas e intimou “as autoridades locais a construir cemitérios fora dos limites urbanos, no prazo de quatro anos” (REIS, 1991, p. 85). Os enterros deveriam ser executados em covas individuais, deveriam ser pagas taxas ao município e à Igreja cabia obedecer à Ordem Régia, sob a pena de exoneração do padre que não a respeitasse. Mesmo com tantas imposições e a pressão popular, os enterros continuavam a ocorrer dentro das igrejas.

Coube ao Ministro da Justiça e Negócios Eclesiásticos, Antônio Bernardo da Costa Cabral (1803-1889), promulgar, em 1844, a Lei de Saúde Pública, que buscava fiscalizar os enterramentos, cobrar tributos e emitir as certidões de óbito. Não demorou para o povo se revoltar contra as medidas que eram tidas como “antirreligiosas” e em 1846 surge a Revolta Maria da Fonte. Reis (1991, p. 85) nos conta que a confusão aconteceu em Braga, quando os soldados prenderam mulheres que faziam um enterro sem as devidas autorizações. Pouco depois da apreensão, a multidão invadiu a cadeia e libertou as presas.

Essa insurreição acabou por derrubar o Ministro Costa Cabral, que acabou sendo exilado em Madrid pela Rainha Maria II,[59] pondo fim ao regime Cabralista.[60]

No Brasil, em 25 de outubro de 1836, a cidade de Salvador foi palco de uma revolta contra o fim dos enterramentos nas igrejas. As irmandades religiosas, membros das ordens terceiras da cidade e pessoas interessadas no assunto se reuniram na Praça do Terreiro de Jesus e, ao som dos sinos das igrejas que rodeiam o local[61], manifestantes encaminharam-se para a Praça do Palácio[62], o centro político da cidade. O objetivo era discursar contra a empresa que teria a concessão dos enterros por trinta anos, no chamado Campo Santo. Reis (1991, p. 14) cita que foi elaborado um manifesto com 280 assinaturas encabeçado pelo poderoso Visconde de Pirajá[63], pedindo o fim da lei.

Depois da confusão, o presidente da província acabou por ceder às pressões e suspendeu a Lei do Cemitério, até que uma nova assembleia provincial fosse reunida.

Mas a população, inconformada com uma lei que “destruiria o catolicismo” decidiu continuar os protestos e acabou apedrejando o escritório da empresa funerária e destruindo o campo-santo.

O ato de vandalismo foi interrompido com a chegada do Visconde de Pirajá, que impediu a destruição total da capela, mas a população continuou o protesto até o final do dia, de forma mais contida.

O conflito não passou despercebido para a Coroa Brasileira. O ministro da Justiça, Gustavo Adolfo de Aguilar Pantoja (1798-1867), pediu para que o presidente da província instaurasse um inquérito sobre o ocorrido, mas o processo não foi adiante pela falta de cooperação das testemunhas e do governo baiano. Então, a Assembleia Provincial decidiu se reunir para chegar a uma solução para o impasse e, depois de

[59] D. Maria II (1819-1853), filha mais velha de D. Pedro I, foi nomeada Rainha de Portugal e Algarves entre os anos 1826-1828 até a deposição pelo seu tio Miguel, retornando em 1834 até a sua morte.
[60] Período compreendido entre 1842-1846 no qual se adotou uma doutrina constitucional respeitando a Carta Constitucional de 1826.
[61] Colégio dos Jesuítas (Atual Catedral Basílica), São Pedro dos Clérigos e São Domingos. Um pouco mais atrás, a Ordem Terceira de São Francisco.
[62] Hoje é conhecida como Praça Tomé de Sousa.
[63] Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque (1788-1848), senhor de engenho no interior da Bahia.

várias reuniões, decretou, em 1837, uma lei que “revogava o monopólio dos enterros e autorizava o governo a comprar o que sobrava do cemitério”. (REIS, 1991, p. 335).

O Campo Santo ficou sobre a administração da prefeitura de Salvador, que acabou sofrendo prejuízo aos cofres por permanecer com um terreno que não tinha serventia à cidade.

Depois de várias tentativas, em 1840, a Santa Casa de Misericórdia[64] comprou o terreno do cemitério e o reconstruiu para ser utilizado por aqueles que pereciam no hospital da entidade.

Os enterros dentro das igrejas de Salvador permaneceram até 1855, quando a epidemia de cólera-morbo assolou a cidade. De acordo com Reis (p. 338), a peste levou a óbito de 30 a 40 mil pessoas, sendo 8 mil só na capital. A epidemia trouxe pânico às pessoas e autoridades, que se recusavam a chegar próximo aos doentes, com medo de contaminação. Em agosto do mesmo ano, os enterros foram proibidos dentro das igrejas e o Campo Santo começa a ser amplamente utilizado.

Enquanto isso, na capital, Rio de Janeiro, foi possível perceber que as irmandades e ordens terceiras cumpriram as medidas governamentais (RODRIGUES, 2014) sem questionamento, afinal a cidade já tinha uma lei de 1º de outubro de 1828 que estabelecia a construção de cemitérios fora dos edifícios eclesiásticos.

Ainda de acordo com a pesquisadora Claudia Rodrigues (2014, p. 260), somente em 1832 a Câmara Municipal da cidade estabeleceu regras rígidas em relação à construção dos cemitérios, tamanho das covas e as normas para sepultamentos, que só ocorreriam se um médico assinasse o atestado de óbito.

Percebemos que esses ideais estavam presentes na capital há mais tempo do que em Salvador. Por isso a população não se revoltou quando as medidas higienistas foram colocadas em prática na cidade. Porém, nem essas ações foram suficientes

[64] “No Brasil, as primeiras Santas Casas surgiram logo após o seu descobrimento, precedendo a própria organização jurídica do Estado brasileiro, criado através da Constituição Imperial de 25 de março de 1824. Com a função de cuidar dos enfermos e desvalidos, algumas das unidades assistenciais foram fundadas ao longo do século XVI em cidades como: Santos (1543); Salvador (1549); Rio de Janeiro (1567) e São Paulo (1599).” Cf. História de misericórdia das Santas Casas. Disponível em: https://www.cmb.org.br/cmb/index.php/institucional/quem-somos/historico. Acesso em: 20 de junho de 2019.

para impedir que, em 1855, o Rio de Janeiro também fosse assolado pela epidemia de cólera-morbo.

Em São Paulo, os enterramentos também eram feitos dentro das Igrejas, mas, com uma epidemia se alastrando pelas cidades brasileiras, a Câmara Municipal busca meios para a implantação da solução higienista para a cidade.

No ano de 1855, a Câmara Municipal de São Paulo propõe a construção de cemitério extramuros secularizado longe do centro urbano, para que os miasmas não afetassem a população. “A princípio, dois terrenos ambos próximos à Igreja da Consolação interessam ao município” (COMUNALE, 2016, p. 20). Um deles incorporado em 1855 e o outro em 1858.

Para regulamentar os processos de sepultamento, a Câmara Municipal decidiu, em 3 de maio de 1856, criar algumas medidas. Uma delas previa que os enterramentos não aconteceriam dentro das paróquias, mas poderiam ser executados no entorno até que o cemitério público fosse inaugurado.

O cemitério municipal da Consolação foi fundado em 5 de julho de 1858, durante administração provincial de José Joaquim Fernandes Torres (1797-1869). Sua inauguração foi em 10 de julho do mesmo ano. Mas, ao consultar as Atas da Câmara do Município, constatamos que até o mês de agosto nenhum corpo fora enterrado no campo-santo, isso se deve a alguns fatores, dentre eles o fato de que as igrejas ainda insistiam em enterrar seus mortos e a distância do cemitério da capital. A própria “Santa Casa de Misericórdia se recusava a transportar os corpos para a Consolação devido ao alto custo do transporte mortuário” (COMUNALE, 2016, p. 21). A opção para eles era o enterramento no Cemitério da Glória[65], na Chácara dos Ingleses. Os enterros passaram definitivamente para o Cemitério da Consolação após a epidemia de varíola em 1863/1864.

Contudo, o Cemitério da Consolação não é o campo-santo mais antigo da cidade de São Paulo. Em 1829, no bairro da Colônia, no distrito rural de Parelheiros,

[65] Também conhecido como o Cemitério dos Aflitos, teve seu primeiro sepultamento em 1775, era o último repouso dos excluídos da sociedade paulistana. A capela do cemitério foi erguida em 1779 e sobreviveu à reurbanização local e hoje está localizada no final do Beco dos Aflitos, no Bairro da Liberdade, em São Paulo.

foi fundado por imigrantes alemães não católicos o Cemitério da Colônia, o primeiro cemitério protestante do Brasil. “As lápides construídas em alvenaria de tijolos, há mais de 180 anos, lembram torres de igreja ou pequenos templos religiosos.”[66]

Percebemos que a criação desses espaços permitem a secularização da morte, ou seja, a administração desses espaços passam a ser de responsabilidade do poder público e, como o pesquisador Renato Cymbalista aponta em seu livro, quando os mortos saem das igrejas para os campos-santos, surge a possibilidade de construir túmulos onde os vivos criarão representações para se relacionar com os mortos (2002, p. 72).

No Vale do Paraíba não foi diferente. O pesquisador Meihy (1983, p. 7). aponta semelhanças na forma de ocupação do espaço, utilização de materiais, formas e ornamentos utilizados nas construções cemiteriais. Portanto, é “atribuindo a cada família o dever da representação fúnebre” (CYMBALISTA, 2002, p. 74), neste espaço agora administrado pelo poder público.

## 2.2 A ARTE TUMULAR COMO PATRIMÔNIO CULTURAL E MATERIAL

Durante anos de pesquisa, acompanho o descaso do poder público em relação à preservação dos cemitérios da cidade de São Paulo, a falta de orçamento para manutenção e a ausência de segurança para os frequentadores, que acabam contribuindo para o abandono desses espaços, porém, ao longo das minhas pesquisas de campo, constatei que o problema não se restringe a São Paulo ou ao Brasil, mas a outros cemitérios da América do Sul.

Em 2005, a *Red Iberoamericana de Valoración y Gestión de Cementerios Patrimoniales* [67], uma associação fundada nos anos 2000 com o propósito de investigar, estudar e valorizar o patrimônio material e imaterial que acerca este tema, escreveu a Carta de Internacional de Morelia[68], com o objetivo de chamar a atenção

[66]O cemitério faz parte dos roteiros no Polo de ecoturístico de São Paulo. Cf. Fundação do Cemitério da Colônia. Disponível em:
http://www.cidadedesaopaulo.com/ecoturismo/atracoes/cemiterio-da-colonia/ Acesso em: 21 de junho de 2016.
[67] A associação foi fundada nos anos 2000, quando um grupo de pesquisadores se reuniram para pensar em políticas voltadas para preservação do patrimônio cemiterial.
[68] A carta está na íntegra no Anexo B.

dos gestores patrimoniais sobre as formas de conservação, limpeza e preservação dos elementos arquitetônicos e estilísticos presentes no espaço funerário e formular um inventário para a identificação das obras cemiteriais.

A carta patrimonial (RED, 2005) também faz referência ao patrimônio imaterial representado pelos ritos e manifestações funerárias nesses espaços. Os cemitérios são locais de memórias e precisamos preservá-los.

Acompanhando alguns artigos de pesquisadores cemiteriais da América do Sul, podemos perceber que essa carta proporcionou uma ressignificação desses espaços com a adoção de medidas de preservação e apropriação cultural do espaço. Infelizmente, no Brasil esse objetivo não foi alcançado.

Desde o período da instalação da República em 1889, o governo passou a apagar sistematicamente todos os símbolos da monarquia no país, como uma forma de apagar da memória do brasileiro a existência desse regime. Mas memória não se apaga.

Para Le Goff (1990, p. 423), “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.”

Na visão de Saballa (2007), é a memória que vai contribuir para a consciência, valorização e resguardo de patrimônios culturais locais, elementos necessários para o desenvolvimento da educação patrimonial.

Essa era uma das propostas do Projeto Memória e Vida, ressignificar o espaço funerário por meio da educação patrimonial. A execução do projeto ocorreu durante a gestão do prefeito Fernando Haddad, em 2015, em uma ação em conjunto entre o Serviço Funerário do Município de São Paulo (SFMSP) e a Fundação São Paulo (FUNDASP), mantenedora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Dessa ação, foi desenvolvido um projeto de extensão universitária que integraria os cursos de Administração, Arte, História, Crítica e Curadoria, Ciências Sociais, Conservação e Restauro, Direito, Jogos Digitais e Psicologia ao trabalho

executado pelo Serviço Funerário. Portanto, poder público e academia se unindo para cuidar de um patrimônio da cidade.

A princípio, o convênio utilizaria como campo de pesquisa o Cemitério da Consolação (1858), o primeiro campo-santo secularizado de São Paulo, que abriga personalidades históricas como Domitila de Castro Canto e Melo, a Marquesa de Santos, o ex-presidente Campos Sales e famílias responsáveis pela construção da história da cidade, como as famílias Crespi, Matarazzo e Siciliano. Com tanta influência, esse espaço recebeu os mais belos exemplares de arte tumulares da cidade, construídos por marmorarias importantes da cidade como Casa Maia, Savoia, Marmoraria Carrara entre outras.

Podemos afirmar que todo esse conjunto arquitetônico formou um Patrimônio Cultural Funerário. Nas palavras de Canclini (1994, p. 96), o patrimônio cultural também serve como recurso para apontar as diferenças entre os grupos sociais que produzem esses bens culturais que podem ser visíveis ou invisíveis. Precisamos nos lembrar de que a construção desses túmulos atende a uma demanda específica de "celebrar ou relembrar algum episódio, momento [...]" (HORTA, 2000 p.14).

Muitos ornamentos e alegorias foram executados por artistas renomados como Antelo Del Debbio[69], Amadeo Zani[70], Eugênio Prati[71], Galileu Emendabili[72], Luigi

[69] (1901-1971) - Nascido na província de Viareggio, próxima a Florença, no início do século XX, veio para o Brasil ainda criança, frequentou aulas no Liceu de Artes e Ofícios e no Instituto de Belas Artes de São Paulo. Em 1926, Del Debbio seguiu para a Itália, com a finalidade de aperfeiçoar suas técnicas na Scuola Dell´Arte Medaglia, em Roma. Ao voltar ao Brasil, abre uma marmoraria em Pinheiros. Foi o segundo maior produtor de arte tumular no Brasil. Ver. COMUNALE, 2015, p. 183.

[70] (1869-1944) - Nascido na pequena cidade de Canda, província de Rovigo, na Itália, veio para o Brasil com sua família em 1887 e iniciou seus trabalhos com o arquiteto italiano Tommaso Gaudenzio Bezzi (1844-1915), responsável pela construção do Museu Paulista. Foi para o Rio de Janeiro tentar trabalhar com o artista conterrâneo Rodolpho Bernardelli (1852-1931). Estudou na Academia Colarossi em Paris e na Raffaelo Sanzio em Roma. Volta para o Brasil em 1898 e monta seu ateliê no Liceu Coração de Jesus, nos Campos Elísios. Ver. COMUNALE, 2015, p. 146.

[71] (1889-1979) - Nascido em Cerro Veronese, na Itália, frequentou a Academia de Arte Cignole em Veneto. Aprendeu a trabalhar com estatuária no Convento de São Bernardino. Chegou em São Paulo em 1926 e montou seu ateliê em Pinheiros, ao lado de Antelo Del Debbio. Ver. COMUNALE, 2015, p. 191.

[72] (1898-1974) - Nascido em Ancona, província da região de Marche, na Itália, filho de artesão moveleiro. Aos oito anos torna-se aprendiz do entalhador de móveis, estuda no Instituto Real de Belas Artes, em Urbino e embarca em 1923 para Buenos Aires. Acaba desembarcando no Porto de Santos, trabalha como vendedor em uma casa de tintas no centro de São Paulo, mas foi o seu talento que o colocou no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo como entalhador. O artista monta dois ateliês na cidade. O primeiro, em 1924, na Rua das Flores, hoje Praça Clóvis Bevilacqua. Muda-se, em 1929, para um lugar maior, na Rua Bela Cintra nº 137. Ver. COMUNALE, 2015, p. 202.

Brizzolara[73], Nicola Rollo[74], Victor Brecheret[75] entre outros. Peças belíssimas executadas em bronze hoje são alvo de bandidos que furtam[76] esse material para revender em ferro velho ou para receptadores em troca de alguns trocados para comprar drogas.

Portanto, o projeto buscava restabelecer a relação do cemitério com a cidade, proporcionando uma (re)ocupação desse espaço pelos munícipes por meio de diversas atividades como: rodas de conversa sobre o luto em datas importantes como Dia das Mãe, Pais e das Crianças; cinetério; atividades musicais; visitas monitoradas, temáticas e com a ajuda do aplicativo desenvolvido exclusivamente para o projeto[77]. Essas ações acontecem também em outros cemitérios: Cemitério do Bonfim, em Belo Horizonte; Cemitério Santa Casa de Misericórdia, em Porto Alegre; e Cemitério São Francisco de Paula, em Curitiba.

Logo, com a população frequentando e ressignificando esse espaço, o interesse pela história da cidade e a preservação desse patrimônio seria maior e, quem sabe, os furtos e atos de vandalismo diminuiriam. O projeto avançou em várias frentes, entre elas a liderada pelo GEAAC (Grupo de Estudos Arquitetura e Arte Cemiterial), do qual pude fazer parte da equipe de trabalho.

Em nossa proposta, elaboramos uma ficha de inventário identificando exemplares com diversidade de materiais, alegorias e ornamentos. O próximo passo foi elaborar um protocolo para limpeza e conservação dessas obras. Esse protocolo

[73] (1868-1937) - Nascido em Chiavari, o escultor trabalhou em diversos países produzindo obras tumulares e públicas. Aqui no Brasil, construiu o Mausoléu do industrial Francisco Matarazzo no Cemitério da Consolação. Ver. ENCICLOPÉDIA ITAUCULTURAL.
[74] (1889-1970) - Nascido em Bari, na Itália, partiu cedo de casa com destino a Roma. Seu objetivo era estudar Escultura com Ângelo Zanelli (1879-1942) e com o mestre Arturo Dazzi (1881-1966), que também foi professor dos artistas Leopoldo e Silva e Victor Brecheret. Chegou ao Brasil em 1913, montou um ateliê no Liceu de Artes e Ofícios e depois no bairro do Ipiranga. Ver. COMUNALE, 2015, p. 159.
[75] (1894-1955) - Fontes consultadas apontam que o escultor nasceu na Itália e veio para o Brasil ainda menino, junto com sua irmã, para residir com a sua avó materna. Demonstrando habilidade para desenho, em 1912 foi matriculado no Liceu de Artes e Ofícios. No ano seguinte foi para Roma estudar Escultura com Arturo Dazzi (1881-1966), especialista em arte monumental. Regressa ao Brasil em 1920 para trabalhar no Liceu, que funcionava no Palácio das Indústrias, na região central, e nos ateliês livres. É nesse período que Brecheret toma contato com a Arte Tumular. Ver. COMUNALE, p. 221.
[76] Notícias sobre os furtos no cemitério. Vide Anexo C.
[77] Memória e Vida: Cemitério da Consolação. Disponível nas lojas de aplicativos.

foi compartilhado com os colaboradores por meio de um curso para conscientização sobre conservação e preservação de bens tumulares.

Por fim, foram elaboradas duas cartilhas: uma destinada aos colaboradores que fizeram o curso de formação, em que os protocolos de limpeza eram relacionados; e outra destinada aos concessionários indicando as melhores formas para a limpeza e conservação de seus túmulos.

O projeto foi encerrado em dezembro de 2016 com o fim da gestão do prefeito Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores (PT). Em janeiro de 2017, o prefeito eleito João Doria, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), retirou do Cemitério da Consolação toda a identidade visual criada pelo projeto.

Além das situações já mencionadas, um outro problema assola não só o Cemitério da Consolação, mas os cemitérios do Vale do Paraíba histórico: o abandono dos túmulos.

Se uma família está interessada em obter um espaço para enterramento nos cemitérios paulistanos, é só se dirigir ao local e verificar a possibilidade de uma concessão para a utilização. Atualmente, o prazo é de três a cinco anos, após o período, a família exuma o corpo e transfere os restos mortais para o ossário ou faz a cremação.

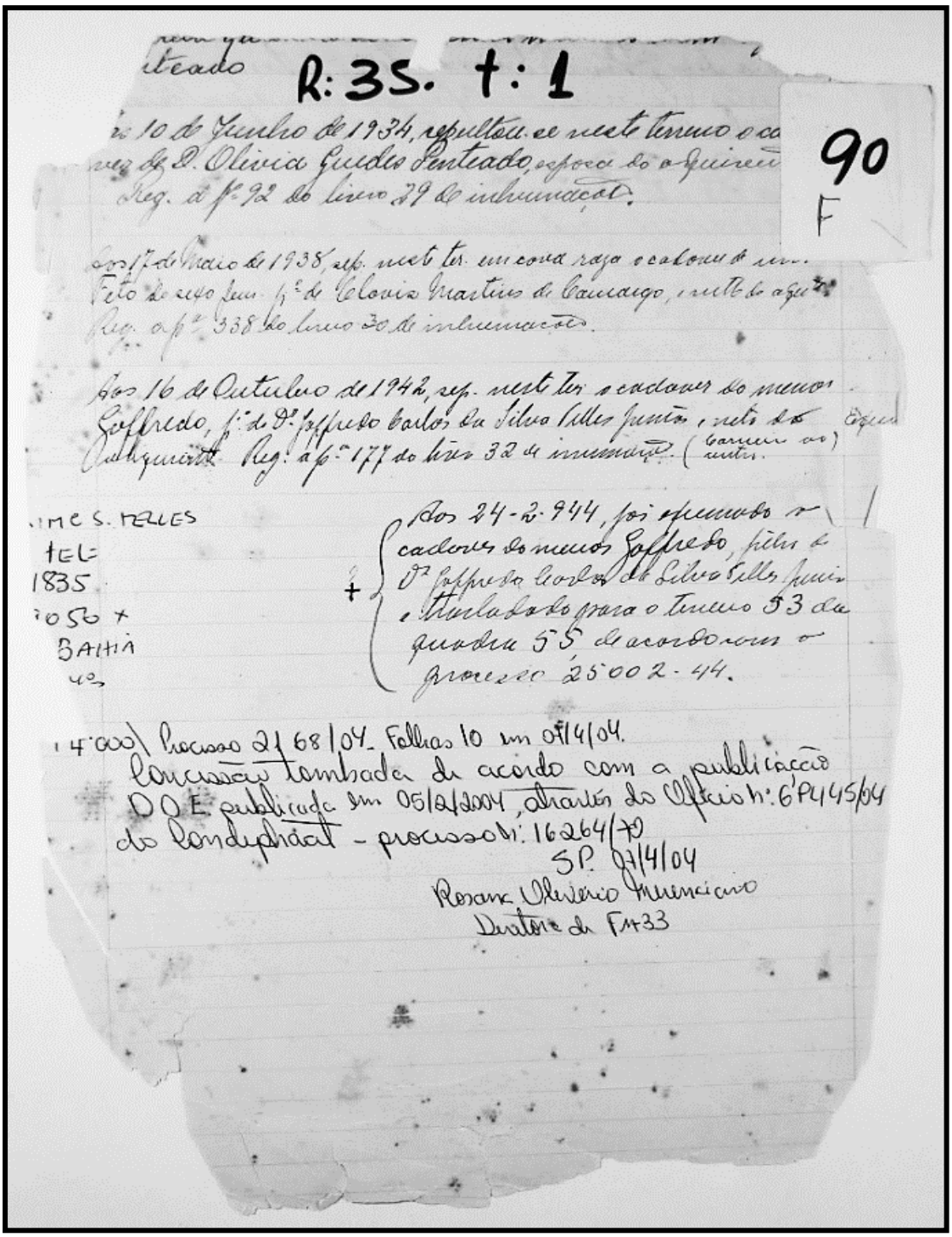
No século XIX, essa concessão era diferente, para se enterrar no cemitério da Consolação, a família escrevia uma carta de intenção para a compra do espaço, o pedido era submetido à Câmara Municipal, que autorizava a venda e a concessão de forma perpétua.

No documento de concessão (fig. 59) serão feitas todas as anotações pertinentes ao túmulo. Nesse documento identificamos a data de 10 de junho de 1934, quando ocorreu o primeiro sepultamento nesse terreno, refere-se a D. Olivia Guedes Penteado, o registro foi feito na folha 92 do livro 29 de inumações. Houve um segundo sepultamento em 17 de maio de 1942, aponta para o sepultamento em cova rasa de Clovis Martins de Camargo (1898-1942) e do inocente Gofredo, filho de Gofredo Carlos da Silva Telles Júnior (1915-2009), sobrinho de D. Olivia. Esse documento

também apresenta informações sobre o processo de tombamento ocorrido em 2004, tanto do conjunto escultórico como do próprio cemitério.

Veja o documento a seguir:

Figura 59 - Registro da Concessão do Túmulo de Olivia Guedes Penteado, Cemitério da Consolação, São Paulo




Fonte: Arquivo Histórico Municipal de São Paulo, 2016

Essa concessão pertence ao túmulo da mecenas das artes[78] Olivia Guedes Penteado[79]. Um conjunto escultórico (fig.60) com relevância histórica foi projetado e executado pelo italiano Victor Brecheret, um dos expoentes do Modernismo Brasileiro[80], o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT) promoveu o seu tombamento, impedindo qualquer modificação ou desativação do espaço.

> O conjunto escultórico tem 2,30 metros de comprimento e foi projetado em granito. Sua base ergue-se em três níveis: ao fundo vemos o conjunto escultórico que mede aproximadamente 3,65 metros de altura, representando a retirada de Cristo da cruz. Temos a *Pietá,* representada por Maria como a Mãe Dolorosa junto ao seu filho morto, Jesus, e, em pé e em lamento, encontramos as Três Marias relatadas no Novo Testamento. Segundo o guia mais famoso do Cemitério da Consolação, o querido Popó, ali estariam Maria Madalena, Maria de Betânia (irmã de Lázaro), Maria Cleófas ou Clopas (que também é conhecida como Maria Salomé) e uma quarta mulher, que não é relatada na Bíblia e ao que tudo indica seria Dona Olívia.[81] (COMUNALE, 2015, p. 224).

Entendemos que para esse tipo de conjunto escultórico se faz necessário o tombamento e a sua preservação, porém, existem outros exemplares que não possuem essas mesmas características, eles datam do século XIX e apresentam materiais e ornamentos específicos do período. Esses túmulos são os mais

---

[78] Uma incentivadora e patrocinadora das artes no Brasil.

[79] (1872-1934) - Filha dos Barões de Pirapitinguy, José Guedes de Souza, poderoso fazendeiro de café no Município de Mogi-Mirim, e de Dona Carolina Leopoldina de Almeida e Souza. Genuinamente paulista, sua ancestralidade teve origem em Fernão Dias Pais Leme por sucessão direta. A família liga-se também a Amador Bueno, o Tibiriçá, o cacique de Piratininga, e a João Ramalho. A família muda-se para São Paulo, passando a residir na rua Ipiranga, tornando-se o Barão de Pirapitinguy grande proprietário e capitalista. Aos dezesseis anos, casou-se com seu primo, Ignácio Penteado, do ramo dos Penteados de Campinas, que acabara de regressar da Europa, onde permanecera por vários anos em viagens de lazer e estudo. Dona Olívia ingressou no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo em 6 de maio de 1932, poucos dias antes de eclodir a Revolução constitucionalista, tendo sido a décima mulher a tomar posse nessa entidade. Teve um papel importante cuidando dos órfãos e desvalidos do conflito de 32, faleceu dois anos depois, de apendicite. Ver IHGSP.

[80] Na comemoração do centenário da Independência (1922), um grupo de intelectuais e artistas declaram o rompimento com o tradicionalismo cultural e a busca de um estilo novo uma arte genuinamente brasileira. Heitor Villa-Lobos na música; Mario de Andrade e Oswald de Andrade, na literatura; Victor Brecheret na escultura; Anita Malfatti e Di Cavalcanti na pintura, são alguns dos participantes da Semana. Tal esforço de redefinição da linguagem artística se articula a um forte interesse pelas questões nacionais, que ganham acento destacado a partir da década de 1930, quando os ideais de 1922 se difundem e se normalizam. Ainda que o modernismo no Brasil deva ser pensado a partir de suas expressões múltiplas - no Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernambuco etc. - a Semana de Arte Moderna é um fenômeno eminentemente urbano e paulista, conectado ao crescimento de São Paulo na década de 1920, à industrialização, à migração maciça de estrangeiros e à urbanização. Ver. ENCICLOPEDIA ITAUCULTURAL.

[81] Depoimento à autora do funcionário Francivaldo, também conhecido como Popó.

ameaçados de destruição e, no meu entendimento, são aqueles que precisam ser inventariados e registrados

Figura 60 - O sepultamento, “Mise au Tombeau”. Victor Brecheret, 1923. Granito. Cemitério da Consolação, São Paulo

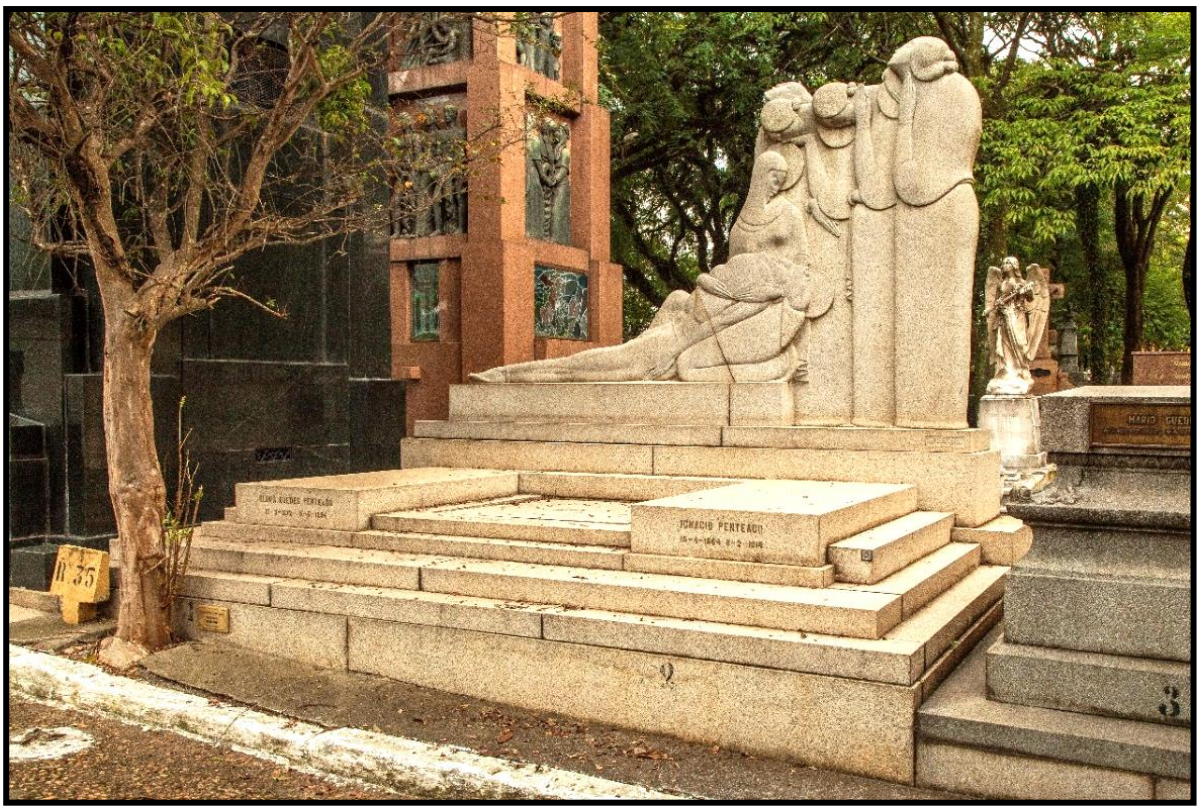



Foto: Marcelo Ferreira, 2016

## 2.3 UMA PROPOSTA PARA FICHA DE INVENTÁRIO

Com o fim do projeto no Cemitério da Consolação e a dissolução do GEAAC, do qual fazia parte, ficou inviável continuar o levantamento dos túmulos do cemitério da Consolação devido à falta de mão de obra para a execução do inventário. Mas a urgência em registrar esses túmulos permanecem.

Durante as pesquisas para o projeto, deparei-me com vários trabalhos sobre a arte tumular paulista, *como* “Imagens femininas em memória à vida: a escultura nos cemitérios da Consolação, Araçá e São Paulo, 1900 a 1950,” *de Ana* Maria Abrão Khoury Rahme (2000); e “A obra escultórica de Galileu Emendabili: uma contribuição para o meio artístico paulistano*”*, de Silvana Brunelli Zimmermann (2000). Em ambos

os casos as pesquisadoras dedicaram-se a abordar a construção iconográfica executada por artistas italianos nos cemitérios da cidade de São Paulo.

Pesquisas como “A morte como memória. Imigrantes nos cemitérios da Consolação e do Brás,” de Mirtes Timpanaro (2006) e “Escultores italianos e a sua contribuição à arte tumular paulistana”, de Josefina Eloina Ribeiro (2006), foram dedicadas a identificação e inventários dos túmulos edificados pelas marmorarias e pelos artistas italianos.

Portanto, permanecer com o objeto de estudo voltado para os cemitérios da cidade de São Paulo não traria nenhuma relevância para esta tese, no máximo ela seria uma compilação de pesquisas realizadas.

Como os túmulos mais abandonados do cemitério da Consolação são aqueles que foram edificados no século XIX, optei por pesquisar esses exemplares na região do Vale do Paraíba, que a partir de 1820 se destacou na cultura e produção do café no estado de São Paulo.

Com a pesquisa redirecionada, surgiu uma oportunidade de registrar e inventariar esse tipo de arquitetura funerária característica do século XIX. A proposta inicial era elaborar um inventário dos túmulos construídos até 1890 nos cemitérios da parte histórica da região.

O problema encontrado durante as pesquisas foi o acesso à documentação histórica como os livros de óbito, fundação do cemitério e concessões ou atas da câmara. Grande parte dessas fontes se perdeu durante o século XX.

Outro problema encontrado foi a organização do espaço cemiterial, com exceção das cidades de Areias, Guaratinguetá, Lorena, Piquete e Queluz, nos outros locais não encontramos sequer as demarcações de quadra, o que dificulta montar uma ficha completa de inventário.

Logo, foi necessário (re)elaborar a ficha, buscando atender a alguns quesitos para a identificação dos exemplares mais importantes desses cemitérios. Importante salientar que essa ficha de inventário é um modelo aberto que permite a inserção de novos elementos para atender aos cemitérios estudados.

### 2.3.1 Metodologia

Foi utilizada a metodologia produzida pela pesquisadora Elisiana Trilha Castro (2008) para os mapeamentos de cemitérios e de sepulturas. O primeiro passo foi realizar os registros fotográficos dos exemplares a serem estudados. Em geral, fazemos uma foto frontal, verso, laterais direita e esquerda, ornamentos e alegorias e, se existir, a assinatura de quem produziu a obra. Ressalto que em alguns casos não conseguimos fotografar todos os ângulos, devido ao crescimento desordenado que pode dificultar o acesso para a fotografia.

Para iniciar o inventário, precisamos fazer um panorama do cemitério inventariado, indicando a localização, seu estado de conservação, condição atual e a delimitação do local[82] com os diversos materiais construtivos e identificação de quem é o responsável pela sua administração. Ao final, incluí um campo para informações adicionais sobre o cemitério, como presença de ala dos inocentes, cruzeiro e ritos funerários.

A indicação da localização do cemitério se faz necessária, existem registros de cemitérios dentro das fazendas na região. Portanto, é importante mencionar as áreas pesquisadas.

Sobre o estado de conservação dos cemitérios, como não existe um manual específico para analisar esses espaços, tomei a liberdade de me inspirar na normativa para Inspeção Predial redigida em 2011 pelo Instituto Brasileiro de Avaliações e Perícias de Engenharia de São Paulo (IBAPE/SP).

Portanto, podemos classificar o estado de conservação cemiterial por meio de três situações:

- Bom: o cemitério tem a sua funcionalidade em ordem, o calçamento apresenta bom estado de conservação, serviços de jardinagem e poda de árvores em dia, identificação e monitoria de túmulos abandonados, sinalização interna e de identificação das quadras.

[82] Um desses materiais é o adobe, um tijolo de argila acrescido de palha ou capim, esse material pode ser seco ou cozido ao sol. Além dos muros de cemitérios, encontramos o adobe na construção de fazendas e solares.

- Regular: o cemitério apresenta problemas em sua funcionalidade, o calçamento comprometido, ausência do serviço de poda de árvores e jardinagem no local, ausência de monitoria dos túmulos abandonado e ausência de sinalização interna e nas quadras.

- Ruim: o cemitério pode provocar danos contra a saúde dos seus visitantes, inexistência de calçamento no local, falta de serviço de poda de árvore e jardinagem, túmulos abandonados e quebrados e falta de sinalização interna e nas quadras.

Outro campo ficou destinado à condição atual do cemitério, se ele se encontra em estado de abandono e, portanto, não recebe mais sepultamentos e não existe nenhuma forma de manutenção; se o espaço continua sendo utilizado pela população ou se o mesmo foi tombado devido a sua importância histórica para a cidade. Destacando se este cemitério está sob a administração municipal, particular ou de alguma irmandade religiosa.

Na próxima etapa, apresenta-se a identificação dos túmulos e dos sepultados, estado de conservação das obras e se houve ou não transferência de restos mortais para outro lugar.

No item seguinte, arquitetura funerária, subdividimos entre: a tipologias de construção, identificando as diversas construções tumulares presentes na região do vale; os materiais construtivos que serviram para a edificação da obra; a ornamentação e alegoria, indicando os diversos elementos visuais utilizados nas construções.

Por fim, temos o campo de informações adicionais, no qual podemos inserir informações relevantes que possam complementar a ficha de inventário como, por exemplo, informações acerca da conservação do túmulo. Quando possível será adicionada uma foto com a visão geral do túmulo.

A seguir, temos um exemplo de como essa ficha foi utilizada. O cemitério em questão é o da Santa Casa de Misericórdia da cidade de Bananal.

### 2.3.2 Modelo da ficha de Inventário

# FICHA DE INVENTÁRIO

## CEMITÉRIO

| Registro Fotográfico do Cemitério | Entrada do cemitério | Delimitação do cemitério | Visão da parte central do cemitério |
|---|---|---|---|
| |  |  |  |

| Identificação do Cemitério | Localidade | |
|---|---|---|
| | Cemitério Santa Casa de Misericórdia em Bananal | ☐ Centro<br>■ Bairro<br>☐ Isolado |

| Apresentação | Estado de Conservação | Condição atual | Tipo | Delimitação | |
|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>■ Regular<br>☐ Ruim | ☐ abandonado<br>■ em uso<br>☐ tombado | ■ Municipal<br>☐ Particular<br>☐ confessional | ☐ adobe<br>☐ cerca de arame<br>☐ sem delimitação | ■ muro de pedra<br>■ muro de alvenaria |

### Informações adicionais

O Cemitério da Santa Casa de Misericórdia não apresenta uma ala dedicada ao enterro dos inocentes, não identificamos o cruzeiro, mas em vários túmulos foram encontrados espaços para a acender as velas aos entes queridos.

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

| Registro Fotográfico do Túmulo | Vista geral do túmulo | Detalhe da alegoria na pilastra | Tampo em mármore com epitáfio |
|---|---|---|---|
| |  |  |  |
| | | | **Detalhe do suporte para a cruz** |
| | | |  |

| Identificação dos sepultados | Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|---|
| | 01<br>☐ não identificado | Beatriz de Souza Vallim | 22 de julho de 1877 | 14 de agosto de 1902 |

| Arquitetura Funerária | Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>■ Regular<br>☐ Ruim | ■ Túmulo horizontal interno<br>☐ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>☐ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ■ Pilastras |
| ☐ Base | ■ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ☐ Outros: _____ |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ■ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | ☐ Urna funerária |

**Informações adicionais**

O túmulo de D. Beatriz de Aguiar Vallim, é um exemplar mais simples e não está próximo aos outros túmulos de sua família. Filha do Coronel Luciano de Aguiar Vallim e de D. Maria Laura de Vallim, era neta do Comendador José de Aguiar Vallim Filho, que também repousa neste cemitério.

O estado de conservação do túmulo está regular, o único cuidado seria com o tampo que encerra a cova, que está em deformidade, podendo se partir se for removido e com isso se perderiam informações em seu epitáfio.

| Registro Fotográfico do Túmulo | Túmulo |
|---|---|
| |  |

## 2.4 OS TIPOS TUMULARES NOS CEMITÉRIOS DO VALE HISTÓRICO DO PARAÍBA

Os tipos tumulares fazem parte da nossa ficha de inventário, a pesquisadora Maria Elizia Borges (2017, p. 183) aponta a falta de critérios na utilização destes termos no Brasil, em que cada pesquisador apresenta uma nomenclatura diferente para abordar um mesmo item, como, por exemplo, os túmulos horizontais.

Nos levantamentos dos cemitérios da região, esses exemplares são comuns e podem receber cabeceiras proeminentes, pilastras ou colunas como suporte para diversas alegorias. Porém, em Curitiba, a pesquisadora Clarissa Grassi (2016) os nomeia como estelas e Borges (2017), como túmulos de médio porte.

Essas construções são recorrentes em nossos cemitérios no Brasil, logo, para identificar esses exemplares foram consultadas outras pesquisas além das já mencionadas, como o trabalho do Professor Harry Bellomo (2008) e o da pesquisadora Elisiana Trilha Castro (2014).

Podemos perceber que esses modelos de túmulos são recorrentes nos cemitérios da região, “considerando que os cemitérios do Vale datam do final do século passado (XIX), a fase branca, de mármore (nos campos dos ricos), de tijolo caiado (nos dos pobres), é marcada por um estilo muito próximo a dos cemitérios italianos” (MEIHY, 1983, p. 11) influenciando toda a região de São Paulo e a capital Rio de Janeiro.

A seguir, selecionamos alguns exemplares para ilustrar esses tipos tumulares encontrados nos cemitérios da região do Vale do Paraíba e na cidade de São Paulo.

## Túmulo horizontal interno

Figura 61 - Túmulo sem identificação - Cemitério do Bom Jesus - Bananal




Essas carneiras[83] datam do século XIX e podem ou não ter um revestimento interno, para se encerrar o caixão. No entorno do túmulo (A), uma estrutura em alvenaria que pode ser utilizada como suporte para algum tipo de revestimento, encimado da estrutura os tampos em mármore (B) com o epitáfio (C) que têm por objetivo manter a memória viva do ente que se foi. Em alguns exemplares encontramos alegorias que remetem à confissão de sua fé (D) e ornamento como o gradil (E) em ferro decorado ou cabeceiras proeminentes (F).

Esses exemplares são os mais comuns, covas abertas na própria terra para receber o enterramento, ao longo dos séculos adaptações foram executadas como, por exemplo, revestir a cova com alvenaria e não permitir o contato do corpo com a terra.

[83] Também conhecido como gavetas internas.

Figura 62 - Túmulos horizontais - Cemitério Municipal - Queluz




## Túmulo horizontal externo

Figura 63 - Túmulo externo - Cemitério de Alambary - Arapeí

Neste tipo tumular, a carneira fica na parte externa (A) ou seja, não existe contato com o solo. São apresentadas em várias versões, além das cabeceiras proeminentes (F), também encontramos obeliscos (G), hermas (H), pilastras (I) e oratórios (J) que podem abrigar diversas alegorias (K).



Figura 64 - Túmulo do Barão de Jacareí - Cemitério Municipal - Jacareí



## Jazigo Capela

Figura 65 - Jazigo Capela - Cemitério Municipal - Lorena




Capelas simbólicas edificadas em alvenarias com tijolos ou pedras, o espaço interior é pequeno, abriga somente um altar (L) com espaço para colocação de um crucifixo (M), símbolo da confissão religiosa cristã, flores, retratos ou bustos. Algumas variações permitem a instalação de cantoneiras (N) para abrigar os santos de devoção da família. No espaço que compreende todo o chão da capela existe uma abertura subterrânea que dá acesso às carneiras que ficam posicionada sob o altar. Existem variações que permitem a utilização das paredes da capela.

Figura 66 - Parte interna de uma capela - Cemitério do Brás - São Paulo




Para a ventilação do espaço, há janelas laterais e respiros. A entrada é pela porta principal, feita em ferro e vidro. Em algumas capelas encontramos vitrais decorados (O) com imagens sacras. Para ornamentar o espaço externo, o proprietário poderia colocar uma cruz, santos de devoção da família ou anjos. Essas construções seguem o estilo eclético, misturando os estilos Art Decó, Moderno, Neogótico e Neoclássico.

## Jazigo Monumento

Figura 67 - Jazigo Monumento do Comendador Rodrigues Alves - Cemitério dos Passos - Guaratinguetá




Este outro exemplar apresenta elementos monumentais, que se sobrepõem ao espaço do enterramento, também chamado de embasamento (P). Nesse espaço, a liberdade artística é utilizada para contar a trajetória de vida do falecido ou da família, utilizando alegorias ou ornamentos. A diversidade de material demonstra a importância desse indivíduo.

## Mausoléu

Figura 68 - Mausoléu Giulio Starace, Cemitério da Consolação - São Paulo




Maiores do que os jazigos capela, estes adotam o estilo eclético. São construídos em alvenaria e revestidos em pedra. São compostos de três partes: o embasamento (P) que é o local onde acontecem os sepultamentos, com carneiras subterrâneas ou acima do solo; o corpo do edifício (Q), que é uma capela maior que pode abrigar, por exemplo, uma celebração religiosa; o coroamento (R), que é a cúpula ou telhado, que recebe a ornamentação de cruz, anjos, santos ou conjuntos escultóricos diversos.

## Monumento cívico

Figura 69 - Monumento à Campos Sales, Cemitério da Consolação, São Paulo



Esse exemplar não foi encontrado nos cemitérios pesquisados, porém é interessante ressaltar que esse tipo tumular contém alegorias representativas sobre a atividade do morto ao longo de sua vida. Em diversos casos, essas construções foram financiadas pelo Estado. Cabe ao cemitério a manutenção desses túmulos que servem como um grande memorial.

## Ossário

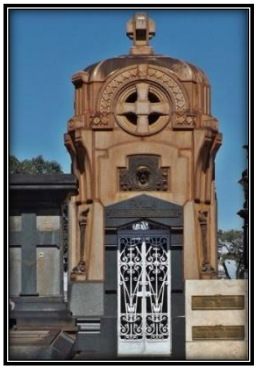
Figura 70 - Ossário - Cemitério Santa Casa - Bananal




Este espaço foi desenhado para receber os restos mortais dos corpos exumados dos túmulos. Esses espaços podem ser externos, formando columbários[84], localizados ao lado dos muros de delimitação do espaço ou aos fundos dos cemitérios. Ou podem ser como esse, localizado nos fundos do campo santo e sem delimitação individual.

## Cenotáfio

Figura 71 - Cenotáfio dedicado ao Comandante João Ribeiro de Barros, no Cemitério Municipal Ana Rosa de Paula, Jaú



Este exemplar de construção serve para homenagear pessoas que tenham contribuído para ações importantes naquela cidade. O cenotáfio não abriga os restos mortais do indivíduo, serve apenas como um monumento fúnebre.

[84] Na Antiguidade, nesses espaços eram depositadas urnas contendo as cinzas dos mortos depois da cremação.

## Catacumba

Figura 72 - Catacumba do Mausoléu da Família Matarazzo, Cemitério da Consolação, São Paulo



Espaço subterrâneo com lóculos onde são encerrados os caixões. Geralmente esses espaços também abrigam uma cripta com altar, bancos e genuflexórios.

Fonte: Jair Batista, 2017

### 2.5 AS ALEGORIAS CEMITERIAIS

Muitas dessas construções cemiteriais recebem alegorias que dialogam com a vida terrena e a espiritual. No século XVI, o italiano Andrea Alciati (1492-1550) publicou a obra *Emblematum Liber*, um livro de emblemas, ou seja, "imagens [...] impressas por pequenas xilogravuras de grande requinte formal e visual [...]." (GRIECO, 2003, p. 81).

Esses livros tornaram-se populares na Europa e serviram como meio de aprendizagem sobre as sociedades do período, abordando seu cotidiano e a religiosidade. Grieco aponta uma outra característica para essas imagens:

> Alciati buscou o material para seu livro em antologias gregas e nas epigramas em latim, mas assim que pegou o espírito da coisa, passou também a trabalhar com suas próprias idéias. Cada página tinha basicamente três elementos: um mote ou uma divisa, uma imagem que pictorializava a divisa, e um pequeno texto, em prosa ou verso, que funcionava como explicação adicional. O emblema [...] pode ser visto como uma imagem falante [...]. (GRIECO, 2003, p. 82).

Seu trabalho influenciou outros autores como Cesare Ripa (1560-1622), que anos depois baseou "seu tratado sobre as imagens na mitologia antiga, na escrita pictórica dos egípcios, e em alegorias cristãs" (GRIECO, 2003, p. 89), transformando o seu livro *Iconologia* em um "manual iconográfico, e uma lista de conceitos, arrumados por ordem alfabética (hipocrisia, história, e humildade, por exemplo)" (GRIECO, 2003, p. 89).

A pesquisadora Juliana Schimitt (2017, p. 239) aponta um outro tipo de alegoria, a dedicada à morte:

> É considerada a primeira do gênero, reunindo texto e imagem. Sua grandiosidade causou um grande impacto à época: na parte interna de um dos muros que cercava o terreno, na pintura de 20 metros de extensão, cerca de 30 personagens eram chamadas à dança da morte. Cada um era acompanhado por seu par, um cadáver putrefato, e, abaixo, pelos versos do poema. Localizava-se abaixo de um dos carneiros do cemitério, as galerias construídas sobre os muros para receberem os ossos que não estivessem completamente limpos, mas que deveriam ser retirados das fossas comunais para abrir espaço para novos corpos. A visão das pilhas de ossos ainda cobertos de pele ou restos de carne combinada à presença do afresco provavelmente intensificava seu efeito estético.

Essa representação, conhecida como *Dança da Morte*, foi retratada nos muros do cemitério dos inocentes em Paris e amplamente copiada durante o século XIV. Uma das versões mais conhecidas é a *Imagines Mortis* (fig.73), do alemão Hans Holbein (1497-1543). Portanto, essas alegorias irão compor manuais de referência que serão amplamente utilizados por pintores, escultores e poetas.

Figura 73 - Bernt Notke: Surmatants (Totentanz), mural na Igreja de São Nicolau, Tallin final do século XV (hoje no Museu de Arte da Estônia)



Fonte: Domínio Público

No Brasil, vários pesquisadores desenvolvem trabalhos sobre alegorias cemiteriais, um dos pioneiros foi Valladares (1972), que mapeou boa parte dos cemitérios do Brasil na década de 1970. Bellomo (2008) e Lima (1994) regionalizaram as suas pesquisas tentando identificar essas alegorias.

A pesquisadora Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho (2008) faz uma síntese sobre estas representações:

> A alegoria funerária, é na verdade (como toda alegoria) uma figura que encarna uma ideia por meio da sua representação [...], vão dotá-la de significados específicos. A alegoria pode ser lida, e essa leitura vai se dar na medida em que o sujeito compreende o código: a emblemática alegórica possui repertório e seu domínio vai possibilitar a fruição da alegoria na efetivação da sua mensagem: uma forma de comunicação, a alegoria transmite uma ideia [...].

Para elaborar o nosso glossário com as alegorias encontradas nos cemitérios do Vale do Paraíba, lançamos mão do material desenvolvido pelos pesquisadores mencionados. Outros autores foram consultados, como Chevalier (2016) e Marcondes (1998), para compor o glossário de alegorias e de ornamentos.

Para auxiliar na divisão das alegorias, utilizamos uma parte do modelo metodológico empregado pela pesquisadora Lima (1994), dividimos as alegorias em seis grupos: antropomorfos, figuras femininas, zoomorfos, fitomorfos, signos e objetos.

## Antropomorfos[85]

Figura 74 - Anjo orante - Cemitério Santa Casa de Misericórdia de Bananal



☐ Anjos - Representam os mensageiros que cuidam da alma do indivíduo, garantindo a travessia para o mundo invisível. Ele pode aparecer em outras funções.

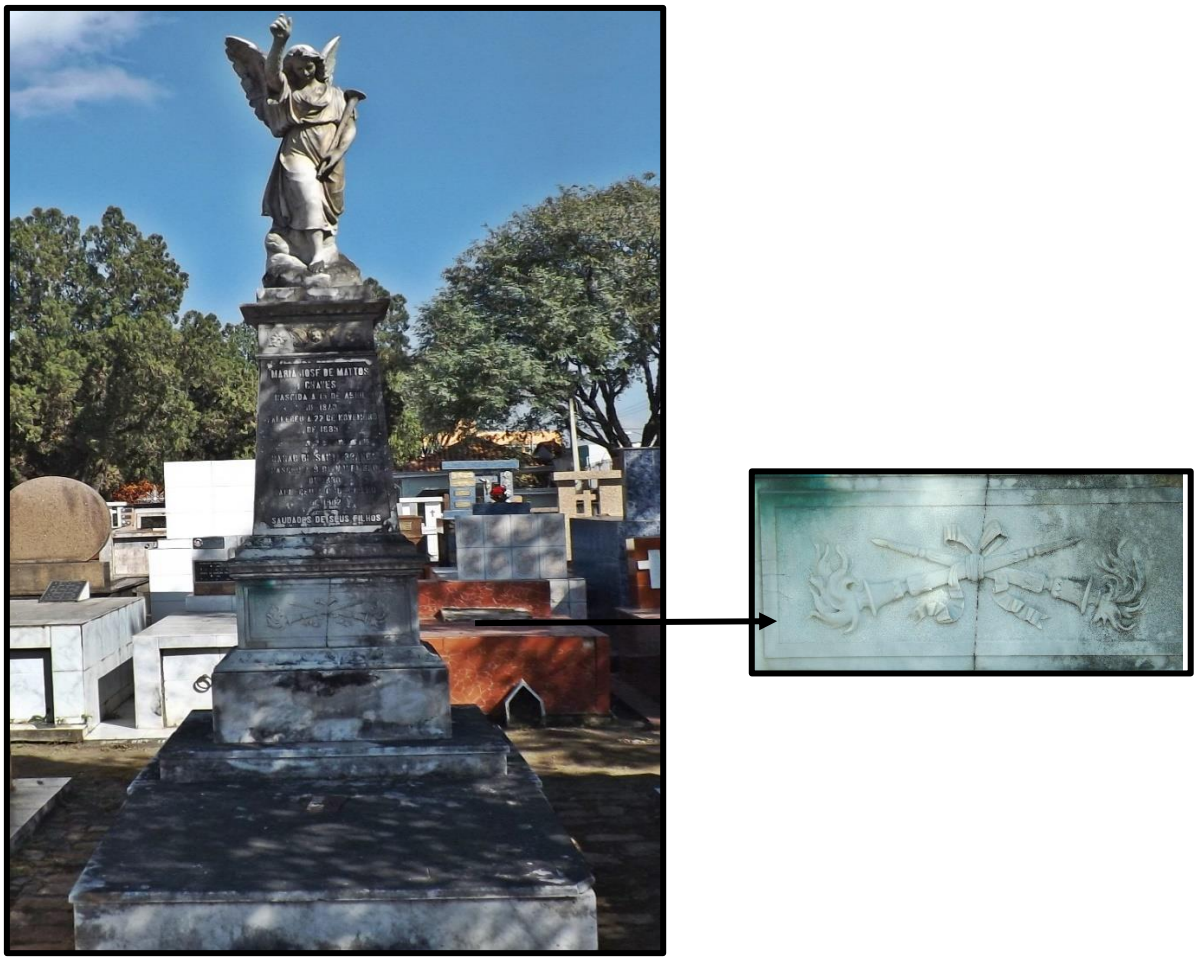
[85] São as representações de figuras na forma humana na alegoria cemiterial.

☐ Orante - Conhecido como “espreme limão”, esse pequeno anjo aparece com um joelho flexionado, com as mãos juntas em oração, pedindo pela alma do indivíduo que partiu.

☐ Crianças - Presentes em túmulos de inocentes ou natimortos. Em geral, são deixados balas e brinquedos como homenagens ao falecido. Botões de rosa também são encontrados nestes túmulos representando a morte prematura destes inocentes.

☐ Anjo do juízo final - Aquele que anuncia a chegada do julgamento do homem perante Deus. Essa alegoria também aparece com o anjo segurando uma trombeta.

Figura 75 - Alegoria do Anjo do juízo final, em detalhe as tochas invertidas – Cemitério Municipal Jacareí



- ☐ Anjo Pensativo - Aquele que reflete sobre a vida do falecido, sem ter certeza se ele será perdoado pelos seus atos em vida.

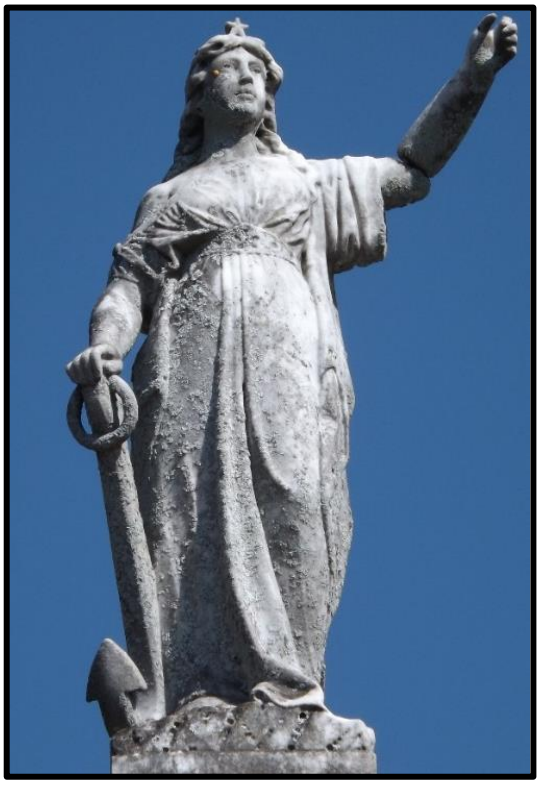
- ☐ Anjo que aponta - Quando sua mão indica o céu, o falecido era considerado uma pessoa boa e seguirá para o Paraíso.

- ☐ Caveira - Presente em diversos túmulos do século XIX, ele serve para nos lembrar da nossa finitude. Podemos encontrar o crânio aos pés de algum santo de devoção ou ossos cruzados, significando o fim da vaidade e o desapego à vida material.

- ☐ Caveira alada - Um símbolo muito popular até o século XVIII, representa a alma em busca da vida eterna.

## Figuras femininas

Figura 76 - Alegoria da Esperança - Cemitério Municipal de Jacareí



- ☐ Guardiãs - São figuras femininas que aparecem velando e lamentando pela partida do ente querido. Sempre representada com desolação, saudade e luto. Pode vir acompanhada com uma guirlanda ou flores, neste caso torna-se a alegoria da saudade.

- ☐ Figuras femininas com a cruz e um livro - Representam a primeira das Virtudes Teologais: a Fé. A utilização da cruz e do livro indicam a crença na fé maior cristã. Em algumas esculturas uma estrela é adicionada à alegoria, representando a Esperança. Em busca da sua redenção, o indivíduo tem que acreditar nestes dois elementos: Fé e a Esperança.

- ☐ Figuras femininas com a âncora ou estrela - Representam a segunda das Virtudes Teologais: a Esperança. Essa alegoria apresenta uma expressão serena e paciente.

- ☐ Figuras femininas com crianças - Representam a terceira das Virtudes Teologais: a Caridade. Acompanhada por uma criança no colo ou várias ao seu redor, essa alegoria representa o amor ao próximo e as boas ações que fazemos em vida.

- ☐ Figura feminina com espada - Esta é a alegoria da Justiça, a primeira das Virtudes Cardeais e a única vista em cemitérios no Brasil. Ela representa tanto a justiça divina quanto a dos homens.

- ☐ Eternidade - Esta figura feminina é representada com um círculo no braço. Ela representa o infinito e a vida eterna.

- ☐ Pietá - A reprodução de uma escultura cristã onde Maria segura seu filho Jesus morto em seus braços. A alegoria representa o desejo de que sua alma seja bem recebida.

- ☐ Pranteadora - Inspiradas na antiguidade clássica, essas esculturas femininas mostram mulheres altivas e jovens, com uma vestimenta longa acompanhada

de um xale. Sempre com gestuais que remetem à dor e ao desespero da perda do ente querido[86].

☐ Velada - A mulher com o véu e traços de pesar, significa aquela que está em luto pela sua perda.

## Zoomorfos[87]

Figura 77 - Leão guardião - Cemitério Senhor dos Passos em Guaratinguetá



☐ Borboleta - Assim como na natureza, sua representação nos túmulos indica a metamorfose do indivíduo que faleceu até a sua ressurreição.

☐ Cachorro - Não é muito comum, mas se ele estiver voltado para o túmulo, representa a fidelidade àquele que partiu. Se estiver de costas, está zelando pela alma.

☐ Coruja - Essa ave representava, na antiguidade clássica, o conhecimento e a sabedoria, mas nos cemitérios, quando a encontramos, são representadas de forma vigilante, cuidando do falecido durante seu repouso final.

[86] Descrição feita a partir das pesquisas realizadas em Porto Alegre. Cf. CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke 2009.
[87] São as representações de figuras na forma de animais na alegoria cemiterial.

- ☐ Felino - Se aparecer como suporte da carneira, serve para lembrar que o morto era responsável pelo sustento da família.

- ☐ Galo - Pouco usual na arte cemiterial no Brasil, a utilização do galo como alegoria, é a anunciação para uma nova vida que se inicia.

- ☐ Ovelha - Cordeiro de Deus. Às vezes é representado em túmulos infantis.

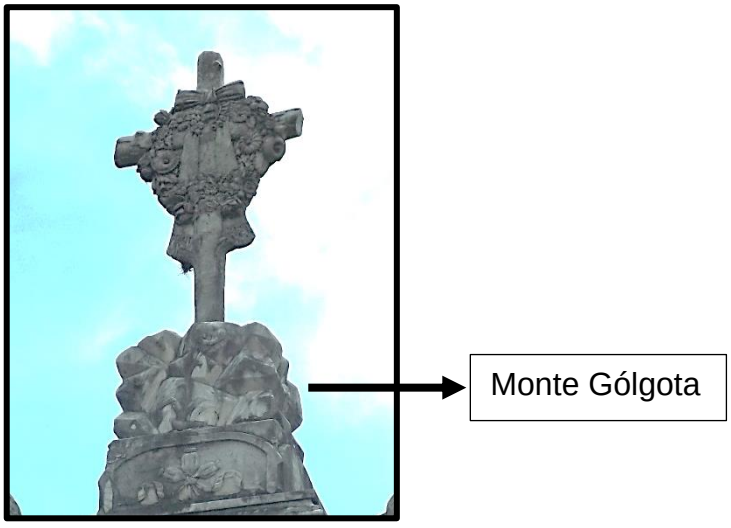
- ☐ Pelicano - Na representação cristã, ele significa o sacrifício e a doação daquele que partiu. Em túmulos maçônicos, o pelicano representa Deus.

- ☐ Pomba - Significa a presença do Espírito Santo, que zela pela alma do falecido. Em alguns casos, podemos representar como algum jovem puro que morreu muito cedo.

- ☐ Serpente - A sua representação nos túmulos está associada ao ciclo da eternidade, quando representada devorando sua própria cauda (Oroboro).

## Fitomorfos [88]

Figura 78 - Cruz com guirlanda- Cemitério Municipal de Lorena




[88] São as representações de figuras em formato de plantas e flores na alegoria cemiterial.

- ☐ Alcachofra - É conhecida como a flor da saudade, vem representada sozinha ou acompanhada de outros símbolos e flores.

- ☐ Café - É utilizada como alegoria em túmulos construídos para os Barões do Café, indica a riqueza que a família tinha em decorrência da plantação de café.

- ☐ Chorão - Pela forma como ele é retratado, parece com uma pessoa que está desolada, em prantos, por isso, representa a saudade do ente que partiu.

- ☐ Coroa de flores - É a concretização do círculo entre a vida e a morte. Esta alegoria pode vir acompanhada de flores únicas, como rosas, ou de diversas flores, como papoulas, café e rosas.

- ☐ Guirlanda de louro - Representa a vitalidade do espírito que partiu. Um vencedor em vida.

- ☐ Girassol - A presença desta alegoria indica uma invocação a Deus.

- ☐ Palma - Os ramos de Palma remetem ao calvário de Jesus Cristo.

- ☐ Perpétua - É o símbolo da imortalidade.

- ☐ Rosas - Significa a pureza e o caminho espinhoso traçado durante a vida até a morte.

- ☐ Violeta - Nos lembra da fragilidade da vida.

## Signos

- ☐ Brasão - São utilizados nos túmulos para indicar títulos de nobreza nobiliárquicos. Sempre na parte frontal do túmulo.

- ☐ Chama - Simboliza a imortalidade, algo que não se apaga nem com a chegada da morte.

☐ Coroa - Símbolo maior da nobreza, é utilizado para destacar a importância do morto na sociedade em que ele viveu.

Figura 79 - Detalhe das coroas inseridas nas cabeceiras dos túmulos – Cemitério Santa Casa de Misericórdia de Bananal



☐ Lamparina - O caminho para a vida eterna.

☐ Maçônico - Símbolos como pirâmide, o olho que tudo vê e o próprio pelicano ligam o indivíduo a uma loja maçônica.

☐ Monte Gólgota - Uma referência ao local onde Cristo foi crucificado.

☐ Sol - Significa a luz, uma vida nova.

☐ Tocha - Acesa com as chamas para cima representa a eternidade, virada para baixo representa o fim da vida.

## Objetos

☐ Ampulheta - Representa a contagem do tempo, mostra que o tempo passa para cada um de nós nesta vida. Esta alegoria pode vir com asas de anjos e morcego, neste caso indicando que a vida é muito curta.

Figura 80 - Ampulheta com asas - Cemitério Senhor dos Passos de Guaratinguetá



- Âncora - Já mencionada acima, quando acompanhada de uma figura feminina, representa a esperança de sua alma ser salva. Pode vir junto com uma figura feminina ou sozinha. Existe outra representação em que ela aparece partida, neste caso simboliza o fim da vida. É utilizada para associar quem está ligado ao mar.

- Bigorna - Encontramos esta alegoria em túmulos de famílias de industriais, representa a força do trabalho.

- Cruz de madeira com raízes fincadas na terra - Representa a fé cristã consolidada que surge da terra onde estão os restos da pessoa enterrada.

- Coluna quebrada - A vida deste indivíduo foi interrompida de forma repentina ou ele faleceu muito cedo ou de forma violenta e inesperada. Também pode representar a partida do patriarca da família.

- Foice - Ceifar a vida. Se ela estiver acompanhada com uma tocha invertida, representa o fim da vida; se a tocha estiver para cima, significa a eternidade.

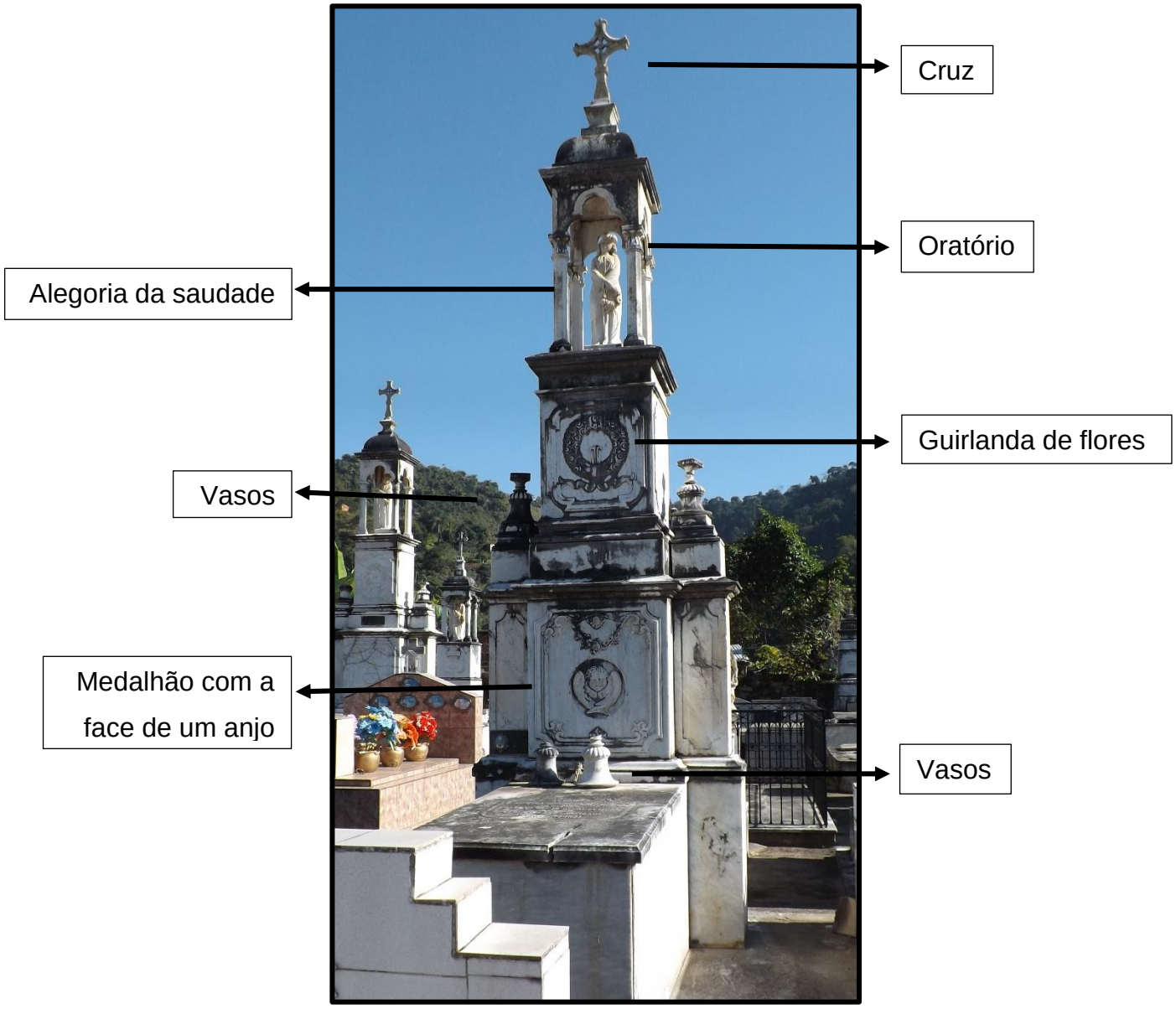
- Letras gregas - Muito comum nos cemitérios as letras Alfa e Ômega aparecem para mostrar o início e o fim da vida.

☐ Livro aberto - O morto foi íntegro em vida, seguindo os mandamentos cristãos.

☐ Livro fechado - O morto completou sua missão nesta vida.

☐ Urna funerária - Representa a separação do corpo e da alma, representa a proteção ao corpo do indivíduo. Pode vir acompanhada de flores, representando a ressurreição. Com um manto cobrindo a urna, significa a proteção de sua alma.

Figura 81 - Detalhes do túmulo no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Bananal



## 2.6 OS ORNAMENTOS NA ARQUITETURA TUMULAR

Além das alegorias utilizadas nos túmulos, a ornamentação contribui para a decoração da morada final. Em alguns casos, o proprietário do espaço de enterramento solicita a um marmorista a execução do túmulo que atenderá a ele ou a sua família. Porém, o mais comum é a família encomendar após o sepultamento a execução do túmulo que contenha ornamentos que contemplem a memória da família.

Assim como nos cemitérios da capital, Meihy (1983, p. 8) aponta que os campos santos do vale recebem construções que reproduzem na morte o seu comportamento em vida, por meio da tradição familiar e de seu poder econômico.

Para Cymbalista (2002, p. 72):

> As pessoas e as famílias isoladas lançaram-se então, pela primeira vez no Brasil, à imensa tarefa de representar a morte sem a obrigatoriedade da moldura normativa da Igreja. Neste contexto, a arquitetura é explorada em toda a sua potencialidade, para produzir [...] novas e velhas maneiras de se representar a morte e os mortos. Cada túmulo assume características e identidades próprias [...] o repertório formal e estilístico disponível localmente (ou a capacidade de buscá-los mais longe), a escolha por materiais abundantes ou escassos, a necessidade ou vontade de evocar o espaço sagrado (ou de afastá-los de vez).

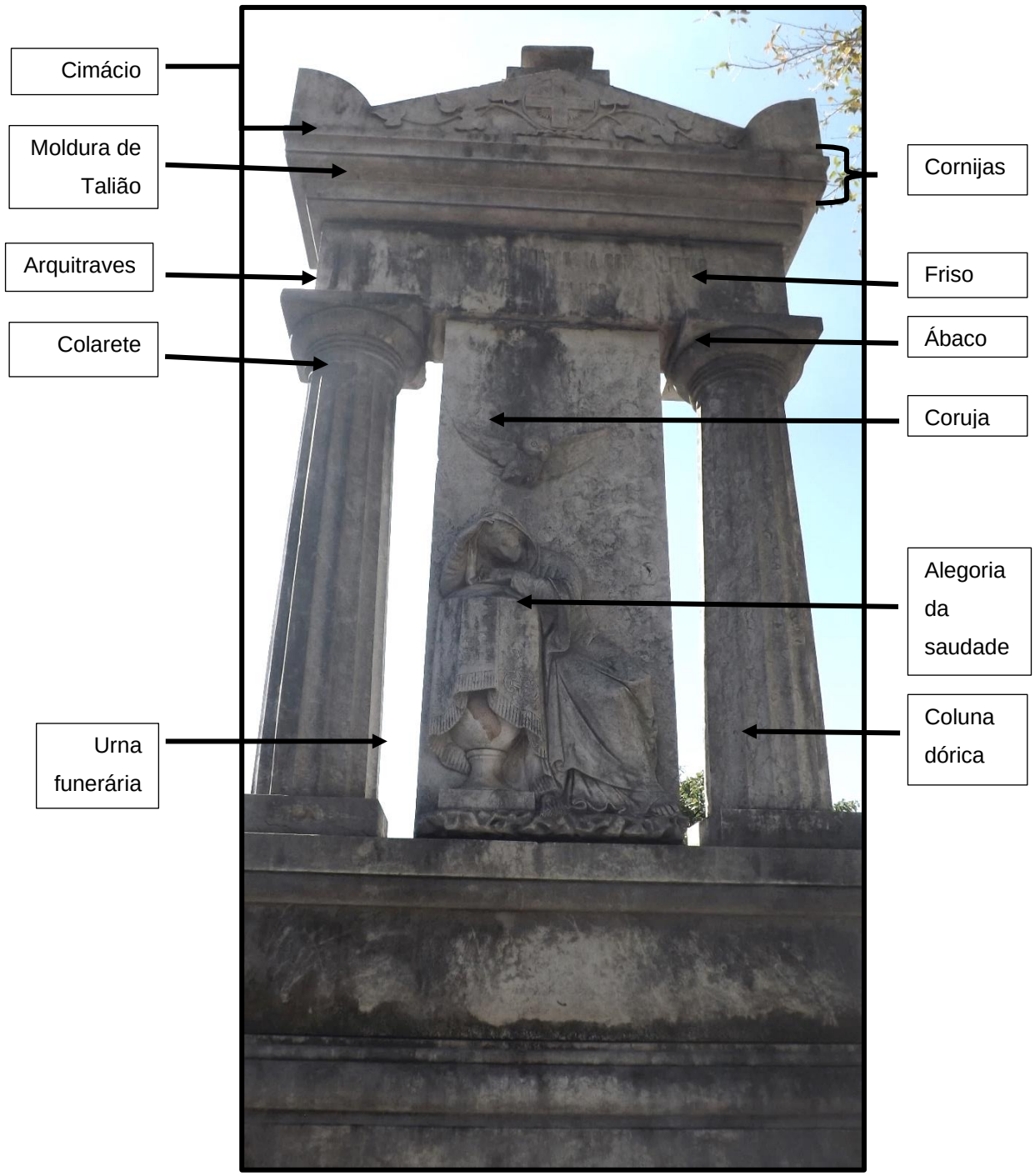
Após o trabalho de campo que envolveu a realização dos registros fotográficos nos cemitérios da região, identificamos os ornamentos mais comuns utilizados nestes exemplares. Além de estarem na ficha de inventário, desenvolvemos um pequeno glossário que auxiliará na análise estilística destes túmulos.

- ☐ Ábaco - Laje chata sobre o capitel de uma coluna lisa no estilo dórico.

- ☐ Arquitrave - Divisão situada na base de um entablamento clássico que repousa diretamente sobre os capitéis das colunas e que apoia o friso.

- ☐ Antic - Escultura grotesca em forma de animais, vegetais ou humana, como uma gárgula, são encontradas nas extremidades das construções servindo como ponto de escoamento de água.

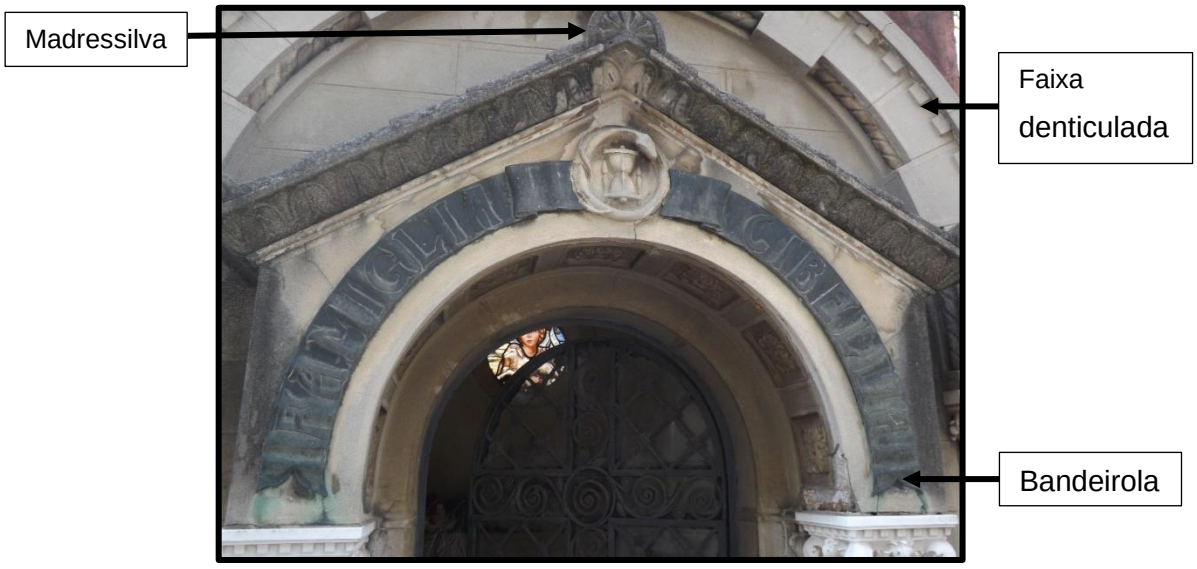
Figura 82 - Túmulo no Cemitério Municipal de Jacareí



☐ Auréola - Disco ou anel radiante sobreposto sobre a cabeça de uma figura, representa a divindade e a sacralidade do indivíduo representado na escultura, pintura ou vitral.

☐ Bandeirola - Faixa esculpida que lembra uma longa fita ou rolo, adaptada para receber uma inscrição. Pode ser esculpida na pedra ou em outro suporte.

Figura 83 - Detalhe do túmulo no Cemitério da Consolação em São Paulo




☐ Base - Porção inferior de uma coluna, pilastra ou parede.

☐ Botões - Ornamento medieval inglês em que sugere uma flor de três ou quatro pétalas que se encerram dentro de uma bola.

☐ Campânula - Parte que constitui o fundo de um capitel folhado entre o ábaco e o colarete.

☐ Capitel - Extremidade superior, tratada de modo característico em cada ordem, de uma coluna, pilar ou pilastra, que coroa o fuste e recebe a carga do entablamento ou arquitrave.

☐ Cártulas - Superfície oval com volutas é frequentemente utilizada para ornamentar as fotos em cerâmica fixadas nas lápides.

- ☐ Cimácio - Elemento sob a cornija.

- ☐ Colarete - Faixa ou filete de uma coluna acima do fuste e abaixo da parte projetada do capitel.

- ☐ Coroa - Elemento similar a uma laje, apoiado sobre uma moldura de talão e sob o cimácio e a cornija.

- ☐ Cornija - Elemento presente sobre um entablamento clássico sempre acompanhado do cimácio, da coroa e da moldura de talão.

- ☐ Cruz - Utilizada como símbolo do cristianismo, é representada por uma peça na vertical e outra na horizontal.

Figura 84 - Ornamento Cruz Celta – Cemitério da Consolação em São Paulo



☐ Cruz Celta - Semelhante à Cruz Latina, porém com um arco que circunda a cruz.

☐ Cruz Dentada - Cruz de Malta com extremidade de cada braço dentada em forma de V.

☐ Cruz Grega - Duas hastes com de mesmo tamanho cruzando-se exatamente no centro.

☐ Cruz Latina - Peça menor na horizontal intercepta a vertical próximo ao topo.

☐ Cruz com Cristo - Também visto como crucifixo.

☐ Cruz de Malta - Cruz com braços de mesmo comprimento cada qual se expandindo a partir do centro.

☐ Dentículo veneziano - Série de pequenos blocos retangulares que se alternam em superfícies inclinadas em uma arquivolta ou moldura.

☐ Epitáfio - Podem ser versos inseridos na lápide sobre o túmulo, citações bíblicas ou frases /palavras que possam remeter a uma homenagem à pessoa sepultada.

☐ Estrela de Davi - Hexagrama utilizado como símbolo do judaísmo.

☐ Faixa denticulada - Moldura que ocupa a posição de uma fileira de dentículos entalhada.

☐ Faixa grega - Motivo ornamental encerrado em uma listra e composto por figuras repetidas, normalmente geométricas.

☐ Festão - Representação decorativa de uma fileira ou uma guirlanda de flores, folhagem, fitas ou outro elemento do gênero. Podem vir suspensas, em curva ou de um ponto a outro.

Figura 85 - Ornamento festão – Cemitério da Consolação em São Paulo



- Filigrana - Trabalho vazado e ornamental.
- Flecha - Estrutura piramidal ou cônica alta que se eleva na parte superior de uma construção.
- Flor de Liz - Lírio estilizado de três pétalas amarradas na base por um anel.
- Flor de Lótus - Representação de plantas aquáticas presente na arte egípcia.
- Flor de Papoula - Foi muito representada até o século XX, desta flor deriva-se o ópio, uma substância muito utilizada em remédios que aliviavam as dores físicas e emocionais. A sua presença indica a busca pela vitória sobre o luto.

Figura 86 - Ornamento flor de papoula – Cemitério Municipal de Jaú



☐ Fotografia - Gravada em cerâmica, serve como um elemento de memória ao falecido.

☐ Fuste - Parte central de uma coluna ou pilar, compreendida entre o capitel e a base.

☐ Garra - Ornamento que se projeta a partir da base circular de uma coluna em direção à quina.

☐ Gradil - Feito em ferro, servia para delimitar o espaço dos túmulos. Alguns exemplares trazem o ano de nascimento e falecimento do falecido.

☐ Grifo - Animal mitológico normalmente representado com cabeça e asas de uma águia e o corpo e cauda de leão.

Figura 87 - Ornamento grifo – Cemitério da Consolação em São Paulo



☐ Grotesco - Figuras fantásticas distorcidas que ornamentam as construções.

☐ Guirlanda - Faixa ornamental ou guirlanda de flores, folhagem ou outro decorativo.

- ☐ Halo - Circunferência representada sobre a cabeça das esculturas, representa a santidade daquela imagem.

- ☐ Madressilva - Ornamento em forma de folhas de madressilva ou palmeira agrupada em leque. Pode ser fixada nas extremidades das construções.

- ☐ Máscara - Representação de um rosto ou cabeça de uma figura fantástica que ornamenta as construções.

- ☐ Medalhão - Baixo relevo circular ou oval contendo uma figura ou ornamento em relevo.

- ☐ Moldura de talão - Conjunto de molduras abaixo da coroa e da cornija.

- ☐ Palmeta - Forma estilizada da folha de palmeira utilizada como elemento decorativo na arte e arquitetura clássica.

- ☐ Pilastra - Elemento retangular de pouca profundidade que se projeta de uma parede, com uma base e um capitel.

- ☐ Pináculo - Estrutura vertical subordinada que termina em pirâmide ou flecha. Em estruturas maiores serve para acrescentar peso na pilastra de arcobotante.

- ☐ Placa - Retângulo projetado para abrigar inscrições nas lápides. Servem para abrigar as inscrições sobre os falecidos, epitáfios ou qualquer homenagem que se ache necessária.

- ☐ Obelisco - Peça em pedra quadrangular, à medida que aumenta sua altura faz um desenho piramidal na ponta.

- ☐ Oratório - Nicho que abriga esculturas que podem ou não ser de caráter religioso, em geral são feitos no estilo eclético.

- ☐ Roseta - Ornamento circular que abriga no seu entorno desenho de flores ou plantas. Pode ser encontrada como elemento vazado ou com vitrais.

Figura 88 - Ornamento roseta – Cemitério da Consolação em São Paulo



- Vaso - Recipiente utilizado para colocar flores. Podem conter elementos ligados à alegoria do túmulo.

## 2.7 DA EUROPA PARA O VALE DO PARAÍBA

Conforme já mencionamos, a entrada da Lei Eusébio de Queirós (1850), não acabou definitivamente com o tráfico negreiro e nem com a escravidão no país, mas deu um passo importante para a extinção desse processo, que acabou por acontecer em 1888.

Com a diminuição da entrada de mão de obra escrava no Brasil, alguns fazendeiros buscavam alternativas que pudessem suprir essa necessidade. Um dos antigos regentes do Império, o fazendeiro Nicolau de Campos Vergueiro (1778-1859), trouxe, com o auxílio de verbas dos cofres do Império, imigrantes oriundos da Alemanha e da Suíça para trabalharem em suas fazendas em regime de parceria.

> Os parceiros se dedicavam principalmente ao trato e a colheita do café, dividindo com o proprietário de terras lucros ou prejuízos anuais. A experiência resultou em inúmeros atritos. Mesmo sendo provenientes de regiões da Europa batidas pelas crises de alimentos, os parceiros não se conformaram com as condições de existência encontrada no Brasil. Eles eram submetidos a uma disciplina estrita, incluindo a censura a correspondência e o bloqueio da locomoção nas fazendas. (FAUSTO, 2007, p. 206).

Com tantos problemas, os imigrantes que já estavam acertados em vir para o Brasil desistiram, e uma nova leva de estrangeiros chegaria por aqui a partir de 1870, e os italianos seriam a grande maioria. Fugindo da fome e do conflito que se espalhara pelo território italiano, “Inicialmente chegaram imigrantes de todas condições: o agricultor ignorante e simplório, pessoas com uma cultura superior à dos habitantes naturais do lugar e também profissionais qualificados [...]” (BORGES, 2017, p. 43).

Os profissionais qualificados vieram ao Brasil por meios próprios, buscando abrir seu próprio negócio (fig. 89) e conseguir uma vida melhor no país. Porém, havia alguns desafios a serem vencidos.

> Os italianos chegados a nova terra encontraram uma série de dificuldades graves a serem superadas: o clima, a língua, os costumes, o sistema de trabalho, as pessoas, que eram diferentes do que haviam deixado, provavelmente diferentes mesmo de como eles os haviam imaginado. Para vencer e resistir deviam possuir muito espírito de adaptação e uma grande tenacidade. (SALMONI; DEBENEDETTI, 1981, p. 57).

Figura 89 - Anúncio da marmoraria central - Almanack São Paulo, 1888




Fonte: Biblioteca Nacional, 2019

O jornalista italiano Pietro Maria Bardi (1900-1999) (1981, p. 12), aponta:

> A maior parte das construções no Brasil deve-se à surpreendente capacidade do imigrado e do popular de se provarem nas mais variadas tarefas. Um cronista contou: perguntando a um recém-chegado o que sabia fazer, este respondeu-lhe: tudo. A confirmação desta persuasão está em não sei quantas empresas que deram certo [...].

Um bom exemplo é a vinda da Família Oliani para o Brasil, Tito Oliani (1877-1949), pai do escultor Alfredo Oliani (1906-1988), proveniente da cidade de Ostíglia, localizada na província de Mântua, chegou com seus irmãos em São Paulo no último quartel do século XIX, em busca de melhores condições de vida. A família que aparentemente não tinha nenhum tipo de especialização, optou por trabalhar na construção civil desta nova cidade para conseguir se sustentar.

> Iniciaram seus trabalhos como serventes, pedreiros, frentistas, mestres de obras e construtores. O próprio Tito trabalhou na construção de diversos edifícios, entre eles a residência do maestro Furio Franceschini, a Igreja Bom José do Ipiranga e o Noviciado das Irmãs Salesianas, onde depois funcionou a antiga Faculdade São Marcos, todas essas obras no bairro do Ipiranga. (COMUNALE, 2015, p. 40)

O espírito de sobrevivência dos italianos era grande e não existia nada que eles não pudessem fazer ou aprender. “Em São Paulo, os escultores de origem italiana dedicaram-se principalmente à arte funerária e à construção de monumentos públicos (CAVATERRA, 2015, p. 98). E será em nosso estado de São Paulo que surgirão as primeiras marmorarias (fig. 90), como Borges (2017, p. 84) as define, firma industrial, comercial e de importação.

Figura 90 - Anúncio da Família Cresta - Jornal do Commercio 01.jan.1895




Fonte: Biblioteca Nacional, 2019

Esses artífices “chamados de artistas por uns e negligenciados pelos críticos de arte” (CASTRO, 2018, p. 31), trouxeram seu ofício para o desenvolvimento dessas oficinas, que se especializaram na “importação, montagem e posteriormente na confecção de retábulos e esculturas cemiteriais e sacras produzidas com mármore italiano (CAVATERRA, 2015, p. 98).

Para atender os seus clientes, as marmorarias (fig. 91) utilizavam catálogos com desenhos de anjos, lápides, piras, ornamentos, retábulos, santos, vasos entre outros, que eram amplamente utilizados na Europa, fazendo assim uma produção em série desses produtos.

Figura 91 - Anúncio da Marmoraria Tavolaro -
Jornal L´Echo du Bresil 07. abr. 1895




Fonte: Biblioteca Nacional, 2019

Borges (2017, p. 103) fez um estudo aprofundado sobre as marmorarias instaladas em Ribeirão Preto:

> Toda marmoraria possuía sua vitrine de amostra, onde se expunham modelos de túmulos, de imagens e de adornos afins. Em Ribeirão Preto, os modelos eram realizados nas oficinas marmóreas ou eram oriundos das grandes marmorarias de São Paulo. O cliente interessado, com a ajuda do vendedor da firma, selecionava os objetos necessários para a montagem do tipo de túmulo desejado. A marmoraria concordava em executar o túmulo conforme as modificações, os acréscimos, as combinações exigidas pelo cliente.

Cavaterra (2015, p. 153), confirma essa informação sobre a oficina do escultor e entalhador italiano Marino Del Fávero (1864-1949), a vitrine ficava na entrada do

seu ateliê à vista de qualquer pessoa que cruzava a Rua Sete de Abril, nº 104 no Centro de São Paulo.

Com certeza, essa também era a forma de se comercializar na região do Vale do Paraíba. Perroni (2015, p. 29) nos lembra que a região era próspera devido ao cultivo do café na região e, como já vimos, essa riqueza proporcionou aos fazendeiros locais construírem suas belas fazendas, seus solares, igrejas e edificações oficiais da vida civil que constituíram o respaldo urbano da vida rica, produtiva e elegante que as famílias dos barões levavam na zona rural.

A documentação dessas marmorarias que atuavam na região do Vale do Paraíba se perdeu ao longo dos anos, assim como as informações sobre os artífices que prestaram serviços a elas. Aprofundando as pesquisas, percebemos que essa situação aconteceu em todo o Brasil, porém alguns pesquisadores conseguiram resgatar parte dessas histórias.

Borges (2017), resgatou a história da Grande Marmoraria Ítalo-Brazileira do escultor italiano Carlo Barbieri (1865-1943), a Marmoraria Italiana dos escultores Antonio Roselli (1885-1969) e Alfredo Gelli (1868-1956), Marmoraria Progresso dos marmoristas Aldamiro Fazzi (1875-1950) e Vicente Franceschini (1865-1931) e a Marmoraria Paulista dos ex-funcionários da Marmoraria Italiana e Progresso, Renato Bulgarelli (1908-?) e João de Bertoli (1898-1982), todas localizadas em Ribeirão Preto.

Em 2008, a pesquisadora Halima Alves de Lima Elusta (2008), fez uma pesquisa no Cemitério da Saudade, em Campinas, sua dissertação *Visita ao museu de pedra: arte no Cemitério da Saudade de Campinas/SP* resgata os marmoristas que trabalharam na construção desse belíssimo cemitério, como: A grande Marmoraria Internacional, Irmãos Coluccini, Zarattinni, Cantaria Luzitana, Marmoraria Velez e Tomagnini.

Em Belo Horizonte, Almeida (2007, p. 176), trouxe a história das marmorarias Lunardi & Machado (1896), Familia Natali (1895), que tem obras assinadas no Cemitério da Consolação, em São Paulo, e Martins e Bottaro (início do séc. XX).

Carvalho (2009) e Bastianello (2016, p. 118) resgataram a história de duas marmorarias importantes no Rio Grande do Sul. A primeira estudou a Casa Aloys,

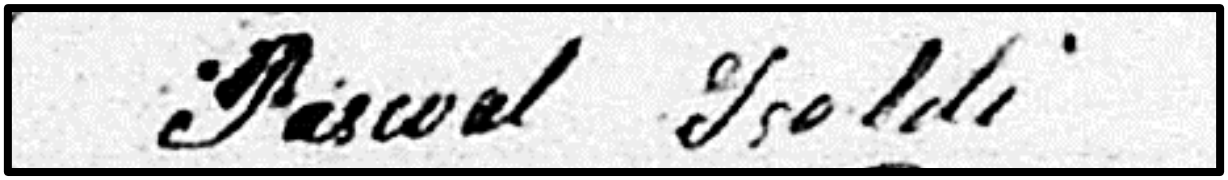
uma das mais importantes marmorarias na região, fundada pelo teuto-brasileiro Jacob Aloys Friedrichs (1868-1950), a segunda resgata a história da Oficina de Mármores em Bagé, do escultor espanhol José Martinez Lopes (1868-1952) que foi, no passado, funcionário da Casa Aloys.

Castro (2018) nos presenteou com a história da Oficina de Mármore e Cantaria, fundada pelo teuto Mathias Haas (1887-1963), posteriormente conhecida como Marmoraria Haas, a única que permanece em atividade e uma das poucas que preserva documentos de sua atuação neste segmento, diversificou seu mercado, atuando hoje como a Funerária Mathias Haas[89].

Com tantas adversidades encontradas na região do Vale do Paraíba acerca de sua documentação, não caberá a esta pesquisa resgatar a história dessas marmorarias ou de seus artífices. A proposta é identificar, por meio de suas obras, a região de atuação e a sua cidade de origem, deixando em aberto uma oportunidade de pesquisa sobre esses artistas futuramente.

## 2.8 OS ARTÍFICES EM ATIVIDADE NO VALE DO PARAÍBA

### 2.8.1 Pascoal Isoldi




Até a década de 1830, os habitantes da pequena vila de Resende eram enterrados seguindo os costumes da época, pessoas ilustres e abastadas encontravam seu repouso final na parte interna da igreja, enquanto as pessoas mais simples ficavam no seu entorno.

De acordo com o Whatley e Godoy (2001, p. 41), em 1837 foi construída uma catacumba, “era um casarão com quatro paredes em taipa, coberta de telhas e que

[89] Foi inaugurado em 20 de julho de 2017 o Memorial Funerário Mathias Haas, o primeiro museu sobre a temática da morte e de cemitérios no Brasil. Acesse http://www.memorialfunerario.org.br/.

tinha ao centro uma vasta área empedrada, a céu aberto", o local passou para a administração da Irmandade dos Passos, que funcionou entre os anos de 1839-1884. Foi demolida em 1903.

Em 1860 inicia-se a construção do cemitério extramuros que recebe os corpos transladados da antiga catacumba. A construção do primeiro mausoléu no local foi uma encomenda de D. Maria Benedita Gonçalves Martins (1809-1881) ao marmorista da região Pascoal Isoldi (1847-1916).

D. Maria Benedita era conhecida na região como a *Rainha do Café*. Herdou muito cedo a fortuna do pai, o Comendador Manoel Gonçalves Martins (1744-1809), casado com a índia da etnia Puri batizada como Ana Maria de Jesus e do marido, o Comendador Joaquim José Martins (1798-1872), um prospero fazendeiro na região. Ficou "conhecida como a Rainha do Café do Vale do Paraíba. A abastada fazendeira [...] despertava a atenção e curiosidade pela vistosa liteira que a levava, acompanhada de grande número de mucamas e de mulatas[...]".(GUIMARÃES, 2004).

Apesar da sua posição privilegiada e de sua elegância, D. Maria Benedita era uma mulher virtuosa, sempre disposta a ajudar os pobres e desvalidos sem se identificar. Portanto, esse monumento funerário deveria ser uma representação da sua posição social em Resende.

A família Isoldi veio da cidade de Pistóia, na Itália, junto com outras famílias em meados do século XIX, estabelecendo-se na região como marmorista industrial - termo utilizado pelo genealogista Itamar Bopp - e fazendeiro.

Para a construção deste mausoléu (fig. 92), o artífice utilizou mármore carrara, uma pedra nobre que não era encontrada nos cemitérios da região. Só foi possível a utilização desse material a partir da expansão da linha férrea vinda da cidade do Rio de Janeiro.

Erguido sobre antiga sepultura da família, o túmulo horizontal, cercado por um gradil, é ornamentado por quatro pilastras, decoradas com guirlanda de flores e folhas de café, sobre a base, um pedestal ornamentado serve de suporte para uma escultura alegórica da saudade, seu olhar de pesar vigia aqueles que ali descansam. Nas mãos,

uma guirlanda de flores e ladeando o pedestal, quatro piras acesas. Uma forma de acreditar na ressurreição na vida eterna.

Figura 92 - Mausoléu da Família Gonçalves Martins



Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Resende

Esse foi o primeiro túmulo em mármore do Cemitério Senhor dos Passos em Resende, nota-se que após sua construção, outros exemplares foram erguidos em

outros campos-santos da região, criando um mercado próspero para os marmoristas da região e de outros estados como o Rio de Janeiro.

Figura 93 - Túmulo da Família Oliveira Garcez no Cemitério Municipal de Queluz. No detalhe a assinatura do artista na lateral




Túmulo sem identificação no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Bananal. No detalhe a assinatura do artista na lateral



Ambos os túmulos são pós 1872 e contêm em sua lateral a assinatura do artista e a cidade onde a marmoraria se encontrava no período.Certamente, se investigarmos toda a região do Vale do Paraíba, encontraremos mais obras de Pacoal Isoldi.

Em 1894, o jovem italiano Xisto Pellini (1873-?) se casa com a cunhada de Pascoal Isoldi, a viúva Maria Joanna Ferraiolo (1867). Pela inscrição no túmulo do Cemitério Municipal de Queluz, percebemos que houve uma mudança no endereço de sua oficina. Nas crônicas dos 200 anos da cidade de Resende (WHATLEY, 2001, p. 41), consta o seguinte anúncio:

Figura 94 - Anúncio da marmoraria Pascoal Isoldi e Xisto Pellini



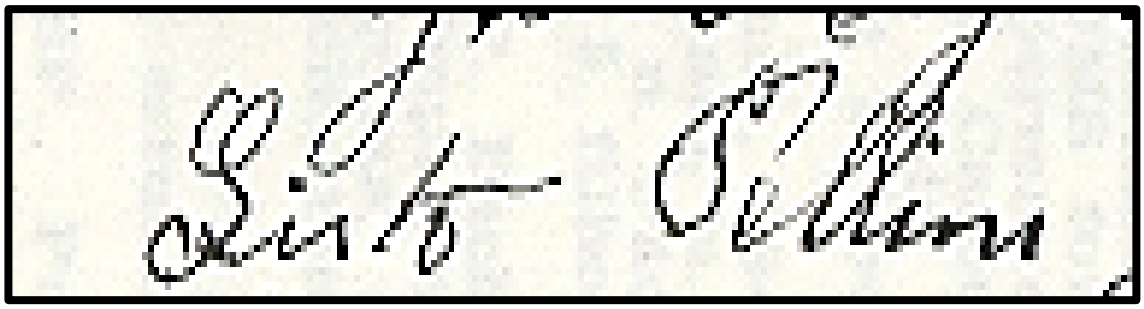

Fonte: WHATLEY; GODOY, 2001

A oficina de marmorista e ornatista (Fig. 95) se instala na região conhecida como Campos Elísios[90], apesar da figura não estar em boa definição, percebemos que há dois túmulos inseridos na propaganda. Além do trabalho na oficina, percebemos que os Isoldi eram bem relacionados com a sociedade resendense:

> [...] O casal Izoldi em 1906, fez parte da Comissão formada pelos Srs. Professor Celestino de Castro, José Temístocles Villaça, farmacêutico e Rafael Andréa, comerciante e 1° provedor, para entrega geral ao culto público a nova Capela de Campos Elíseos, cujo terreno à margem do rio Paraíba, foi doado pelo casal Paschoal Izoldi. (GUIMARÃES, 2004).

[90] Terreno desmembrado da Fazenda Alambarí em 1817 para o Capitão Pedro de Souza

### 2.8.2 Xisto Pellini



Xisto Pellini ficou responsável pela marmoraria após o falecimento de Pascoal Isoldi. Em Queluz, encontrei dois túmulos assinado por ele, nos quais se percebe as semelhanças entre os estilos de Isoldi e Pellini na confecção dos tampos em mármore.

Figura 95 - Túmulo em Queluz, Xisto Pellini 1918



Outra menção ao artista está no site da igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, em Resende. No final do século XIX, houve uma série de adequações na igreja para a comemoração de seu centenário, sendo que a primeira delas ocorreu em 1890. “Por iniciativa de Efigênia Bitencourt, é construída a escada de acesso ao portal da Matriz, substituindo a escada primitiva com degraus irregulares. Foi também construída a muralha de arrimo em torno da igreja.” (PARÓQUIA NS. CONCEIÇÃO, 2015) Em 1908, o artífice recebeu a encomenda para “construir a escadaria de mármore da Matriz [...] na oficina em Campos Elíseos [...].” (PARÓQUIA NS. CONCEIÇÃO, 2015).

### 2.8.3 João Vicente da Costa

Figura 96 - Placa de identificação com a assinatura do artista - Cemitério Senhor dos Passos - Guaratinguetá




Exceção entre os marmoristas, Vicente da Costa é oriundo de uma família que trabalhava com cantaria para a produção de arte tumular na região do Porto, em Portugal.

Vicente da Costa é sobrinho de António Almeida da Costa (1832-1915), um canteiro de mármore que abriu uma oficina importante no Porto em 1858, a Fabrica Devesa.

> [...] uma fábrica de artefatos cerâmicos, com a colaboração artística de José Joaquim Teixeira Lopes, que com ele já havia colaborado, como modelador, na oficina de mármores. Em 1870, a Fábrica de Cerâmica das Devesas confinava-se ao que é hoje o chamado quarteirão norte e, em 1874 , António Almeida da Costa, José Joaquim Teixeira Lopes e Feliciano Rodrigues da Rocha (conterrâneo de António Almeida da Costa, canteiro e seu antigo colaborador), firmaram a constituição de uma sociedade, à qual competia dirigir, quer o estabelecimento fabril cerâmico nas Devesas, quer a oficina de mármores no Porto. [...] Numa primeira fase, o complexo industrial das Devesas, [...] foi uma extensão da oficina de cantarias de António Almeida da Costa, no Porto. Com o passar dos anos a fábrica de cerâmica ganhou tal escala que a oficina de mármores acabou relegada para segundo plano [...]. (QUEIROZ, 2014, p. 953).

Por volta do segundo quartel do século XIX, vieram muitos portugueses para o Brasil, entre eles, Francisco de Almeida Costa “anunciou, no ano de 1882, no jornal *Gazeta da Tarde* (RJ), edição número 184, que possuía uma oficina de mármore e um depósito de produtos em cerâmica” (PESSOA; FASSOLATO e ANDRADE, 2015, p. 155), aceitava qualquer tipo de trabalho “como túmulos e capelas, figuras etc., tanto feitos no Brasil quanto mandados vir da Europa” (PESSOA; FASSOLATO e ANDRADE, 2015, p. 155).

Francisco de Almeida Costa era irmão de Antonio Almeida Costa, o dono da Fábrica Devesa.

Figura 97 - Anúncios na Gazeta de Notícias e na Folha Ilustrada



UNICO DEPOSITO

da fabrica de estatuarias seramicas das Devezas no Porto

Francisco de Almeida Costa á rua Sete de Setembro n. 145, acaba de receber um grande e variado sortimento de figuras, vasos e balaustrada para platibandas, assim como piões em ponto grande e outros objectos proprios para jardins interiores e exteriores de casas, etc.

Tambem se encarrega de toda e qualquer obra de marmore, assim como tumulos, pedras de sepultura, letras em relevo, ornatos etc.

RIO DE JANEIRO

GRANDE DEPOSITO
DA
FABRICA DE CERAMICA
DAS
DEVEZAS NO PORTO
65, Rua Sete de Setembro 65

ESTE GRANDE Deposito continúa a expôr os variados productos d'esta acreditada Fabrica, como sejam: Estatuas de todos os tamanhos e assumptos, Vasos, Repuxos e outros ornamentos proprios para Jardins e Casas de Campo; e brevemente receberá grande sortimento de CANOS de grés, Azulejos, Ladrilhos e Mosaicos, cuja qualidade poderá ser devidamente apreciada pelo respeitavel Publico, como superior ao de outras procedencias.

RECEBEM-SE ENCOMMENDAS
das Provincias, cujas serão de prompto satisfeitas.

Fonte: PESSOA; FASSOLATO; ANDRADE, 2015

A oficina de Francisco de Almeida Costa contava com o trabalho de dois “[...] sobrinhos José Vicente da Costa e o Joaquim Vicente da Costa. O primeiro continuou a oficina de mármores do tio no Rio de Janeiro. Eram portugueses que vieram fazer fortuna no país [...]” (PESSOA; FASSOLATO e ANDRADE, 2015, p. 155). Foram encontradas diversas obras tumulares na região do Vale do Paraíba.

### 2.8.4 Outros artífices com trabalhos na região

Foram identificados outros marmoristas com obras assinadas nos túmulos dos cemitérios estudados do Vale do Paraíba, como Pedro Galli (fig.99), de quem não

encontramos referências no arquivos visitados. Na figura abaixo, ele assina seu nome e mais abaixo Guarátinguetá na lápide de um falecido em 1881. Porém, encontramos anúncios sobre o seu trabalho em outras cidades.

Figura 98 - Assinatura Pedro Galli – Cemitério Municipal de Queluz



Um anúncio em 1881, na cidade de Florianópolis, reparem que ele diz aí residir há algum tempo.

Figura 99 - Anúncio da Marmoraria - Jornal do Commercio 01. mar. 1881



ANNUNCIOS

**Officina de marmore**

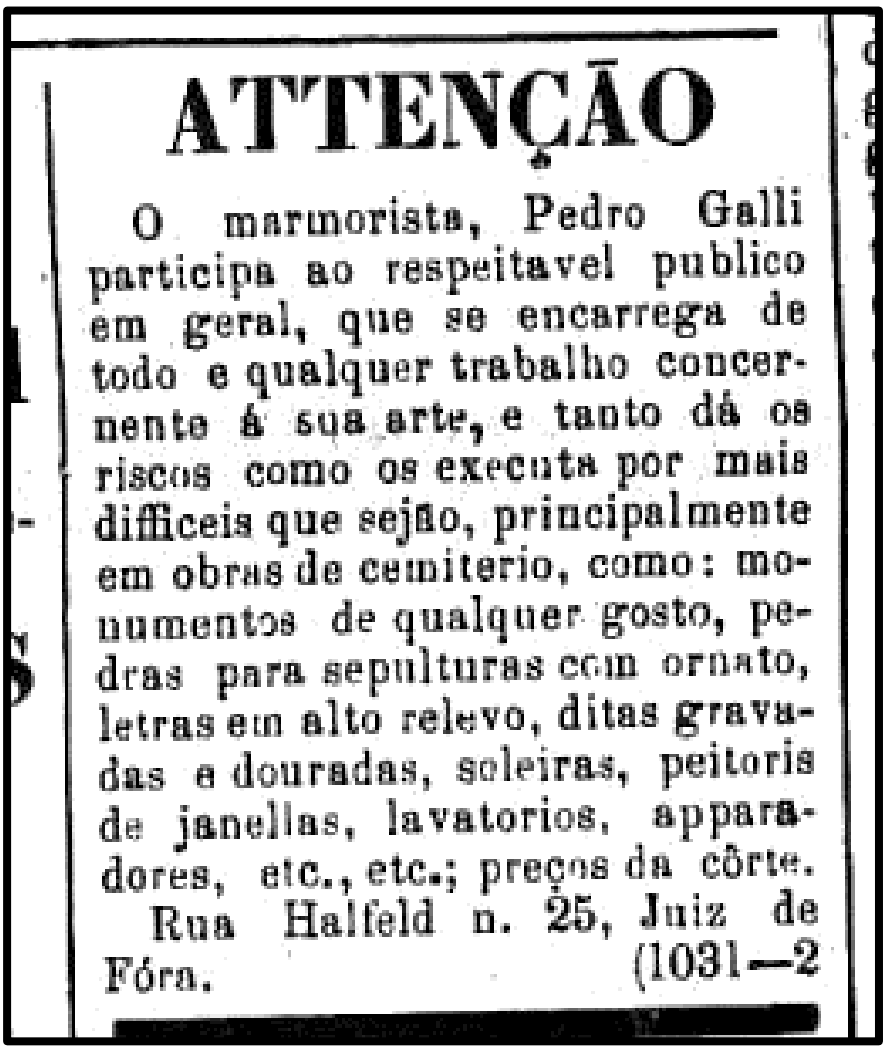
O marmorista Pedro Galli faz sciente ao respeitavel publico desta cidade e de fóra della, que se acha de novo estabelecido á rua da Paz n. 9, onde continúa a prestar serviços de sua arte, como monumentos modernos, ornatos, letras em alto relevo, gravadas, pintadas de preto e a ouro, lavatorios, consolos e tudo mais que pertencê á sua arte; advertindo que é muito conhecido nesta capital onde residio por algum tempo, servindo sempre a seus freguezes com promptidão e por commodo preço. —*Pedro Galli.*

9 RUA DA PAZ 9

Fonte: Biblioteca Nacional, 2019

Em 1883, temos este anúncio no jornal o Pharol:

Figura 100 - Anúncio em Juiz de Fora - Pharol 29.set.1883



ATTENÇÃO

O marmorista, Pedro Galli participa ao respeitavel publico em geral, que se encarrega de todo e qualquer trabalho concernente á sua arte, e tanto dá os riscos como os executa por mais difficeis que sejão, principalmente em obras de cemiterio, como: monumentos de qualquer gosto, pedras para sepulturas com ornato, letras em alto relevo, ditas gravadas e douradas, soleiras, peitoris de janellas, lavatorios, apparadores, etc., etc.; preços da côrte. Rua Halfeld n. 25, Juiz de Fóra. (1031—2

Fonte: Biblioteca Nacional, 2019

Portanto, ao que parece, Pedro Galli se deslocou por várias capitais do país até se estabelecer em Guaratinguetá, mas com a ausência de documentação, faltam informações sobre sua nacionalidade, nascimento e falecimento.

Assim ocorre com outros marmoristas encontrados, C. Baldino, S. Galli - não sabemos se existe um parentesco com o Pedro Galli - e José Torchi, que necessitam ser estudados para trazê-los novamente à luz da história para a nossa sociedade no século XXI.

Figura 101 - Alegoria da Saudade - Cemitério Municipal de Lorena



# Capítulo 3

# O Patrimônio Cultural e Funerário do Vale Histórico

## 3.1 OS CEMITÉRIOS COMO FONTES DE PESQUISA

*Na morte, a cegueira é igual para todos!*

*Ensaio sobre a cegueira.*
*José Saramago*

Os cemitérios da região do Vale do Paraíba histórico, assim como os instalados em São Paulo, apresentam representações que distinguem as relações sociais e diferenciações culturais, econômicas e religiosas, pois nem na morte somos todos iguais.

Nos cemitérios investigados, no Vale do Paraíba, o panorama não é diferente. Em algumas cidades como Bananal, Guaratinguetá, Lorena e Queluz fica evidente essa condição social dentro destes espaços, portanto, os túmulos se tornam fontes primárias para o estudo dessas sociedades. Principalmente quando não existe a salvaguarda e a preservação de sua arquitetura e documentação histórica.

A pesquisadora Cibele Monteiro Silva (2016) conta que, em 1998, o historiador e professor Vicente Vale soube que parte da documentação cartorária e judicial do século XIX, arquivada nos cartórios da região, poderia ser incinerada a partir de uma decisão do Provimento CSM. 485/92[91]. Então, Vale decidiu recolher toda a documentação para abrigá-la em um único espaço, neste caso no Museu Major Novaes em Cruzeiro, onde ele era o diretor.

O Museu Histórico e Pedagógico Major Novaes (CARVALHO, 2019) foi, no passado, a sede da Fazenda Boa Vista na cidade de Cruzeiro. O edifício foi construído em 1841 pelo fazendeiro Antônio Dias Telles de Castro (1800-1853), segundo esposo de D. Fortunata Joaquina do Nascimento (1800-1874). Durante muito tempo a fazenda foi uma grande produtora de café na região.

Na década de 1960, a fazenda foi doada para o Estado de São Paulo pela última herdeira, Celestina Novaes Antunes (1893-1976), e todo o mobiliário e documentos foram incluídos na doação. Em 1969, o Solar dos Novaes foi tombado, mas isso não significou a preocupação com a sua preservação. Somente na década de 1990, ele passou para a

[91] Documento redigido pelo Conselho Superior de Magistratura. Cf. Anexo E.

administração da prefeitura de Cruzeiro, e o professor Vale assumiu sua direção.

Entretanto, os volumes de documentação eram superiores ao espaço reservado para sua guarda e conservação. Segundo Silva (2016), o museu não recebeu nenhum aparato específico para o recebimento dessa documentação.

A exemplo do ocorrido em Bananal, ao chegar à cidade, o professor Vicente Vale encontrou documentos históricos, jornais do século XIX, livros de óbito, cartas da Família Valim dentre outros, armazenados em um depósito no interior da biblioteca da cidade. Na verdade, as condições do acervo apresentavam o seu abandono, e até mesmo um carrinho de pedreiro sujo com restos de barro, estava sobre uma pilha de jornais.

O estado desses "arquivos" foi capturado em fotografias pelo professor Vicente Vale e se encontram nos arquivos do Museu Major Novaes. De fato, compreendemos que essas imagens expõem a tentativa de precisar o estado físico da conservação da documentação, nos fazendo crer na sua surpresa ao se deparar com esse achado.

Em 2018, quando visitamos a cidade de São José do Barreiro, descobrimos que sua comarca fora extinta na década de 1990 e toda sua documentação cartorária foi levada para Bananal e posteriormente transferida para a cidade de Cruzeiro. Quanto aos registros de enterramentos e da fundação dos Cemitério dos Escravos, o Sr. Ednaldo Souza Santos, funcionário da Igreja Matriz de São José, em depoimento, nos contou que as documentações eclesiásticas do vale se encontravam na Diocese de Lorena.

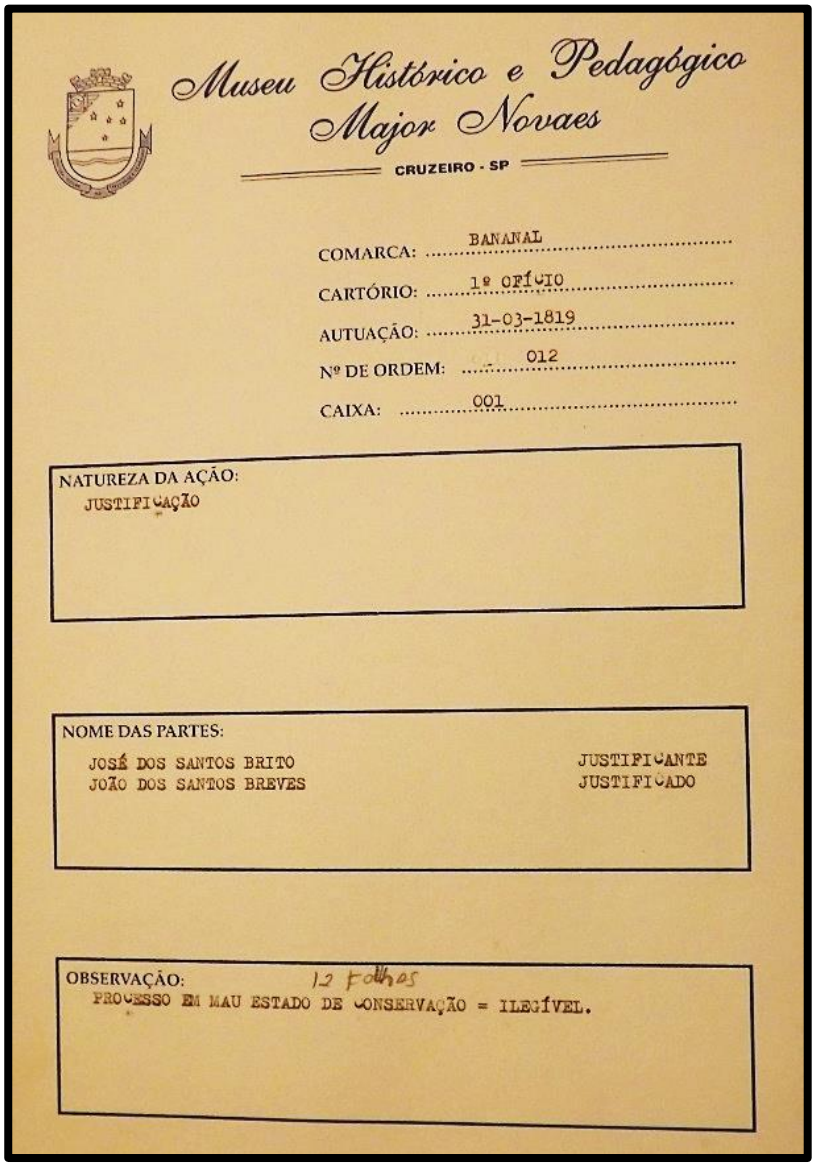
Durante as pesquisas de campo que realizamos, observamos um grande problema para a pesquisa na região, pois, até o primeiro semestre de 2019, a Diocese de Lorena abria as portas para receber os pesquisadores, permitindo o acesso a este tipo de documentação. Entretanto, em julho de 2019, o Bispo Dom João Inácio Müller, responsável pela Diocese, foi transferido para o Arcebispado de Campinas e em seu lugar foi escolhido como administrador o Bispo Emérito Dom Benedito Beni dos Santos. Desde então, o acesso para pesquisadores encontra-se fechado.[92]

É necessário salientar que estudar a região do Vale do Paraíba por meio de seus documentos históricos é desafiador. Cidades como Lorena e Guaratinguetá lutaram para

[92] Sobre o fechamento do arquivo, desconhecemos a real motivação e o período em que ele permanecerá fechado.

manter preservados os fragmentos do passado de sua história. O professor Vicente Vale, em depoimento à pesquisadora Silva (2016), relatou que apenas um grupo de notáveis[93] das cidades de Lorena e Guaratinguetá foram os únicos a se oporem a entregar seus documentos para a salvaguarda em Cruzeiro. Ambas as comarcas se empenharam em deixar sua documentação em seus arquivos municipais, mas uma decisão judicial foi favorável ao envio da documentação para o museu em Cruzeiro.

Figura 102 - Estado de conservação dos documentos em Cruzeiro - Museu Major
Um ato de justificação entre José dos Santos Brito e José dos Santos Breves


Museu Histórico e Pedagógico
Major Novaes
CRUZEIRO - SP

COMARCA: BANANAL
CARTÓRIO: 1º OFÍCIO
AUTUAÇÃO: 31-03-1819
Nº DE ORDEM: 012
CAIXA: 001

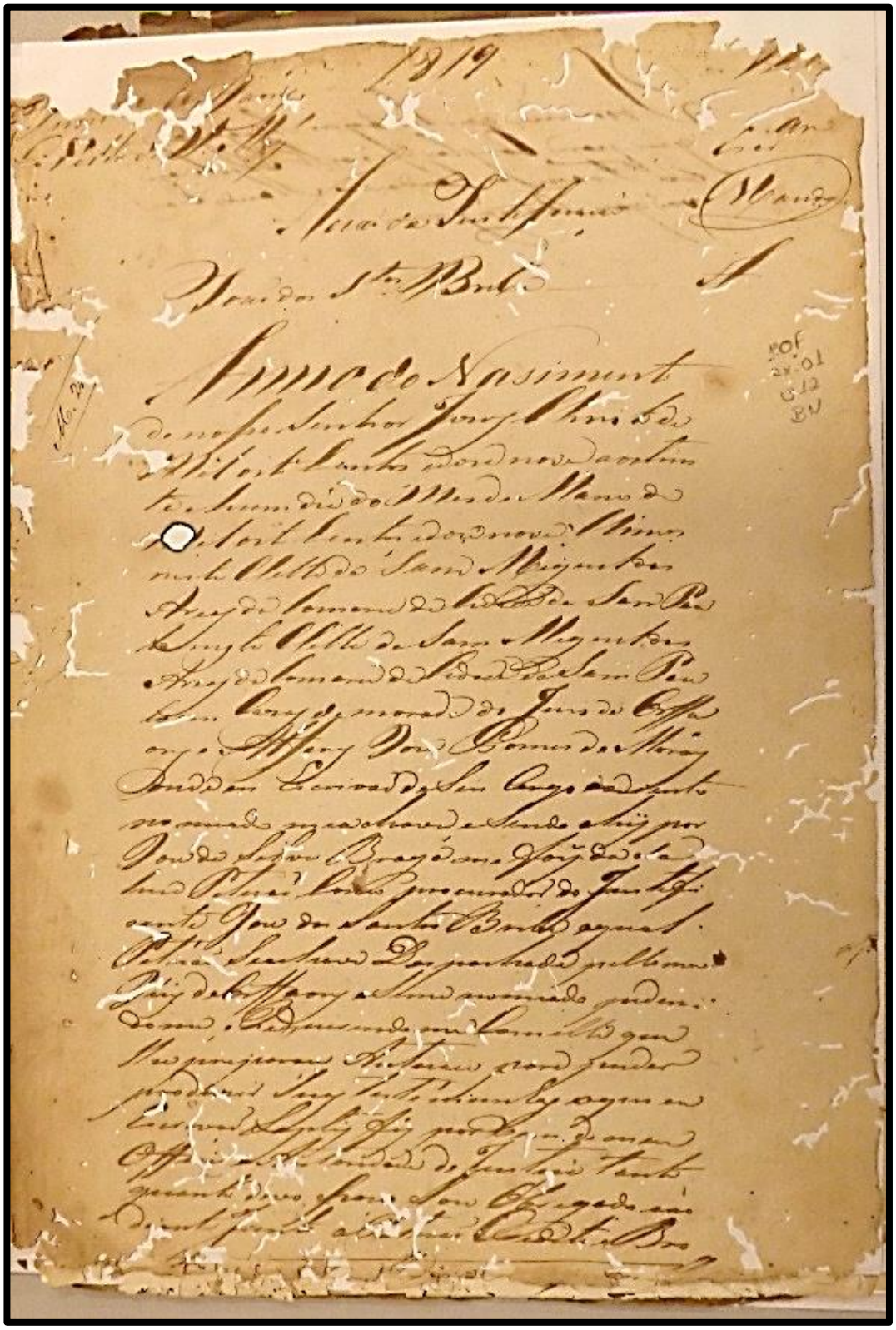
NATUREZA DA AÇÃO:
JUSTIFICAÇÃO

NOME DAS PARTES:
JOSÉ DOS SANTOS BRITO — JUSTIFICANTE
JOÃO DOS SANTOS BREVES — JUSTIFICADO

OBSERVAÇÃO: 12 folhas
PROCESSO EM MAU ESTADO DE CONSERVAÇÃO = ILEGÍVEL.

[93] Para a pesquisadora, não fica claro sobre quem eram esses notáveis na visão do Professor Vicente Vale, mas podemos crer que o Instituto de Estudos do Vale (IEV) participou dessa mobilização.

Figura 103 - Estado de conservação dos documentos em Cruzeiro - Museu Major
Um ato de justificação entre José dos Santos Brito e José dos Santos Breves



O Museu Major Novaes abriga parte desta documentação, que falta organizar e digitalizar as listas que apresentam o conteúdo em cada caixa armazenada. No presente, esta questão descrita acima interfere na utilização do material e no ato da pesquisa, isso porque, como o trabalho de pesquisa é manual, ocorre que na busca por determinado documento, a lista indica um número de caixa e documentação que não condiz com o conteúdo da caixa.

Mas cabe ressaltar que o espaço onde se encontra o arquivo está adequado e organizado. As caixas estão acondicionadas em uma sala com ar condicionado, nas prateleiras, e estão em ordem alfabética - pelo nome das cidades e depois por números atribuídos por eles.

O museu não dispõe de um espaço específico para atender aos pesquisadores, no caso foi a própria diretora do museu, a professora e historiadora Claudia Ribeiro, quem nos atendeu e nos orientou como fazer a busca pelas listas.

Bem diferente do que encontramos em 2018 em nossa visita a Bananal. Entramos em contato com a Prefeitura da cidade no início de 2018, para agendarmos uma visita para consulta em seu arquivo. Fomos surpreendidos em saber que não existia nenhum arquivo e nem mesmo a biblioteca da cidade sabia do paradeiro desses documentos.

Um fato bem estranho, porque Silva (2016, p. 63) aponta, em sua dissertação, que a Prefeitura de Bananal, durante a gestão da prefeita Miriam Bruno, do Partido Verde (PV), solicitou o retorno desses documentos em 2013, após saber que o Museu Major Novaes, mesmo com investimentos financeiros oriundos de projetos culturais, não conseguiu preservar os documentos da forma adequada. A documentação então foi encaminhada para uma sala do Solar Aguiar Vallim (fig. 105), ficando sob a responsabilidade da Secretaria de Cultura e do Turismo do município representado por José Luiz de Moraes, que se comprometeu a adaptar um espaço adequado para abrigar os documentos.

Podemos perceber que em Bananal falta diálogo entre as secretarias e os seus antigos secretários, pois na gestão seguinte, Joaquim Vallim, secretário da Cultura e do Turismo, não tinha certeza de onde estava essa documentação.

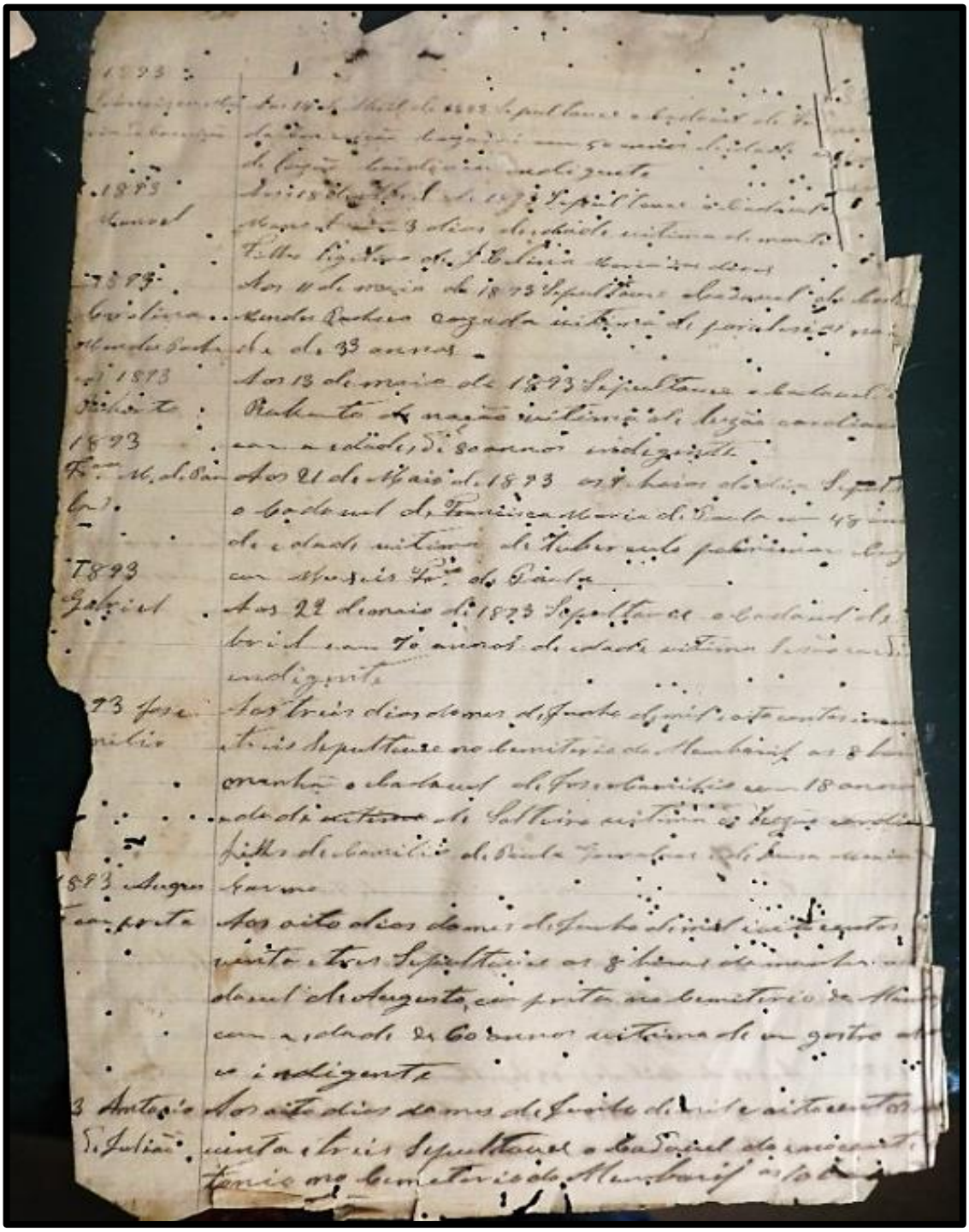
Figura 104 - Sala no solar do Vallim que abrigou a documentação que retornou de Cruzeiro - Imagem cedida por José Luiz de Moraes para a dissertação de Cibelle Monteiro Silva (2013)



Fonte: MORAES Apud SILVA, 2013

Depois de alguns questionamentos e com a ajuda da dissertação da historiadora Cibelle Monteiro Silva, localizamos a documentação, que estava em uma sala no Solar do Vallim, mas não na sala indicada por Silva em sua pesquisa. O local parecia não ser aberto há anos e o que restou foram algumas estantes e caixas em papelão. Em algumas delas encontramos a coleção das Leis Brasileiras de 1808 até 1889, em outra encontramos algumas cartas, convite para um sarau no solar, ofícios da Câmara de Bananal. Um dos documentos mais importantes a ser encontrado foi o livro de óbito pertencente ao Cemitério de Alambary (fig.106), em péssimo estado de conservação, o que não permitiu o seu manuseio.

Figura 105 - Estado de conservação do livro de óbito do Cemitério de Alambary – Solar do Vallim - Bananal



Outros itens foram guardados nesse espaço, como pinturas − dentre elas a já citada do Tenente Ferreirinha e o da matriarca de Bananal, Dona Maria Joaquina de

Almeida (fig.107) −, além de uma grande prensa[94] que deve ter servido aos propósitos jornalísticos, quem sabe do extinto Echo Bananalense (fig.105).

Figura 106 - D. Maria Joaquina Almeida, 1875 - James Stewart



Figura 107 - Prensa abandonada no Solar do Vallim



A sala foi transformada em um grande depósito de objetos e ninguém sabe o que fazer com eles.

Em Areias, a situação é pior. O município não possui nenhum documento do século XIX, o que significa dizer que essa ausência pode ser observada e sentida em

[94] A prensa móvel, é um dispositivo que aplica pressão em uma superfície com tinta, transferindo-a para uma superfície de impressão, geralmente papel ou tecido.

nossa pesquisa, quando buscamos informações acerca da fundação do Cemitério Municipal de Areias.

Na cidade de Silveira, existe a Biblioteca Pública Municipal Emília Müller, que apresenta, em seu acervo, livros de autores locais, memorialistas que teceram seu olhar e escrita sobre a cidade, além disso, é possível encontrar folders e cadernos impressos pelo Governo de São Paulo. O material exibe o interesse de gestões passadas em promover o turismo nessa região. Quanto à documentação, existem algumas caixas em Cruzeiro, mas boa parte da documentação do século XIX foi destruída durante a Revolução Liberal de 1842[95].

Já a cidade de Piquete tem a fundação Christiano Rosa[96], uma entidade que atua na preservação da memória da cidade. Tentamos uma visita ao local em diferentes ocasiões, porém sem sucesso. Como seu trabalho é voltado para a publicação digital do jornal *O Estafeta*, creio não haver espaço para atender pesquisadores, portanto deixaremos para uma nova oportunidade estudar o cemitério da cidade de Piquete.

Já em Queluz, é o funcionário Davi Araújo que se preocupa com a história. Ele trabalha na administração do Cemitério Municipal de Queluz e por conta própria fez um levantamento dos túmulos importantes do local. Difícil conseguir contato com a prefeitura para buscar qualquer outro tipo de documento.

Em Lorena, a UNISAL - Centro Universitário Salesiano abriga o IEV - Instituto de Estudos Valeparaibanos, que desde 1973 vem se preocupando com a preservação do patrimônio histórico do Vale do Paraíba e do Litoral Norte:

> Desde sua fundação, o IEV tem realizado um importante trabalho no Vale do Paraíba, com atuação na grande maioria dos municípios da região e com contribuição para a construção de uma sociedade mais justa e humanizada. Aos poucos, foi firmando-se como uma instituição de respeito e de liderança na área cultural em nível regional, com reconhecimento expressivo de diferentes setores da sociedade. O IEV mantém um acervo bibliográfico e um Centro de Documentação sobre o Vale do Paraíba no UNISAL, que alimentam pesquisas e trabalhos de diferentes tipos e ao qual recorrem estudiosos de diversas áreas

[95] Em depoimento à autora, a funcionária Rose conta que o que sobrou na cidade foi destruído depois na Revolução Constitucionalista de 1932.
[96] Localizada no Centro de Piquete, foi fundada em 1997, sem fins lucrativos.

> do conhecimento. (http://unisal.br/hotsite/recicle/instituto-de-estudos-valeparaibanos-cuida-do-patrimonio-ambiental-do-vale/)

Todos os anos a UNISAL, com o apoio do IEV, promove o Simpósio de História do Vale do Paraíba, buscando divulgar as pesquisas realizadas na região durante aquele ano.

Além do IEV, a Biblioteca Municipal Sérvulo Gonçalves, que hoje se encontra sob a coordenação da Sra. Rosangela Malerba Colombi, promove um resgate da História de Lorena. Utilizando o recurso da história oral, ela vem reunindo depoimentos de cidadãos antigos que se recordem de “causos” e da própria história local.

E por fim, em Guaratinguetá, temos o Museu Frei Galvão, fundado em 1972 pela escritora Thereza Maia. Localizado no Centro, é o arquivo de memórias da cidade, onde se procurou reunir o maior número de trabalhos acadêmicos e científicos sobre a região e a cidade. Além das fontes escritas, o museu abriga artefatos de vários períodos, desde urnas e cestos do período da ocupação indígena a munições, armamentos, flâmulas e itens de vestuário dos soldados que lutaram na Revolução de 1932 na região.

Ao estudar os cemitérios da região: Bananal, Arapeí, Areias, São José do Barreiro, Silveiras, Queluz, Lorena e Guaratinguetá, os túmulos, para nós historiadores, passam a ter uma grande importância, pois são as fontes primárias de pesquisa e por isso precisam ser preservados. E não é o que vemos acontecer nesses espaços.

Pensando em Françoise Choay (2006), sobre a forma como devemos proceder na preservação dos patrimônios e a forma de gestão aplicada a eles, se faz necessária a utilização de um sistema de inventário.

Nossa metodologia aplicada dentro dos cemitérios estudados foi identificar os túmulos pertencentes ao século XIX, a seguir selecionamos alguns exemplares para realizar a descrição iconográfica, materiais utilizados, ornatos e alegorias e o seu estado de conservação.

A seguir, por meio das fichas de inventário, conheceremos algumas particularidades desses cemitérios e os estilos de túmulos edificados durante o século XIX.

## 3.2 BANANAL

De acordo com Ramos (1978, p. 70), “por conta da por sua vastidão territorial, população branca e de escravos, fazendas que eram verdadeiras cidades, naturalmente teria que possuir numerosos cemitérios [...]”. Foram identificados dezessete cemitérios, apenas um localizado na cidade, os outros estavam dentro de fazendas como a Resgate, da Família Vallim, Três Barras, da Família Barbosa, Boa Vista, da Família Almeida entre outras.

Hoje, em Bananal[97], não existem documentos que comprovem a existência desses campos santos e nas fazendas mencionadas não há registros sobre os enterramentos ali praticados.

Apresentaremos os dois cemitérios da cidade: Bom Jesus e Santa Casa de Misericórdia de Bananal, sempre nos atentando à área do cemitério que será estudada, bem como os exemplares edificados nesses espaços.

Figura 108 - Lista dos cemitérios da Freguesia de Bananal

1. Cidade — Bom Jesus e Misericórdia.
2. Carioca — em terras de Luiz Manoel de Freitas.
3. Fazenda de Pedro Ramos Nogueira.
4. Fazenda de José Ramos Nogueira.
5. Boavista — Fazenda de Luciano José de Almeida.
6. Resgate — Fazenda de Manoel de Aguiar Vallim.
7. Três Barras — Fazenda de José Barbosa.
8. Glória — Fazenda de D. Justina.
9. Bom Retiro.
10. Saudade — Fazenda do Vigário Diniz Hilário Nogueira.
11. Barreiro — Fazenda de José de Aguiar Vallim.
12. Pinheiros — Fazenda de D. Eufrásia.
13. Capitão-mor — Fazenda de Antonio Afonso de Carvalho.
14. Formoso — Fazenda de Antonio Gomes.
15. Retiro — Fazenda de João Gonçalves Pereira da Silva.
16. Serra — Fazenda de Antonio José Nogueira.
17. Rio do Braço Faxinai — Fazenda de Luciano Ramos da Silva.

Fonte: RAMOS ,1978

[97] Em conversa com um funcionário da Secretaria Municipal de Turismo da cidade que preferiu não ser mencionado.

### 3.2.1 Cemitério Bom Jesus

Figura 109 - Imagem da área pesquisada - Cemitério do Bom Jesus



O primeiro cemitério localizado dentro dos limites da freguesia pertencia à irmandade Bom Jesus e Misericórdia, que, de acordo com as pesquisas de Ramos (1978, p. 71), este campo santo estava há duas ou três braças[98] da Igreja Matriz Senhor Bom Jesus do Livramento.

O presidente da província de São Paulo, Rafael Tobias Aguiar (1795-1857), seguindo as medidas higienistas colocadas em prática em Portugal e já citadas anteriormente, elas determinam que os mortos saiam do âmbito sagrado para repousarem nos cemitérios extramuros. O que sabemos é que esse cemitério ficou ao lado da Matriz até 1836.

Ao que tudo indica, o cemitério da Irmandade foi fechado e não temos informações sobre o destino dos restos mortais. Os enterramentos foram transferidos para o Cemitério do Alto no morro do Nogueira também conhecido como Serra, tornando-se a única opção para os habitantes da freguesia.

[98] Medida utilizada do campo 1 braça = 2,20 metros.

O cemitério passa por um período de abandono, mas com uma nova doação de terras, o cemitério foi ampliado e passou a receber novamente os enterramentos, passando a se chamar Cemitério Bom Jesus, administrado pela própria irmandade.

Não temos informações de quando esse espaço passou a ser controlado pela administração municipal.

Iniciamos a apresentação deste cemitério por meio das imagens e de seus respectivos inventários sobre o seu estado físico de conservação.

# FICHA DE INVENTÁRIO

## CEMITÉRIO

| Registro Fotográfico do Cemitério | Entrada do cemitério | Entrada do cemitério | Panorama do cemitério |
|---|---|---|---|
| |  |  |  |

| Identificação do Cemitério | Localidade | |
|---|---|---|
| | Cemitério Bom Jesus | ■ Centro<br>☐ Bairro<br>☐ Isolado |

| Apresentação | Estado de Conservação | Condição atual | Tipo | Delimitação | |
|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>☐ Regular<br>■ Ruim | ☐ abandonado<br>■ em uso<br>☐ tombado | ■ Municipal<br>☐ Particular<br>☐ confessional | ☐ adobe<br>☐ cerca de arame<br>☐ sem delimitação | ■ muro de pedra<br>■ muro de alvenaria |

### Informações adicionais

No Cemitério Bom Jesus, não localizamos uma ala dedicada ao enterro dos inocentes e não identificamos o cruzeiro. Os túmulos estão em péssimo estado de conservação e no dia de nossa visita havia ocorrido um enterro, pudemos então identificar que essas pessoas são enterradas em covas rasas na terra. O único ornamento encontrado é uma cruz em madeira. Em alguns túmulos encontramos pequenos vasos com flores de plástico.

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

| Registro Fotográfico do Túmulo | Frontal do túmulo | Gradil servindo como lápide |
|---|---|---|
| |  |  |

| Identificação dos sepultados | Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|---|
| | 01<br>■ não identificado | | sem identificação | 03 de maio de 1860 |

| Arquitetura Funerária | Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>☐ Regular<br>■ Ruim | ■ Túmulo horizontal interno<br>☐ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>■ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| | ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| | ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| | ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ☐ Oratório |
| | ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| | ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ■ Gradil | ☐ Pilastras |
| | ☐ Base | ☐ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| | ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| | ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| | ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| | ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ☐ Outros: |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Anjo<br>☐ Anjo aponta<br>☐ Anjo criança<br>☐ Anjo juízo final<br>☐ Anjo orante<br>☐ Anjo pensativo<br>☐ Anjo trombeta<br>☐ Caveira<br>☐ Caveira alada<br>☐ Crânio<br>☐ Ossos cruzados | ☐ Caridade<br>☐ Esperança<br>☐ Eternidade<br>☐ Fé<br>☐ Guardiã<br>☐ Justiça<br>☐ Pietá<br>☐ Pranteadora<br>☐ Velada | ☐ Borboleta<br>☐ Cachorro<br>☐ Coruja<br>☐ Felino<br>☐ Galo<br>☐ Ovelha<br>☐ Pelicano<br>☐ Pomba<br>☐ Serpente | ☐ Alcachofra<br>☐ Café<br>☐ Chorão<br>☐ Coroa de flores<br>☐ Louro<br>☐ Girassol<br>☐ Palma<br>☐ Perpétua<br>☐ Rosas<br>☐ Violeta | ☐ Brasão<br>☐ Chama<br>☐ Coroa<br>☐ Lamparina<br>☐ Maçônico<br>☐ Monte Gólgota<br>☐ Sol<br>☐ Tocha | ☐ Ampulheta<br>☐ c/ asas de anjo<br>☐ c/ asas de morcego<br>☐ Âncora partida<br>☐ Bigorna<br>☐ Cruz de madeira<br>☐ Coluna partida<br>☐ Foice<br>☐ Letras gregas<br>☐ Livro aberto<br>☐ Livro fechado<br>☐ Urna funerária |

**Informações adicionais**

Este exemplar apresenta um estado de conservação ruim, com a sua alvenaria em evidência, não encontramos nenhuma identificação. O tampo em pedra foi substituído pela vegetação. O túmulo interno apresenta um excelente trabalho de serralheria, o gradil serve como lápide, mantendo informações do nascimento e morte do indivíduo, além de cercar o espaço mortuário.

| Registro Fotográfico do Túmulo | Túmulo |
|---|---|
| |  |

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

| Registro Fotográfico do Túmulo | Lateral do túmulo |
|---|---|
| |  |

| Identificação dos sepultados | Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|---|
| | 01<br>■ não identificado | | sem identificações | 1870? |

| Arquitetura Funerária | Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>☐ Regular<br>■ Ruim | ■ Túmulo horizontal interno<br>☐ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>☐ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ☐ Pilastras |
| ☐ Base | ☐ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ☐ Outros: _____ |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| | ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| | ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| | ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| | ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| | ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ■ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| | ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| | ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| | ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| | ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| | ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | | ☐ Urna funerária |

**Informações adicionais**

O túmulo em ruim estado de conservação, apresenta alvenaria em evidência. O tampo aparentemente em mármore está fragmentado impedindo a identificação do falecido. Aparentemente os restos mortais foram removidos deste túmulo.

### 3.2.2 Cemitério Santa Casa de Misericórdia de Bananal

Figura 110 - Imagem da área pesquisada - Cemitério da Santa Casa



A Santa Casa de Misericórdia de Bananal foi fundada em 1851 pelo Tenente José Ferreira Gonçalves, que havia feito uma promessa pela cura de seu filho. Foi o Pio Benemérito (ALMANACK, 1873) da Instituição que contou com o apoio de diversas famílias, entre eles os Vallim, Nogueira Ramos e os Almeida.

Na figura acima, podemos ver, à direita, o telhado do edifício, que tem uma construção em U, no estilo neoclássico, seguindo os padrões dos solares edificados no período. Ao fundo, vemos a parte histórica do cemitério, algumas informações apontam para a presença de um jardim, uma capela e um necrotério. O cercamento do cemitério e a nova capela foram erguidos em 1889. Hoje ele é administrado pelo município, tendo em vista que a Irmandade da Santa Casa não está mais presente em Bananal.

# FICHA DE INVENTÁRIO

## CEMITÉRIO

| Registro Fotográfico do Cemitério | Capela cemiterial | Entrada do cemitério | Muro do entorno do cemitério |
|---|---|---|---|
| |  |  |  |

| Identificação do Cemitério | Localidade | |
|---|---|---|
| | Cemitério Santa Casa de Bananal | ■ Centro<br>☐ Bairro<br>☐ Isolado |

| Apresentação | Estado de Conservação | Condição atual | Tipo | Delimitação | |
|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>■ Regular<br>☐ Ruim | ☐ abandonado<br>■ em uso<br>☐ tombado | ■ Municipal<br>☐ Particular<br>☐ confessional | ☐ adobe<br>☐ cerca de arame<br>☐ sem delimitação | ■ muro de pedra<br>■ muro de alvenaria |

### Informações adicionais

O Cemitério da Santa Casa de Misericórdia não apresenta uma ala dedicada ao enterro dos inocentes, não identificamos o cruzeiro, mas em vários túmulos foram encontrados pequenos oratórios para acender velas e espaços para depósito de flores.

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

**Registro Fotográfico do Túmulo**

| Geral do túmulo | Ornamento encimado do túmulo | Alegoria da Caridade |
|---|---|---|
|  |  |  |
| | | **Alegoria do tempo** |
| | |  |

**Identificação dos sepultados**

| Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|
| 02 | Manuel de Aguiar Vallim | não consta | 3 de fevereiro de 1878 |
| ☐ não identificado | Stella Brandão Teixeira | 24 de maio de 1888 | 17 de junho de 1976 |

**Arquitetura Funerária**

| Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Bom | ☐ Túmulo horizontal interno | ☐ Jazigo Capela | ☐ Cenotáfio | ☐ Argamassa fingida | ☐ Granito |
| ■ Regular | ☐ Túmulo horizontal externo | ■ Mausoléu | ☐ Jazigo Monumento | ■ Alvenaria | ■ Mármore |
| ☐ Ruim | | ☐ Catacumba | ☐ Monumento cívico | ☐ Ferro | ■ Outros: Madeira |
| | | ☐ Ossário | | | |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ■ Gradil | ■ Pilastras |
| ☐ Base | ☐ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ■ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ■ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ☐ Outros: |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Anjo | ■ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ■ Ampulheta |
| ☐ Anjo aponta | ■ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ■ c/ asas de anjo |
| ☐ Anjo criança | ■ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| ☐ Anjo juízo final | ■ Fé | ☐ Felino | ■ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ■ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | ☐ Urna funerária |

**Informações adicionais**

Podemos chamar esta construção de mausoléu, dedicado ao Comendador Vallim, fica localizado na parte mais ao fundo do cemitério, onde provavelmente começaram os enterramentos no século XIX.

Cercado por um gradil trabalhado em ferro, a construção se ergue de forma grandiosa, composto pelo embasamento, que é o local que abriga os restos mortais,

acaba velado por quatro figuras femininas que representam as três Virtudes Teologais: A Caridade, a Fé e a Esperança e a Alegoria da Eternidade. A cova é encerrada por um tampo em mármore, seu epitáfio mostra a importância do falecido para aquela sociedade. O corpo do edifício é composto por uma herma decorada que servirá de suporte para o coroamento, que recebe uma cruz adornada com uma guirlanda.

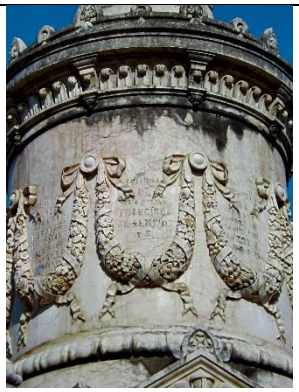
Sua conservação é regular, as figuras femininas, em mármore, apresentam problemas de sujidades e da ausência de pedaços dessas obras, as pilastras e suas extremidades precisam de limpeza. O tampo em mármore, apesar das sujidades, conserva todas as informações gravadas. No gradil, percebemos que houve uma intervenção no seu acabamento superior, provavelmente devido à corrosão, colocou-se um caibro de madeira e repintou-se o gradil na cor preta. Não existe identificação do marmorista que executou a obra.

| Registro Fotográfico do Túmulo | Túmulo |
| --- | --- |
| |  |

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

**Registro Fotográfico do Túmulo**

| Frontal do túmulo | Detalhe do mausoléu | Detalhe das alegorias e dos ornamentos |
|---|---|---|
|  |  |  <br>  <br>  |

**Identificação dos sepultados**

| Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|
| 01<br>☐ não identificado | Maria Joaquina de Toledo Sampaio - não existem mais informações no mausoléu | 1803 (sem menção) | 1882 (sem menção) |

**Arquitetura Funerária**

| Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Bom<br>■ Regular<br>☐ Ruim | ☐ Túmulo horizontal interno<br>☐ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>■ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>■ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ■ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ■ Fuste | ☐ Obelisco |
| ■ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ■ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ■ Arquitrave | ■ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ■ Coluna | ■ Festão | ■ Gradil | ☐ Pilastras |
| ☐ Base | ☐ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| ■ Campânula | ☐ Cruz celta | ■ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ■ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ■ Madressilva | ☐ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ■ Outros: Acanto Pedestal |

| Alegorias | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **Antropomorfo** | **Figura Feminina** | **Zoomorfos** | **Fitomorfos** | **Signos** | **Objetos** |
| ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ■ Ampulheta |
| ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ■ c/ asas de anjo |
| ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| ☐ Anjo juízo final | ■ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ■ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | ☐ Urna funerária |

**Informações adicionais**

Ao lado do mausoléu do Comendador Vallim, repousa a sua sogra a grande matriarca de Bananal, D. Maria Joaquina de Toledo Sampaio.

Cercado por uma construção em mármore vazado, essa construção chama a atenção pela altura. Seu embasamento mostra que ela foi enterrada na parte interna da cova. Acima, uma coluna monumental se divide em duas partes: uma coluna

octogonal composta por guirlandas enfeitadas com fitas e ao que parece um epitáfio contando sobre o trabalho da matriarca na cidade (infelizmente não está legível, seria necessário utilizar o recurso de decalque) formando o corpo deste edifício.

Seu coroamento é feito por um pedestal ornamentado como festões e preso por fitas e botões, em cada um temos o agradecimento dos filhos e D. Maria Joaquina. Na parte superior, uma alegoria feminina que representa a Caridade.

O estado de conservação é regular, sujidades e manchas no mármore apontam a falta de manutenção no jazigo. Para proteger o mausoléu, foi colocado um gradil em ferro com espaço para acender velas. O que aponta para o fato da Benfeitora de Bananal ser vista até os dias de hoje, como uma figura santa na cidade. Obra assinada pelo marmorista Motta, com endereço do Rio de Janeiro.

| Registro Fotográfico do Túmulo | Túmulo |
| --- | --- |
| |  |

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

| Registro Fotográfico do Túmulo | Frontal do túmulo | Lápide | Lateral do túmulo |
|---|---|---|---|
| |  |  |  |
| | | | **Detalhe do epitáfio** |
| | | |  |

| Identificação dos sepultados | Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|---|
| | 02<br>☐ não identificado | Pedro Ramos Nogueira - Barão de Joatinga<br>Pedro Gouvêia de Almeida Nogueira | 23 de novembro de 1823<br>30 de outubro de 1892 | 07 de janeiro de 1885<br>28 de fevereiro de 1945 |

| Arquitetura Funerária | Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>☐ Regular<br>■ Ruim | ☐ Túmulo horizontal interno<br>■ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>☐ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ■ Pilastras |
| ☐ Base | ■ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ■ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ■ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ☐ Outros: |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ■ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | ☐ Urna funerária |

### Informações adicionais

O túmulo do primeiro e único Barão de Joatinga é simples, apesar de seu papel na sociedade bananalense. Casado com D. Placidina Maria de Almeida, filha do Comendador Luciano José de Almeida e da D. Maria Joaquina de Toledo Sampaio.

O túmulo em mármore apresenta desenhos nas laterais, encerrando a cova um tampo em mármore com epitáfio, próximo à herma, uma placa em mármore indica que os restos mortais de seu bisneto estão no mesmo local. Na parte superior, aparentemente existia uma cruz. O estado de conservação do túmulo é ruim, existem manchas e sujidades espalhadas pela construção e a ausência de um ornamento. Não existe identificação do marmorista que executou a obra.

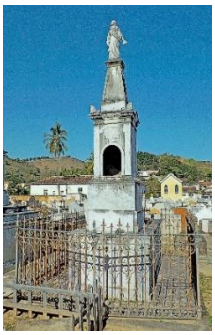
Registro Fotográfico do Túmulo

**Túmulo**



# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

| Registro Fotográfico do Túmulo | Frontal do túmulo | Parte posterior | Detalhe do ornamento | Alegoria da Esperança |
|---|---|---|---|---|
| |  |  |  |  |

| Identificação dos sepultados | Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|---|
| | 01<br>☐ não identificado | Maria Luísa de Almeida Pereira Leite | 08 de novembro de 1845 | junho de 1892<br>(sem informações) |

| Arquitetura Funerária | Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>■ Regular<br>☐ Ruim | ☐ Túmulo horizontal interno<br>■ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>■ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ■ Arquitrave | ■ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ■ Pilastras |
| ☐ Base | ☐ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ■ Madressilva | ☐ Vaso |
| ■ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ■ Outros: Friso |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ■ Ampulheta |
| | ☐ Anjo aponta | ■ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| | ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| | ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| | ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| | ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| | ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| | ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| | ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ■ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| | ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| | ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | | ☐ Urna funerária |

## Informações adicionais

Esse jazigo perpétuo pertence à Família Pereira Leite, porém não temos indicação de outros enterramentos no local. Ali repousa D. Maria Luísa de Almeida Pereira Leite, filha do Comendador Luciano José de Almeida e de D. Maria Joaquina de Toledo Sampaio. Casou-se após enviuvar com Dr. Rodrigo Pereira Leite,

proprietário da próspera Fazenda São Francisco, localizada onde hoje é o município de Arapeí.

O túmulo encontra-se cercado por um gradil em ferro, sobre o túmulo externo ergue-se uma pilastra, na parte posterior existe uma abertura que permite ser utilizada como veleiro. Na parte frontal, uma representação de flores dentro de um tecido, lembrando a história da Santa Isabel de Portugal, que cuidava dos necessitados. Na parte superior, uma herma que serve de suporte para a alegoria feminina da Esperança. O estado de conservação do túmulo é regular, no mármore encontramos muitas manchas e sujidades, mostrando que o túmulo não passa por nenhum tipo de limpeza. Não existe identificação do marmorista que executou a obra.

| Registro Fotográfico do Túmulo | Túmulo |
| --- | --- |
| |  |

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

| Registro Fotográfico do Túmulo | Geral do túmulo | Detalhe da herma | Alegoria Saudade | Detalhe da parte inferior |
|---|---|---|---|---|
| |  |  |  |   |

| Identificação dos sepultados | Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|---|
| | 01<br>☐ não identificado | José de Aguiar Vallim Filho | 03 de maio de 1836 | 22 de fevereiro de 1911 |

| Arquitetura Funerária | Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>☐ Regular<br>■ Ruim | ☐ Túmulo horizontal interno<br>■ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>☐ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ■ Arquitrave | ■ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ■ Pilastras |
| ☐ Base | ☐ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ☐ Outros: |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| ☐ Caveira | ■ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | ☐ Urna funerária |

### Informações adicionais

Datado como o túmulo 0216 no Cemitério da Santa Casa, lá repousam os restos mortais do sobrinho do Comendador Vallim, José de Aguiar Vallim Filho, casado com Alexandrina de Almeida Vallim, filha do Comendador Luciano José de Almeida.

Túmulo sem muitas alegorias ou ornamentos, apresenta um estado de conservação ruim, além das manchas e sujidades no mármore, o tampo apresenta uma rachadura que oferece infiltração no túmulo em dias chuvosos. Não existe identificação do marmorista que executou a obra.

| Registro Fotográfico do Túmulo | Túmulo |
| --- | --- |
| |  |

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

| Registro Fotográfico do Túmulo | Geral do túmulo | Alegoria da Fé | Detalhe do epitáfio | Detalhe da parte inferior |
|---|---|---|---|---|
| |  |  |  |  |

| Identificação dos sepultados | Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|---|
| | 02 ou mais<br>☐ não identificado | Luciano de Aguiar Vallim<br>Maria Laura de Almeida | 1862<br>sem informações<br>14 de junho de 1868 | 1929<br>sem informações<br>10 de agosto de 1890 |

| Arquitetura Funerária | Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>■ Regular<br>☐ Ruim | ☐ Túmulo horizontal interno<br>■ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>☐ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ■ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ■ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ■ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ■ Pilastras |
| ☐ Base | ☐ Cruz | ■ Filigrana | ☐ Grifo | ■ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ■ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ■ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| ■ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ☐ Outros _____ |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| | ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| | ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| | ☐ Anjo juízo final | ■ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| | ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| | ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| | ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| | ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| | ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| | ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| | ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | | ☐ Urna funerária |

## Informações adicionais

O jazigo perpétuo 0204 pertence à Família do Coronel Luciano de Aguiar Vallim, filho do Comendador José de Aguiar Vallim Filho. Identificamos mais um enterramento, que seria de sua primeira esposa, a jovem Maria Laura de Almeida, ao lado falta uma placa de identificação, que pode ser de sua segunda esposa, Alice de Almeida. É o único túmulo deste cemitério que apresenta um oratório em estilo eclético, encimado por uma cruz.

O estado de conservação do túmulo é regular, e encontramos manchas e sujidades no mármore, o que nos mostra a falta de limpeza no local. Existem peças faltantes na parte superior do oratório. Não existe identificação do marmorista que executou a obra.

| Registro Fotográfico do Túmulo | Túmulo |
| --- | --- |
| |  |

## 3.3 ARAPEÍ

Figura 111 - Imagem da área pesquisada - Cemitério Alambary



O cemitério Alambary, foi construído em 1867/68, seu terreno foi avaliado em "Rs.100$000 e tem por medida uma quarta de milha[99], sendo proprietário-vendedor do terreno, Manoel Afonso Carvalho" (RAMOS, 1978, p. 70), que deveria atender aos moradores das fazendas na região.

O cemitério está localizado próximo aos fundos da Capela de Santo Antônio, terreno esse que fora doado em 1862 pelo Antonio Affonso de Carvalho, dando início ao povoado de Capitão-mor de Alambary. Em 1892, foi elevado a Distrito de Paz de Alambary.

O livro de enterramento deste cemitério se encontra hoje em uma caixa empoeirada dentro do Casarão dos Vallim, seu estado de conservação é péssimo, impedindo o seu manuseio e a verificação das informações sobre os mortos que ali descansam.

[99] Unidade de medida inglesa, uma milha equivale a 1,609344 quilômetros.

# FICHA DE INVENTÁRIO

## CEMITÉRIO

| Registro Fotográfico do Cemitério | Capela cemiterial | Panorama do cemitério | Panorama do cemitério |
|---|---|---|---|
| |  |  |  |

| Identificação do um Cemitério | Localidade | |
|---|---|---|
| | Cemitério do Alambary | ☐ Centro<br>☐ Bairro<br>■ Isolado |

| Apresentação | Estado de Conservação | Condição atual | Tipo | Delimitação | |
|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>☐ Regular<br>■ Ruim | ☐ abandonado<br>■ em uso<br>☐ tombado | ■ Municipal<br>☐ Particular<br>☐ confessional | ☐ adobe<br>☐ cerca de arame<br>☐ sem delimitação | ■ muro de pedra<br>■ muro de alvenaria |

### Informações adicionais

O Cemitério de Alambary é pequeno, bem na frente de sua capela encontramos um pequeno cruzeiro, com espaço para acender velas, mas identificamos que muitas famílias fazem esse ritual diretamente nos seus túmulos. Não encontramos uma ala dedicada ao enterro dos inocentes.

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

| Registro Fotográfico do Túmulo | Frontal do túmulo |
|---|---|
| |  |

| Identificação dos sepultados | Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|---|
| | 01<br>☐ não identificado | Capitão Domiciano Pereira Leite | sem informações | 23 de outubro de 1883 |

| Arquitetura Funerária | Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>■ Regular<br>☐ Ruim | ☐ Túmulo horizontal interno<br>■ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>☐ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ☐ Pilastras |
| ☐ Base | ☐ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ☐ Outros:____ |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| | ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| | ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| | ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| | ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| | ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| | ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| | ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| | ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| | ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| | ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | | ☐ Urna funerária |

### Informações adicionais

Localizado ao lado da capela, este túmulo externo em alvenaria e pintura caiada é o repouso final do Capitão Domiciano Pereira Leite (1824-1883), um escravocrata e um dos proprietários da Fazenda Caxambu, uma das primeiras na região a ter um moinho. Apesar de não encontrar ligações, creio que Domiciano era parente do Dr. Rodrigo Pereira Leite, proprietário da Fazenda São Francisco, uma das maiores produtoras de café no século XIX.

Comparando com outros túmulos no local, podemos dizer que este apresenta uma conservação regular. Na inscrição em sua lápide, em mármore, só consta a data de seu falecimento.

| Registro Fotográfico do Túmulo | Túmulo |
| --- | --- |
| |  |

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

| Registro Fotográfico do Túmulo | Geral do túmulo | Tampo em mármore |
|---|---|---|
| |  |  |

| Identificação dos sepultados | Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|---|
| | 01<br>☐ não identificado | Julio Ferreira Pinto Crus | 01 de julho de 1832 | 08 de julho de 1872 |

| Arquitetura Funerária | Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>☐ Regular<br>■ Ruim | ☐ Túmulo horizontal interno<br>■ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>☐ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ■ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ☐ Pilastras |
| ☐ Base | ☐ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ■ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ☐ Outros: |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | ☐ Urna funerária |

**Informações adicionais**

Em péssimo estado de conservação, com a alvenaria em evidência, o tampo fragmentado é o suporte para os ornamentos quebrados como pináculos e a cruz. Ao que parece, esse túmulo tinha uma cabeceira proeminente. É possível que a parte inferior recebia uma pintura caiada para finalizar a obra. Não existe identificação do marmorista que executou a obra.

Registro Fotográfico do Túmulo

**Túmulo**



# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

**Registro Fotográfico do Túmulo**

**Geral do túmulo**



**Tampo em mármore**



| Identificação dos sepultados | Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|---|
| | 01<br>☐ não identificado | Pasquale Annichino | sem informações | 03 de julho de 1885 |

| Arquitetura Funerária | Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>☐ Regular<br>■ Ruim | ■ Túmulo horizontal interno<br>☐ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>☐ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ☐ Pilastras |
| ☐ Base | ☐ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ☐ Outros: |

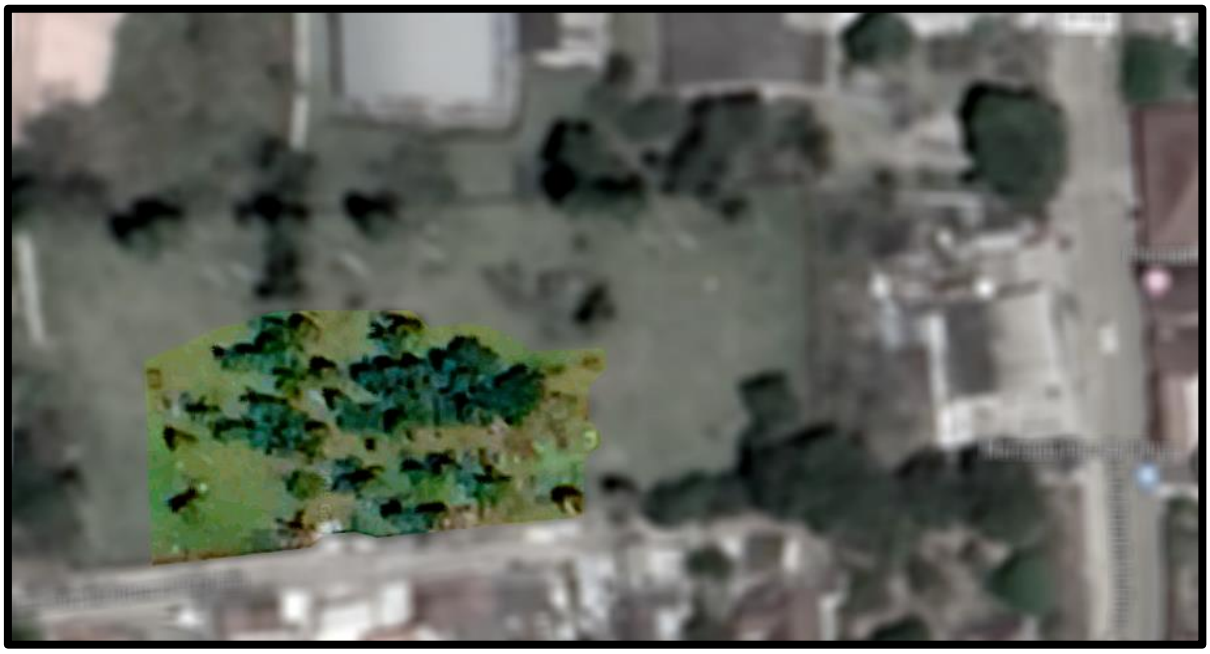
| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | ☐ Urna funerária |

**Informações adicionais**

O túmulo desmoronado pertence ao inocente Pasquale Annichino. Encontramos somente o epitáfio em italiano e a data de seu falecimento, não sendo possível identificar se ele era um natimorto. O estado de conservação é ruim, a parte em alvenaria desmoronou por completo, não sendo possível identificar a delimitação correta do túmulo. Não existe identificação do marmorista que executou a obra.

## 3.4 SÃO JOSÉ DO BARREIRO

Figura 112 - Vista da área pesquisada - Cemitério dos Escravos



Fonte Google Maps (2019).

De acordo com a pesquisadora Ludmila Pena Fuzzi (2008), o primeiro sepultamento no Cemitério dos Escravos em São José do Barreiro data do ano de 1842 e foi construído antes da Igreja Matriz de São José, erguida em 1881. Uma contradição, se levarmos em conta que outros textos apontam que a sua abertura foi em 1860.

Na década de 1970, foi proposto o tombamento[100] do cemitério. O processo foi demorado, pois uma das justificativas mencionadas para a instauração do processo era a de que o lugar abrigava os últimos túmulos de escravos da região. Versão contestada durante o processo de levantamento dos túmulos. O que se encontra no local é um mausoléu com os restos mortais de somente três escravos, os remanescentes da Fazenda Pau D´Alho, trazidos a pedido do "Cônego Benedito Gomes França com a intenção de tornar o Cemitério um lugar de visitação de todas as raças" (FUZZI, 2008, p. 126). O nome Cemitério dos Escravos apareceu após o processo de tombamento nº 42586/74, finalizado em 1981.

[100] O processo do tombamento está disponível para consulta neste site: http://www.infopatrimonio.org/wp-content/uploads/2018/02/COND_000496_1974.pdf. Acesso em: 02 jun. 2020.

# FICHA DE INVENTÁRIO

## CEMITÉRIO

| Registro Fotográfico do Cemitério | Portão de entrada | Pedaços de lápides espalhadas | Um dos muros do cemitério | Túmulos destruídos |
|---|---|---|---|---|
| |  |  |  |  |

| Identificação do Cemitério | Localidade | |
|---|---|---|
| | Cemitério dos Escravos de São José do Barreiro | ☐ Centro<br>☐ Bairro<br>■ Isolado |

| Apresentação | Estado de Conservação | Condição atual | Tipo | Delimitação | |
|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>☐ Regular<br>■ Ruim | ■ abandonado<br>☐ em uso<br>☐ tombado | ■ Municipal<br>☐ Particular<br>☐ confessional | ■ adobe<br>☐ cerca de arame<br>☐ sem delimitação | ■ muro de pedra<br>■ muro de alvenaria |

### Informações adicionais

O Cemitério dos Escravos encontra-se fechado, para visitação é necessário agendar na Igreja de São José. O tombamento não preservou suas obras e o local encontra-se abandonado. Não é possível identificarmos uma ala dedicada aos inocentes.

Logo na entrada, um pequeno memorial, onde afirmam estarem os restos mortais dos últimos escravos da Fazenda Pau D´Alho, serve como o Cruzeiro.

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

| Registro Fotográfico do Túmulo | Detalhe da herma | Detallhe da coluna |
|---|---|---|
| |   |  |

| Identificação dos sepultados | Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|---|
| | 01<br>☐ não identificado | Roque Alvares de Magalhães | 1831 sem informações | 31 de dezembro de 1865 |

| Arquitetura Funerária | Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>☐ Regular<br>■ Ruim | ■ Túmulo horizontal interno<br>☐ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>☐ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ■ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ■ Pilastras |
| ☐ Base | ☐ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ☐ Outros |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ■ Tocha | ☐ Foice |
| ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | ☐ Urna funerária |

**Informações adicionais**

O Capitão Roque Alvares de Magalhães chegou à região do Vale do Paraíba entre 1851 e 1859 vindo de Minas Gerais. Proprietário da Fazenda Catadupa, que tinha sob seus domínios duas cachoeiras.

Mesmo sendo uma pessoa influente nesta sociedade, seu túmulo é simples, a base em alvenaria serve de suporte para a herma com um epitáfio e uma alegoria com

as tochas viradas para abaixo, representando o fim de sua jornada. Sobre a herma, uma coluna inteira representando a partida do chefe de família. Não existe identificação do marmorista que executou a obra.

| Registro Fotográfico do Túmulo | Túmulo |
| --- | --- |
| |  |
| |  |

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

| Registro Fotográfico do Túmulo | Oratório | Detalhe da herma |
|---|---|---|
| |  |   |

| Identificação dos sepultados | Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|---|
| | 01<br>☐ não identificado | José Celidônio Gomes dos Reis | 13 de março de 1803 | 18 de julho de 1862 |

| Arquitetura Funerária | Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>☐ Regular<br>■ Ruim | ■ Túmulo horizontal interno<br>☐ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>☐ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ☐ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ■ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ☐ Pilastras |
| ☐ Base | ☐ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ☐ Outros: |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | ☐ Urna funerária |

**Informações adicionais**

Proprietário da extinta Fazenda do Formoso, foi dos grandes produtores de Café em São José de Barreiro, fez casamentos arranjados entre suas filhas e os irmãos Magalhães.

Com um túmulo simples, a base em alvenaria, serve de suporte para a herma com um epitáfio, na parte superior temos um oratório com duas aberturas em formato

de uma ogiva, o que nos leva a crer que ali existia uma escultura. Sobre o oratório existem resquícios da existência de uma cruz. Não existe identificação do marmorista que executou a obra.

| Registro Fotográfico do Túmulo | Túmulo |
| --- | --- |
| |  |
| |  |

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

| Registro Fotográfico do Túmulo | Frontal do túmulo | Detalhe da lápide |
|---|---|---|
| |  |  |

| Identificação dos sepultados | Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|---|
| | 01<br>☐ não identificado | Cesário Alves de Magalhães | 27 de junho de 1852 | 09 de dezembro de 1875 |

| Arquitetura Funerária | Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>☐ Regular<br>■ Ruim | ☐ Túmulo horizontal interno<br>■ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>☐ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: ____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ☐ Pilastras |
| ☐ Base | ■ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ■ Outros: herma |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| | ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| | ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| | ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| | ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| | ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| | ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| | ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| | ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| | ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| | ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | | ☐ Urna funerária |

**Informações adicionais**

O jovem Cesário Alves Magalhães estava cursando o 5º ano de medicina quando morreu. Seu túmulo foi executado em alvenaria e coberto de mármore. A base do túmulo está destruída, o tampo em mármore, fragmentado, ainda permite identificar o epitáfio. Na parte posterior, uma herma como o dizeres “Depósito de Ossos” e seguida de uma base que sustenta uma cruz. Não existe identificação do marmorista que executou a obra.

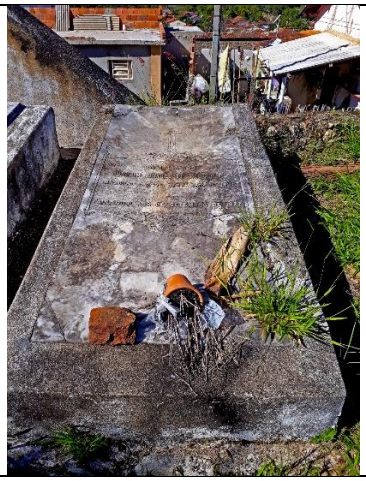
Registro Fotográfico do Túmulo

**Túmulo**



# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

| Registro Fotográfico do Túmulo | Frontal do túmulo |
|---|---|
| |  |

| Identificação dos sepultados | Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|---|
| | 01<br>☐ não identificado | Joaquim Alvares de Magalhães | 02 de dezembro de 1851 | 08 de setembro de 1877 |

| Arquitetura Funerária | Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>☐ Regular<br>■ Ruim | ■ Túmulo horizontal interno<br>☐ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>☐ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ☐ Pilastras |
| ☐ Base | ☐ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ☐ Outros: _____ |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| | ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| | ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| | ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| | ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| | ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| | ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| | ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| | ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ■ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| | ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| | ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | | ☐ Urna funerária |

### Informações adicionais

Mais um túmulo da Família Álvares Magalhães, este exemplar simples foi executado em alvenaria, o tampo é feito de mármore e nele encontramos um epitáfio, existe uma moldura feita em motivos florais e no canto esquerdo podemos perceber a assinatura do marmorista. Legível somente o endereço: Rua da Quitanda.

Registro Fotográfico do Túmulo

Túmulo



# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

| Registro Fotográfico do Túmulo | Frontal do túmulo | Detalhe da herma | Detalhe da lápide |
|---|---|---|---|
| |  |  |  |

| Identificação dos sepultados | Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|---|
| | 04<br>☐ não identificado | Julieta da Silva Reis | 14 de junho de 1865 | 27 de fevereiro de 1883 |

| Arquitetura Funerária | Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>☐ Regular<br>■ Ruim | ■ Túmulo horizontal interno<br>☐ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>☐ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ■ Pilastras |
| ■ Base | ☐ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ☐ Outros |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | ☐ Urna funerária |

**Informações adicionais**

Este túmulo externo foi executado em alvenaria e revestido de mármore. No tampo de mármore, temos um epitáfio com referência à presença de três restos mortais: Antonio Gomes dos Reis, Victoria da Silva Reis e Dr. Antonio José da Silva Reis, mas sem nenhuma informação sobre data de nascimento ou falecimento.

Na parte superior, uma base para uma herma com outro epitáfio, desta vez de Julieta da Silva, acima temos uma peça quebrada que não faz parte do conjunto tumular. Não existe identificação do marmorista que executou a obra.

| Registro Fotográfico do Túmulo | Túmulo |
| --- | --- |
| |  |

## 3.5 AREIAS

Figura 113 - Imagem da área pesquisada - Cemitério Municipal de Areias



Fonte Google Maps (2019).

Para nós e para a Prefeitura de Areias, a data de fundação deste cemitério permanece um mistério. Apesar de não ter uma organização documental, seu campo-santo oferece um bom local de repouso.

O cemitério apresenta um bom estado de conservação, a única via pavimentada é a que leva à Capela do Cemitério, as outras ruas de acesso aos túmulos eram de terra. Em 2016, a Secretaria de Obras[101] decidiu plantar, em todo o caminho, grama para ajudar a conter o barro em dias de chuva e para evitar acidentes.

Em 2018, uma nova quadra foi inaugurada, a do Cemitério-Jardim[102]. Uma modalidade presente em vários cemitérios do Brasil e do mundo. A manutenção destes túmulos é mais fácil e a único ornamento necessário é a placa para identificação dos falecidos.

Vamos conhecer alguns túmulos do século XIX presentes nesse cemitério.

[101] Informação de um frequentador do cemitério, que preferiu não se identificar.
[102] Conceito que se iniciou nos Estados Unidos, o cemitério sem a arte tumular que promova a igualdade entre aqueles que ali repousam. Em geral, a cova tem carneiras em alvenarias que podem abrigar três, quatro ou seis pessoas.

# FICHA DE INVENTÁRIO

## CEMITÉRIO

| Registro Fotográfico do Cemitério | Entrada do cemitério | Entrada da Capela | Panorama do cemitério | Panorama do cemitério |
|---|---|---|---|---|
| |  |  |  |  |

| Identificação do Cemitério | Localidade | |
|---|---|---|
| | Cemitério Municipal de Areias | ■ Centro<br>☐ Bairro<br>☐ Isolado |

| Apresentação | Estado de Conservação | Condição atual | Tipo | Delimitação | |
|---|---|---|---|---|---|
| | ■ Bom<br>☐ Regular<br>☐ Ruim | ☐ abandonado<br>■ em uso<br>☐ tombado | ■ Municipal<br>☐ Particular<br>☐ confessional | ☐ adobe<br>☐ cerca de arame<br>☐ sem delimitação | ☐ muro de pedra<br>■ muro de alvenaria |

### Informações adicionais

No Cemitério Municipal de Areias os inocentes estão enterrados em espaços entre os túmulos, não identificamos uma ala para eles. Ausência de um cruzeiro, mas em alguns túmulos encontramos pequenos oratórios utilizados para acender velas e para o depósito de flores.

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

| Registro Fotográfico do Túmulo | Frontal do túmulo | Detalhe da lápide |
|---|---|---|
| |  |  |

| Identificação dos sepultados | Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|---|
| | 01<br>☐ não identificado | Alzira Vianna da Silva | 13 de outubro de 1862 | 26 abril de 1892 |

| Arquitetura Funerária | Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>■ Regular<br>☐ Ruim | ■ Túmulo horizontal interno<br>☐ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>■ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ■ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ■ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ☐ Pilastras |
| ■ Base | ☐ Cruz | ■ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ☐ Outros |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ■ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | ☐ Urna funerária |

### Informações adicionais

Localizado na primeira quadra, na esquina da rua principal, esse túmulo interno simples foi executado em alvenaria com tampo em mármore. As peças quebradas sobre ele, aparentemente, eram quatro colunas simples que serviam como suporte para um ornamento em ferro. O tampo trabalhado recebeu uma guirlanda com flores unidas por uma fita e em seu epitáfio sabemos que foi casada. Não há identificação do marmorista responsável pela obra.

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

| Registro Fotográfico do Túmulo | Frontal do túmulo | Detalhe da lápide | Detalhe da lateral |
|---|---|---|---|
| |  |  |  |

| Identificação dos sepultados | Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|---|
| | 01<br>☐ não identificado | D. Amélia de Almeida Monteiro Leite | sem informações | sem informações |

| Arquitetura Funerária | Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>■ Regular<br>☐ Ruim | ■ Túmulo horizontal interno<br>☐ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>☐ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ☐ Pilastras |
| ☐ Base | ■ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ☐ Outros: _____ |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | ☐ Urna funerária |

**Informações adicionais**

Localizado ao lado da capela, o túmulo interno de D. Amélia de Almeida Monteiro Leite é destacado como jazigo perpétuo. Executado em alvenaria, sua cabeceira elevada faz o túmulo parecer uma cama. O tampo em mármore recebeu entalhes em suas bordas e um crucifixo na parte superior. Em seu epitáfio sabemos

que ela foi casada, mas não temos informações sobre a data de nascimento ou falecimento.

Apesar do seu estado de conservação ser regular, percebe-se que o tampo foi fragmentado em sua borda direita e, para resolver o problema, o túmulo foi fechado com cimento. Não há a assinatura do marmorista responsável pela obra.

| Registro Fotográfico do Túmulo | Túmulo |
| --- | --- |
| |  |

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

**Registro Fotográfico do Túmulo**

| Detalhe da lateral | Geral do túmulo |
|---|---|
|  |  |
| **Detalhe dos elementos florais** | **Detalhe da lateral** |
|  |  |

**Identificação dos sepultados**

| Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|
| 01<br>☐ não identificado | Vergília Olimpya de Ávila | 31 de dezembro de 1851 | 28 de fevereiro de 1873 |

**Arquitetura Funerária**

| Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Bom<br>☐ Regular<br>■ Ruim | ☐ Túmulo horizontal interno<br>■ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>☐ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: ____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ☐ Pilastras |
| ☐ Base | ☐ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ■ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ■ Madressilva | ☐ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ■ Outros: quadrifólio |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| | ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ■ Café | ■ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| | ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| | ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| | ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| | ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| | ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| | ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| | ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| | ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| | ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | | ☐ Urna funerária |

**Informações adicionais**

Filha do Capitão Honório de Ávila Rebouças, da Guarda Nacional e esposa do Presidente de Intendência Municipal (1842) Gabriel da Silva Leme, este exemplar executado em Areias é um tumulo externo, sua base é feita em alvenaria e está com caiação.

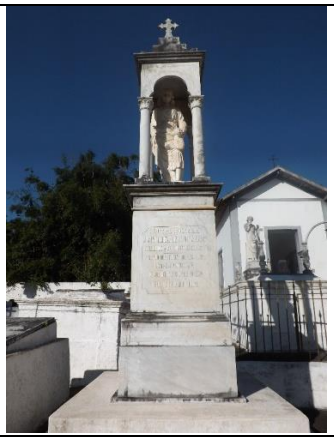
O estado de conservação deste túmulo é ruim, na parte superior, temos uma placa em mármore fragmentada, para revestir o espaço e servir de suporte para o

conjunto composto por uma cerca com elementos vazados, quadrifólio, flor de papoula e de café. Em cada pilar, um elemento acrescentado de uma chama da vida eterna. O tampo em mármore é espesso e decorado com flores, nele temos um breve epitáfio sobre a falecida. Na parte superior, um pedestal que indica a presença de outro elemento, uma cruz ou um santo de devoção. Não há identificação do marmorista que executou essa obra.

| Registro Fotográfico do Túmulo | Túmulo |
| --- | --- |
| |  |

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

| Registro Fotográfico do Túmulo | Geral do túmulo | Detalhe da herma | Alegoria da Caridade |
|---|---|---|---|
| |  |  |  |

| Identificação dos sepultados | Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|---|
| | 01<br>☐ não identificado | Maria Thereza de Oliveira Leme | 1839 - sem informação | 02 de outubro de 1898 |

| Arquitetura Funerária | Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>■ Regular<br>☐ Ruim | ☐ Túmulo horizontal interno<br>■ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>☐ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ■ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ■ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ■ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ■ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ■ Pilastras pintar |
| ■ Base | ☐ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ■ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| ■ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ☐ Outros: |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Anjo | ■ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | ☐ Urna funerária |

**Informações adicionais**

Esposa do Alferes Joaquim da Silva Leme (1834-1894) oficial da Guarda Nacional, cafeicultor e proprietário da Fazenda Vargem Grande. Família proeminente na cidade, seu túmulo foi erguido próximo à capela.

Sobre uma base de alvenaria, ergue-se uma pilastra revestida em mármore, que sustentará a herma com o epitáfio, o coroamento do túmulo apresenta um oratório com colunas e capitel simples. Em seu interior, a Alegoria da Caridade.

O estado de conservação está regular, sendo necessária uma limpeza para a retirada de sujidades. Não há indicação do marmorista responsável pela obra.

**Registro Fotográfico do Túmulo**

**Túmulo**



# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

| Registro Fotográfico do Túmulo | Frontal do túmulo |
|---|---|
| |  |

| Identificação dos sepultados | Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|---|
| | 01<br>☐ não identificado | Roberto | sem informações | sem informações |

| Arquitetura Funerária | Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>■ Regular<br>☐ Ruim | ☐ Túmulo horizontal interno<br>■ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>☐ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ☐ Pilastras |
| ☐ Base | ☐ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ☐ Outros: |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | ☐ Urna funerária |

**Informações adicionais**

O túmulo externo do inocente Roberto não nos traz nenhuma informação sobre a sua filiação ou data de nascimento e falecimento. Executado em alvenaria, somente o tampo que encerra seus restos mortais foi feito em mármore. Não existe identificação do marmorista que executou a obra.

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

| Registro Fotográfico do Túmulo | Frontal do túmulo | Detalhe da Alegoria da Pranteadora | Detalhe lateral |
|---|---|---|---|
| |  |  |  |

| Identificação dos sepultados | Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|---|
| | 01<br>☐ não identificado | Manoel Benedito da Silva Leme | 19 de abril de 1794 | 05 de junho de 1875 |

| Arquitetura Funerária | Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>■ Regular<br>☐ Ruim | ☐ Túmulo horizontal interno<br>■ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>■ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ☐ Pilastras |
| ☐ Base | ■ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ■ Outros: castiçal |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ■ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| ☐ Caveira | ■ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | ☐ Urna funerária |

**Informações adicionais**

O último repouso do major Manoel Benedito da Silva Leme fica próximo à capela. Figura importante na cidade de Areias, seu túmulo externo apresenta uma medida maior do que de outros encontrados por lá, o que nos leva a crer que outros membros da sua família estão no local.

Executado em alvenaria, encontramos o mármore no tampo, onde identificamos um epitáfio feito pela esposa e parte de seus filhos, quatro castiçais foram colocados para ornamentar o túmulo, afinal a chama é a crença na vida eterna. Completando o conjunto, na parte superior a escultura de uma pranteadora no Monte Gólgota.

Em sua base temos a caiação para proteger a construção e no seu entorno foi construído um gradil em ferro. Não existe identificação do marmorista que executou a obra.

| Registro Fotográfico do Túmulo | Túmulo |
| --- | --- |
| |  |

## 3.6 SILVEIRAS

Figura 114 - Imagem da área pesquisada - Cemitério Municipal de Silveiras



A cidade de Silveiras presenciou duas revoluções: a Liberal (1842) e a Constitucionalista (1932). Em ambos os casos, a cidade acabou invadida por tropas que defendiam o governo federal e que desejavam mostrar aos silveirenses com quem eles estavam lidando.

Tomemos por exemplo a batalha Revolução Liberal, com os soldados legalistas[103] tentando derrubar a resistência em Silveiras. Alves (1975 p. 49) nos conta que o Capitão Manoel Santos da Silva autorizou seus subordinados a saquearem a cidade e as fazendas nos arredores. O que não poderia ser vendido ou carregado era destruído, documentos como o livro da Irmandade do Santíssimo, atas de fundação da cidade entre outros acabaram destruídas. Logo, não temos como mencionar a data de fundação deste cemitério.

A seguir, alguns exemplares do século XIX que ainda resistem no Cemitério Municipal de Silveiras.

[103] Soldados pertencentes aos Império.

# FICHA DE INVENTÁRIO

## CEMITÉRIO

| Registro Fotográfico do Cemitério | Entrada do cemitério | Acesso à Capela | Delimitação do muro |
|---|---|---|---|
| |   |  |  Panorama do tumulo  |

| Identificação do Cemitério | Localidade | |
|---|---|---|
| | Cemitério Municipal de Silveiras | ☐ Centro<br>■ Bairro<br>☐ Isolado |

| Apresentação | Estado de Conservação | Condição atual | Tipo | Delimitação | |
|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>■ Regular<br>☐ Ruim | ☐ abandonado<br>■ em uso<br>☐ tombado | ■ Municipal<br>☐ Particular<br>☐ confessional | ■ adobe<br>☐ cerca de arame<br>☐ sem delimitação | ☐ muro de pedra<br>■ muro de alvenaria |

### Informações adicionais

No Cemitério Municipal de Silveiras, as quadras não são organizadas e encontramos inocentes enterrados em espaços entre túmulos. Ausência de um cruzeiro, algumas famílias acender suas velas na parte inferior dos túmulos.

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

| Registro Fotográfico do Túmulo | Frontal do túmulo |
|---|---|
| |  |

| Identificação dos sepultados | Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|---|
| | 01<br>☐ não identificado | D. Emília Constança Ferreira Varajão | sem informações | 21 de julho de 1867 |

| Arquitetura Funerária | Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>☐ Regular<br>■ Ruim | ☐ Túmulo horizontal interno<br>■ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>☐ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ■ Pilastras |
| ■ Base | ☐ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ■ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ■ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ☐ Outros: _____ |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| | ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| | ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| | ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| | ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| | ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| | ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| | ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| | ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| | ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| | ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | | ☐ Urna funerária |

### Informações adicionais

Túmulo localizado ao lado do muro, o estado de conservação é ruim, executado em alvenaria, em formato retangular erguem-se duas pilastras coroadas com dois pináculos. Na parte frontal, um elemento em semicírculo que serve de apoio para um vaso. À frente uma pequena placa em mármore com o epitáfio da falecida. Não existe identificação do marmorista que executou a obra.

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

| Registro Fotográfico do Túmulo | Frontal do túmulo |
|---|---|
| |  |

| Identificação dos sepultados | Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|---|
| | 01<br>☐ não identificado | Maria de Gloria de Sequeira | 9 de agosto de 1858 | 15 de julho de 1871 |

| Arquitetura Funerária | Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>☐ Regular<br>■ Ruim | ☐ Túmulo horizontal interno<br>■ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>☐ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ☐ Pilastras |
| ☐ Base | ☐ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ☐ Outros: _____ |

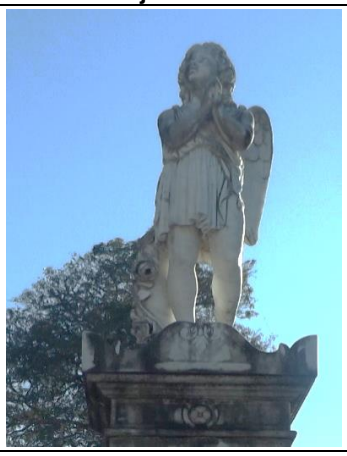
| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | ☐ Urna funerária |

**Informações adicionais**

Túmulo localizado ao lado do muro, está em péssimo estado de conservação, executado em alvenaria, tem um formato retangular e, na parte superior, um elemento em semicírculo fazendo lembrar uma arca. À frente uma pequena placa em mármore com o epitáfio da falecida. Não existe identificação do marmorista que executou a obra.

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

| Registro Fotográfico do Túmulo | Túmulo | Anjo orante | Parte posterior |
|---|---|---|---|
| |  |  |  |

| Identificação dos sepultados | Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|---|
| | 02 ou mais<br>☐ não identificado | Maria Benedicta Macedo | 7 de junho de 1875 | 8 de outubro de 1890 |

| Arquitetura Funerária | Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>☐ Regular<br>■ Ruim | ☐ Túmulo horizontal interno<br>■ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>☐ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ■ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ■ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ■ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ■ Pilastras pinta |
| ☐ Base | ☐ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| ■ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ■ Outros: Detalhe ogiva |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| ■ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | ☐ Urna funerária |

**Informações adicionais**

O túmulo externo foi executado em alvenaria e provavelmente revestido em mármore, mas com o passar do tempo a pedra deve ter se soltado, fazendo com que se utilizasse a caiação como forma de manutenção. Sobre a alvenaria temos um tampo em mármore que não pertence ao conjunto escultórico.

Na parte posterior, temos uma herma em mármore que serve de suporte para o epitáfio. Decorado com detalhes ogivais, a parte superior com um frontão decorado que serve como suporte para o anjo orante que ali está em súplica ao lado de uma árvore cortada indicando o fim prematuro. Não existe identificação do marmorista que executou a obra.

| Registro Fotográfico do Túmulo | Túmulo |
| --- | --- |
| |  |

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

| Registro Fotográfico do Túmulo | Frontal do túmulo |
|---|---|
| |  |

| Identificação dos sepultados | Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|---|
| | 01<br>☐ não identificado | Alzira | 06 de outubro de 1884 | 09 de novembro de 1884 |

| Arquitetura Funerária | Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>■ Regular<br>☐ Ruim | ☐ Túmulo horizontal interno<br>■ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>■ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ☐ Pilastras |
| ☐ Base | ☐ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ☐ Outros: _____ |

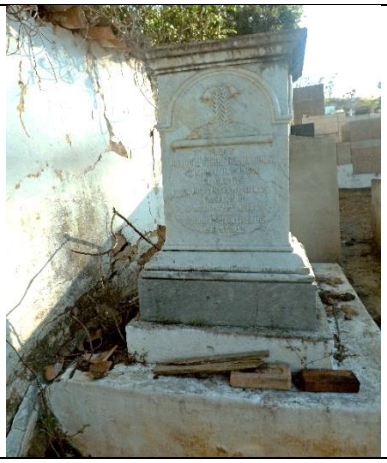
| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | ☐ Urna funerária |

**Informações adicionais**

Túmulo da inocente Alzira, filha de J.H.P de Castro, um túmulo simples em alvenaria, com o tampo em mármore e com um gradil em ferro.

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

| Registro Fotográfico do Túmulo | Detalhe da herma | Herma |
|---|---|---|
| |  |  |

| Identificação dos sepultados | Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|---|
| | 01<br>☐ não identificado | Padre Joaquim Ferreira da Cunha | sem informações | 28 de maio de 1879 |

| Arquitetura Funerária | Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>☐ Regular<br>■ Ruim | ■ Túmulo horizontal interno<br>☐ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>☐ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ■ Pilastras |
| ☐ Base | ☐ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ■ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ☐ Outros: |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | ☐ Urna funerária |

### Informações adicionais

Túmulo localizado ao lado do muro, em péssimo estado de conservação, foi executado em alvenaria, sua base retangular serve de apoio para uma herma ornamentada com a flor de papoula e um epitáfio, não encontramos elementos na parte superior. Não existe identificação do marmorista que executou a obra.

## 3.7 QUELUZ

Figura 115 - Imagem da área pesquisada - Cemitério Municipal de Queluz




Localizado às margens da Rodovia BR-116 (Dutra), o Cemitério Municipal de Queluz foi inaugurado após 1850, apesar de seu portão principal indicar o ano de 1888.

Pavimento de alvenaria somente na rua principal, a entrada para as quadras é de terra batida e a instalação dos túmulos não aconteceu de forma ordenada, em muitos espaços fica difícil fotografar os exemplares.

A conservação dos túmulos é insuficiente, faltam ações voltadas para a limpeza e preservação dos exemplares do século XIX, no entanto, conforme já mencionado, o administrador do cemitério, Davi Araujo, desenvolveu um inventário prévio dos túmulos que ele considera mais importantes para a história da cidade.

# FICHA DE INVENTÁRIO

## CEMITÉRIO

| Registro Fotográfico do Cemitério | Entrada do cemitério | Túmulos de inocentes | Panorâmica do cemitério |
|---|---|---|---|
| |  |  |  |

| Identificação do Cemitério | Localidade | |
|---|---|---|
| | Cemitério Municipal de Queluz | ☐ Centro<br>☐ Bairro<br>■ Isolado |

| Apresentação | Estado de Conservação | Condição atual | Tipo | Delimitação | |
|---|---|---|---|---|---|
| | ■ Bom<br>☐ Regular<br>☐ Ruim | ☐ abandonado<br>■ em uso<br>☐ tombado | ■ Municipal<br>☐ Particular<br>☐ confessional | ☐ adobe<br>☐ cerca de arame<br>☐ sem delimitação | ☐ muro de pedra<br>■ muro de alvenaria |

### Informações adicionais

No Cemitério Municipal de Queluz não existe uma ala para receber os inocentes, há um cruzeiro mais ao fundo do cemitério. Em diversos túmulos encontramos um pequeno oratório para acender velas e espaços para o depósito de flores.

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

**Registro Fotográfico do Túmulo**

| Panorâmica do túmulo | Detalhe da alegoria | Detalhe da alegoria |
|---|---|---|
|  |  |  |
| | | **Detalhe do tampo** |
| | |  |

**Identificação dos sepultados**

| Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|
| 01<br>☐ não identificado | Anastácio Ferreira Castilho | abril de 1809 | março de 1889 |

**Arquitetura Funerária**

| Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Bom<br>■ Regular<br>☐ Ruim | ■ Túmulo horizontal interno<br>☐ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>☐ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ☐ Pilastras |
| ■ Base | ■ Cruz | ■ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ■ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ■ Outros: Cabeceira proeminente |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ■ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| ☐ Caveira alada | ■ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | ☐ Urna funerária |

**Informações adicionais**

Este túmulo interno apresenta um estado de conservação regular, o exemplar singular apresenta em seu tampo uma cártula que protege a homenagem feita pelos seus filhos. Na parte posterior, ergue-se uma cabeceira proeminente em formato de ogiva, que serve de suporte para o epitáfio e para uma alegoria de uma pranteadora ajoelhada em frente a uma cruz no Monte Gólgota, a árvore da vida recai sobre esta

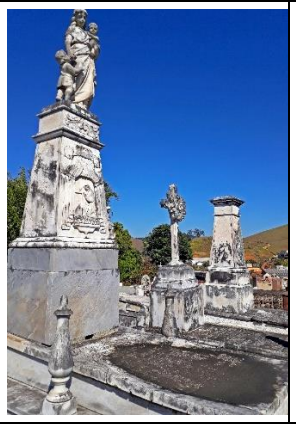
cruz. Encimado da cabeceira, uma pequena cruz completa essa arquitetura funerária. Não existe identificação do marmorista que executou a obra.

| Registro Fotográfico do Túmulo | Túmulo |
| --- | --- |
| |  |

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

**Registro Fotográfico do Túmulo**

| Alegoria da Caridade | Tampo em mármore | Lateral do túmulo | Detalhe da herma |
|---|---|---|---|
|  |  |  |  |

**Identificação dos sepultados**

| Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|
| 01<br>☐ não identificado | Antonio Carlos de Oliveira - sobrenome ilegível | ilegível | ilegível |

**Arquitetura Funerária**

| Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Bom<br>☐ Regular<br>■ Ruim | ☐ Túmulo horizontal interno<br>■ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>☐ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

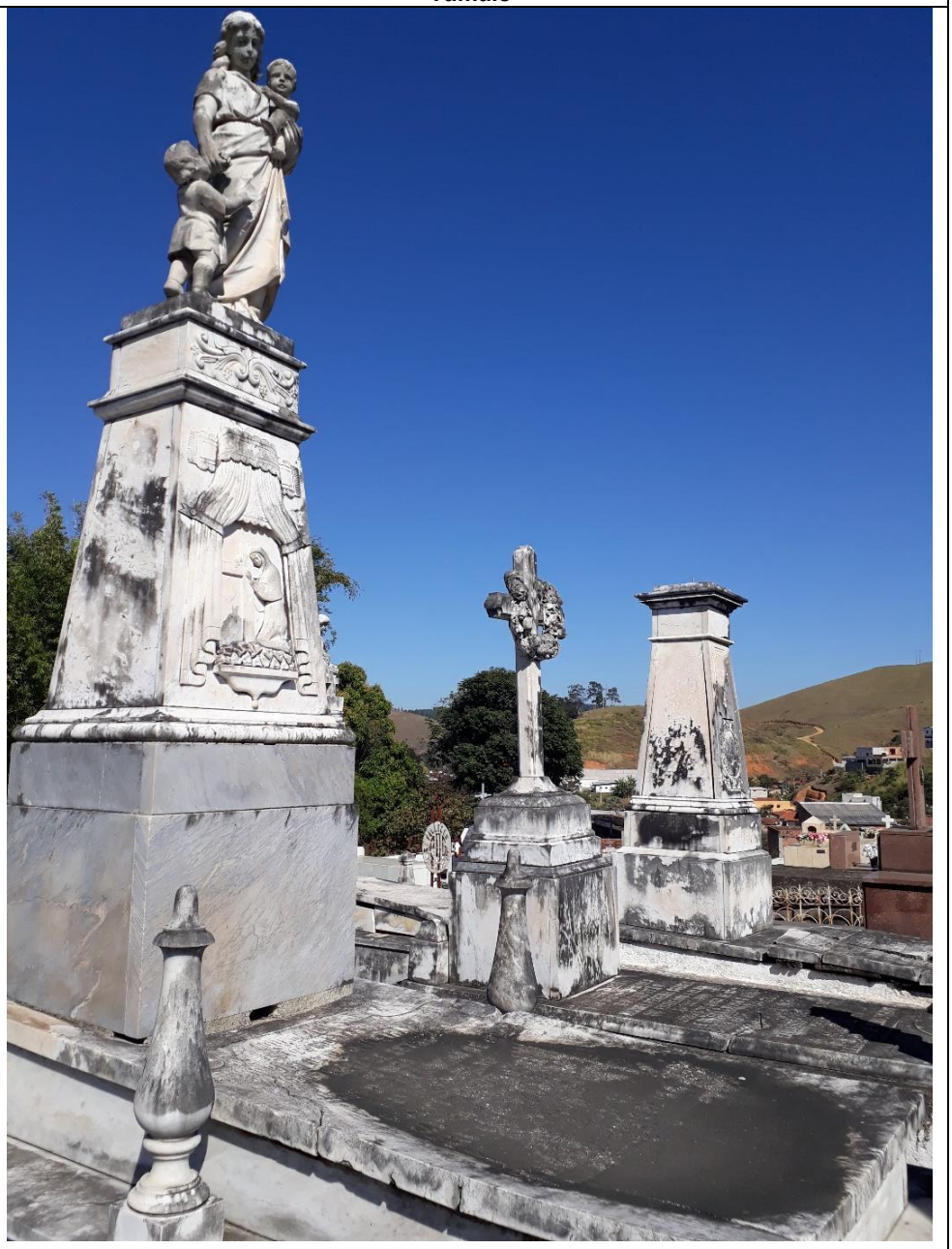
| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ■ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ■ Pilastras |
| ■ Base | ☐ Cruz | ■ Filigrana | ☐ Grifo | ■ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ☐ Outros: |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Anjo | ■ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ■ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| ☐ Caveira | ■ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | ☐ Urna funerária |

**Informações adicionais**

Este belíssimo exemplar executado em alvenaria e revestido em mármore tem sua conservação prejudicada, principalmente no tampo, que apresenta uma deformidade no meio, o que faz com que a água de chuva e outros elementos se acumulem no local levando a descaracterizar as informações inseridas. Este túmulo externo apresenta dois ornamentos semelhantes a pináculos.

Na parte superior, temos uma base que sustenta uma herma ricamente decorada com alegorias que remetem à dor pela perda deste ente querido, descortina-se uma alegoria feminina abraçada a uma cruz, na parte superior uma outra alegoria feminina, a da Caridade, em uma clara intenção de demonstrar na morte aquilo que ele foi em vida, religioso e caridoso. Não existe identificação do marmorista que executou a obra.

| Registro Fotográfico do Túmulo | Túmulo |
| --- | --- |
| |  |

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

| Registro Fotográfico do Túmulo | Frontal do túmulo |
|---|---|
| |  |

| Identificação dos sepultados | Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|---|
| | 01<br>☐ não identificado | D. Anna de Novaes Pereira | 4 de abril de 1829 | 3 de junho de 1893 |

| Arquitetura Funerária | Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>☐ Regular<br>■ Ruim | ☐ Túmulo horizontal interno<br>■ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>☐ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ☐ Pilastras |
| ☐ Base | ■ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ■ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ☐ Outros: |

| Alegorias | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **Antropomorfo** | **Figura Feminina** | **Zoomorfos** | **Fitomorfos** | **Signos** | **Objetos** |
| ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | ☐ Urna funerária |

**Informações adicionais**

Este túmulo externo tem a sua conservação comprometida, é possível identificar uma trinca mais acima no tampo e outra na parte inferior. Ainda no mesmo local temos uma sujidade que torna o epitáfio ilegível em muitas partes.

Encontramos uma cruz desenhada no tampo formando uma cártula que recebe o epitáfio da falecida, na parte posterior, um círculo decorado abriga a homenagem de sua filha Virginia. Não existe identificação do marmorista que executou a obra.

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

| Registro Fotográfico do Túmulo | Lateral do túmulo | Detalhe da herma | Detalhe da alegoria | Detalhe do tampo |
|---|---|---|---|---|
| |  |  |  |  |

| Identificação dos sepultados | Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|---|
| | 02<br>☐ não identificado | Manoel Carlos de Oliveira Garcez<br>Maria Custódia de Oliveira Garcez | 01 de julho? 1808<br>01 de junho de 1814 | ? de novembro 1884<br>18 de agosto de 1841 |

| Arquitetura Funerária | Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>☐ Regular<br>■ Ruim | ☐ Túmulo horizontal interno<br>■ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>☐ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ■ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ■ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ☐ Pilastras |
| ☐ Base | ☐ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ■ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ■ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ■ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ■ Madressilva | ☐ Vaso |
| ■ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ■ Outros: herma Friso |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Anjo | ■ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ■ Ampulheta |
| ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ■ c/ asas de anjo |
| ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ■ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | ☐ Urna funerária |

## Informações adicionais

Manuel Carlos de Oliveira Garcez foi proprietário da Fazenda Regato em Queluz, casou-se Maria Custódia do Sacramento, neta de açorianos, aproximadamente em 1829-1830. O repouso final do casal foi executado pelo marmorista Paschoal Isoldi.

Esse exemplar externo está com sua conservação comprometida, existem diversos pontos de sujidades e ornamentos quebrados no lado esquerdo, onde o pináculo está desaparecido, permanecendo somente sua base, enquanto no lado direito tudo foi retirado quebrando uma parte da pedra de suporte.

O tampo em mármore apresenta uma placa que emoldura o epitáfio dedicado ao casal, ornamentada com flor de papoula, uma vitória da família sobre o luto; na parte posterior, uma ampulheta com asas de anjo indicando que a vida foi curta para o casal e, abaixo, motivos florais amarrados com uma fita.

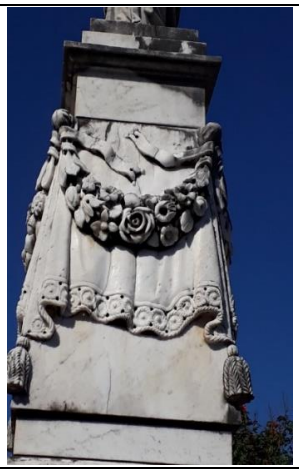
Na parte superior, uma base sustenta uma herma com uma moldura onde aparecem alegorias como a cruz, a âncora e a guirlanda de rosas, representando a esperança na vida eterna, acima uma alegoria feminina da Caridade completa esta arquitetura funerária.

| Registro Fotográfico do Túmulo | Túmulo |
| --- | --- |
| |  |

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

**Registro Fotográfico do Túmulo**

| Alegoria da Saudade | Detalhe da herma | Detalhe do tampo |
|---|---|---|
|  |  |  |
| | | **Lateral do túmulo** |
| | |  |

**Identificação dos sepultados**

| Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|
| 01<br>☐ não identificado | José Pereira Soares de Moraes | 30 de abril de 1856 | 31 de maio de 1892 |

**Arquitetura Funerária**

| Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Bom<br>☐ Regular<br>■ Ruim | ☐ Túmulo horizontal interno<br>■ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>☐ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ■ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ■ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ■ Festão | ☐ Gradil | ■ Pilastras |
| ■ Base | ☐ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ■ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ■ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| ■ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ☐ Outros: |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| | ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| | ☐ Anjo criança | ■ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| | ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| | ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| | ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| | ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| | ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| | ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ■ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| | ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| | ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | | ☐ Urna funerária |

**Informações adicionais**

Este túmulo externo tem a sua conservação comprometida, é possível identificar uma trinca no meio e na parte inferior do tampo. Uma cártula emoldura o epitáfio dedicado ao falecido. Na parte superior, uma base serve como suporte de uma herma decorada com um panejamento que circunda os quatro lados, na parte superior da cortina, um festão com flores e uma faixa partida complementam a ornamentação. Encimada a essa herma, uma alegoria feminina da eternidade

complementa essa arquitetura funerária. Não existe identificação do marmorista que executou a obra.

| Registro Fotográfico do Túmulo | Túmulo |
| --- | --- |
| |  |

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

| Registro Fotográfico do Túmulo | Frontal do túmulo | Detalhe da assinatura do marmorista |
|---|---|---|
| |  |  |

| Identificação dos sepultados | Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|---|
| | 01<br>☐ não identificado | Major João Constantino de Oliveira | sem informações | 10 de maio de 1882 |

| Arquitetura Funerária | Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>☐ Regular<br>■ Ruim | ☐ Túmulo horizontal interno<br>■ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ■ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>☐ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ■ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ☐ Pilastras |
| ☐ Base | ■ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ■ Cártula | ■ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ☐ Outros: |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ■ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ■ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ■ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | ☐ Urna funerária |

### Informações adicionais

Túmulo simples executado pelo marmorista Pedro Galli, feito em alvenaria e revestido com argamassa fingida e detalhes em mármore. No tampo, uma cártula emoldura o epitáfio, motivos florais complementam a obra. Na parte superior, o mármore recortado abriga uma cruz circundada por uma coroa de louros representando a vitória em vida do falecido. Encimada, uma cruz latina recebe uma guirlanda de flores de alcachofras, representando o luto e a busca pela fé na vida eterna.

## 3.8 LORENA

Figura 116 - Imagem da área pesquisada - Cemitério Municipal de Lorena



O Cemitério Municipal de Lorena começou a ser construído em 1835, em um local afastado do centro da cidade. Era o início da retirada dos mortos de dentro das igrejas, seguindo os ideais higienistas que circulavam pelo Brasil.

A construção levou quatro anos e consumiu 700$000 (setecentos mil réis), o dinheiro foi emprestado pela Província de São Paulo, logo este campo santo será a morada final de ilustres moradores e do restante da população.

Os túmulos selecionados foram os de famílias importantes para a história de Lorena. Uma ausência poderá ser sentida neste inventário: o túmulo da Viscondessa de Castro Lima.

Ela está enterrada na cripta da Capela de São Miguel, no cemitério de Lorena, no dia de nossa visita junto com o diretor do local o Sr. Mauro José Marques, fomos informados que ele estava sem a chave para abrir o edifício e poderíamos marcar uma nova data.

Vejamos os exemplares selecionados.

# FICHA DE INVENTÁRIO

## CEMITÉRIO

| Registro Fotográfico do Cemitério | Entrada do Cemitério Público | Panorama da entrada principal |
|---|---|---|
| |  |  |

| Identificação do Cemitério | Localidade | |
|---|---|---|
| | Cemitério Municipal de Lorena | ☐ Centro<br>☐ Bairro<br>■ Isolado |

| Apresentação | Estado de Conservação | Condição atual | Tipo | Delimitação | |
|---|---|---|---|---|---|
| | ■ Bom<br>☐ Regular<br>☐ Ruim | ☐ abandonado<br>■ em uso<br>☐ tombado | ■ Municipal<br>☐ Particular<br>☐ Confessional | ☐ adobe<br>☐ cerca de arame<br>☐ sem delimitação | ☐ muro de pedra<br>■ muro de alvenaria |

### Informações adicionais

No Cemitério Municipal Lorena, temos um amplo cruzeiro, mas não identifiquei uma ala para o sepultamento dos inocentes. Os túmulos têm espaço para o depósito de flores para homenagear os entes queridos.

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

| Registro Fotográfico do Túmulo | Geral do túmulo | Detalhe da alegoria | Parte posterior | Detalhe da herma |
|---|---|---|---|---|
| |  |  |  |   |

| Identificação dos sepultados | Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|---|
| | 02<br>☐ não identificado | Arlindo Braga<br>Carlota Braga | 05 de março de 1856<br>29 de abril de 1863 | 18 de fevereiro de 1896<br>13 de dezembro de 1963 |

| Arquitetura Funerária | Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>☐ Regular<br>■ Ruim | ☐ Túmulo horizontal interno<br>■ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>☐ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ■ Colarete | ☐ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ■ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ■ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ■ Pilastras |
| ■ Base | ☐ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ■ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ■ Capitel | ☐ Cruz grega | ■ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ■ Outros: flecha |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| ■ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | ☐ Urna funerária |

**Informações adicionais**

Com um estado de conservação ruim, este exemplar em estilo neogótico, está localizado na parte central do cemitério. Executado em alvenaria e revestido em mármore, apresenta uma fissura na herma.

Em sua base podemos encontrar uvas e flor de papoula, alegorias representando o repouso da alma e a crença na vida eterna.

Na parte superior, um oratório executado com pilastras e colunas, com capitéis em acanto, dentro um anjo pensativo olha em direção aos epitáfios. Quatro pináculos é uma flecha compõem esta arquitetura tumular. Não foi identificada a autoria da obra.

| Registro Fotográfico do Túmulo | Túmulo |
| --- | --- |
| |  |

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

| Registro Fotográfico do Túmulo | Geral do túmulo | Detalhe das alegorias | Detalhe das alegorias |
|---|---|---|---|
| |  |  |  |

| Identificação dos sepultados | Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|---|
| | 03 | Antonio Rodrigues de Azevedo Ferreira - Barão de Santa Eulália | 13 de junho de 1838 | 15 de janeiro de 1889 |
| | | Eulália Moreira Rodrigues de Azevedo - Baronesa de Santa Eulália | 08 de agosto de 1837 | 18 de agosto de 1921 |
| | ☐ não identificado | Arnolfo Rodrigues de Azevedo | 11 de novembro de 1868 | 14 de janeiro de 1942 |
| | | Odila Rodrigues | 14 de janeiro de 1873 | 13 de março de 1933 |

| Arquitetura Funerária | Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ■ Bom | ☐ Túmulo horizontal interno | ☐ Jazigo Capela | ☐ Cenotáfio | ☐ Argamassa fingida | ☐ Granito |
| | ☐ Regular | ☐ Túmulo horizontal externo | ■ Mausoléu | ☐ Jazigo Monumento | ■ Alvenaria | ■ Mármore |
| | ☐ Ruim | | ☐ Catacumba | ☐ Monumento cívico | ■ Ferro | ■ Outros: Bronze |
| | | | ☐ Ossário | | | |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ■ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ☐ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ■ Pilastras |
| ☐ Base | ☐ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ■ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ■ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ■ Madressilva | ☐ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ■ Outros: flecha |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ■ Ampulheta |
| ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ■ c/ asas de anjo |
| ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ■ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ■ Tocha | ☐ Foice |
| ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | ■ Urna funerária |

**Informações adicionais**

O mausoléu do Barão de Santa Eulália tem um bom estado de conservação, executado em estilo eclético, executado em alvenaria e revestido em mármore. Sua base na parte frontal serve de apoio para duas grandes urnas funerárias cobertas por um panejamento detalhado, uma alegoria simbolizando a separação do corpo e da alma, que estará protegida em sua jornada.

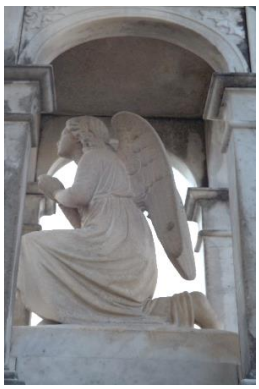
Uma arca proeminente, serve de suporte para o epitáfio do Barão de Eulália, na parte superior a ampulheta e a referência à vida curta do falecido. Na parte inferior, uma placa em bronze servindo como epitáfio do Dr. Arnolfo Rodrigues de Azevedo.

Na parte posterior, um pilar decorado com frontões e madressilvas, recebem placas com os epitáfios da Baronesa de Santa Eulália e o de sua filha Odila Rodrigues. Encimado, pináculos e uma grande flecha completam este exemplar. Não identificamos o autor desta obra.

| Registro Fotográfico do Túmulo | Túmulo |
| --- | --- |
| |  |

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

| Registro Fotográfico do Túmulo | Frontal do túmulo | Detalhe da herma | Detalhe da alegoria | Panorama do túmulo |
|---|---|---|---|---|
| |  |  |  |  |

| Identificação dos sepultados | Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|---|
| | 02<br>☐ não identificado | Antônio Moreira de Castro e Lima - Barão Castro e Lima<br>Leduína Maria da Conceição Leitão - Baronesa Castro e Lima | 05 de setembro de 1828<br>10 de agosto de 1841 | 01 de maio de 1896<br>20 de outubro 1878 |

| Arquitetura Funerária | Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>☐ Regular<br>■ Ruim | ☐ Túmulo horizontal interno<br>■ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>☐ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ☐ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ■ Festão | ☐ Gradil | ■ Pilastras |
| ☐ Base | ■ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ■ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| ■ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ☐ Outros |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| ■ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | ☐ Urna funerária |

**Informações adicionais**

Esse exemplar pertence ao Barão de Castro e Lima e de sua esposa, executado em alvenaria e revestido em mármore, com um estado de conservação ruim, o mármore apresenta muitas sujidades, existem peças faltantes na parte do cercamento e nos pináculos no oratório. E uma pequena infiltração na cruz que está encimada.

Os ornamentos utilizados já foram vistos no Cemitério Municipal de Areias. Uma base quadrada com uma cerca em mármore com elementos vazados, quadrifólio, e folha de café. Mesmo não encontrando assinatura na obra, acreditamos que foi o mesmo marmorista que a produziu.

| Registro Fotográfico do Túmulo | Túmulo |
| --- | --- |
| |  |

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

**Registro Fotográfico do Túmulo**

| Frontal do túmulo | Detalhe das alegorias | Detalhe das alegorias | Posterior do túmulo |
|---|---|---|---|
|  |  |  |  |

**Identificação dos sepultados**

| Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|
| 03 ou mais<br>☐ não identificado | Antonio<br>Jesuína Antunes Moreira<br>Getúlio Moreira Lima | 27 de maio de 1907<br>11 de janeiro de 1840<br>18 de março de 1846 | 21 de janeiro de 1908<br>05 de fevereiro de 1930<br>28 de março de 1888 |

**Arquitetura Funerária**

| Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Bom<br>☐ Regular<br>■ Ruim | ☐ Túmulo horizontal interno<br>☐ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>■ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>☐ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ☐ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ■ Pilastras |
| ☐ Base | ☐ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ■ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ☐ Outros |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ■ Ampulheta |
| ■ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ■ c/ asas de anjo |
| ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ■ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| ■ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ■ Girassol | ■ Monte Gólgota | ■ Cruz de madeira |
| ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ■ Tocha | ■ Foice |
| ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ■ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | ☐ Urna funerária |

**Informações adicionais**

Executado em alvenaria e revestido em mármore, o estado de conservação é ruim, além das sujidades, o tampo de mármore está deformado, não permitindo a identificação do epitáfio.

Na base, uma cártula foi utilizada para montar um epitáfio para o inocente Antonio. A parte superior apresenta uma base com uma alegoria de ampulheta com asas de anjo ilustrando o quanto a vida é curta; no meio, um epitáfio feito pelos irmãos e amigos e na outra parte uma tocha invertida com uma foice mostrando o fim desta vida terrena.

Encimado, temos duas alegorias de anjo: um segurando um bebê em referência ao inocente que ali repousa apontando para o céu e o outro orando para aqueles que partiram. Em ambos os casos, as alegorias estão sobre um Monte Gólgota.

Ao centro, uma herma com o epitáfio dedicado à esposa, encimada por uma cruz em madeira com uma coroa de flores. Este exemplar foi feito pelo marmorista José Vicente da Costa.

**Registro Fotográfico do Túmulo**

**Túmulo**



# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

| Registro Fotográfico do Túmulo | Parte posterior | Detalhe do tampo | Detalhe dos ornamentos |
|---|---|---|---|
| |  |  |  |
| | | | **Detalhe dos ornamentos** |
| | | |  |

| Identificação dos sepultados | Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|---|
| | 01<br>☐ não identificado | Joaquim José Moreira Lima | 13 de fevereiro de 1804 | 13 de janeiro de 1879 |

| Arquitetura Funerária | Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>☐ Regular<br>■ Ruim | ☐ Túmulo horizontal interno<br>■ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>☐ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ■ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ■ Festão | ☐ Gradil | ■ Pilastras |
| ☐ Base | ■ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ☐ Outros: |

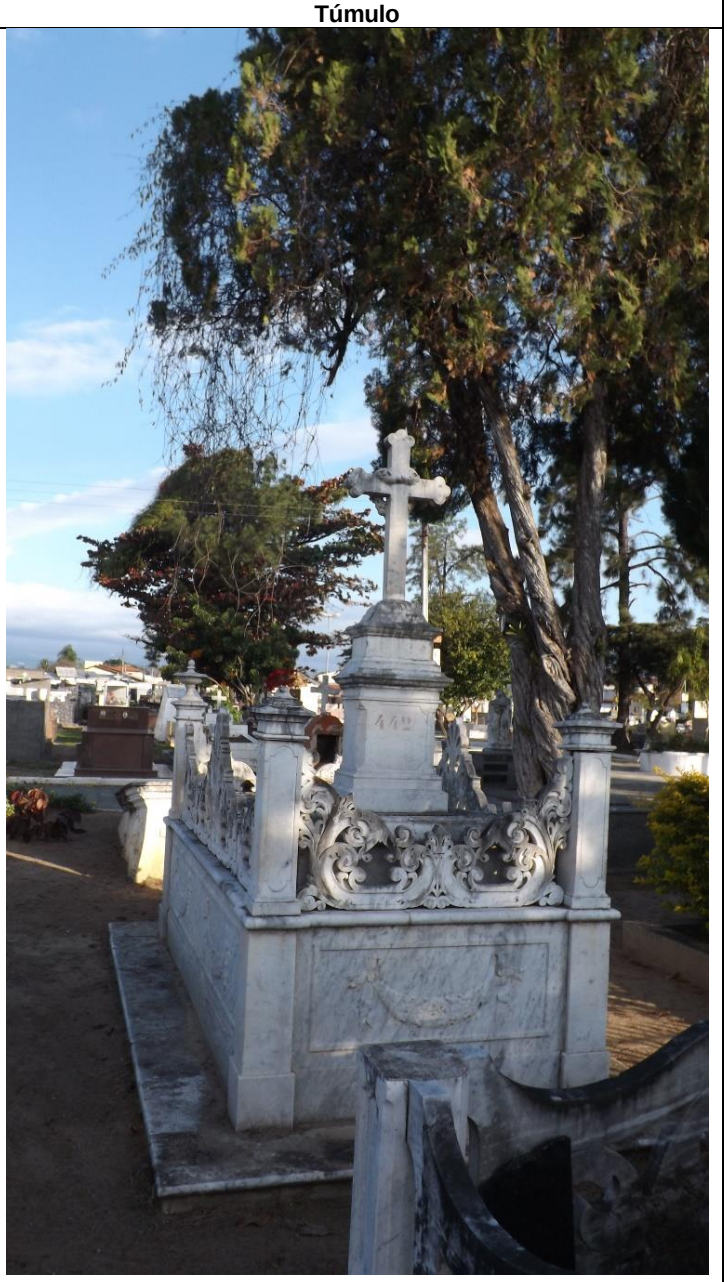
| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ■ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | ☐ Urna funerária |

**Informações adicionais**

Esse exemplar pertence a Joaquim José Moreira Lima, pai do Barão de Castro e Lima, o estado de conservação é ruim, executado em alvenaria e revestido em mármore, apresenta muitas sujidades, existem peças faltantes na parte do cercamento.

Esse túmulo segue o mesmo padrão do executado para o seu filho, a base serve para sustentar o cercamento com motivos florais e elementos vazados. O tampo é decorado com uma guirlanda e motivos florais.

Na parte superior, uma herma, também com motivos florais, serve como apoio para a edificação de uma cruz ornamentada com uma guirlanda. Mesmo não encontrando assinatura na obra, acreditamos que foi o mesmo marmorista que a produziu.

| Registro Fotográfico do Túmulo | Túmulo |
| --- | --- |
| |  |

## 3.9 GUARATINGUETÁ

Figura 117 - Imagem da área pesquisada -
Cemitério Senhor dos Passos - Guaratinguetá



O Cemitério Senhor dos Passos começou a ser construído em 1855, com os ideais higienistas circulando em nosso estado, agora era a vez de Guaratinguetá ter o seu próprio cemitério[104].

Essa irmandade e a Santa Casa de Misericórdia foram criadas em 1855, mas o seu reconhecimento junto à Igreja aconteceu somente em 1869, após uma reorganização sobre a forma de atuação de ambas as instituições e o compromisso de fundar um estabelecimento dedicado à caridade.

Em 1865, a Câmara Episcopal e o Bispo de São Paulo autorizaram a construção de uma capela no cemitério, mas sem autorização para celebrar o Santo Sacrifício da missa[105] e demais ofícios divinos.

Separamos alguns exemplares para uma análise descritiva.

[104] Documentos avulsos presentes na pasta sobre o cemitério no Museu Frei Galvão.
[105] Ibidem.

# FICHA DE INVENTÁRIO

## CEMITÉRIO

| Registro Fotográfico do Cemitério | Entrada do cemitério | Panorama do cemitério |
|---|---|---|
| |   |  |

| Identificação do Cemitério | Localidade | |
|---|---|---|
| | Cemitério Senhor dos Passos | ☐ Centro<br>■ Bairro<br>☐ Isolado |

| Apresentação | Estado de Conservação | Condição atual | Tipo | Delimitação | |
|---|---|---|---|---|---|
| | ■ Bom<br>☐ Regular<br>☐ Ruim | ☐ abandonado<br>■ em uso<br>☐ tombado | ■ Municipal<br>☐ Particular<br>☐ confessional | ☐ adobe<br>☐ cerca de arame<br>☐ sem delimitação | ☐ muro de pedra<br>■ muro de alvenaria |

### Informações adicionais

O Cemitério Senhor dos Passos não tem uma ala para o sepultamento de inocentes, na entrada, à sua direita, você verá uma quadra desorganizada, onde em qualquer espaço possível foi feito enterramento. Os visitantes costumam acender suas velas no entorno do ossário localizado nos fundos do cemitério.

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

| Registro Fotográfico do Túmulo | Frontal da capela | Lateral da capela | Detalhe da parte superior |
|---|---|---|---|
| |  |  |  |
| | | | Detalhe da alegoria |
| | | |  |

| Identificação dos sepultados | Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|---|
| | 01<br>☐ não identificado | Maria Augusta Oliveira Borges | 31 de dezembro de 1864 | ? 1891 |

| Arquitetura Funerária | Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ■ Bom<br>☐ Regular<br>☐ Ruim | ☐ Túmulo horizontal interno<br>☐ Túmulo horizontal externo | ■ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ■ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>☐ Ferro | ■ Granito<br>☐ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ■ Ábaco | ■ Cruz de Malta | ☐ Dentículo | ■ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Bandeirola | ■ Colarete | ☐ Estrela de Davi | ■ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ■ Botões | ☐ Coroa | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Festão | ■ Gradil | ☐ Pilastras |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| ■ Base | ☐ Cruz | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ■ Outros: canelura equino quadrifólio vitral |
| ☐ Cimácio | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão | |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ■ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ■ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | ☐ Urna funerária |

**Informações adicionais**

Localizado próximo ao muro, está o jazigo capela da jovem Maria Augusta, executado em estilo eclético. Diversos materiais foram utilizados em sua construção: mármore, granito e argamassa fingida.

Na entrada da capela, colunas dóricas sustentam o seu frontão, ali jazem palmas junto com uma guirlanda de flores, representando o sofrimento dela em vida. No arco, uma homenagem de amor de seus pais, no quadrifólio acima, a data de seu falecimento, coroando a capela, uma cruz de malta.

O estado de conservação da capela é bom, falta apenas uma boa lavagem com sabão neutro. Não identificamos peças ausentes ou quebradas, a entrada da capela estava fechada e não foi possível identificar o construtor do jazigo.

| Registro Fotográfico do Túmulo | Túmulo |
| --- | --- |
| |  |

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

**Registro Fotográfico do Túmulo**

| Frontal da Capela | Detalhe do portão | Detalhe do altar |
|---|---|---|
|  |  |  |
| | | **Detalhe da alegoria** |
| | |  |

**Identificação dos sepultados**

| Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|
| 01<br>☐ não identificado | Antonio Manoel Gonçalves Junior | ? 1854 | ? 1898 |

**Arquitetura Funerária**

| Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Bom<br>■ Regular<br>☐ Ruim | ☐ Túmulo horizontal interno<br>☐ Túmulo horizontal externo | ■ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>■ Ferro | ☐ Granito<br>☐ Mármore<br>☐ Outros: ____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ☐ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ■ Pilastras |
| ☐ Base | ☐ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ■ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ■ Roseta |
| ■ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ■ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ■ Outros: concha pedestal |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ■ Ampulheta |
| ■ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ■ c/ asas de anjo |
| ☐ Anjo criança | ■ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ■ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ■ Âncora partida |
| ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ■ Pomba | ☐ Perpétua | ■ Tocha | ☐ Foice |
| ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | ☐ Urna funerária |

**Informações adicionais**

Esse jazigo capela, construído pelo marmorista José Vicente da Costa, segue o padrão eclético, executado em mármore, a porta de entrada é guardada por duas tochas invertidas e dois leões, um arco apontado recebe um belíssimo portão em ferro com duas alegorias sobre a passagem do tempo: a ampulheta com asas de anjo. Sobre a entrada, uma cártula ornamenta o nome da família proprietária do local.

As pilastras seguem coroadas pelos pináculos, as laterais recebem motivos de conchas, no frontão temos uma roseta sem o elemento vazado. Na parte superior frontal, sobre um pedestal, temos a alegoria de um anjo indicando o quanto o falecido era uma pessoa boa e na parte posterior temos uma cruz, símbolo da Fé professada.

No interior da capela conseguimos identificar um pequeno altar em mármore, na parte superior temos Nossa Senhora da Aparecida ladeada por dois vasos em mármore, na parte inferior encravada no altar duas cenas, observado pelo Espírito Santo, as tochas representam o fim da vida, mas a âncora e a cruz são a esperança na vida eterna. Ao lado, no chão, uma alegoria feminina da Eternidade.

O estado de conservação do jazigo capela é regular, não identifiquei falta ou peças quebradas, porém existem diversas manchas no mármore que poderiam ser amenizadas com uma boa lavagem com sabão neutro.

| Registro Fotográfico do Túmulo | Túmulo |
| --- | --- |
| |  |

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

**Registro Fotográfico do Túmulo**

| Detalhe da alegoria | Detalhe da herma | Detalhe do oratório |
|---|---|---|
|  |  |  |
| | | **Detalhe da base** |
| | |  |

**Identificação dos sepultados**

| Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|
| 01<br>☐ não identificado | Fausta Maria Rosa dos Santos | sem informações | 04 de janeiro de 1893 |

**Arquitetura Funerária**

| Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Bom<br>☐ Regular<br>■ Ruim | ■ Túmulo horizontal interno<br>☐ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>■ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: ____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ■ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ■ Gradil | ■ Pilastras |
| ■ Base | ■ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ■ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ■ Outros: herma |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| ☐ Anjo juízo final | ☐ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | ☐ Urna funerária |

**Informações adicionais**

Esse túmulo interno, executado em alvenaria e revestido em mármore, está cercado por um gradil em ferro como detalhes imitando a flor de Lis. Sobre a base, ergue-se uma herma que serve de suporte para o epitáfio.

Na parte superior, um oratório guarda uma escultura do Sagrado Coração de Jesus, pilastras decoradas com flor de acanto, no frontão uma alegoria de um globo alado com fita, representando o mistério da vida e da morte. Encimado por uma cruz.

O estado de conservação da obra está ruim, existem peças faltantes e diversos problemas com sujidades no mármore. Não identificamos o marmorista responsável pela obra.

| Registro Fotográfico do Túmulo | Túmulo |
| --- | --- |
| |  |
| |  |

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

**Registro Fotográfico do Túmulo**

| Detalhe do mausoléu | Detalhe das alegorias | Detalhe dos ornamentos |
|---|---|---|
|  |  |  |
| | | **Detalhe dos ornamentos** |
| | |  |

**Identificação dos sepultados**

| Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|
| 02 | Francisco de Assis e Oliveira Borges | 25 de março de 1806 | 19 de abril de 1879 |
| ☐ não identificado | Francisco de Paula Oliveira Borges | ? 1845 | 13 de julho de 1919 |

**Arquitetura Funerária**

| Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Bom | ☐ Túmulo horizontal interno | ☐ Jazigo Capela | ☐ Cenotáfio | ☐ Argamassa fingida | ■ Granito |
| ☐ Regular | ☐ Túmulo horizontal externo | ■ Mausoléu | ☐ Jazigo Monumento | ■ Alvenaria | ■ Mármore |
| ■ Ruim | | ☐ Catacumba | ☐ Monumento cívico | ☐ Ferro | ☐ Outros: _____ |
| | | ☐ Ossário | | | |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ■ Pilastras |
| ■ Base | ☐ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ■ Madressilva | ☐ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ☐ Outros: _____ |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Anjo | ■ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ■ Brasão | ☐ Ampulheta |
| | ☐ Anjo aponta | ■ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| | ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ■ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| | ☐ Anjo juízo final | ■ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| | ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| | ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| | ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| | ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ■ Pomba | ☐ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| | ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ☐ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| | ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| | ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | | ☐ Urna funerária |

**Informações adicionais**

Construído sobre uma grande base em granito, esse mausoléu tem uma coluna hexagonal, onde identificamos em três faces epitáfios em latim, o principal apresenta um brasão e dentro dele uma pomba com um ramo de oliveira.

No entorno, sobre três bases, temos as Três Virtudes Teologais; na base da escultura da Fé existe uma anotação do falecimento de um dos filhos do Visconde de Guaratinguetá.

A última morada do Visconde de Guaratinguetá está em péssimo estado de conservação. Um vendaval ocorrido em 2015 o danificou consideravelmente, as grades laterais e a escultura principal do coroamento do mausoléu. Não existe indicação do marmorista responsável pela execução da obra.

| Registro Fotográfico do Túmulo | Túmulo |
|---|---|
| |  |

# FICHA DE INVENTÁRIO

## TÚMULO

| Registro Fotográfico do Túmulo | Frontal do túmulo | Detalhe do tampo |
|---|---|---|
| |  |  |

| Identificação dos sepultados | Nº de sepultados | Nome | Data de nascimento | Data de falecimento |
|---|---|---|---|---|
| | 01<br>☐ não identificado | D. Thereza Galvão de França Rangel | 02 de maço de 1833 | 26 de junho de 1895 |

| Arquitetura Funerária | Estado de Conservação | Tipos tumulares | | | Material construtivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ☐ Bom<br>☐ Regular<br>■ Ruim | ☐ Túmulo horizontal interno<br>■ Túmulo horizontal externo | ☐ Jazigo Capela<br>☐ Mausoléu<br>☐ Catacumba<br>☐ Ossário | ☐ Cenotáfio<br>☐ Jazigo Monumento<br>☐ Monumento cívico | ☐ Argamassa fingida<br>■ Alvenaria<br>☐ Ferro | ☐ Granito<br>■ Mármore<br>☐ Outros: _____ |

| Ornamentos | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Ábaco | ☐ Cruz de Malta | ☐ Cruz c/ Cristo | ☐ Fotografia | ☐ Medalhão |
| ☐ Antic | ☐ Cruz dentada | ☐ Dentículo | ☐ Frontão | ☐ M.de Talão |
| ☐ Bandeirola | ☐ Colarete | ■ Epitáfio | ☐ Fuste | ☐ Obelisco |
| ☐ Botões | ☐ Coroa | ☐ Estrela de Davi | ☐ Guirlanda | ☐ Oratório |
| ☐ Arquitrave | ☐ Cornija | ☐ Faixa grega | ☐ Garra | ☐ Palmeta |
| ☐ Auréola | ☐ Coluna | ☐ Festão | ☐ Gradil | ■ Pilastras |
| ☐ Base | ☐ Cruz | ☐ Filigrana | ☐ Grifo | ☐ Pináculo |
| ☐ Campânula | ☐ Cruz celta | ☐ Faixa denticulada | ☐ Grotesco | ☐ Placa |
| ☐ Capitel | ☐ Cruz grega | ☐ Flor de Papoula | ☐ Halo | ☐ Roseta |
| ☐ Cártula | ☐ Cruz latina | ☐ Flor de Liz | ☐ Madressilva | ☐ Vaso |
| ☐ Cimácio | | ☐ Flor de Lótus | ☐ Máscara | ☐ Outros: |

| Alegorias | Antropomorfo | Figura Feminina | Zoomorfos | Fitomorfos | Signos | Objetos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ☐ Anjo | ☐ Caridade | ☐ Borboleta | ☐ Alcachofra | ☐ Brasão | ☐ Ampulheta |
| ☐ Anjo aponta | ☐ Esperança | ☐ Cachorro | ☐ Café | ☐ Chama | ☐ c/ asas de anjo |
| ☐ Anjo criança | ☐ Eternidade | ☐ Coruja | ☐ Chorão | ☐ Coroa | ☐ c/ asas de morcego |
| ☐ Anjo juízo final | ■ Fé | ☐ Felino | ☐ Coroa de flores | ☐ Lamparina | ☐ Âncora partida |
| ☐ Anjo orante | ☐ Guardiã | ☐ Galo | ☐ Louro | ☐ Maçônico | ☐ Bigorna |
| ☐ Anjo pensativo | ☐ Justiça | ☐ Ovelha | ☐ Girassol | ☐ Monte Gólgota | ☐ Cruz de madeira |
| ☐ Anjo trombeta | ☐ Pietá | ☐ Pelicano | ☐ Palma | ☐ Sol | ☐ Coluna partida |
| ☐ Caveira | ☐ Pranteadora | ☐ Pomba | ■ Perpétua | ☐ Tocha | ☐ Foice |
| ☐ Caveira alada | ☐ Velada | ☐ Serpente | ■ Rosas | | ☐ Letras gregas |
| ☐ Crânio | | | ☐ Violeta | | ☐ Livro aberto |
| ☐ Ossos cruzados | | | | | ☐ Livro fechado |
| | | | | | ☐ Urna funerária |

**Informações adicionais**

O túmulo externo foi executado em alvenaria e revestido em mármore, o tampo é decorado com motivos florais, no centro, um círculo delimita o espaço para o epitáfio. Na parte superior, temos a herma decorada com flores.

Encimada uma base com as alegorias da cruz e da âncora servem de suporte para uma alegoria feminina da Caridade.

O túmulo apresenta um estado de conservação ruim, na herma e no tampo é possível notar diversas fraturas na pedra.

No canto inferior esquerdo, temos a assinatura da marmoraria responsável pela obra: Salgado & Comp. da região de Guaratinguetá.

**Registro Fotográfico do Túmulo**

**Túmulo**





# CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Caminhante, não pares junto de minha sepultura como se parasses junto à sepultura de um estranho: como os demais existi, casei-me, trabalhei, sustentei meus filhos, penando neste Vale de Lágrimas;*
*mas como somente os raros,*
*ou como o lavrador que prepara o campo, semeia e colhe um mantimento,*
*fundei um povoado,*
*erguendo à margem do rio*
*uma capela à Virgem da Piedade. [...]*

*Lua de ontem*
*Péricles Eugênio da Silva Ramos*

E chegamos ao fim de mais uma etapa. Escrever essa tese foi um enorme desafio, em quatro anos muita coisa mudou.

Quando comecei a desenvolver esta pesquisa na região do Vale do Paraíba, não imaginava as dificuldades que enfrentaria, afinal as cidades de Bananal, Arapeí, São José do Barreiro, Areias, Queluz, Lorena e Guaratinguetá tiveram um papel importante na construção da história do Brasil; foram responsáveis, durante o período de 1820-1890, por impulsionar a nossa economia por meio do cultivo do café. Foram protagonistas durante a Regência no Brasil (1831-1840) e estiveram ligadas diretamente ao Golpe da Maioridade, em 1840, que conduziu o jovem príncipe ao trono, dando início ao II Reinado.

Participaram ativamente na Revolução Liberal de 1842 contra o avanço do Partido Conservador na política brasileira e nas decisões do Império, foram combatidas e derrotadas, mas nunca perderam a sua dignidade e vontade de lutar pelo que se acreditava.

A região foi protagonista do Caso Bracuhy, um escândalo envolvendo os fazendeiros Miguel Vallim, Luciano de Almeida e Joaquim Breves com o tráfico de escravos após a proibição pela Lei Eusébio de Queirós.

Quase cem anos depois, lá estavam elas novamente, o Vale do Paraíba se levantando contra o exército legalista do militar Getúlio Vargas, que chegou ao poder por meio de um golpe em 1930. Os paulistas queriam um nova Constituição e fariam de tudo para consegui-la.

Portanto, conduzir uma pesquisa nessa região é mergulhar em nossa própria história. O pesquisador certamente pensará na farta documentação histórica produzida no local ou nas fontes materiais representadas pelos casarões, solares e sedes de fazenda, construídos com as fortunas advindas do café, e nos cemitérios municipais, que formam o patrimônio cultural e funerário da região.

Porém a realidade foi outra.

Boa parte das famílias migrou para outras regiões, os poucos que permaneceram dedicam-se a manter a memória de sua família viva através da abertura de suas belíssimas fazendas e só. Não identifiquei envolvimento com a questão da preservação histórica.

Outras fazendas importantes do período foram transferidas a outros proprietários, que tentam recuperar a história local para investir no turismo e, por que não, na preservação da memória da região.

Apesar da importância histórica da região, seus habitantes não expressam essa mesma preocupação. Cidades como Bananal, Arapeí, São José do Barreiro e Areias não têm a salvaguarda de seus documentos, conforme apurei durante a pesquisa, apesar de solicitações no passado para o retorno desses documentos, eles seguem bem guardados no Museu Major Novaes na cidade de Cruzeiro. Outros se perderam ao longo do tempo.

Ressalto aqui o excelente trabalho da Professora Claudia Ribeiro à frente do Museu Major Novaes, em Cruzeiro, que com as ferramentas disponíveis atende os pesquisadores que necessitam consultar esses documentos. Quem sabe em um futuro muito próximo essa documentação possa ser reorganizada, catalogada e digitalizada, facilitando seu acesso.

Apesar de, no passado, as cidades solicitarem o retorno dessa documentação cartorária, fica evidente que elas não têm estrutura para abrigar esse material e nem interesse em desenvolver políticas públicas voltadas para sua preservação e conservação. Foi notório, nessas cidades, perceber a falta do sentimento de pertencimento de sua população ao seu lugar de morada, não se identificando com a preservação da memória local.

Tomo como exemplo o texto redigido pela pesquisadora Gagliardi (2011, p. 72), no qual se aborda a restauração do Solar do Vallim, localizado no centro de Bananal. O presidente da Comissão de Pró-Reforma - grupo de moradores empenhados em manter e edifício em pé -, Sr. Luiz Gonzaga, em uma entrevista à pesquisadora, é assertivo em dizer que nem vereadores nem o prefeito têm interesse em preservar esse tipo de patrimônio. Se houver interesse na restauração, o dinheiro certamente virá da comunidade e não do poder público.

Em contrapartida, Gagliardi (2011, p. 72) aponta que essa coletividade só aparece para a preservação desse patrimônio, os moradores de Bananal não se apropriam de seus próprios bens culturais.

Silveira e Queluz adotam outra postura, foram participantes das duas revoluções que movimentaram o vale e, em ambos os casos, as cidades sofreram grandes baixas e tiveram a destruição quase que por completo de sua memória local. Em Silveiras, os habitantes fazem uso da sua história oral para contar os feitos da cidade durante as revoluções; em Queluz, conta-se com orgulho o feito das tropas paulistas contra os soldados de Getúlio Vargas.

Em Lorena e Guaratinguetá, as cidades mantêm bibliotecas, institutos e museus acessíveis aos historiadores, seus documentos são catalogados, mas só disponíveis para consulta local.

Mesmo com tanta diversidade, as cidades do vale histórico compõem uma história linear e paralela à História do Brasil. Sem as fontes históricas almejadas, coube a mim, no primeiro capítulo, traçar uma narrativa por meio das famílias influentes da região.

Dentre as cidades selecionadas, Bananal é a que tem mais informações descritas em dissertações, teses e livros, seja abordando as questões geográficas e ambientais ou a questão cafeeira e a sua relação com a escravidão. Posso afirmar que o livro organizado pelos autores Hebe Maria Mattos de Castro e Eduardo Schnoor (1995), **Resgate: Uma janela para o oitocentos**, foi de grande valia para entender como essa sociedade patriarcal bananalense se organizou no século XIX.

Guaratinguetá pode ser desvendada através do livro sobre o **Visconde de Guaratinguetá: um titular do café no Vale do Paraíba** (1976), escrito por Carlos Eugênio Marcondes de Moura. Ele traça um percurso interessante sobre a chegada da família Oliveira Borges à região, identificando os descendentes que se assentaram nas cidades do vale.

Para as demais cidades, foi necessário construir uma narrativa com base em artigos, dissertações, referências bibliográficas, estudos demográficos e nos poucos documentos encontrados em museus e bibliotecas da região.

Abordar sobre a construção da arte tumular no vale histórico foi um processo desafiador, a arquitetura funerária compõe a formação de um patrimônio material, funerário e cultural de uma cidade.

Castro (2008, p. 17) nos lembra:

> Os cemitérios são os locais nos quais se sepultam os mortos e também, se manifestam diferentes sentimentos, dentre eles a perda e a saudade. Porém, há algo mais: um olhar mais atento verá muita história presente em seus túmulos. Sabe-se, que os diferentes grupos étnicos têm seus próprios referenciais culturais [...] a língua, as danças típicas e arquitetura.

Portanto, a valorização desses espaços se faz necessária para a preservação da história local, mesmo que a sua própria população não tenha esse entendimento. Neste caso cabe ao poder público criar ações voltadas para a conservação desses espaços por meio da educação patrimonial.

Antes de iniciar a pesquisa de campo, elaborei uma ficha prévia de inventário, inspirada no material elaborado para o Projeto Memória e Vida, que foi executado na cidade de São Paulo. Testei essa ficha preliminar durante a visita ao cemitério municipal de Jacareí − que por questões práticas deixei de fora desta tese. Depois de elaborar os

registros fotográficos, percebi que alguns ornamentos e alegorias presentes nesse cemitério não eram encontrados nos cemitérios da cidade de São Paulo.

Na região do Vale do Paraíba, foi recorrente a presença de alegorias representando as Virtudes Teologais e de anjos, utilização de gradis em ferro e outros materiais como a madeira e o mármore e tampas em mármore ricamente ornamentadas.

Readequei a ficha e parti para a pesquisa de campo no Cemitério Senhor dos Passos, em Guaratinguetá, onde a ficha se mostrou eficiente para elencar todos os elementos tumulares. É sempre bom lembrar que para fazer uma pesquisa de campo em cemitério é preciso disciplina, disposição, um bom chapéu e protetor solar.

Com a ficha pronta, inventariar a parte histórica dos cemitérios de Bananal, Arapeí, São José do Barreiro, Areias, Silveiras, Queluz e Lorena ficou mais prático e eficiente. Pela falta de organização e sinalização em alguns cemitérios, ficou difícil identificar essas áreas. Quero ressaltar que esse processo de inventário pode servir como base para um futuro processo de tombamento desses cemitérios.

Com exceção do Cemitério dos Escravos, localizado na cidade de São José do Barreiro, a pesquisadora Fuzzi (2008, p.163), aponta que este espaço foi tombado em 1989, porém falta fiscalização. Em muitos casos, as leis que protegem esses patrimônios não são seguidas. Inclusive, ela cita que muitos proprietários de imóveis tombados usam as brechas da lei para burlar as regras de preservação do tombamento. Disponibilizo em nossas referências o link para acesso a esse tombamento.

Concluo esta tese com a certeza de que ela poderá inspirar outros pesquisadores a se aventurarem pela região Vale do Paraíba. Existem artífices italianos e portugueses que deixaram a sua marca nas cidades da região, mas o assunto carece de um estudo mais aprofundado.

Outros cemitérios do vale também mantêm túmulos do século XIX, mas sem nenhum tipo de procedimento para preservar e conservar esses exemplares únicos, correndo o risco de, muito em breve, terem sua concessão cassada, túmulo desmontado e repassado para um novo concessionário.

Há ainda muito a fazer.

# REFERENCIAL

**Livros:**


ABREU, Marta. O caso do Bracuhy. In: CASTRO, Hebe Maria Mattos de & SCHNOOR, Eduardo (Org.) et.al. **Resgate: uma janela para o oitocentos**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995. 252p.

ALMEIDA, Aluísio de. **A Revolução Liberal de 1842.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.

ALVES, José de Miranda. **Silveiras:** História e Tradição. Silveiras: Publicação particular, v. 1, 1975.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente:** da idade média aos nossos dias. Tradução de Priscila Vianna de Siqueira. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte.** Tradução de Luiza Ribeiro. São Paulo: UNESP, 2014. 838p.

BARDI, Pietro M. **Contribuições dos italianos na arquitetura brasileira**. Fondazione Giovanni Agnelli. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1981. 96p.

BASTIANELLO, Elaine Maria Tonini. **A memória retida na pedra:** A história de Bagé inscrita nos monumentos funerários (1858-1950). Bagé: Ed. do Autor, 2016. 224p.

BELLOMO, Harry Rodrigues. As origens da arte funerária. *In*: BELLOMO, Harry Rodrigues**. Cemitérios do Rio Grande do Sul:** arte, sociedade, ideologia. 2 ed. rev. ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

BLOCK, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BORGES, Maria Elizia. **Arte Funerária no Brasil (1890-1930):** o ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto. 2. ed. Goiânia: Gráfica UFG, 2017. 432p.

BORGES, Maria Elizia; SANTOS, Alcinéia Rodrigues dos; GOMES, Laryssa Tavares Silva (Org.) **Estudos cemiteriais no Brasil**. Goiânia: Gráfica UFG/FAV/Ciar/FUNAPE, 2010. 132p

CASTRO, Elisiana Trilha. **Hier ruht in Gott:** inventário de cemitérios de imigrantes alemães da região da grande Florianópolis. Blumenau: Nova Letra, 2008. 302p.

CASTRO, Elisiana Trilha. **In Frieden:** Inventário dos cemitérios de imigrantes alemães de São Martinho. Blumenal: Nova Letra, 2014. 286p.

CASTRO, Elisiana Trilha. **Ruhe Sanft:** inventário de cemitérios de imigrantes alemães de São Martinho Alto. Blumenau: Legere/Nova Letra, 2014. 324p.

CASTRO, Elisiana Trilha. **A partir de uma lápide:** memórias e trajetória da família e empresa Haas de Blumenau. Florianópolis: Tipotil, 2018. 184p.

CASTRO, Hebe Maria Matos de. Manoel Aguiar Vallim um homem e sua casa. *In*: CASTRO, Hebe Maria Mattos de & SCHNOOR, Eduardo (Org.) *et. al.* **Resgate: uma janela para o oitocentos**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995. 252p.

CASTRO, Vanessa. **Das igrejas ao cemitério: políticas públicas sobre a morte no Recife do século XIX**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2007.

CHEVALIER, Jean. & GHEERBRANT, Alain (Org.) *et.al.* **Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números).** Tradução Vera da Costa e Silva. 29. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016. 999p.

CHING, Francis. D. K. **Dicionário visual de arquitetura**. Tradução de Julio Fischer. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 320 p.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** Tradução de Luciano Vieira Machado. 4. ed. São Paulo: Espaço Liberdade - UNESP, 2006. 288p.

COMUNALE, Viviane. Um breve estudo histórico. *In*: COSTA, Mozart Alberto Bonazzi. **Conservação de bens tumulares:** caderno dirigido aos concessionários. São Paulo: Limiar, 2016.

COSTA, Emilia Viotti da. **Da Monarquia à República:** momentos decisivos. 9. ed. São Paulo: UNESP, 2010. 524p.

COSTA, Emilia Viotti da. **Da Senzala à Colônia**. 5. ed. São Paulo: UNESP, 2010. 558p.

CYMBALISTA, Renato. **Cidades dos Vivos:** arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do estado de São Paulo. São Paulo: Annablume Editora, 2002. 210p.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano:** a essência das religiões. Tradução de Rogério Fernandes. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010. 192p.

FARIA, Sheila Castro Faria. Fortuna e Família em Bananal no século XIX *In*: CASTRO, Hebe Maria Mattos de & SCHNOOR, Eduardo (Org.) *et.al*. **Resgate: uma janela para o oitocentos**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995. 252p.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2007. 660p.

FRANCESCHINI. Maria Angelina V. de A. *et alii.* Conde José Vicente de Azevedo: sua vida e obra. 2. ed. São Paulo: Fundação N. S. Auxiliadora do Ipiranga, 1996.

GAGLIARDI, Clarissa. **As cidades do meu tempo:** Turismo, história e patrimônio em Bananal. São Paulo: Annablume/ FAPESP, 2011. 122p.

GOMBRICH, Ernest Hans. **A história da arte.** Tradução Álvaro Cabral. 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

GRASSI, Clarissa. **Memento Mortuorum**: Inventário do Cemitério Municipal São Francisco de Paula. Curitiba: Edição do autor, 2016. 104p.

LAWERS, Michel. **O nascimento dos cemitérios**: Lugares sagrados e terra dos mortos no Ocidente medieval. Tradução de Robson Murilo Grando Della Torres. Campinas: Unicamp, 2015. 400p.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 2014. 476p.

LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. **Origem histórica dos cemitérios.** São Paulo: Secretaria de Serviços e Obras da Prefeitura do Município de São Paulo, 1977.

MAIA, Thereza Regina de Camargo. **O passado vivo**. São Paulo: FDE, 1988.

MARCONDES, Luiz Fernando. **Dicionário de termos artísticos**. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke,1998, 384p.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Até o encontro na Imortalidade: tempo e morte nos cemitérios do Vale do Paraíba**. Guaratinguetá: Caderno do Arquivo Memória de Guaratinguetá, v. 1, 1983.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. **O Visconde de Guaratinguetá**: Um titular do café no Vale do Paraíba. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976. 304p.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. 3. ed. tradução Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg, rev. Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PESSOA, Thiago Campos. **O Império da escravidão**: o complexo Breves no vale do café (Rio de Janeiro, c 1850-c.1888). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2018. 260p.

RAMOS, Agostinho de Freitas. **A pequena história de Bananal.** São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, v. História, 1978. 451p.

REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.360p.

RODRIGUES, Gama. **Revista Genealogia Brasileira** . Instituto Genealogia Brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940.

REZZUTTI, P. **Mulheres do Brasil:** a história não contada. Rio de Janeiro: Leya, 2018. 320p.

RODRIGUES, Claudia & LOPES, Fábio Henrique. (Org). **Sentidos da morte e do morrer na Iberoamérica.** Rio de Janeiro: UERJ, 2014. 516 p.

SÁ, Olga de & SIQUEIRA, Sonia Maria Gonçalves. **Retratos do Vale**. Lorena: CCTA, 2014.

SALMONI, Anita; DEBENEDETTI, Emma. **Arquitetura Italiana em São Paulo.** Série Debates. São Paulo: Perspectiva, 1981.

SCHNOOR, Eduardo. Das casas de morada à casa de vivenda. *In* CASTRO, Hebe Maria Mattos de & SCHNOOR, Eduardo (Org.) *et. al.* **Resgate: uma janela para o oitocentos**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995. 252p.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA RAMOS, Péricles Eugênio da. **Lua de Ontem**. Lorena: Coleção Lorenense, v. III, 112p.

STACCIOLI, Romolo A. **Como reconhecer a arte etrusca.** Lisboa: Edições 70, 1978.

TOLEDO, Francisco Sodero. **Em busca das raízes.** Aparecida: Ed. Santuário, 1988.

TIRAPELI, P. **Arquitetura e Urbanismo no Vale do Paraíba**: do colonial ao eclético. São Paulo: Unesp, 2014. 238p.

TOMASI, Julia Massucheti. **Eternamente off-line**: as práticas do luto na rede social do Orkut no Brasil. Curitiba. Editora Prismas, 2016. 265p.

VALLADARES, Clarival do Prado. **Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros**. v. 1 e 2. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura - Departamento de Imprensa Nacional. 1972. 2v.

VOVELLE, Michel. **Almas no purgatório ou o trabalho do luto**. Tradução Aline Meyer e Roberto Cattani. São Paulo: Editora Unesp, 2010. 343p.

ZALUAR, Augusto-Emílio. **Peregrinação pela província de São Paulo (1860-1861)**. São Paulo: Livraria Martins, 1975.

WHATLEY, Maria Cecilia & GODOY. Maria Cristina F. M. **Resende (1801-2001)**: Crônica dos Duzentos Anos. Resende: Gráfica La Salle, 2001.

**Monografia (TCC):**

FUZZI, L. P. **A morte patrimonial**: O Cemitério dos escravos de São José do Barreiro. Taubaté: Clube dos Autores, 2008. 181p.

**Dissertações de Mestrado:**

CAMARGO, Sandra Paschoal Leite de. **Atitudes perante a morte em São Paulo (século XVII a XIX).** São Paulo: USP, 1986**.**

CAVATERRA, C. A. **Marino del Fávero**: escultor e entalhador (1864-1943). Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho. São Paulo, 2016.

COMUNALE, Viviane. **A redescoberta da arte de Alfredo Oliani**: Sacra e Tumular. UNESP. São Paulo, 2015.

CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de. **A antiguidade clássica na representação do feminino**: pranteadoras do Cemitério Evangélico de Porto Alegre (1890-1930). UFRG. Porto Alegre, 2009.

PERRONI, Maria Salete. **Construções Históricas do Vale do Paraiba Paulista**: caracterização de material de alvenaria usados nas edificações com terra. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.

PESSOA, Thiago Campos. **O império dos Souza Breves nos oitocentos**: política e escravidão nas trajetórias dos Comendadores José e Joaquim Breves. Rio de Janeiro: Instituto de Ciências Humanas e Filosofia - UFF, 2010.

RIBEIRO, Luana Manzione. **A festa e o movimento tropeirista em Silveiras**: a cidade esquecida, a cidade relembrada. PUC-SP. São Paulo, 2005.

SILVA, Cibele Monteiro da. **Documentação cafeeira das cidades do fundo do Vale do Paraíba paulista**: a concentração e desconcentração da documentação cartorária e judicial custodiada ao Museu Major Novaes - Cruzeiro/SP. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. São Paulo, 2016.

TIMPANARO, Mirtes. **A morte como memória**: imigrantes nos cemitérios da Consolação e do Brás. São Paulo: Universidade São Paulo - FFLCH, 2006.

**Teses de Doutorado:**

ALMEIDA, Marcelina das Graça de. **Morte, cultura e memória - múltiplas interseções**: Uma interpretação acerca dos cemitérios oitocentistas, situados nas cidades do Porto e Belo Horizonte. UFMG. Belo Horizonte, 2007.

HÖRNER, Erik. **Em defesa da Constituição**: A guerra entre rebeldes e governistas (1838-1844). Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010.

PEREIRA, Danielle Manoel Santos. **Autoria das pinturas ilusionistas do estado de São Paulo**: São Paulo, Itu e Mogi das Cruzes (Brasil). Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho. São Paulo, 2017.

RIBEIRO, Josefina Eloina. **Escultores italianos e suas contribuições a Arte Tumular.** Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1999.

SANTOS, Marco Aurélio dos **Geografia da escravidão na crise do Império**: Bananal, 1850-1888. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade São Paulo. São Paulo, 2014.

**Artigos:**

BARRANTE, Paula Elizabeth de Maria. José Maria Villaronga: A Pretensão de uma arquitetura gótica na Campinas do século XIX. *In*: **VIII EHA Encontro de História da Arte**, 2012, Campinas, p. 508-515.

BORGES, Maria Elizia. Imagens Devocionais nos Cemitérios do Brasil. *In*: **XI Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas***,* 2001, São Paulo. ANPAP na Travessia das Artes - São Paulo: ANPAP, 2001. v.1. p.10-5.

BORGES, Maria Elizia. Arte Funerária no Brasil: contribuições para a historiografia da arte brasileira. *In*: **XXII Colóquio Brasileiro de História da Arte***, 2003*, Rio Grande do Sul: Anais. Rio Grande do Sul: PUCRS.

BORGES, Maria Elizia. Arte Funerária no Brasil: Projeto Integrado de Pesquisa/CNPQ. *In*: **XXIII Colóquio do comitê brasileiro de história da arte.** Rio de Janeiro, n. 1, 2004. 321 a 329.

BORGES, Maria Elizia. A estatuária funerária no Brasil: representação iconográfica da morte burguesa. São Luís. *In*: **VII Reunião de Antropólogos do Norte (Abanne) Antropologia da Emoção**, Edições do GREM, n. 8, 2004, CD-ROM.

CANCLINI, Néstor García. O Patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional*. In*: **Revista Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN),** n. 23, 1994.

CARRILHO, Marcos José. Fazendas de café oitocentista no Vale do Paraíba. *In*: **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, 14, junho 2006. 59-80. Disponivel em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142006000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07 maio 2018.

CARLOTTI, Danilo Panzeri. As ideias “liberais” e a oposição à reforma do Código do Processo Criminal de 1841. **Revista Informação Legislativa**. n. 205 ano 52 jan./mar. 2015.

CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de. Uma análise da alegoria e sua aparição na Arte Funerária. *In*: **XIV Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**. Florianópolis, 2008. p. 411-422.

LIMA, Tânia Andrade. Dos morcegos e caveiras a cruzes e livros: a apresentação da Morte nos cemitérios cariocas do século XIX. *In*: **Anais do Museu Paulista**: História e cultura Material. v. 2. São Paulo, 1994.

MORENO, Breno Aparecido Servidone. A Formação da Cafeicultura em Bananal, 1800-1830. *In*: **Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH RIO**, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338441341_ARQUIVO_AformacaodacafeiculturaemBananal,1800-1830.pdf . Acesso em: 01 out. 2019.

QUEIROZ, José Francisco Ferreira. &. SOARES. Catarina Sousa Couto. O palacete de Antonio Almeida da Costa. **4º Congresso Internacional Casa Nobre um patrimônio para o futuro**, 2014.

SABALLA, Viviane Adriana. Educação Patrimonial: lugares de memória. *In*. **Revista Unilasalle**, v.1, jun. 2007, p. 23 a 25. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/documentos/documentos/Mouseion/Vol1/vol1jun2007p23_25.pdf. Acesso em: 01 jun. 2020.

SILVA, Roberta Felix da. Revoltas liberais no início do Segundo Reinado: Francisco de Salles Torres Homem imprensa e política. *In*: **XXVII Simpósio Nacional de História - ANPUH**, Natal, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364528647_ARQUIVO_TextoAnpuh2013.pdf. Acesso em: 05 de fev. de 2020.

TIRELLO, Regina A. O caso da destruição das pinturas murais da seda da Fazenda Rialto, Bananal. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 13, jul.dez. 2005. Disponivel em: http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v13n2/a10v13n2.pdf. Acesso em: 01 out. 2019.

**Documentos históricos:**

BANANALENSE, Echo. E.F. RAMAL BANANALENSE., Bananal, 8 junho 1882. Disponível em: https://www.bn.gov.br/. Acesso em: 25 jan. 2020.

INSTITUTO, O. **ICMbio**. Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/portal/oinstituto. Acesso em: 11 de fev. de 2020.

LAEMMERT, Almanack. Annuario: administrativo, agrícola, profissional, mercantil e industrial. **Biblioteca Nacional**, 1905. Disponivel em: http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=313394&pagfis=27979&url=http://memoria.bn.br/docreader#. Acesso em: 02 dez. de 2018.

LAEMMERT, Almanack. Annuario: administrativo, agrícola, profissional, mercantil e industrial. **Biblioteca Nacional**, 1916. Disponivel em: http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=313394&pagfis=66633&url=http://memoria.bn.br/docreader#. Acesso em: 29 set. de 2019.

LAEMMERT, Almanack. Annuario: administrativo, agrícola, profissional, mercantil e industrial. **Biblioteca Nacional**, 1918. Disponivel em: http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=313394&pagfis=72446&url=http://memoria.bn.br/docreader#. Acesso em: 19 set. de 2019.

RIPA, Cesare. Iconologia overo Descrittione dell'Imagini universali. **Roma: Appresso de Lepido Faey.** 1603. Disponível em https://archive.org/. Acesso em: 02 de jun. de 2018.

**Fontes eletrônicas:**

ALMEIDA, Diego Amaro de. Maria Augusta: a filha do Visconde. **História do Vale do Paraíba**, 2010. Disponivel em: http://historiavaledoparaiba.blogspot.com/ 2010/04/maria-augusta-filha-do-visconde.html. Acesso em: 01 dez. 2019.

ALMEIDA, Diego Amaro de. O Visconde de Guaratinguetá. **História do Vale do Paraíba**, 2010. Disponivel em: http://historiavaledoparaiba.blogspot.com/ 2010/04/o-visconde-de-guaratingueta.html. Acesso em: 01 out. 2019.

ALMEIDA, Diego Amaro de. Desvendando o Mito: Maria Augusta é a Loira do Banheiro? **Diego Amaro.com**, 22 fev 2017. Disponível em: https://diegoamaro.com/ blog/desvendando-o-mito-maria-augusta-e-a-loira-do-banheiro/ Acesso em: 01 dez. 2019.

BASTOS, Mariana. Instituto de Estudos Valeparaíbanos cuida do Patrimônio Ambiental do Vale. **UNISAL**. Disponível em: http://unisal.br/hotsite/recicle/instituto-de-estudos-valeparaibanos-cuida-do-patrimonio-ambiental-do-vale/. Acesso em: 02 jan. 2020.

BENTO, Cel. Claudio Moreira. As tradições da academia militar das Agulhas Negras em seus 40 anos de Resende. **AHITB**. Disponível em: http://www.ahimtb.org.br/ AS%20TRADI%C3%87%C3%95ES%20DA%20ACADEMIA%20MILITAR%20D%C3%81S%20AGULHAS%20NEGRAS%20EM%20SEUS%2040%20ANOS%20DE%20RESENDE.pdf. Acesso em: 19 de dez. de 2019

Biblioteca de Lorena. **IBGE**, 2017. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br /visualizacao/dtbs/saopaulo/lorena.pdf. Acesso em: 10 de fev. de 2020.

BRIZZOLARA, Luis. **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa344692/luis-brizzolara. Acesso em: 14 mar. 2020.

CARLOS, Eddy. Pau d'Alho. **Redescobrindo o vale.** Disponível em: http://redescobrindoovale.blogspot.com/2016/09/pau-dalho_12.html. Acesso em: 19 de set. de 2019.

CARLOS, Eddy. O rancho dos Silveiras. **Redescobrindo o vale**. Disponível em: http://redescobrindoovale.blogspot.com/2014/10/o-rancho-dos-silveiras.html. Acesso em: 05 de fev. de 2020.

CORNETTI, Tatiane. História do Barão de Bocaina. **Preserva SP.** 2011. Disponível em: http://www.preservasp.org.br/forum/index.php/topic,213.0/wap2.html. Acesso em: 20 de fev. de 2020.

Documentação de criação das Colinas dos Macacos. **Colina dos Macacos e seus vales encantados**. 2010.Disponível em: http://colinasdosmacacos.blogspot.com/ 2010/09/mais-um-pouco-sobre-historia-das.html. Acesso em: 05 de fev. de 2020.

FABIANO, Eduardo. Bairro do Salto, antigo vilarejo de Queluz-SP. **O vale histórico**. Disponível em: http://ovalehistorico.blogspot.com/2010/09/bairro-do-salto-antigo-vilarejo-de.html . Acesso em: 10 de fev. de 2020.

FAGUNDES, Joaquim Roberto. As roças de Bento Rodrigues. **Vale do Paraíba Arquivos Históricos.** Disponível em: http://valedoparaibaarquivoshistoricos. blogspot.com/2010/08/as-rocas-de-bento-rodrigues-caldeira-na.html. Acesso em: 10 fev. de 2020.

FAZENDA, A. **Centro de estudo e pesquisas Fazenda Catadupa**. 2019. Disponível em: http://valehoteis1.lwsite.com.br/contato. Acesso em: 19 de set. de 2019.

FERNANDES, Felipe Vieira. Travessiada Serra do Mar. **ECOVALETUR**. Disponível em: http://ecovaletur.com.br/artigos/travessias-da-serra-do-mar. Acesso em: 21 de jul. 2018.

FRANCISCO, Vanessa Pacola (Org.) **Inspeção Predial: a saúde dos edifícios**. 2011. IBAPE/SP. Disponível em: https://www.ibape-sp.org.br/adm/upload /uploads/1541781803-Cartilha-Inspecao_Predial_a_Saude_dos_Edificios.pdf. Acesso em: 02 de jun. 2020.

**FUNDAÇÃO Cemitério da Colônia.** Disponivel em: http://www.cidadedesaopaulo. com/ecoturismo/atracoes/cemiterio-da-colonia/. Acesso em: 21 de jun. 2016.

GIESBRECHT Ralph Mennucci. **Estações Ferroviárias**. Disponível em: https://www.estacoesferroviarias.com.br/c/cachoeira.htm. Acesso em: 27 de set. de 2019.

GUIMARÃES, Consuelo Maria Freire. Notas Genealógicas de famílias vinculadas a Resende. **Homenagem ao grande genealogista, filatelista e historiador Itamar Bopp**. Disponível em: http://www.genealogiafreire.com.br/bopp/casamento_501_602.htm. Acesso em: 08 de jan. 2019.

História da Fazenda Resgate. **Fazenda Resgate**. Disponível em: https://www.fazendaresgate.com.br/historia.php. Acesso em: 27 de set. de 2019.

História de Misericórdia das Santas Casas. Disponível em: https://www.cmb.org.br/cmb/index.php/institucional/quem-somos/historico. Acesso em: 20 de jun. 2019.

História e fotos cidade de Arapeí. **IBGE**, 2017. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/arapei/historico. Acesso em: 20 de dez. 2019.

História e fotos cidade de Areias. **IBGE**, 2017. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/areias/historico . Acesso 10 de fev. de 2020.

História e fotos cidade de Bananal. **IBGE**, 2017. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/bananal/historico. Acesso em: 20 de dez. 2019.

História e fotos da cidade de Canas. **IBGE**, 2017. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/canas. Acesso em: 20 de fev. de 2020.

História e fotos da cidade de Lorena. **IBGE**, 2017. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/canas/historico. Acesso em: 10 de fev. 2019.

História e fotos cidade de Queluz. **IBGE**, 2017. Disponível em: http://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/queluz/historico. Acesso em: 20 dez. 2019.

História e fotos cidade de São Paulo. **IBGE,** 2014. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.r/brasil/sp/sao-paulo/panorama. Acesso em: 20 de dez. 2019.

História e fotos cidade de Silveiras. **IBGE,** 2017. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/silveiras/historico. Acesso em: 02 de jan. 2020.

História e fotos cidade de Taubaté. **IBGE**, 2010. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/taubate/historico. Acesso em: 01 out. 2019.

LIMA, Roberto Gudião de Souza. O ciclo do café no Vale-paraibano**. Instituto Cidade Viva** Disponível em: http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/sistema/wp-content/uploads/2008/06/ciclo-do-cafe_pg-13-a-39.pdf. Acesso em: 21 de jul. 2019. p.13-39.

MARUCCO, Hilda R. Sobrado do Conde Moreira Lima. **CONDEPHAAT**. 2018. Disponível em: http://condephaat.sp.gov.br/benstombados/sobrado-do-conde-moreira-lima/#. Acesso em: 20 de fev. de 2020.

MATTOS, Paulo Regis de. Visita guiada. **Fazenda da Barra**. 2013. Disponível em: http://www.fazendadabarra.com.br/visita-guiada.html# . Acesso em: 19 de set. de 2019.

MODERNISMO no Brasil. **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras.** Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo359/modernismo-no-brasil. Acesso em: 15 de mar. de 2020.

Nossa história. **Fazenda Vargem Grande**. 2012. Disponível em: http://www.fazendavargemgrande.com.br/FVG_2012/index.html. Acesso em: 10 de fev. de 2020.

PARÓQUIA N. S. DA CONCEIÇÃO. **Iniciando a história**. Disponível em: www.igrejamatrizresende.org.br/Historia.html. Acesso em: 05 de dez. de 2019.

Prefeitura Municipal de Areias. **Vale do Paraíba e região**. G1. 2019. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/especial-publicitario/especial-publicitario-prefeitura-de-areias/noticia/2019/05/21/viagem-para-areias-saiba-por-que-vale-a-pena-conhecer-esta-cidade.ghtml. Acesso em: 10 de fev. de 2020.

Prefeitura Municipal de Lorena. História. **Prefeitura Municipal de Lorena**. 2016. Disponível em: http://www.lorena.sp.gov.br/wordpress/index.php/historia-lorena/. Acesso em: 15 de fev. de 2020.

Prefeitura Municipal de São José do Barreiro. Nossa história. **Prefeitura Municipal de Estância Turística São José do Barreiro.** 2017 Disponível em: http://saojosedobarreiro.sp.gov.br/historia . Acesso em: 01 de fev. de 2020.

PESSOA, Ana; FASSOLATO Douglas e ANDRADE, Rubens. Jardins Históricos: a cultura, as práticas e os instrumentos de salvaguarda de espaços paisagísticos. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2015.

Processo de tombamento do Cemitério dos Escravos**. Ipatrimônio.org**. Disponível em: http://www.infopatrimonio.org/wp-content/uploads/2018/02/COND_000496_1974.pdf. Acesso em: 02 de jun. de 2020.

QUINTO, Antonio Carlos. Arqueólogos encontram sambaqui mais antigo do Brasil. **Agência USP de notícias**, São Paulo, 2017. Disponível em: http://www.usp.br/agen/?p=5853 . Acesso em: 18 de jan. de 2018.

RESENDE, Arquivo Histórico Municipal de. A vida e D. Maria Benedita Gonçalves Martins. **Arquivo Resende**, 30 janeiro 2009. Disponível em: http://arquivoresende.blogspot.com/2009/01/maria-benedita-goncalves-martins-o.html. Acesso em: 15 de fev. de 2019.

RESGATE**. Laboratório de História Oral e Imagem**. Universidade Federal Fluminense. 2007. Disponível em: http://www.labhoi.uff.br/taxonomy/term/256. Acesso em: 10 de fev. de 2020.

SALEM, Nikson. Solar Luciano José de Almeida. **Turismo no vale do café.** Disponível em: http://www.turismovaledocafe.com/2010/06/ Acesso em: 27 de set. de 2019.

São José do Barreiro - Fazenda Pau d´Alho. **Ipatrimônio.org**. Disponivel em: http://www.ipatrimonio.org/?p=578#!/map=38329&loc=-22.641211769999995,-44.60750850000001,17 . Acesso em: 19 de set. de 2019.

São Paulo: nomes dos municípios paulistas. **Biblioteca Virtual São Paulo**. 2019. Disponível em: http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/temas/sao-paulo/nomes-dos-municipios-paulistas.php . Acesso em: 10 de fev. de 2020.

Sino Igreja Matriz (Areias). **Patrimônio Belga no Brasil.** 2011. Disponível em: http://www.belgianclub.com.br/pt-br/heritage/sino-igreja-matriz-areias. Acesso em: 10 de fev. de 2020.

Sobre a Santa Casa. **Santa Casa de Lorena**. 2018. Disponível em: http://www.santacasalorena.org.br/institucional/sobre-a-santa-casa. Acesso em: 20 de fev. de 2020.

Solar do Vallim. ABATUR. Disponível em: http://aguiarvallim.blogspot.com/. Acesso em: 19 de dez. de 2019

Título de Nobreza. Viscondessa de Castro e Lima. **Geneall**. 2000. Disponível em: https://geneall.net/pt/titulo/13562/viscondessas-de-castro-lima/. Acesso em: 20 de fev. de 2020.

TROMPE l'oeil. *In*: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5358/trompe-loeil. Acesso em: 03 de jun. de 2020.

**Jornais eletrônicos:**

ALMEIDA, Diego Amaro de. Maria Joaquina de Almeida Fazendeira de café no Vale do Paraíba. **Jornal O Lince**, 2014. Disponível em: http://www.jornalolince.com.br/2014/dez/historia/6015-maria-joaquina-de-almeida-fazendeira-de-cafe-no-vale-do-paraiba. Acesso em: 15 de dez. de 2018.

BARBOSA, Benedicto Lourenço. Reconstruindo a história de Aparecida séc. XVII. **Jornal O Lince**, 2010. Disponível em: http://www.jornalolince.com.br/ 2014/dez/ genealogia/6016-reconstituindo-a-historia-de-aparecida-xvii. Acesso em: 19 de dez. de 2019.

CARVALHO, Paulo Antonio de. Uma história sem imagem e marcada pelo desrespeito. **O impacto Cruzeiro**, 19 março 2019. Disponível em: http://www.oimpactocruzeiro.com.br/portal/index.php/impacto-da-historia/1306-dona-fortunata-a-grande-mulher-da-fazenda-boa-vista . Acesso em: 15 de jan. de 2020.

COSTA, Marco Aurélio Alves. Silveiras e a Revolução Liberal de 1842: Uma nova visão sobre a morte do Capitão Manoel José da Silveira. **Jornal O Lince**, 2014. Disponível em: http://www.jornalolince.com.br/2012/abr/focus/4420-silveiras-e-a-revolucao-liberal-de-1842 Acesso em: 05 de fev. de 2020.

FARIAS, Adriana. Cheio de obras de arte, Cemitério da Consolação é o mais furtado da cidade. **Veja**, São Paulo, 13 abril 2018. Disponivel em: https://vejasp.abril.com.br/cidades/cemiterio-consolacao-furtos/. Acesso em: 28 de jun. de 2019.

**GAZETA DO TATUAPÉ.** Sem segurança, moradores pedem ações no Cemitério da 4ª Parada, São Paulo, 05 abril 2019. Disponível em: http://www.gazetavirtual.com.br/furtos-no-cemiterio-da-4a-parada/. Acesso em: 29 de jun. de 2019.

GUIMARÃES, F. Mais de 70 placas são furtadas de túmulos no Cemitério da Saudade. **Jornal do Cruzeiro**, Sorocaba, 23 junho 2016. Disponível em: https://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/709910/mais-de-70-placas-sao-furtadas-de-tumulos-no-cemiterio-da-saudade. Acesso em: 29 de jun.de 2019.

TEIXEIRA, Rodrigo Magalhães. Villaronga. **Jornal Local**, 2018. Disponível em: http://www.local.jor.br/colunas/ler/8136/villaronga . Acesso em: 03 de jun. de 2020.

ZALUAR, A. E. Letras Valeparaibanas: Peregrinação pela Província de São Paulo: São José do Barreiro. J**ornal O Lince**, 2012. Disponível em: http://www.jornalolince.com.br/2012/dez/letras-valeparaibanas/4818-peregrinacao-pela-provincia-de-sao-paulo. Acesso em: 19 de set. de 2019.

**Revistas:**


ALEGRIO Leila Vilela. Fazenda da Restauração: uma fazenda de café no caminho do ouro. In: **Revista do Café**, Rio de Janeiro, 94, n. 851, 2014. 41 p.

EVANGELISTA, José Geraldo. Alguns aspectos de Lorena nos meados do século XIX (1850-1869). **Revista de História**, São Paulo, 26, n. 54, 1963. 423 a 443.

*Gli italiani in Brasile Fanfulla* 1886-1887

GRIECO, ALFREDO. Livro de emblemas: pequeno roteiro de Alciati à Iconologia de Cesare Ripa. **ALCEU**, São Paulo, 3, n. 6, jan/jun 2003. 79 a 92. Disponível em: http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu_n6_Grieco.pdf . Acesso em: 15 de dez. de 2019.

MOTTA, Antonio. A forma tumular e os processos sociais nos cemitérios brasileiros. *In*: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo: ANPOCS, 2009

PASIN, José Luiz. A participação política do Vale do Paraíba no processo da Independência. **Revista de História**, São Paulo, 45, n. 92, 1972. 501 a 506.

REIS, Paulo Pereira dos. Os puri de Guapacaré e algumas achegas à história de Queluz. **Revista de História**, São Paulo, 30, n.61, 1965. p.118-158

RIBEIRO, Eduardo Rivail. O Catecismo Purí do Pe. Francisco das Chagas Lima. **Caderno de Etnolinguistica**, Goiás, vol.1, n 1, jan. 2009. Disponível em: http://etnolinguistica.org/source:1. Acesso em: 19 de dez. de 2019.

RODRIGUES, C. A criação dos cemitérios públicos do Rio de Janeiro enquanto “campos santos” (1798-1851). **Revista do Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 26 jun. 2014. Disponivel em: http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2016/11/e08_a15.pdf. Acesso em: 17 de ago. de 2019.

SAIA, Luis. Notas preliminares sobre a fazenda Pau d’Alho. (História, Restauração e Projeto de Aproveitamento). **Revista de História**, São Paulo, 51, n. 102, 1975. 589 a 630.

SCHIMITT, Juliana. O estudo das Danças Macabras medievais: entre o visível, o oculto e o destruído. **Revista Ara**, São Paulo, 3, 2017. 234-253. Disponível em: http://www.museupatrimonio.fau.usp.br/wp-content/uploads/2017/09/15-ARA3-Danc%CC%A7as.pdf. Acesso em: 16 de dez. de 2019.

TIRELLO, Regina A. Pinturas Parientais de José Maria Villaronga no sobrado Aguiar Vallim, Bananal - Um estudo de caso. **Sinopse**, São Paulo, n. 34, p. 84-103, dezembro, 2000. Disponível em: https://www.academia.edu/7155067/A_RESTAURA%C3%87%C3%83O_DE_PINTURAS_MURAIS_NA_USP_RTirello . Acesso em: 01 de out. de 2019.

VALLIM, João Rabello Aguiar. Famílias paulista de Bananal**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico**, LXXX, São Paulo, 1985 207p. Disponível em: http://ihgsp.org.br/wp-content/uploads/2018/02/Vol-80.pdf. Acesso em:01 de out. de 2019. p. 63.

Simbologia. Disponível em: http://www.cosmichouse.tziki.net/simbologia-no-cemiterio-dos-prazeres/ Acesso em: 04 de set. de 2017.

Símbolos na arquitetura do Rio De Janeiro. A caixa de socorro D. Pedro V. Disponível em: https://orioqueorionaove.com/2016/02/18/a-caixa-de-socorros-dom-pedro-v/ Acesso em: 02 de out. de 2017.

**Arquivos:**

Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo

Arquivo Municipal de São Paulo Washington Luiz

Arquivo Público do Estado de São Paulo

Biblioteca Municipal Sérvulo Gonçalves

Biblioteca Nacional

Biblioteca Pública Municipal Emília Müller

Hemeroteca Digital Catarinense

Instituto de Estudos Valeparaíbano (IEV)

Museu Frei Galvão

Museu Major Novaes

# REFERENCIAL DE FIGURAS NÃO PERTENCENTES À AUTORA

Todas as imagens desta tese pertencem à autora, exceto as listadas a seguir:

## CAPÍTULO 1 - A INFLUÊNCIA DOS BARÕES DO CAFÉ NA CONSTRUÇÃO DO VALE DO PARAÍBA

Figura 3 - Ecovaletur. Disponível em: http://ecovaletur.com.br/artigos/travessias-da-serra-do-mar. Acesso em: 21 de jul. de 2018.

Figura 4 - Estações Ferroviárias. Disponível em: https://www.estacoesferroviarias.com.br/c/cachoeira.htm. Acesso em: 27 de set. de 2019.

Figura 5 - Biblioteca Nacional. Disponível em: https://www.bn.gov.br/. Acesso em: 25 de jan. de 2020.

Figura 8 - MUKAI, Adriana de Oliveira; ALVES, Kátia de Souza Costa; NASCIMENTO, Luiz Fernando Costa. Análise espacial das internações por pneumonia na região do Vale do Paraíba (SP). J. bras. pneumol. [online]. 2009, vol.35, n.8, pp.753-758. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/jbpneu/v35n8/v35n8a06.pdf. Acesso em: 20 de jan. de 2019.

Figura 9 - Labhoi (UFF). Disponível em:http://www.labhoi.uff.br/luciano-jose-de-almeida-cognominada-com-comenda-da-ordem-de-cristo-quadro-oleo-de-barandier-1844. Acesso em: 10 de fev. de 2020.

Figura 10 - Solar Aguiar Vallim. Disponível em: http://aguiarvallim.blogspot.com/ Acesso em: 19 de dez. de 2019.

Figura 11 - Labhoi (UFF). Disponível em:http://www.labhoi.uff.br/casa-da-fazenda-tres-barras-bananal-sp-reformada-na-segunda-metade-do-seculo-xix-fotografada-na. Acesso em: 10 de fev.de 2020.

Figura 12 - Labhoi (UFF). Disponível em: http://www.labhoi.uff.br/node/364. Acesso em: 10 de fev.de 2020.

Figura 17 - Geni. Disponível em: https://www.geni.com/ people/Domiciana-Nogueira-da-Silva/6000000014339068382. Acesso em: 12 de fev. de 2019.

Figura 18 - TIRAPELI, Percival. Arquitetura e Urbanismo no Vale do Paraíba: do colonial ao eclético. São Paulo: Unesp, 2014.

Figura 20 - MUKAI, Adriana de Oliveira; ALVES, Kátia de Souza Costa; NASCIMENTO, Luiz Fernando Costa. Análise espacial das internações por pneumonia na região do Vale do Paraíba (SP). J. bras. pneumol. [online]. 2009, vol.35, n.8, pp.753-758. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/jbpneu/v35n8/v35n8a06.pdf. Acesso em: 20 de jan. de 2019.

Figura 21 - Chão Caipira. Disponível em: http://www.chaocaipira.org.br/cidades/arapei. Acesso em: 01 de fev. de 2020.

Figura 22 - História e Viagem. Disponível em: http://historiaeviagem.blogspot.com/2015/07/bananal-cidade-que-financiou-guerra-do.html. Acesso em: 18 de out. de 2019.

Figura 24 - MUKAI, Adriana de Oliveira; ALVES, Kátia de Souza Costa; NASCIMENTO, Luiz Fernando Costa. Análise espacial das internações por pneumonia na região do Vale do Paraíba (SP). J. bras. pneumol. [online]. 2009, vol.35, n.8, pp.753-758. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/jbpneu/v35n8/v35n8a06.pdf. Acesso em: 20 de jan. de 2019.

Figura 25 - TIRAPELI, Percival. Arquitetura e Urbanismo no Vale do Paraíba: do colonial ao eclético. São Paulo: Unesp, 2014.

Figura 26 - Acervo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)

Figura 27 - EcoViagem. Disponível em: https://ecoviagem.com.br/brasil/sao-paulo/sao-jose-do-barreiro/fazenda/fazenda-da-barra/. Acesso em: 19 de set. de 2019.

Figura 28 - Sistema Informatizado de Monitoria de RPPN. Disponível em: http://sistemas.icmbio.gov.br/site_media/img_content_thumb/ catadupa_geral.jpg. Acesso em: 11 de fev. de 2020.

Figura 30 - MUKAI, Adriana de Oliveira; ALVES, Kátia de Souza Costa; NASCIMENTO, Luiz Fernando Costa. Análise espacial das internações por pneumonia na região do Vale do Paraíba (SP). J. bras. pneumol. [online]. 2009, vol.35, n.8, pp.753-758. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/jbpneu/v35n8/v35n8a06.pdf. Acesso em: 20 de jan. de 2019.

Figura 31 - TIRAPELI, Percival. Arquitetura e Urbanismo no Vale do Paraíba: do colonial ao eclético. São Paulo: Unesp, 2014. 238p.

Figura 32 - Disponível em: Fazenda Vargem Grande. http://www.fazendavargemgrande.com.br. Acesso em: 20 de jul. de 2019

Figura 33 - Disponível em: Fazenda Vargem Grande. http://www.fazendavargemgrande.com.br. Acesso em: 20 de jul. de 2019.

Figura 34 - Caminhos da Corte. Disponível em: http://caminhosdacorte.com.br/cidades/areias/hotel-santana/. Acesso em: 20 de jul. de 2019.

Figura 36 - MUKAI, Adriana de Oliveira; ALVES, Kátia de Souza Costa; NASCIMENTO, Luiz Fernando Costa. Análise espacial das internações por pneumonia na região do Vale do Paraíba (SP). J. bras. pneumol. [online]. 2009, vol.35, n.8, pp.753-758. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/jbpneu/v35n8/v35n8a06.pdf. Acesso em: 20 de jan. de 2019.

Figura 37 - MAIA, Thereza Regina de Camargo. O passado vivo. São Paulo: FDE, 1988.

Figura 39 - MUKAI, Adriana de Oliveira; ALVES, Kátia de Souza Costa; NASCIMENTO, Luiz Fernando Costa. Análise espacial das internações por pneumonia na região do Vale do Paraíba (SP). J. bras. pneumol. [online]. 2009, vol.35, n.8, pp.753-758. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/jbpneu/v35n8/v35n8a06.pdf. Acesso em: 20 de jan. de 2019.

Figura 41 - Biblioteca Municipal de Queluz.

Figura 42 - Desenterrando a História. Disponível: https://desenterrandoahistoria.blogspot.com/2017/06/deteccao-de-metais-no-salto-queluz-sp.html. Acesso em: 18 de jul. de 2019.

Figura 44 - MUKAI, Adriana de Oliveira; ALVES, Kátia de Souza Costa; NASCIMENTO, Luiz Fernando Costa. Análise espacial das internações por pneumonia na região do Vale do Paraíba (SP). J. bras. pneumol. [online]. 2009, vol.35, n.8, pp.753-758. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/jbpneu/v35n8/v35n8a06.pdf. Acesso em: 20 de jan. de 2019.

Figura 46 - Geni. Disponível em: https://www.geni.com/ people/Joaquim-Jos%C3%A9-Moreira-Lima/6000000014927547491. Acesso em: 19 de dez.de 2019.

Figura 48 - Geni. Disponível em: https://www.geni.com/people/ Joaquim-Jos%C3%A9-Moreira-Lima-Jr-Bar%C3%A3o-de-Moreira-Lima-Conde-de-Moreira-Lima/6000000014928514106. Acesso em: 19 de dez.de 2019.

Figura 49 - Geni. Disponível em: https://www.geni.com/people/Antonio-Moreira-de-Castro-Lima-Bar%C3%A3o-de-Castro-Lima/ 6000000014927923845. Acesso em: 19 de dez.de 2019.

Figura 50 - Geni. Disponível em: https://www.geni.com/people/ Francisco-de-Paula-Vicente-de-Azevedo-bar%C3%A3o-de-Bocaina/ 6000000014928715128. Acesso em: 19 de dez.de 2019.

Figura 51 - Museu Frei Galvão.

Figura 52 - MUKAI, Adriana de Oliveira; ALVES, Kátia de Souza Costa; NASCIMENTO, Luiz Fernando Costa. Análise espacial das internações por pneumonia na região do Vale do Paraíba (SP). J. bras. pneumol. [online]. 2009, vol.35, n.8, pp.753-758. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/jbpneu/v35n8/v35n8a06.pdf. Acesso em: 20 de jan. de 2019.

Figura 53 - MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. O Visconde de Guaratinguetá: Um titular do café no Vale do Paraíba. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976. 304p.

Figura 54 - MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. O Visconde de Guaratinguetá: Um titular do café no Vale do Paraíba. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976. 304p.

Figura 55 - MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. O Visconde de Guaratinguetá: Um titular do café no Vale do Paraíba. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976. 304p.

Figura 56 - MAIA, Tom. Guaratinguetá Recebendo a Visita da Princesa Isabel e de seu Esposo, o Conde D`Eu. Portal Terra dos Passarinhos, 05 de set de 2015. Disponível em: http://maesertaneja.blogspot.com/2015/09/guaratingueta-recebendo-visita-da.html. Acesso em: 01 de fev. de 2020.

Figura 57 - Domínio Público.

## CAPÍTULO 2 - A ARTE TUMULAR NA REGIÃO DO VALE DO PARAÍBA

Figura 58 - Acervo pessoal de Percival Tirapeli, 2007.

Figura 59 - Arquivo Histórico Municipal de São Paulo, 2016.

Figura 60 - Marcelo Ferreira, 2016.

Figura 72 - Jair Batista, 2017.

Figura 73 - Domínio Público.

Figura 89- Biblioteca Nacional. Disponível em: http://memoria.bn.br/. Acesso em: 18 de set. de 2019.

Figura 90 - Biblioteca Nacional. Disponível em: http://memoria.bn.br/. Acesso em: 18 de set. de 2019.

Figura 91 - Biblioteca Nacional. Disponível em: http://memoria.bn.br/. Acesso em: 18 de set. de 2019.

Figura 92 - Arquivo Histórico Municipal de Resende.

Figura 95 - WHATLEY, Maria Cecilia e GODOY, Maria Cristina F. M. Resende (1801-2001): Crônica dos Duzentos Anos. Resende: Gráfica La Salle, 2001.

Figura 98 - PESSOA, Ana; FASSOLATO Douglas e ANDRADE, Rubens. Jardins Históricos: a cultura, as práticas e os instrumentos de salvaguarda de espaços paisagísticos. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2015.

Figura 100 - Biblioteca Nacional. Disponível em: http://memoria.bn.br/. Acesso em: 18 de set. de 2019.

Figura 101 - Biblioteca Nacional. Disponível em: http://memoria.bn.br/. Acesso em: 18 de set.de 2019.

## CAPÍTULO 3 - O PATRIMÔNIO CULTURAL E FUNERÁRIO DO VALE HISTÓRICO

Figura 105 – SILVA, Cibelle Monteiro. Documentação cafeeira das cidades do Fundo do Vale do Paraíba paulista: a concentração e desconcentração da documentação cartorária e judicial custodiada ao Museu Major Novaes Cruzeiro/SP. São Paulo: USP, 2016.


Anexos
&
Apêndice

## ANEXO A - RED IBEROAMERICANA DE VALORACIÓN Y GESTIÓN DE CEMENTERIOS PATRIMONIALES[106]

Red Iberoamericana de Valoración y Gestión de Cementerios Patrimoniales

**Carta Internacional de Morelia**

**Relativa a cementerios patrimoniales y arte funerario**

**Morelia, Michoacán a 2 de noviembre de 2005**

**INTRODUCCIÓN**

Los asistentes al VI Encuentro Iberoamericano y Primer Congreso Internacional de Valoración y Gestión de Cementerios Patrimoniales y Arte Funerario auspiciado por la Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Xochimilco y la Red Iberoamericana de Valoración y Gestión de Cementerios Patrimoniales, reunidos del 27 de octubre al 2 de noviembre de2005 en los Centros Históricos de las ciudades de México y Morelia, ambos Patrimonio Cultural de la Humanidad, proponen a todos los interesados en el conocimiento, difusión, valoración, preservación y apropiación social del patrimonio cultural material e inmaterial, especialmente el relativo a sitios ,monumentos, conjuntos y elementos de carácter funerario y los usos, costumbres y manifestaciones culturales a ellos asociados ,la presente

[106] Carta Patrimonial de Morelia. Disponível em http://redcementeriospatrimoniales.blogspot.com/. Acesso em: 01 de setembro de 2018.

CARTA INTERNACIONAL DE MORELIA, Relativa a Cementerios Patrimoniales y Arte Funerario,

con la que manifiestan un consenso de las reflexiones que generó la creación en el año 2000 de la Cátedra UNESCO "Gestión Integral del Patrimonio" (Universidad Nacional de Colombia, Manizales) y los otros cinco encuentros anteriores a éste celebrados em Medellín, Colombia (2000), Barquisimeto, Venezuela (2001), Cuenca y Quito, Ecuador (2002), Lima y Cajamarca, Perú (2003) y Sucre, Bolivia (2004).

**DEFINICIONES Y OBJETIVOS**

Los sitios, monumentos, conjuntos y elementos funerarios constituyen un caso particular, poco valorado y menos atendido ,del patrimonio cultural material, acompañado a su vez por usos ,costumbres, ritos, conductas y manifestaciones de cada cultura en torno a la inevitabilidad de la muerte y la disposición delos restos humanos, lo que constituye un patrimonio cultural inmaterial de igual importancia y una de las manifestaciones dela diversidad cultural que han acompañado al género humano desde tiempos muy remotos y seguirán acompañándolo hasta su extinción. En ese contexto, la presente Carta se refiere no sólo al patrimonio actual formado por arquitectura, objetos artísticos y costumbres funerarias, sino a toda la variedad de manifestaciones de ese tipo en distintas épocas y distintas culturas, y tiene por objeto refirmar el derecho a la cultura e nestos espacios funerarios y la conveniencia de combinar la preservación de su autenticidad con la

gestión en el presente y el futuro. Con ese propósito, se formulan algunos principios y criterios aplicables a su conocimiento, valoración y protecciónen el ámbito internacional. Los firmantes de la Carta reconocen la vigencia y validez de los principios y las recomendaciones propuestos por la UNESCO, el ICOMOS (Consejo Internacional de Monumentos y Sitios) y otros organismos internacionales y multilaterales, en documentos tales como la Carta de Venecia (ICOMOS, 1964), la Recomendación relativa a la salvaguardia de los conjuntos históricos y su función en la vida contemporânea (UNESCO, Nairobi, 1970), la Recomendación sobre la Protección de Bienes Culturales Muebles (UNESCO, París, 1978), la Carta de Florencia sobre Jardines Históricos(ICOMOS, 1980) y la Carta de México sobre Políticas Culturales(UNESCO, 1982), la

Declaración Universal Sobre Diversidad Cultural

(UNESCO, 2001) y la Convención del Patrimonio Inmaterial

(UNESCO, 2003), pero expresan al mismo tiempo el deseo de lograr principios similares para el campo específico de los sitios, monumentos, conjuntos, elementos, usos y costumbres funerarias.

**TIPOLOGÍAS E IDENTIFICACIÓN**

Los sitios, monumentos, conjuntos, elementos, usos y costumbres funerarios integran una gama amplia de tipos y manifestaciones de patrimonio material e inmaterial:

1.Los sitios, porque forman paisajes y equipamientos urbanos donde la arquitectura y el arte funerario constituyen conjuntos, necrópolis, cementerios y otras manifestaciones similares, en ubicaciones con mayor o menor significado y valor urbanístico respecto al territorio donde se encuentran.

2.Los monumentos, conjuntos y elementos arquitectónicos(abiertos, cubiertos o subterráneos, públicos o privados), la vegetación asociada y los objetos culturales y artísticos allí ubicados, porque forman géneros y tipos reconocibles según las culturas y las épocas en que fueron concebidos, materializados y utilizados al llevar incorporados mensajes, imágenes, signos y símbolos de identidad y otros atributos estrechamente ligados a los valores de las sociedades que los crearon y porque alcanzan dimensiones rituales, estéticas o expresivas verdaderamente notables.

3.Los usos y costumbres funerarias, especialmente aquellas que mejor caracterizan la actitud de cada cultura, época o creencia ante la inevitabilidad de la muerte, porque ellas acompañan y hacen uso del patrimonio cultural material y porque cada una da distinto testimonio de la riqueza cultural y espiritual de los pueblos, así como del derecho a la cultura y su diversidad que prevalecen en distintas regiones del mundo.

**PROBLEMAS**

Los principales obstáculos para la adecuada preservación y uso social del patrimonio cultural funerario provienen de:

1.Las oposiciones entre la memoria y el olvido, la vitalidad y permanencia de las culturas funerarias frente al cambio y/o el demérito de los valores culturales relacionados con la muerte.

2.Deterioros debido al transcurso inexorable del tiempo y la falta de mantenimiento de los monumentos, conjuntos, elementos funerarios, objetos culturales y artísticos.

3.Problemas de insuficiencia de espacio, dotación o capacidad de los cementerios y equipamientos funerarios frente al crecimiento demográfico acelerado.

4.Cambio de posición de los equipamientos funerarios respecto a los márgenes de la ciudad como resultado de la expansión urbana.

5. Cambios graduales en los usos, costumbres y la normatividad relativas a lo funerario.

6.Alteraciones o daños al patrimonio natural asociado a estos sitios.

7.Problemas derivados de las insuficiencias en los instrumentos de normatividad, gestión, salvaguarda y financiación.

8.Deterioros y daños súbitos a sitios, monumentos, conjuntos y elementos funerarios por desastres de origen natural (sismos,inundaciones, entre otros) o provocados por

la acción humana o institucional (conflictos regionales, nacionales e internacionales).

**MEDIDAS E INSTRUMENTOS**

Para contrarrestar los procesos de deterioro y destrucción del patrimonio funerario, se requiere, cuando menos:

1.Formular estrategias que permitan elaborar y desarrollar instrumentos interdisciplinarios de identificación, ubicación y catalogación crítica de sitios, monumentos, conjuntos, elementos, objetos culturales y artísticos, vegetación, usos y costumbres funerarios existentes, asegurando la participación plena de los actores sociales involucrados.

2.Registrar y evaluar las formas y procedimientos de intervención en el patrimonio funerario material e inmaterial.

3.Conocer, apoyar y estimular la continuidad y evolución gradual de los usos y costumbres funerarias y sus tradiciones.

4.Fomentar el buen uso de los espacios y sitios funerarios, particularmente cuando éstos se incorporen a rutas culturales o programas de desarrollo turístico.

5.Actualizar y reformar si es necesario el marco legal, normativo y de gestión propicio para la preservación del patrimonio funerario material e inmaterial.6 Generar

instrumentos de manejo y gestión que aseguren la sostenibilidad económica y social de estos lugares.

**INVESTIGACIÓN, FORMACIÓN Y COOPERACIÓN INTERNACIONAL**

Al mismo tiempo, los firmantes de esta carta apoyan expresamente:

1.La divulgación de este documento y de otros afines relativos a la preservación y difusión del patrimonio funerario.

2.La inserción de contenidos sobre estos temas en los sistemas formales e informales de educación: currícula de estudios en diversos niveles, "cátedras UNESCO" en la materia, reuniones de expertos o grupos de la sociedad civil, eventos museológicos y turismo cultural.

3.La apertura de un campo de investigación específico en la materia, suficientemente provisto de recursos, que permita la formación y mantenimiento de redes de interesados, bases de datos y otras herramientas de consulta.4 Propiciar mecanismos de cooperación cultural internacional para proteger el patrimonio funerario a través del intercambio de experiencias de los países adherentes, exhortando al Centro del Patrimonio Mundial de la UNESCO a la creación de una instancia especializada en la preservación del patrimonio funerario.

## ANEXO B - REVISTA VEJA [107]

**Cheio de obras de arte, Cemitério da Consolação é o mais furtado da cidade**

Necrópole concentra 22% de todas as ocorrências a estabelecimentos do tipo

Por **Adriana Farias**

Publicado em 13 abr. 2018, 06h00



Túmulos pilhados: 26 casos em 2017, o dobro do registrado no ano anterior (Leo Martins/Veja SP)

Considerado um museu a céu aberto, o Cemitério da Consolação, na via homônima, terá pouco a comemorar em agosto, quando completa 160 anos. Há quatro anos, o espaço detém o nada honroso título de necrópole mais saqueada da capital. Em 2017, foi alvo de 26 furtos e roubos - com até dez peças de bronze surrupiadas em cada um -, quase um quarto das ocorrências somadas em todos os 22 estabelecimentos públicos similares da cidade.

[107] FARIAS, Adriana. Cheio de obras de arte, Cemitério da Consolação é o mais furtado da cidade (13 de abril de 2018). Revista Veja. Disponível em: https://vejasp.abril.com.br/cidades/cemiterio-consolacao-furtos/ Acesso em: 28 de julho de 2019.

Trata-se de mais que o dobro dos casos registrados no ano anterior e do maior número desde 2010, quando essas estatísticas começaram a ser computadas pela Secretaria de Segurança Pública. Os dados foram obtidos por meio da Lei de Acesso à Informação.



Túmulo de Monteiro Lobato: peças removidas (Leo Martins/Veja SP)

Um dos mais visitados do pedaço, o túmulo do escritor Monteiro Lobato ficou sem guirlanda nem portão após um furto em 2014. Do imponente mausoléu de três andares da família Matarazzo, o maior da América do Sul, levaram quatro placas e um jarro nos últimos três anos.

A dona de casa Maria Helena Penteado: crucifixo escondido dentro de túmulo do marido (Leo Martins/Veja SP)

Mais recentemente, em fevereiro, a famosa estátua *O Grande Anjo*, de Victor Brecheret, chegou a perder os grampos que a prendiam no mármore, mas foi salva a tempo.

Até dono de jazigo se vê obrigado a correr atrás de criminosos, como aconteceu no começo do ano. “Eu vi o bandido levar várias placas de bronze, tentei persegui-lo, mas ele jogou a bolsa por cima do muro e fugiu”, conta o advogado José Roberto Bernardez, que sofreu um prejuízo de 50 000 reais com o sumiço de estátuas do túmulo de sua família. “O jeito foi colocar uma porta de madeira e placas de granito.”

Em 2014, a dona de casa Maria Helena Penteado teve de esconder um crucifixo de quase 1 metro dentro do túmulo do seu marido, pilhado pela terceira vez. “No dia 7 descobri que levaram mais dez placas”, lamenta.




Acossados pelos roubos, os familiares pedem mais segurança. “Queremos policiamento fixo nas duas entradas e instalação de câmeras”, diz Francisco Machado, diretor do Movimento em Defesa do

Cemitério da Consolação, que acionou o Ministério Público em 2016 para buscar uma solução.

Com 76.300 metros quadrados (cada m² é vendido hoje por quase 5.000 reais) e mais de 8.000 túmulos, o cemitério conta com apenas oito funcionários e não tem portaria nem câmeras de vigilância.

Os agentes da Guarda Civil Metropolitana, de dois a quatro por turno, também não dão conta da tarefa de fiscalização. “A iluminação à noite é muito ruim e dificulta o trabalho”, afirma o inspetor Carlos Alberto Caetano, comandante da área, responsável por seis prisões feitas ali desde janeiro.

No mesmo período, a Polícia Civil registrou cinco ocorrências e mapeou seis pontos propícios à roubalheira. Um deles fica na esquina da Rua da Consolação com a Rua Coronel José Eusébio, onde o muro tem menos de 1 metro de altura, pelo lado de dentro. Ali, os criminosos utilizam tábuas para deslizar objetos pesados para o lado de fora.

“Jogaram até uma guirlanda de 200 quilos, que chegou a afundar o asfalto”, diz o delegado Júlio Cesar Geraldo, do 4º DP. No mês passado, sua equipe deu início a investigações em desmanches e sites na internet para localizar os itens, sem sucesso ainda.

Por meio de nota, a Secretaria das Prefeituras Regionais, responsável pelo Serviço Funerário Municipal, informou que a última medida tomada no local foi a troca na administração, em junho de 2017. A pasta conta com a possibilidade de se livrar do problema, pois diz que o serviço deve melhorar apenas após a concessão dos cemitérios ao setor privado, um dos polêmicos planos da atual gestão municipal.

A questão é que o projeto de lei ainda não foi encaminhado à Câmara Municipal, pois está suspenso pelo Tribunal de Contas do Município desde setembro do ano passado devido a irregularidades.




O advogado José Roberto Bernardez, dono de um jazigo na necrópole: perseguiu homem em atitude suspeita que jogou mala com peças de bronze pelo muro e fugiu

O advogado José Roberto Bernardez, dono de um jazigo na necrópole: perseguiu homem em atitude suspeita que jogou mala com peças de bronze pelo muro e fugiu (Léo Martins/Veja SP)

## ANEXO C - GAZETA DO TATUAPÉ[108]

**Sem segurança, moradores pedem ações no Cemitério da 4ª Parada**

Falta de limpeza e manutenção, além das ocorrências de furtos preocupam famílias

05/04/2019



As alamedas do Cemitério da Quarta Parada, no Belenzinho, onde as pessoas precisam caminhar para chegar aos jazigos de familiares ou acompanhar enterros, estão em péssimas condições. Há vários buracos no passeio e, em diversos pontos, as árvores também estão destruindo o calçamento. Muitos túmulos continuam sendo violados e as peças que têm algum valor, como placas de bronze, portões de ferro, portas de capelas, entre outros itens, estão sendo furtadas durante o dia e à noite.

Há pelo menos dois anos moradores da região pedem ao Serviço Funerário que invista em segurança ou cobre mais rondas da Guarda Civil Metropolitana. Isso porque, segundo eles, existe uma quadrilha que recepta o material levado. Caso contrário, os ladrões não teriam como vender objetos e peças advindas do cemitério.

[108] Sem segurança, moradores pedem ações no Cemitério da 4ª Parada (05 de abril de 2019). Gazeta do Tatuapé. Disponível em: http://www.gazetavirtual.com.br/furtos-no-cemiterio-da-4a-parada/ Acesso em: 29 de junho de 2019

Marco Antonio Bernal afirmou que não só o túmulo de sua família foi furtado, mas o de quase todas as famílias que possuem jazigos no local. “Furtam placas de bronze, nomes das famílias nas fachadas dos túmulos, portões de túmulos etc.”, apontou. Para Bernal, a Prefeitura tem que urgentemente combater os furtos em cemitérios, com vigilância por câmera 24 horas, policiamento ostensivo etc. Na situação em que o cemitério está, é possível que ocorra o crime de vilipêndio de cadáver, o que é crime segundo o código penal.

De acordo com Pedro Scaleia, o Quarta Parada está completamente abandonado. “É um descaso, uma vergonha para nós munícipes paulistanos e muito mais para a administração pública que deveria conservar um dos patrimônios da nossa cidade”, relatou.

O morador lembra que alguns túmulos foram praticamente engolidos pela vegetação que se instalou entre os jazigos e cresce impiedosamente. “Uma sujeira e falta de responsabilidade tanto dos proprietários dos respectivos túmulos quanto pela administração do local. Quanto desrespeito e falta de consideração pelos falecidos e para com as famílias. É de dar medo andar pelas alamedas sombrias”, completou.

A mesma indignação foi mostrada por Antonio Carlos Cardoso ao dizer ter visto vários túmulos depredados por vândalos. Da mesma maneira, ele notou o roubo das placas com nome dos sepultados, portas de túmulos e até santos. Cardoso frisou que, apesar de não ter segurança, o atendimento por parte dos funcionários é ótimo. “Eles têm boa vontade e são muito educados. Parabéns para eles”, concluiu.

## ANEXO D - JORNAL CRUZEIRO DO SUL[109]

**Mais de 70 placas são furtadas de túmulos no Cemitério da Saudade**

23/06/16 | Fernando Guimarães - fernando.guimaraes@jcruzeiro.com.br



Ladrões tentaram furtar uma imagem de bronze, que estava sobre uma sepultura, mas a deixaram no chão - LUIZ SETTI / JCS



[109] Guimarães, Fernando (23 de junho de 2016). Mais de 70 placas são furtadas de túmulos no Cemitério da Saudade. Jornal Cruzeiro do Sul. Disponível em: https://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/709910/mais-de-70-placas-sao-furtadas-de-tumulos-no-cemiterio-da-saudade. Acesso em: 29 de junho de 2016.







**Peças de túmulos são furtados no cemitério da Saudade - LUIZ SETTI/JCS**

Pelo menos 77 placas de bronze foram furtadas de 19 túmulos existentes nas quadras 17 e 24 do Cemitério da Saudade, em Sorocaba, entre a noite de quarta-feira e madrugada de quinta (23). Os furtos foram percebidos no período da manhã por profissionais autônomos que prestam serviços a sorocabanos que mantêm os túmulos de familiares. A Guarda Civil Municipal (GCM), segundo os trabalhadores, foi chamada, porém a ocorrência não tinha sido registrada até o final da tarde de ontem.

A Polícia Militar também não registrou a ocorrência porque não recebeu nenhuma solicitação a respeito do crime. Na semana passada, houve ação semelhante de criminosos, que tentaram levar uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, mas não conseguiram porque é muito pesada. Porém, levaram a de Santo Antônio e outras placas de bronze. A autônoma Magali Conceição Dela Líbera, de 57 anos, foi uma das trabalhadoras que percebeu o furto. "Eu me preocupo com meus clientes, pois eles pagam caro pelas placas de bronze e pelas imagens, e é um desrespeito desses criminosos furtar túmulos", opina. Na primeira quinzena de maio, houve duas ocorrências. Em torno de 100 sepulturas tiveram peças de bronze furtadas no dia 14. No dia 2, cerca de 34 peças de bronze haviam sido furtadas do local. O furto ocorreu em pelo menos 10 jazigos. Na ocasião, a Guarda Civil Municipal foi acionada pela administração do cemitério. Apesar de dizer que os furtos podem ter ocorrido de madrugada ou à noite, Magali, que trabalha no local há 22 anos, acredita que estejam ocorrendo durante o dia, quando os portões laterais do cemitério ficam abertos. À noite, os portões são fechados e todo o muro que cerca o cemitério é dotado de cerca concertina em aço cortante. Ela afirma que não há policiamento no local, o que tem facilitado esse tipo de ocorrência. Ontem, Magali encontrou duas bolsas de viagem, uma espécie de ferramenta para a remoção das placas e aros de fotografias e uma capa de chuva. Os donos desses objetos não foram localizados. Ela levou-os para a administração e comunicou a respeito dos furtos. "A prefeitura precisa tomar alguma providência urgente", afirma.

Os criminosos agiram nos túmulos e saquearam o que puderam. Os túmulos alvo dos ladrões dessa vez foram os das famílias Oswaldo Cruz, Consul, Gagliardi, Yonashiro, Seabra, Cauchioli, Lopes, Fernandes, Morad, Sakata, Cabral, Guitti,

Pauletti, entre outros que não dava para identificar, já que os ladrões levaram todas as placas.

**Não tem responsabilidade**

A Secretaria Municipal de Serviços Públicos (Serp), em nota do Serviço de Comunicação (Secom), alegou que a administração pública não tem responsabilidade sobre a guarda e a conservação de ornamentos de sepulturas, conforme dispõe a Lei Municipal nº 5.271/1996. Afirmou, inclusive, que faz ampla divulgação, solicitando aos munícipes que não coloquem nas sepulturas placas de bronze ou outros materiais que possam ser objetos de furtos. Diz a nota que até as 17h35 de ontem, a Serp não tinha conhecimento dos últimos furtos, mas que iria apurar hoje.

## ANEXO E - PROVIMENTO CSM Nº556/97

LEGISLAÇÃO

Informações Gerais

Matéria: Estadual Tipo da Norma: PROVIMENTO Número da Norma: 556

Data da Norma: 14/02/1997

Órgão Expedidor: CONSELHO SUPERIOR DA MAGISTRATURA

Fonte:: DJE de 18/02/1997, p. 01

Ementa

Regulamenta a destruição física de autos de processo, arquivados há mais de cinco anos em primeira instância, nas comarcas da Capital e do Interior do Estado, sendo que os autos de processos judiciais ou administrativos poderão ser eliminados por incineração, destruição mecânica, transformação em aparas ou por outro meio adequado , findo o prazo de cinco anos, contado da data do arquivamento, segundo os critérios e condições estabelecidas neste provimento, excluindo da destruição física todos os autos cujo interesse histórico seja comprovado por entidade regularmente instituída, ou por deliberação do Conselho Superior da Magistratura. O Conselho Superior da Magistratura poderá autorizar a entrega de processos findos, arquivados há mais de cinco anos, a Universidades e Faculdades de Direito situados no Estado de São Paulo, à Escola Paulista da Magistratura e às entidades de preservação histórica, devendo constar na capa do Processo "Documento de Propriedade do Poder Judiciário de São Paulo - Preservação Obrigatória".

Inteiro Teor

### PROVIMENTO Nº 556/97

Regulamenta a destruição física de autos de processo arquivados há mais de cinco anos em primeira instância, nas Comarca da Capital e do Interior do Estado.

O CONSELHO SUPERIOR DA MAGISTRATURA, no uso de suas atribuições legais, nos termos do art. 216, inciso XXVI do Regimento Interno,

Considerando o elevado número de processos definitivamente arquivados na Capital e comarcas do Interior do Estado;

Considerando a necessidade de adotar providências que permitam reduzir, com segurança e resguardo, o número de autos que, arquivados há mais de cinco

anos, desinteressem às partes, ao Poder Público e às entidades de preservação histórica;

Considerando o alto custo e dispêndio de trabalho e servidores na manutenção de grande quantidade de autos findos nas condições acima e a absoluta falta de espaço nos fóruns do Interior e nos arquivos da Capital;

Considerando que expressiva parte deles está danificado e deteriorada pela ação do tempo; Considerando, ainda, os precedentes deste Conselho Superior e da Corregedoria Geral da Justiça constantes dos expedientes CG-83.298/88, G-147.055/88, CG-83.645/88 e do Provimento CSM nº 485/92;

Considerando, finalmente, que este Conselho Superior, no Processo n. 25/92 - DEPRI, aprovou em 24.10.96, parecer da Comissão de Arquivo e autorizou a destruição de processos findos, arquivados definitivamente há mais de cinco anos, Resolve:

*CAPÍTULO I*

***DAS DISPOSIÇÕES GERAIS***

Art. 1º - Os autos de processos judiciais ou administrativos poderão ser eliminados por incineração, destruição mecânica, transformação em aparas ou por outro meio adequado, findo o prazo de cinco anos, contado da data do arquivamento, segundo os critérios e condições estabelecidos neste Provimento.

Parágrafo único - Ficam excluídos da destruição física todos os autos cujo interesse histórico seja comprovado por entidade regularmente instituída, ou por deliberação do Conselho Superior da Magistratura.

Art. 2º - Somente os processos findos, arquivados há mais de cinco anos, poderão ser eliminados.

Parágrafo único - Considera-se processo findo aquele definitivamente decidido, com trânsito em julgado, que não comporte qualquer recurso, bem como as causas resolvidas por acordo de vontades.

Art. 3º - É licito às partes e interessados requerer, às suas expensas, o desentranharnento de documentos que juntaram aos autos, ou a reprodução total ou parcial do feito, por intermédio de extração de cópias reprográficas, microfilmagem, ***escaneamento***, leitura ótica, ou qualquer outro sistema disponível.

Parágrafo único - Não sendo possível o atendimento pela Vara, Foro ou Arquivo Central, qualquer das partes do processo poderá requerer a retirada dos autos, pelo prazo de 10(dez) dias, para sua reprodução total ou parcial.

Art. 4º - Se, a juízo da autoridade judiciária em exercício na comarca ou Vara no Interior, e da Presidência do Tribunal de Justiça, na Capital, houver, nos autos, documentos de valor histórico comprovado, serão eles recolhidos e colocados à disposição da Comissão de Arquivo para as providências necessárias ou entrega a entidade dedicada à preservação que demonstre interesse.

Art. 5º - A destruição de autos se fará duas vezes por ano, a cada período de seis meses.

§ 1º - A destruição de autos e a periodicidade estabelecido são obrigatórias.

§ 2º - Quando houver algum impedimento ou dificuldade para dar cumprimento ao estabelecido no parágrafo anterior, o Magistrado ou a Comissão de Juízes deverá, fundamentadamente, pedir autorização ao Conselho Superior da Magistratura para exceder ou diminuir esse prazo ou suspender o procedimento.

Art. 6º - Competirá a este Conselho Superior, ouvida a Comissão de Arquivo, estabelecer ou alterar prazos, critérios e sistemas necessário ao cabal cumprimento deste Provimento.

*CAPÍTULO II*

***DO PROCEDIMENTO NA DESTRUIÇÃO DE AUTOS SEÇÃO I***

***Das Disposições Comuns***

Art. 7º - A lista dos processos que serão eliminados será organizada em ordem numérica, segundo o ano de distribuição.

Parágrafo único - A lista será elaborada em três vias.

Art. 8º - Na elaboração das listas os autos serão identificados apenas pela Vara, Foro Distrital, Foro Regional, ou Comarca, Ofício de Justiça respectivo, ano de distribuição e número de registro, vedada a divulgação do nome das partes ou a natureza da ação.

Art. 9º - O Escrivão-Diretor do Ofício de Justiça e o Diretor do Arquivo Geral manterão, obrigatoriamente, Livro de Registro de Autos Destruídos, que será composto por cópias das relações de processos destruídos, cabendo à Corregedoria Geral fiscalizar a sua correta organização e manutenção.

*SEÇÃO II*

***Da Destruição de autos nas Comarcas do Interior***

Art. 10 - Nas comarcas do Interior competirá ao Juiz Titular da Vara ou, estando vago o cargo de titular, ao Diretor do Fórum em exercício, onde houver Vara única, as providências para a destruição de autos.

Art. 11 - O Escrivão-Diretor elaborará lista de processos que deverão ser eliminados, e a submeterá ao Juiz Titular da Vara.

§ 1º - Conferida e corrigida a lista no prazo de 10(dez) dias o Magistrado determinará a publicação do edital e da lista de processos na Imprensa Oficial uma única vez, com o prazo de 30(trinta) dias para apresentação de requerimentos ou reclamações.

§ 2º - Da decisão do Juiz de Direito ou da Comissão de Juízes Corregedores caberá recurso para o Conselho Superior da Magistratura, no prazo de 10(dez) dias.

§ 3º - Enquanto o recurso estiver pendente de julgamento os autos não poderão ser destruídos.

Art. 12 - O ato de eliminação física de autos será presidido pelo Juiz Titular ou em exercício, auxiliado pelo Escrivão-Diretor e contará, obrigatoriamente, com a presença de três testemunhas, dentre autoridades ou cidadãos previamente convidados, podendo dele participar, querendo, um representante da subseção da Ordem dos Advogados do Brasil e de outras entidades de preservação histórica.

Parágrafo único - Do ato lavrar-se-á, no verso da relação de processos destruídos, termo circunstanciado, certificado pelo Escrivão-Diretor e assinado pelo Juiz Presidente e pelas testemunhas.

*SEÇÃO III*

***Da Destruição de autos nas Comarca da Capital***

Art. 13 - Na comarca da Capital competirá a uma Comissão de Juízes Corregedores as providências para a destruição de autos.

§ 1º - A Comissão será composta por dois Juízes designados pelo Conselho Superior da Magistratura, sendo um indicado pela Corregedoria Geral e outro pela Presidência.

§ 2º - A designação será feita por um período de dois anos, coincidindo com os mandatos do Presidente e do Corregedor Geral da Justiça, podendo os membros ser substituídos por ato do Conselho Superior.

Art. 14 - O Diretor do Arquivo Geral elaborará lista dos processos que deverão ser eliminados e a submeterá à comissão de Juízes Corregedores.

Parágrafo único - Conferida, corrigida e procedidas as diligências necessárias, no prazo de 10 (dez dias), a Comissão determinará a publicação do edital e da lista de processos na Imprensa Oficial uma única vez.

Art. 15 - O ato de eliminação física de autos será presidido pela Comissão de Juízes, auxiliados pelo Diretor do Arquivo Geral com a presença de três testemunhas dentre autoridades e cidadãos previamente convidados, podendo dele participar, querendo, um representante da Ordem dos Advogados do Brasil e de outras entidades de preservação histórica.

Parágrafo único - Do ato lavrar-se-á, no verso da relação de processos destruídos, termo circunstanciado, certificado pelo Diretor do Arquivo Geral e assinado pelos Juízes Corregedores e pelas testemunhas.

*SEÇÃO IV*

***Do Edital***

Art. 16 - O edital deverá esclarecer quais processos serão destruídos, a Vara, Foro Distrital, Foro Regional ou Comarca, Ofício de Justiça, ano de distribuição, número dos processos, local, hora e o sistema de destruição a ser utilizado.

§ 1º - Cópia do edital, com a respectiva lista, será encaminhada à Ordem dos Advogados local, com antecedência mínima de 15 (quinze) dias.

§ 2º - Outra cópia será remetida, com a mesma antecedência, ao Departamento da Magistratura, na Capital, onde será aberta pasta especial de registro de autos destruídos para cada comarca e para a Capital.

§ 3º - Se na Comarca houver alguma entidade de preservação histórica ser-lhe-á, no mesmo prazo, remetida cópia.

*CAPÍTULO III*

***DOS CRITÉRIOS E RESTRIÇÕES PARA A DESTRUIÇÃO***

***SEÇÃO I***

***Dos Feitos Criminais***

Art. 17 - Serão mantidos em arquivo, facultada, oportunamente, a documentação por outro meio, e posterior destruição, os processos relativos a ações penais em que o réu tenha sido condenado.

Art. 18 - A destruição física de autos de natureza criminal, segundo a classificação abaixo, fica autorizada sem necessidade de documentação prévia:

- inquéritos policiais e Termos Circunstanciados arquivados (Lei 9.099/95);

- ações penais absolutórias onde não tenha sido aplicada medida de segurança;

- ações penais onde tenha sido declarada a extinção da punibilidade antes de proferida a decisão sobre o mérito;

- ações penais da competência dos Juizados Especiais Criminais onde tenha havido absolvição, transação, ou a extinção pela reparação do dano.

Parágrafo único - Na hipótese do inciso I deste artigo, além do disposto no artigo 1º, dever-se- á aguardar o prazo da prescrição em abstrato estabelecido na legislação penal para o delito objeto de investigação.

*Parágrafo único acrescido pelo Provimento nº 560/1997*

*SEÇÃO II*

***Dos Feitos Cíveis e Administrativos***

Art. 19 - Serão mantidos em arquivo, facultada, oportunamente, a documentação por outro meio, e posterior destruição, os processos relativos a:

- ações relativas à família, sucessões, união estável entre conviventes e ao estado e capacidade das pessoas;

- ações relativas a registros públicos, inclusive processos administrativos;

- ações relativas à posse, registro e propriedade de bem imóvel, inclusive as de desapropriação, apossamento administrativo (desapropriação indireta), usucapião, servidão, ratificação de área, discriminatória de terras, divisão, demarcação e adjudicação compulsória.

- Procedimentos de infância e juventude de adoção, guarda e suprimento do consentimento.

Art. 20 - A destruição física dos demais processos cíveis e administrativos, qualquer que seja a natureza da ação, processos incidentes, medidas cautelares, antecipatórias ou conexas, fica autorizada, sem necessidade de documentação prévia.

*CAPÍTULO IV*

***DAS DISPOSIÇÕES FINAIS E TRANSITÓRIAS***

Art. 21 - O Conselho Superior da Magistratura poderá autorizar a entrega de processos que, nos termos do art. 2º, deveriam ser destruídos, a Universidades e Faculdades de Direito situadas no Estado de São Paulo, à Escola Paulista da Magistratura e a entidades de preservação histórica.

§ 1º - Só se permitirá a entrega para fim de estudo e preservação histórica, hipóteses em que na capa do processo deverá conter a expressão, sob carimbo, ***Documento de propriedade do Poder Judiciário de São Paulo - Preservação obrigatória*** .

§ 2º - A entidade depositária será responsável pela preservação dos processos, vedada a sua entrega a terceiros, podendo, contudo, devolvê-los à origem.

§ 3º - A entrega far-se-á mediante recibo circunstanciado, constando a Comarca, Vara, ano de distribuição, número do processo, natureza da ação e nome das partes, devendo o Ofício de Justiça ou o Arquivo Geral manter pasta onde os recibos serão colecionados.

§ 4º - Fica vedada a entrega de processos que corram em segredo de justiça ou nos quais essa circunstância tenha sido declarada.

§ 5º - Fica vedada, também, a entrega de autos às partes ou a seus advogados.

Art. 22 - Para os fins dos artigos 17 e 19 o Conselho Superior da Magistratura editará provimento regulamentando a forma de documentação a ser adotada.

Art. 23 - Os Ofícios de Justiça e o Arquivo Geral da Capital poderão manter sistema informatizado de controle de autos destruídos, mantidos os controles mecânicos.

Art. 24 - Qualquer interessado, mediante requerimento, poderá obter informação acerca de processos destruídos e acesso às listas que comprovem essa circunstância.

Art. 25 - Se for possível a destruição dos autos pelo sistema de dilaceração mecânica, as aparas poderão ser vendidas, revertendo o produto da venda ao Fundo Especial de Despesa do Tribunal de Justiça.

Art. 26 - As fichas dos processos deverão ser mantidas em cartório, nelas anotando-se o número da lista e a data da destruição, servindo de base para futura expedição de certidão.

§ 1º - O mesmo procedimento será adotado no Livro de Registro de Feitos.

§ 2º - O Escrivão-Diretor do Ofício de Justiça respectivo deverá acompanhar a publicação do edital na Imprensa Oficial de onde extrairá os dados necessários para anotação nas fichas dos processos.

§ 3º - Inexistindo a ficha referida neste artigo, deverá o Escrivão-Diretor confeccioná-la antes da destruição, anotando os dados essenciais constantes dos autos.

Art. 27 - A Corregedoria Geral da Justiça tomará as providências necessárias, no seu âmbito de atuação, para o fiel cumprimento deste Provimento e adequará as suas Normas de Serviço, segundo o que ficou aqui estabelecido.

Art. 28 - Se no primeiro ato de destruição não for possível incluir todos os processos que se enquadram nas regras e limites deste Provimento, deverá obedecer o critério de iniciar-se o processo pelos feitos menos antigos.

*Artigo com redação dada pelo Provimento nº 562/1997*

Art. 29 - Os casos omissos resolvidos pelo Conselho Superior da Magistratura.

Art. 30 - No exercício de 1997 o levantamento dos processos a ser destruídos deverá ter inicio no mês de março e a efetiva destruição poderá se dar até 30 de julho.

Art. 31 - Este Provimento entra em vigor na data de sua publicação.

Registre-se. Publique-se. Cumpra-se, remetendo-se cópias à Ordem dos Advogados do Brasil, Procuradoria Geral da Justiça, Procuradoria Geral do Estado, Secretário dos Negócios Jurídicos da Prefeitura da Capital e à Associação dos Advogados de São Paulo.

São Paulo, 14 de fevereiro de 1997.

(a) Yussef Said Cahali Presidente do Tribunal de Justiça

(a) Dirceu de Mello

Vice-Presidente do Tribunal de Justiça

(a) Márcio Martins Bonilha Corregedor Geral da Justiça

Referências

PROVIMENTO 562 de 20/06/1997 PROVIMENTO 560 de 15/05/1997

## APÊNDICE A - IGREJA DE SÃO JOAQUIM - FAZENDA DA GRAMA - RIO CLARO/RJ

Recebi estas imagens em uma troca de mensagens com o pesquisador Thiago Campos Pessoa. Nossa conversa era sobre seu livro, Império da Escravidão, no qual aborda a história da família Breves.

Figura 118 - Igreja de São Joaquim (1875) - Fazenda da Grama - Rio Claro/RJ



Fonte: Thiago Campos Pessoa, 2006.

O pesquisador tirou essas fotos, em uma visita ao local em 2006. O Comendador Joaquim José de Souza Breves (1804-1889) mandou erguer esta igreja por volta de 1875 em estilo neoclássico, próxima à sede da Fazenda da Grama. Ali seria o seu repouso final e o de sua família.

Além do Comendador, estavam enterradas D. Maria Isabel de Moraes (1814-1894) e as filhas D. Leôncia Breves de Oliveira Bello (1854-1906) e D. Maria Isabel Breves Costa (1841-1915). Seus restos mortais foram transferidos para o Cemitério De Arrozal na década de 1960 e a igreja acabou fechada.

A igreja teve seu tombamento provisório pelo INEPAC[110] - Instituto Estadual do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro, sob número de processo E-03/1.800/89. Já houve várias tentativas de restauro, mas sem sucesso. Hoje ela se encontra sem cobertura e em processo de arruinamento.

Figura 119 - Parte externa da igreja de São Joaquim da Grama



Fonte: Thiago Campos Pessoa, 2006.

[110] Patrimônio Cultural Tombado disponível em www.inepac.rj.gov.br. Acesso em: 01 de setembro de 2019.

# APÊNDICE B - CEMITÉRIOS NO ESTADO DE HIDALGO, MÉXICO

1 - Panteão inglês Real del Monte- Mineral del Monte, MX.

Figura 120 - Entrada do Panteão inglês Real del Monte.
Mineral del Monte, Hidalgo, MX




Figura 121 - Vista do campo santo, Mineral del Monte, Hidalgo, MX



2- Panteão Municipal São Bartolo - Pachuca, MX.

Figura 122 - Caveiras decoradas na entrada com as flores *cempasúchil*.
Panteão Municipal de São Bartolo - Pachuca, Hidalgo, MX



Figura 123 - Entrada do Panteão Municipal de São Bartolo - Pachuca, Hidalgo, MX



## APÊNDICE C - AS FESTIVIDADES DOS DIAS DOS MORTOS

1 - Praça da Independência em Pachuca, MX.

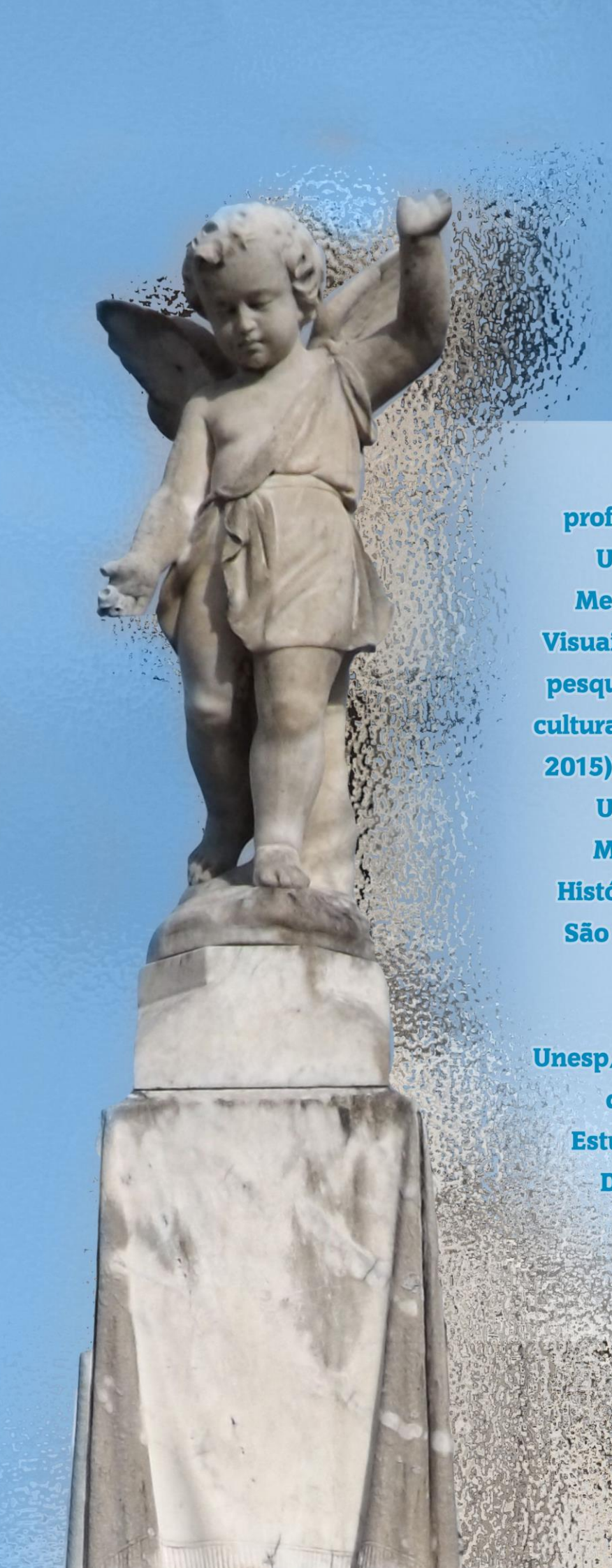
Figura 124 - Altares dedicados aos mortos na Praça da Independência. Pachuca, Hidalgo, MX



2 - Universidade Autônoma do Estado de Hidalgo em Pachuca, MX.

Figura 125 - Altares dedicados aos mortos. Universidade Autônoma do Estado de Hidalgo, Pachuca, Hidalgo, MX





Viviane Comunale é historiadora e professora. Doutora em Artes Visuais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Mestre em Artes Visuais pela mesma instituição, na linha de pesquisa: Abordagens históricas, teóricas e culturais da arte, bolsista pela CAPES (2013-2015). Especialista em História da Arte pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) e Graduada em História pela Universidade Bandeirante de São Paulo. Atualmente é pesquisadora do grupo Barroco Memória Viva: da arte colonial à arte contemporânea (IA-Unesp/CNPq). Filiada a Associação Nacional de História (ANPUH) e a Associação de Estudos Cemiteriais (ABEC).Professora no Departamento de Pedagogia no Centro Universitário Santa Rita (UniSan) e Educação Básica Colégio Amorim